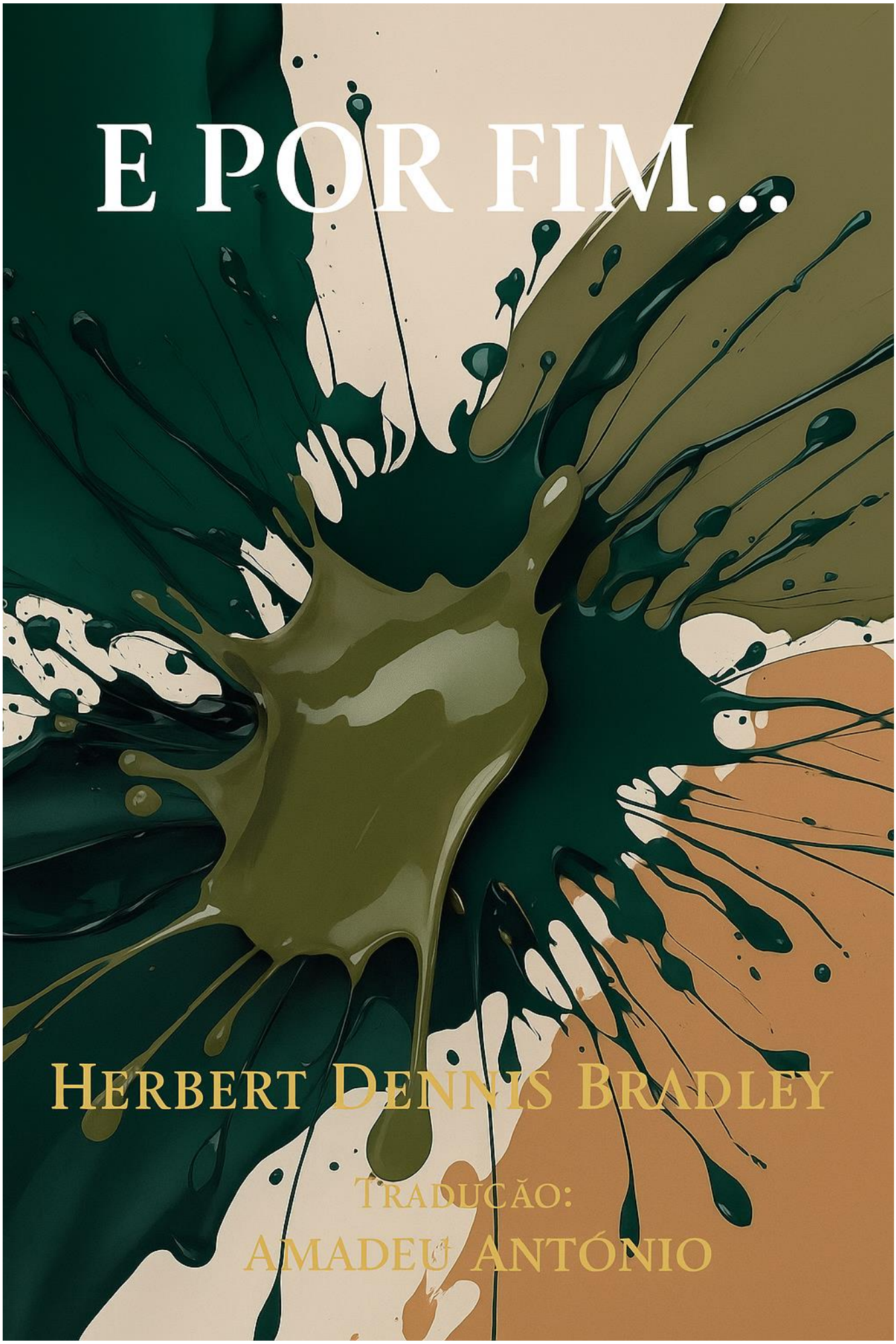
E POR FIM...



HERBERT DENNIS BRADLEY

TRADUÇÃO:
AMADEU ANTÓNIO

Primeira edição: 1931
Todos os direitos reservados

LIVRO I

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS CLARIVIDENTES

CAPÍTULO I

UMA RETROSPECTIVA E UMA ANÁLISE

Embarque — Uma retrospectiva — Sucesso — Fracasso — Honestidade — Fraude — Prova de sobrevivência — A maior descoberta científica da história — Como pode ser provada? — A "voz direta" — George Valiantine — O seu percurso — O auge da sua mediunidade — Fenómenos físicos — A voz vinda do espaço — Experiências pessoais — Obsessões perigosas — Os perigos do "boom" — Os charlatães — Comentários de H. G. Wells — Antipatia instintiva — Médiuns clarividentes e clariaudientes — Regras de ouro — Os médiuns genuínos — Um teste — Escrita automática — Conan Doyle — Disparates vindos da Austrália — Preconceito e credulidade.

A necessidade pode ser a mãe da invenção, mas, nos seus momentos de leviandade, pode também gerar uma criança indisciplinada chamada Circunstância. A sua aliança com o Destino é, por vezes, promíscua na forma como molda os fins mal talhados.

Foi a Circunstância que me levou, inicialmente, a embarcar nos meus estudos sobre fenómenos psíquicos. E é a Circunstância que agora me obriga a revisitar, em retrospetiva, os resultados desses estudos e a expor as minhas deduções e inferências.

Ao longo dos últimos oito anos, realizei um estudo exaustivo de todas as formas de mediunidade, cujos estágios iniciais registei em dois volumes extensos: *Towards the Stars*, publicado em 1924, e *The Wisdom of the Gods*, publicado em 1925. Desde então, com exceção de um livro que escrevi e que foi traduzido para alemão, relatando experiências naquele país, não publiquei mais nenhum trabalho sobre o tema no Reino Unido.

Neste livro, pretendo registar os aspetos mais relevantes dos meus estudos desde 1925.

Embora a minha perspetiva tenha, nesse período, ganho uma clareza incomparavelmente maior, ao rever as experiências registadas nesses dois primeiros livros, constato que não há nada que deseje retratar. Esses registos narraram fielmente os factos ocorridos, sem embelezamentos e com um escrupuloso respeito pela verdade. É interessante notar que, no meu segundo livro sobre o tema, escrevi: "Para alcançar a sabedoria, é necessário explorar as alturas e profundezas da experiência, e estabelecer a verdade, não sobre o mito nem sobre a crença, mas sobre a base sólida do conhecimento."

Neste novo livro, encontrar-se-ão algumas dessas "profundezas da experiência."

Na existência material, o pensamento humano não pode sustentar-se apenas nas alturas; e assim, tal como o alpinista que, a certa altura da subida, pára e olha para os caminhos percorridos, também eu pretendo, neste livro, fazer uma análise dos meus oito anos de intenso trabalho e avaliar o valor dos resultados e as suas consequências.

Houve sucessos e fracassos; crença e desilusão; encontrei honestidade e fraude, ganância e abnegação, ilusão e delírio, compensação e desapontamento. Pretendo agora expor, de forma clara, a minha opinião ponderada sobre o verdadeiro valor do estudo dos fenómenos psíquicos.

A humanidade nunca permanece estática; o pensamento e as ações humanas tendem ou a degenerar e apodrecer, ou a progredir e desenvolver-se com maior intensidade.

O objetivo geral dos meus estudos sempre foi obter provas incontestáveis da sobrevivência do espírito humano após a morte física. Durante séculos, a humanidade tem refletido sobre esta imensa questão — que está na base de todas as religiões — mas a fé, por necessidade, assentou-se sobre crenças, e não sobre uma base de conhecimento científico. Que este estudo é valioso é algo que até o mais cínico dos materialistas terá de reconhecer, pois, se a sobrevivência após a morte fosse cientificamente provada e aceite universalmente como facto, tal prova representaria a maior descoberta científica da história.

A pergunta que atormentou o espírito humano ao longo dos tempos — e que continua a atormentar multidões hoje — é a incerteza quanto à

existência após esta breve passagem pela vida terrena. Por isso, aos cientistas, filósofos, clérigos e homens comuns, pode colocar-se a pergunta principal: "Como se pode provar a sobrevivência?"

Só pode ser provada através do estabelecimento de comunicação com aqueles que viveram na Terra e já passaram para a próxima fase da existência. E, se essa comunicação for efetivamente estabelecida, então os espíritos comunicantes devem apresentar provas irrefutáveis das suas identidades, demonstrar a preservação das suas memórias relativamente aos acontecimentos da vida terrena, e revelar conhecimento dos factos relativos aos que cá deixaram. Mesmo que apenas um caso fosse definitivamente comprovado, já teria importância suprema para o mundo. Contudo, não esperaria que a maioria aceitasse esse facto com base em um único caso. Só me sinto justificado a afirmar que a sobrevivência está provada porque, ao longo do meu trabalho de investigação, tive acesso a centenas de casos, e posso recorrer ao testemunho de centenas de testemunhas de reputação internacional.

Este século XX, em que vivemos, registou progressos materiais e científicos extraordinários. É o século em que o homem fez os seus primeiros voos sobre a Terra, conquistou o espaço com a descoberta das ondas hertzianas e transmitiu a sua voz por entre continentes. Mas a descoberta da rádio empalidece perante a maior descoberta de todas: o estabelecimento de comunicação direta, pela voz pessoal, com aqueles que existem num plano diferente do nosso.

Não por vaidade, mas com consciência de causa, afirmo que dediquei ao fenómeno raro da "voz direta" um estudo aprofundado e que tive mais experiências e acumulei maior conhecimento sobre as vibrações sensíveis e as suas complexidades do que a maioria das pessoas.

Não fosse o facto de que eu e a Sra. Bradley conseguimos desenvolver a mediunidade de voz direta pessoal e individualmente — sem recorrer a qualquer médium profissional ou externo — eu não me sentiria qualificado para fazer uma análise crítica das fases extraordinárias do desenvolvimento e subsequente declínio da mediunidade de George Valiantine.

Valiantine, no auge dos seus poderes mediúnicos, foi, no meu entender, o maior médium de voz que o mundo já conheceu. Por isso, antes de

aprofundar os capítulos que se seguem, vale a pena apresentar um breve resumo do percurso da sua mediunidade, sob a minha supervisão pessoal, na minha própria casa.

Na primeira vez que Valiantine visitou Inglaterra, em 1924, ficou hospedado comigo em Dorincourt durante cinco semanas. Nesse período, realizei vinte e oito sessões de voz direta.
Dessas, uma foi totalmente infrutífera, quatro podem ser consideradas como fracas em termos de provas, e as restantes vinte e três foram notavelmente bem-sucedidas.

Em 1926, Valiantine ficou novamente hospedado comigo em Dorincourt, de 13 de Fevereiro até 25 de Abril, e, durante essas dez semanas, realizei sessenta e uma sessões. Apenas duas foram fracassos completos; cinco descrevê-las-ia como negativas em termos de resultados, embora fenómenos tenham ocorrido; as restantes cinquenta e quatro foram bem-sucedidas.

Valiantine voltou a visitar-me em 1927, permanecendo novamente em Dorincourt — algumas dessas sessões estão registadas neste livro.

Até ao final de 1927, eu já tinha conduzido bem mais de uma centena de experiências com Valiantine, das quais 95 por cento foram bem-sucedidas. Entre duzentas e trezentas pessoas testemunharam os fenómenos ocorridos, a maioria das quais homens e mulheres de reputação estabelecida em diferentes áreas da vida.

Valiantine esteve hospedado comigo por longos períodos, o que me proporcionou amplas oportunidades de estudar o seu carácter. É um homem de maneiras naturalmente corteses, mas é importante referir que é semi-analfabeto. Não possui qualquer formação académica, além das noções mais básicas; é pouco versado em conversação geral ou ideias. Menciono isto porque muitas das comunicações transmitidas através da "voz direta" durante as suas sessões foram notáveis pela sua eloquência e cultura.

Conversas fluentes foram conduzidas por várias “vozes”, em quase todas as línguas e em diversos dialetos. Foram faladas francês, basco, alemão, espanhol, italiano, siciliano, russo, holandês, dinamarquês, português, árabe, chinês antigo e moderno, e galês idiomático. Entre as muitas centenas de “vozes” (masculinas e femininas) que se manifestaram, a grande maioria

tinha carácter e individualidade distintos. O timbre, o sotaque, a forma de expressão e, acima de tudo, a personalidade própria eram reconhecíveis em inúmeros casos. Registei também vários episódios em que as "vozes" comunicantes forneceram provas cruzadas, confirmando mensagens dadas em sessões em que Valiantine não esteve presente. Houve também diversos casos em que as "vozes" deram informações de factos que estavam não só fora do conhecimento do médium, mas também de qualquer das pessoas presentes no círculo.

Em 1925, registei uma série de sessões realizadas à luz do dia, durante as quais se observou de forma rigorosa o rosto de Valiantine, e várias comunicações evidenciais foram dadas pelas diferentes "vozes" que se manifestaram nessas condições.

Foram também realizadas sessões oficiais por representantes da Society for Psychical Research, durante as quais fenómenos paranormais foram registados e publicados nos *Proceedings* da Sociedade. Ficou comprovado, com evidência corroborada, que Valiantine e uma voz espiritual falavam simultaneamente.

Lady Troubridge e Miss Radclyffe Hall foram duas das representantes da SPR presentes, e, referindo-se às experiências em plena luz do dia, Lady Troubridge escreveu nos *Proceedings*: "Considero que isto estabeleceu a posição de Valiantine de forma excepcional."

Na minha opinião, o ano de 1925 representou o auge da mediunidade de Valiantine, e os registos completos que publiquei nessa altura são únicos na história da investigação psíquica.

Nos meus primeiros estudos, deduzi, por lógica simples, que a mediunidade de "voz" não é uma anomalia, mas sim uma faculdade latente que deveria ser possível desenvolver numa certa percentagem de homens e mulheres. Decidi experimentar por mim próprio e, num espaço relativamente curto de tempo após a primeira experiência em 1924, eu e a minha esposa conseguimos estabelecer comunicação em "voz direta" com vários espíritos que conhecêramos em vida e que já haviam falecido.

Ao longo das muitas experiências pessoais que realizei, para além das diversas conversas com entidades espirituais, ocorreram também fenómenos físicos extraordinários. Estes fenómenos foram testemunhados por várias

pessoas de reputação, e são de natureza verdadeiramente incomum. Coloquei instrumentos de orquestra no centro do meu gabinete, cobertos com tinta luminosa para que todos os seus movimentos fossem imediatamente visíveis, e esses instrumentos foram tocados por forças invisíveis em perfeita harmonia. Enquanto se ouviam seleções de ópera tocadas no gramofone, foram dirigidas sobrenaturalmente com uma batuta luminosa, de modo majestoso.

Por mais notáveis que estes fenómenos sejam, não os apresentaria, nem qualquer outra forma concebível de manifestação física, como prova da sobrevivência do espírito. A sobrevivência não pode ser provada por fenómenos físicos; só pode sê-lo por provas mentais, transmitidas através da personalidade, da memória e do conhecimento voluntariamente partilhado pelos espíritos comunicantes.

Nas sessões de "voz direta" realizadas em minha casa, sem qualquer médium externo presente, dezenas de espíritos — desconhecidos para mim, mas reconhecidos por vários dos participantes — falaram com as suas vozes características e deram provas da continuidade da sua personalidade após a morte.
Muitos desses registos foram publicados, acompanhados pelos testemunhos dos presentes, que escreveram e divulgaram relatos confirmando as provas recebidas e os incidentes vividos.

Não pode haver aqui questão de alucinação ou sugestão hipnótica no que respeita a estas vozes. Empreguei todos os métodos ao meu alcance para refutar tal ideia. Realizei sessões no meu gabinete com várias pessoas presentes, enquanto outras estavam sentadas do lado de fora da porta, ouvindo os espíritos comunicantes, que, em várias ocasiões, dirigiram-se em voz alta àqueles que estavam fora da sala — os quais reconheceram as vozes dos espíritos que falavam.

Registei informações importantes dadas por uma "voz espiritual" conhecida por mim, sobre assuntos e eventos completamente fora do conhecimento de qualquer pessoa presente na sala. A ciência ainda não é capaz de explicar o fenómeno de uma voz distinta e inteligente que fala a partir do espaço, de forma independente do médium ou dos participantes.

Poderá alguma teoria telepática explicar o facto de essas "vozes" serem capazes, em certas ocasiões, de fornecer informações valiosas sobre acontecimentos e factos que não estão nem estiveram registados nas mentes daqueles a quem essas informações são dadas?

Estas experiências pessoais com "voz direta", conduzidas por mim e pela minha esposa, ocorreram esporadicamente desde 1924 até hoje. Nos últimos anos, tenho conduzido estas experiências com a máxima privacidade, porque, da última vez que se tornaram conhecidas publicamente, fui inundado com milhares de cartas vindas de todas as partes do país — e do mundo — com pedidos desesperados de pessoas que queriam ter a oportunidade de se sentar connosco. Não só isso: cada pessoa que participava nas sessões acabava por relatar a experiência, o que fazia com que dezenas de amigos e conhecidos me perseguissem com novos pedidos. A certa altura, fui obrigado a contratar um secretário assistente adicional para lidar com essa correspondência e atender às incessantes chamadas telefónicas.

Há penalidades inerentes aos estudos psíquicos. É um tema que gera um interesse enorme — e peculiar.

Já passaram seis anos desde que escrevi um livro sobre o tema, mas durante um longo período recebi várias centenas de cartas por semana — cartas de todas as partes do mundo, de professores universitários, cientistas, médicos e estudantes. Essas longas cartas exigiam respostas igualmente explícitas.

Mesmo hoje, se fizer uma viagem de uma semana ou duas pelo continente, regresso a uma pilha de correspondência acumulada que me assusta. Isso perturba a vida e o trabalho, e é por isso que decidi não desempenhar mais nenhum papel público no futuro. Demiti-me de todas as sociedades psíquicas das quais fazia parte, e quaisquer estudos que venha a realizar serão feitos em retiro, e apenas para mim próprio.

Quanto à sobrevivência pessoal do espírito após a morte do corpo, estou convencido. No entanto, enquanto estivermos a viver esta fase preliminar da existência terrena, é necessário, para o nosso sustento e desenvolvimento, dedicar mais energias ao progresso mental individual do que aos sonhos, imaginações e ansiosas antecipações quanto à forma de existência que teremos na próxima esfera. Se, como princípio base, estudarmos e

ajudarmos os nossos semelhantes na Terra, teremos depois tempo suficiente para nos desenvolvermos plenamente no além.

Se surgir uma obsessão na mente de uma pessoa em relação à sua existência futura, em detrimento da vida que está a viver aqui, tal tendência poderá ser destrutiva para o progresso individual. E tive provas mais do que suficientes de que essa obsessão existe entre um grande número de espiritualistas.

Nos últimos anos houve um verdadeiro *boom* no culto do espiritualismo. Com a leviandade típica dos que gostam de mexericos, fui rotulado de "espiritualista". Detesto rótulos. Não sou mais espiritualista do que sou telefonista ou "rádio-operador". Não sou um "ista" nem pertenço a nenhum "ismo". Encarei os fenómenos psíquicos como um campo de estudo interessante — sobretudo no que diz respeito à vida após a morte. Tudo o que desejo é ser considerado um estudioso, não um "cultista" nem um "ocultista". Apenas os extremistas e os tolos devem ser arrumados em categorias.

Nos últimos anos, a Investigação Psíquica e o Espiritualismo tornaram-se temas populares à escala internacional. É inevitável que, quando a mentalidade de rebanho se volta para uma nova esfera, surjam abusos: os charlatães e figuras demagógicas lançam-se à frente da multidão na corrida para um novo "Klondike". A cobiça ocupa a vanguarda, e logo se observam sinais de abuso e consequente decadência.

O estudo dos fenómenos psíquicos ainda não tem lugar na ciência exata. Sou admirador de H. G. Wells, que conheço pessoalmente, e, fora dos estudos psíquicos, ele também se diz admirador meu — pelo menos, declarou-me isso, oferecendo-me como elogio a palavra "brilhante".

Wells é um génio; é, na minha opinião, o maior escritor vivo. Não o julgo pelas suas ficções imaginativas, mas sim pela sua fina percepção política e psicológica. A sua vasta capacidade de imaginação levou-o a empreender tarefas sobre-humanas — para lá dos limites humanos. A sua *Outline of History* é uma tentativa magnífica. O seu *Science of Life* é uma corrida superficial bem estruturada. Admira-se o esforço de querer circundar o Universo numa gravidez de ideia de nove meses.

Wells, nos seus escritos, brinca com o tema da investigação psíquica. Afirma que foi membro da Society for Psychical Research durante cerca de um ano.

Eu fui membro durante muitos anos, e, se Wells pensava que poderia adquirir verdadeiro conhecimento apenas por ser membro dessa sociedade, seria bom informá-lo de que isso seria tão lógico como alugar uma cabana na Ilha de Man para estudar asiáticos.

Wells cita uma parte do meu trabalho na sua obra *Science of Life*, referindo-se a uma sessão com Valiantine em Dorincourt, na qual esteve presente uma sua amiga pessoal, Rebecca West. Menciona um erro cometido por uma "voz" que se comunicou com ela.
Wells é, como sei, segundo a sua filosofia, instintivamente preconceituoso quanto à ideia de sobrevivência. Ora, um cientista não deve ter preconceitos de qualquer tipo. A sua atitude deve ser fria e imparcial.

Wells refere-se em particular a um capítulo do meu livro, mas omite dizer que, após o incidente referido, outra "voz" falou com Rebecca West — uma voz que dizia ser a da sua mãe, e que discutiu com ela certos assuntos que a filha teria de tratar após o falecimento da mãe. Durante essa conversa, Rebecca West ficou visivelmente emocionada. Ora, se ela acreditava estar a falar com um impostor ou uma farsa, por que razão se emocionou? Deveria ter sido ainda mais crítica e fria.
É possível que Wells nem sequer tenha lido todos os detalhes da sessão a que se refere. Não faz qualquer menção às comunicações evidenciais recebidas por Mrs. Gordon Craig, nem às comunicações em "voz direta" feitas a Susan, Condessa de Malmesbury, que também estava presente nessa mesma sessão em Dorincourt.

A crítica científica deve ser isenta de preconceito. A avaliação de factos autenticados deve ser feita independentemente das suas consequências — sejam boas ou más — e sem influência da filosofia ou ideias pessoais de quem os analisa.

Wells limitou-se a brincar com a investigação psíquica no seu *Science of Life*, mas este não é um assunto que se possa despachar com um beijo de borboleta ou uma maldição apressada. Teria sido mais sensato que se tivesse abstido de abordá-lo, caso não estivesse preparado para tratá-lo com mais profundidade do que pela citação brusca de um único ponto duvidoso — fornecido por mim, aliás — e pela omissão de qualquer explicação lógica para outros fenómenos, registados por mim, que ocorreram nessa mesma noite.

Na primeira parte deste livro abordarei algumas experiências com médiuns clarividentes e clariaudientes. Existem relativamente poucos médiuns verdadeiramente desenvolvidos e genuínos no mundo. Entre as várias formas de mediunidade, o charlatão tende naturalmente a escolher a mais fácil — e o método mais simples para um médium fraudulento adotar é a clarividência.
Neste tipo de mediunidade, não é necessário produzir quaisquer fenómenos físicos ou objetivos. O médium limita-se a falar com a sua própria voz e, desde que tenha alguma astúcia, pescando nomes e informações — que são frequentemente fornecidos voluntariamente pelo consulente — consegue, com referências vagas e genéricas, enganar um bom número de inquiridores crédulos.
Este tipo de charlatão espiritualista é, na verdade, mais nocivo do que a típica cartomante ou quiromante profissional.

Há também um número considerável de médiuns clarividentes com um certo grau de poder genuíno, que, embora não sejam fraudulentos, estão tão pouco desenvolvidos que os resultados que se obtêm com eles são inúteis. Tive experiências com muitos destes tipos, e a maioria das comunicações supostamente recebidas são um insulto à inteligência.

Existem certas regras de ouro que devem ser aplicadas a todas as experiências psíquicas subjetivas, e que permitem testar imediatamente a genuinidade das comunicações. A menos que as mensagens transmitidas através do médium sejam dadas de forma livre e espontânea, e que possam ser provadas como estando fora do conhecimento do médium, não têm qualquer valor.

Esta regra aplica-se igualmente às comunicações dadas em "voz direta", mesmo em sessões com fenómenos objetivos. Quando o médium começa a fazer perguntas ao consulente para obter pistas sobre o que dizer, pode-se assumir com segurança que o médium não é genuíno.

Os poucos bons médiuns clarividentes a trabalhar em Inglaterra são, provavelmente, os melhores que existem.
Afirmo sem hesitação que Mrs. Osborne Leonard é a melhor médium clarividente do mundo. Em toda a série de sessões que tive com ela — e que publiquei em detalhe nos meus livros anteriores — as evidências dadas pelas entidades comunicantes foram excecionais, e nunca a sua "guia" se

confundiu nas informações transmitidas.
Nos relatos dessas sessões registei inúmeros exemplos de informações sobre ocasiões e acontecimentos totalmente fora do conhecimento tanto do médium como do meu — e que, mais tarde, foram comprovadamente corretas.

Foi dito por alguns críticos que o único teste supremo e conclusivo do valor de uma comunicação espiritual seria se o espírito pudesse fornecer informações e descrever acontecimentos não só desconhecidos do médium ou do consulente, mas desconhecidos por qualquer pessoa viva.
Pessoalmente, vivi dois ou três casos desse tipo. Um deles passarei a relatar.

Durante uma sessão com Mrs. Osborne Leonard, o espírito comunicante — Warren Clarke, meu cunhado — demonstrou conhecimento completo de incidentes ligados à vida das suas duas filhas, Phyllis e Betty, após a sua morte. Um detalhe de particular importância foi quando afirmou: "Há qualquer coisa errada com uma das unhas dos pés da Phyllis. Não está a crescer como deve ser."

Após a sessão, perguntámos à governanta da menina se havia algo de errado com as unhas dos pés, ao que ela respondeu que estavam todas normais. Contudo, cerca de três semanas depois, uma das unhas partiu-se e acabou por cair. Este episódio é certamente de interesse científico, pois, por mais insignificante que possa parecer, o facto mencionado revelou-se fora do conhecimento de qualquer pessoa viva.

As sessões com Mrs. Osborne Leonard decorrem em plena luz, e todas as comunicações são feitas através dos seus próprios lábios, enquanto está em estado de transe profundo. No entanto, em muitas sessões com ela, ouvi durante bastante tempo comunicações feitas por uma voz independente, a falar a cerca de sessenta ou noventa centímetros da cabeça dela.

Depois da voz falar, a guia "Feda" repetia aquilo que fora dito.
Ao tomar notas verbatim, registei por escrito muitas dessas mensagens antes de "Feda", a falar pelos lábios de Mrs. Leonard, ter tempo de as repetir. Estas experiências são únicas, já que Mrs. Leonard não é médium de voz direta. Talvez se trate de uma combinação da minha forma de mediunidade com a dela.

Numa das sessões com Mrs. Leonard, foram feitas vinte e uma afirmações específicas pelo espírito comunicante, sobre assuntos completamente desconhecidos tanto pela médium como por mim. Muitas dessas afirmações referiam-se aos movimentos e ações de uma determinada pessoa no momento exato em que a sessão decorria.
Não só os movimentos foram descritos em tempo real, como também os pensamentos dessa pessoa, que estava a viajar nesse momento, foram relatados com exactidão. Outras afirmações referiam-se a acontecimentos do passado.

A sessão teve lugar de manhã, e felizmente pude verificar todas essas afirmações na mesma noite. Não tinha qualquer ideia de onde essa senhora se encontrava, mas ao telefonar para o seu apartamento em Londres, informaram-me de que estava a regressar de Paris naquele dia e que era esperada ao fim da tarde.

Assim que chegou, convidei-a para jantar comigo em Dorincourt. Entretanto, com base nas vinte e uma afirmações, formulei vinte e uma perguntas cuidadosamente redigidas, de modo a que só pudessem ser corretamente respondidas caso ela tivesse realmente conhecimento dos factos mencionados.

Expliquei-lhe que tinha razões para lhe fazer uma série de perguntas que poderiam parecer algo abruptas.

O resultado foi o seguinte: onze das afirmações feitas durante a sessão foram confirmadas de forma absolutamente clara e com elevado valor evidencial; seis eram corretas, mas não tinham valor probatório; e as restantes quatro diziam respeito a incidentes que lhe haviam escapado da memória. Nenhuma teoria telepática pode, de forma lógica, explicar estas declarações espontâneas feitas pela entidade comunicante.

Nessa mesma noite, após o jantar, realizou-se uma sessão de voz direta em Dorincourt, com a mediunidade conjunta da minha esposa e minha. Várias pessoas estiveram presentes.

Esta sessão foi notável tanto pelos fenómenos objetivos como pelos subjetivos. Diversas "vozes" manifestaram-se, e a entidade comunicante que, de manhã, dera as vinte e uma afirmações, prosseguiu nessa noite, em voz

direta, a conversar com a senhora em questão, confirmando os factos relatados anteriormente.

Para além de Mrs. Osborne Leonard, obtive boas provas de fenómenos paranormais em sessões com Mrs. Barkell e Mrs. Scales.

Mrs. Barkell mantém um nível razoavelmente bom de evidência, geralmente clara e genuína.
Com Mrs. Scales — que raramente aceita sessões profissionais — tive, por vezes, resultados brilhantes, comparáveis aos de Mrs. Leonard. Noutras ocasiões, consoante o estado da sua saúde, os resultados variaram em qualidade; mas sempre a considerei absolutamente genuína.

Com Mrs. Garrett só tive duas sessões. Na primeira, não obtive nada de valor evidencial; as comunicações foram impessoais. A segunda, realizada na presença de várias pessoas, teve algum interesse, e algumas mensagens, atribuídas ao falecido Sir Edward Marshall Hall, revelaram conhecimento da sua relação pessoal comigo, bem como de eventos ocorridos no passado.

Para além destas quatro médiuns clarividentes, as outras com quem me sentei foram vagas, incoerentes e irrelevantes. Algumas foram fraudes evidentes; mas não se pode acusar de fraude um médium apenas por incoerência — afinal, cruzamo-nos com pessoas incoerentes todos os dias. O melhor método de autodefesa é ignorá-las.

Outro tipo de mediunidade é a escrita automática.
Em casos raros, foram obtidas provas muito notáveis da sobrevivência, e, ocasionalmente, ensaios filosóficos brilhantes foram recebidos.
A série de sessões que realizei com Mrs. Hester Dowden, algumas das quais estão relatadas nos meus livros anteriores, foram, a meu ver, extraordinárias e claramente paranormais.

A expressão literária e a velocidade com que ideias sobre temas complexos e psicológicos eram redigidas excedem o ritmo do pensamento normal.
Mrs. Hester Dowden também recebeu, por escrita automática, mensagens de elevado valor evidencial, voluntariamente comunicadas por diversas entidades.

Neste livro, incluí um exemplo dessas comunicações, obtido numa sessão marcada anonimamente.

Mrs. Dowden, filha do Professor Edward Dowden, é uma mulher extremamente inteligente e culta.
O seu desenvolvimento revelou-se extraordinário e, como médium de escrita automática, provavelmente não tem igual até hoje.

A escrita automática é um tipo de mediunidade amplamente adotado por médiuns amadores em todo o mundo.
É uma forma de expressão subconsciente muito popular e acessível.
Estimaria que 99% destes escritos supostamente paranormais são disparates, ou representam apenas impressões distorcidas da mente do próprio autor.

Pessoalmente, enquanto investigador psíquico, não aceito nada como sendo de origem paranormal sem provas confirmatórias.
Na ausência dessas provas, recuso-me a aceitar qualquer afirmação como proveniente de uma entidade desencarnada.

Em alguns círculos privados, é possível que se obtenham mensagens genuínas de carácter consolador, que tragam conforto e alegria ao destinatário — mas o valor da maioria das mensagens publicadas é absolutamente nulo.

Pouco depois da morte de Sir Arthur Conan Doyle, um jornal australiano publicou mensagens que alegadamente provinham dele, recebidas por meio de escrita automática de um médium.
Nesse texto não havia um único elemento de prova de identidade.
O conteúdo não só era completamente inverosímil, como estava redigido em inglês muito pobre.
Páginas deste disparate foram publicadas, e o médium afirmou depois que Doyle planeava ditar-lhe uma nova história policial.

Doyle era meu amigo, e quando recebi o jornal com essas supostas comunicações, enviei um telegrama ao editor, afirmando que, se essa história fosse publicada como uma obra póstuma de Conan Doyle, seria considerada na Inglaterra uma ofensa à sua memória.
A história não foi publicada, e recebi uma carta muito cortês do editor, agradecendo o meu telegrama e a opinião que manifestei.

Depois de registar uma secção das minhas experiências com médiuns clarividentes, tratarei, nos capítulos seguintes deste livro, dos registos e do

estudo do desenvolvimento da mediunidade de Valiantine nos anos de 1927, 1929 e 1931.

O carácter, a energia, a mentalidade e o poder, na vida humana, ou evoluem para uma expressão mais plena, ou mergulham na decadência.

Relatarei as minhas experiências psíquicas na Alemanha e na Itália, abordarei os preconceitos fanáticos de certos tipos de pseudo-investigadores, bem como a credulidade obsessiva de espiritualistas extáticos — nenhum desses grupos possui a frieza e imparcialidade necessárias para abordar os estudos psíquicos de forma séria.

Analisarei diversos casos de fraude e ilustrarei o perigo do modo flagrante como multidões de pessoas crédulas estão a ser enganadas por certos exibicionistas degradados na atualidade.

No meu capítulo final, ponderarei a Investigação Psíquica e o Espiritualismo na balança, expressando o meu juízo individual sobre os seus efeitos — para o bem ou para o mal.

CAPÍTULO II

UMA SESSÃO COM MRS. OSBORNE LEONARD

O espírito-guia "Feda" — Uma sessão oficial da S.P.R. — Fenómenos fracos — A personalidade de "Feda" — Diálogo transcrito — Referências a negócios — Proposta de James White — Experiências psíquicas de S. G. Soal — A teoria telepática — O meu pai — Afirmativas evidenciais — Uma boa sessão — Uma experiência pessoal insólita — Comunicação sobre negócios — Recuso a proposta de James White.

25 de Janeiro de 1926

Esta foi a primeira sessão que realizei com Mrs. Osborne Leonard desde aquelas registadas no meu livro *Sabedoria dos Deuses*, publicado em Dezembro de 1925.

O principal espírito-guia de Mrs. Leonard é "Feda". Tal como já registado nas minhas obras anteriores, Feda manifestou-se em "voz direta" em inúmeras ocasiões em Dorincourt, tanto através da mediunidade de George Valiantine, como também pela minha e da minha esposa. Ao longo de uma longa série de sessões, Feda transmitiu comunicações de natureza evidencial notável — não apenas com Mrs. Leonard, mas também através de outros médiuns.

Numa sessão oficial da Society for Psychical Research realizada em Dorincourt a 20 de Março de 1925, com George Valiantine como médium e na presença de Lady Troubridge, Miss Radclyffe Hall, Dr. V. J. Woolley e de mim próprio — todos representantes da S.P.R. — os fenómenos foram relativamente fracos. Entre as poucas "vozes" que se manifestaram, esteve a de Feda. Nessa sessão, pareceu-nos que Feda cometeu um erro na comunicação. (Este episódio está descrito entre as páginas 307 e 311 de *Sabedoria dos Deuses*.)

Depois da sessão, Lady Troubridge teve uma consulta com Mrs. Leonard e, ao interrogar Feda sobre o ocorrido em Dorincourt, esta respondeu que não cometera erro nenhum naquela noite. Lady Troubridge disse então que, para evitar qualquer possibilidade de erro, seria melhor que Feda não tentasse mais manifestar-se nas sessões de "voz direta". Numa conversa posterior comigo, Lady Troubridge expressou a opinião de que era possível não ter sido Feda de todo, mas sim uma entidade a fazer-se passar por Feda. Esta hipótese não aceitei, visto que Feda se manifestara dezenas de vezes nas sessões privadas realizadas com a minha e a mediunidade da minha esposa, sempre com a mesma voz característica e inconfundível.

Para além disso, estão registadas várias provas cruzadas obtidas através da voz direta de Feda em sessões que nada tinham a ver com Mrs. Leonard, e das quais ela não tinha qualquer conhecimento. Essas evidências foram posteriormente confirmadas pelas comunicações de Feda em transe nas sessões conduzidas com Mrs. Leonard.

Lady Troubridge comentou ainda que a voz de Feda, nas sessões com Valiantine, tinha um leve sotaque americano. Com isto discordo totalmente, pois a voz de Feda, tanto sob a mediunidade de Valiantine como sob a minha e da minha esposa, era sempre a mesma.

A sessão que aqui relato começou às 10h45 na casa de Mrs. Leonard em Kenley, Surrey. Após alguns minutos, a médium entrou em transe e Feda saudou-nos como de costume. As comunicações vieram quase todas na primeira pessoa, e por isso são aqui transcritas em forma de diálogo a partir das minhas notas verbatim:

H.D.B. (para Feda): Estiveste presente, falando com a tua própria voz, na última sessão com Valiantine?

Feda: Sim, sim, estive.

H.D.B.: A Lady Troubridge disse-me que achou que a tua voz tinha um sotaque americano.

Feda: Não sei como soava, mas era a minha voz que estava a falar.

H.D.B.: Sabes que numa das noites — na sessão da S.P.R. — parece ter havido um erro?

Feda: Lembro-me que as condições estavam confusas.

H.D.B.: Porque é que raramente tens aparecido em voz direta desde então?

Feda: Os Guias disseram que era melhor não voltar a tentar. Sabes que houve discussões terríveis.

(Aqui Feda referiu que Warren — Warren Clarke, estava presente.)

Warren (depois de nos cumprimentar): Quando estás em sessão, Herbert, tens tendência a irritar-te com as pessoas. Ficas a ferver. Eu sei que é preciso manter vibrações calmas, mas as pessoas fleumáticas não têm muito poder — e é por causa das vibrações erradas dessas pessoas que outras coisas correm mal.

H.D.B.: Aconselhas que eu e a Mabel voltemos a sentar-nos para sessões de "voz direta"?

Warren: Não quero que o façam por agora. Estás demasiado ocupado com assuntos profissionais, a pôr tudo em ordem, e enquanto a tua mente estiver absorvida nesses temas, a tua aura está carregada por eles.

H.D.B.: Sabes que recentemente recebi uma proposta muito significativa? Qual é a tua opinião?

Warren: Em certos aspetos, sou favorável. Aliviaria bastante a tua responsabilidade; implicaria trabalho, sim, mas libertar-te-ia totalmente de encargos financeiros.

H.D.B.: Mas não me sentiria pessoalmente livre, já que perderia a independência de ação.

Warren: Mas sabes que é essencial concentrares-te nos negócios. 1

H.D.B.: Sabes que o Dennis (Dennis Anthony Bradley) está agora a ajudar-me nos negócios?

Warren: Sim. Mas vai demorar um pouco até ele se habituar às coisas. Não deves misturar negócios com assuntos psíquicos. Neste momento tens demasiado em mãos. Mais tarde poderás retomar o trabalho psíquico. Uns meses podem fazer diferença, mas ainda não deves começar a sentar-te. Não estou a dizer isto apenas para animar a Mabel. *3* Quando estás a desenvolver mediunidade de voz, isso significa que estás a construir-te mentalmente, pouco a pouco, com esforço. Estás a utilizar certas forças e, por vezes, isso provoca verdadeiros distúrbios. Com sessões de "voz direta", os fenómenos são muito difíceis e sensíveis. Nunca se pode ter uma certeza absoluta, e às vezes surgem perturbações mesmo entre pessoas muito simpáticas.

É um grande trabalho, e um trabalho esplêndido a realizar, pois tem dado esperança a milhares de pessoas.

1 O acima refere-se a uma proposta comercial muito significativa que me foi feita pelo falecido Sr. James White, em nome de um importante consórcio. Ofereceram-me £100.000 em dinheiro por certos interesses e pelos meus serviços como Director-Geral, com um salário de £10.000 por ano, além de participação nos lucros, calculados em cerca de £20.000 anuais. Por maior que fosse esta proposta, e infinitamente acima daquilo que eu julgava valer, acabei por recusá-la. Teria, naturalmente, significado que não teria um minuto livre na vida, caso a aceitasse. James White estava habituado a lidar com cifras colossais. Pouco depois, como é sabido, após movimentar milhões, declarou falência e suicidou-se. Se eu tivesse aceitado a sua proposta, não teria sido de forma alguma prejudicado, pois esta era garantida por fortes garantias e feita em conjunto com um conhecido multimilionário, que faleceu cerca de cinco anos depois. A Sra. Bradley não é particularmente entusiasta das sessões de

"voz" pessoais, pois sente-se extremamente exausta durante vários dias após cada uma.

H.D.B.: Sabes que o S. G. Soal escreveu um relatório sobre as suas experiências psíquicas, no qual relata que, numa sessão de "voz direta", falou com uma entidade que deu certas manifestações ditas evidenciais da sua identidade sob a mediunidade da Sra. Blanche Cooper, e que depois se descobriu que a suposta entidade estava viva? O Soal explicou isto com base na teoria telepática. Parece-me um ponto importante. O que achas?

Warren: Claro que a maioria das comunicações tem origem do nosso lado. É para isso que se fazem sessões, mas certas pessoas na Terra têm faculdades que não devem utilizar, consciente ou inconscientemente. Esta faculdade atrai o poder de comunicação da Terra em vez de o atrair do nosso lado.

Comunicar nas vossas condições é uma operação muito subtil e delicada. A telepatia pode operar na Terra. Às vezes, até com mais facilidade do que do nosso lado. Provavelmente, o Soal tinha essa informação armazenada subconscientemente.

Warren prosseguiu dizendo que a Society for Psychical Research tinha dado demasiada importância a esse artigo em particular, sobretudo porque não existia qualquer prova corroborativa das afirmações nele contidas.

Mais tarde, disse que o homem é um espírito na Terra e que eu (H.D.B.) poderia, sob certas condições, ir até Valiantine e comunicar com ele.

Disse que existe algo chamado de projeção do espírito.

H.D.B.: Sabes, Warren, temos ouvido muito falar sobre uma grande convulsão. Qual é a tua opinião?

Warren: Vai haver uma. O Doyle escreveu muito sobre isso, mas não será tão grave como as pessoas pensam. Será muito mais de natureza espiritual e mental; ligada aos elementos. Quando o nosso Senhor estava prestes a passar, a história regista um período de escuridão. Haverá grandes manifestações do nosso lado. Poderão ver-nos e ouvir-nos. Haverá um grande esforço para mostrar ao mundo, de uma vez por todas, que existimos. As pessoas comuns terão vislumbres. Talvez tenhas estado sentado de manhã e encontres pessoas a falar connosco. Será uma grande bênção. Se eu estivesse à tua frente, ficarias encantado; haverá uma grande

força de poder. Será um tempo feliz e glorioso para os que compreendem. Terás de ir explicar isso às multidões e afastar o medo delas. Estarás entre os mestres. Será uma época maravilhosa. Chegará antes de envelheceres. O Dennis (o meu filho Dennis Anthony Bradley) terá um papel importante nisso. Ele (o Dennis) preocupa-se com a sua própria Igreja. Deve manter-se fiel à sua Igreja e ao melhor dos nossos ensinamentos.

H.D.B.: E quanto ao Pat? (O meu filho mais novo.)

Warren: O Pat é muito sensível. Deve ser educado com muito cuidado, como forma de protecção. A Annie está a cuidar dele. Não fales demasiado sobre assuntos psíquicos à sua frente. Mantém-no normal.

M.E.B.: O Pat não tem estado muito bem ultimamente.

Warren: Ele vai ultrapassar isso. Tem o estômago delicado. Neste momento, seria muito melhor ter uma preceptora. Que ganhe força primeiro. A membrana do estômago é muito sensível. Pode ter uma condição próxima da colite. Devem ter cuidado com congestões causadas por algo demasiado drástico.

O óleo de parafina seria a coisa mais segura de momento. Que o Pat tome bastante sumo de laranja. Ele vai ultrapassar essa condição. *1*

1 Na verdade, existia no Pat, que tinha nove anos aquando desta sessão, uma certa fragilidade. Um ou dois anos mais tarde foi descoberta a causa, e foi operado ao apêndice. (Fiz esta pergunta nestes termos exatos de propósito para disfarçar o nome real, a fim de ver se poderia obter uma declaração realmente evidencial.)

Depois disto, houve uma longa conversa com o Warren sobre vários assuntos pessoais; todas as perguntas foram respondidas com inteligência, embora não tivessem grande valor evidencial. Durante esta conversa, o Warren Clarke deu uma descrição excecionalmente boa de um certo amigo de George Valiantine, que estava de visita a Inglaterra. A sua análise desse carácter foi absolutamente correta. Prosseguiu dizendo que, se mais tarde continuássemos as nossas próprias sessões de "voz" pessoais, estas se desenvolveriam ainda melhor do que as de Valiantine. Havia mais força real de tipo variado, e mais base para trabalhar. A mediunidade era algo mútuo. Tanto a M.E.B. como o H.D.B. podiam desenvolver-se individualmente, e se

um morresse, o outro poderia continuar a ligação. Afirmou que o Cecil Husk e o John King estariam a ajudar com a mediunidade de "voz".

H.D.B.: Warren, tens tido notícias do Avô?

Warren: Tenho estado a cuidar dele. Quando passou para este lado, não quis descansar muito. Está sempre "acordado com a cotovia". É muito curioso e mete o nariz em tudo. Está muito orgulhoso de si próprio, e é ao mesmo tempo ativo e preguiçoso. Está extremamente interessado em reencontrar pessoas que conheceu e gostava quando estava do vosso lado. Gosta de falar com elas e evocar imagens maravilhosas do que costumava fazer quando estava na Terra. *1*

M.E.B.: Continuas a estudar luz e som, Warren?

Warren: Sim — estou a aprender como os comprimentos de onda da luz e do som se alteram quando chegam ao vosso plano. Os vossos encurtam — os nossos alongam-se. É muito difícil medir distâncias, pois a distância nem sempre é a mesma. Quando compreenderem o nosso piso inferior, ter-se-ão aproximado mais do nosso plano. O espaço entre encurtará. Pensamentos corretos. Está mais perto agora do que há dez anos. O nosso é um planeta sólido; mas mais espiritual do que o vosso. Caminhamos sobre um solo material; não vivemos apenas numa condição mental, mas a nossa matéria é mais refinada do que a vossa.

A sessão foi encerrada aqui.

A sessão, no seu todo, pode ser considerada boa. Apresentei apenas um relato abreviado desta sessão, mas a fluidez das respostas às várias perguntas foi notável.

As referências do Warren às sessões pessoais de "voz" realizadas pela Sra. Bradley e por mim foram interessantes, especialmente a afirmação: "Estás a usar certas forças, e por vezes isso causa grandes distúrbios." Não há dúvida de que estas sessões têm um efeito esgotante, e é essa a razão pela qual não tenho demonstrado particular interesse em continuar com elas.

A referência do Warren a uma "convulsão", no entanto, foi algo vaga. Durante um ano antes e depois do período desta sessão, surgiram em várias partes do mundo alegadas comunicações espirituais que profetizavam que haveria uma convulsão dentro de alguns anos. Em certos casos, foi mesmo

dada a data de 1928. Sei que Sir Arthur Conan Doyle recebeu muitas mensagens desse tipo por diferentes vias, e parecia estar impressionado com elas. Nenhuma convulsão da natureza prevista chegou a ocorrer. As referências ao Dennis e à Igreja estavam corretas, tal como as referências ao meu filho mais novo, Pat, que também estavam inteiramente corretas.

1 Quando utilizei o termo "Avô", estava a referir-me ao meu pai, que tinha falecido no ano anterior. As referências feitas por Warren Clarke eram, sem dúvida, indicativas do seu carácter.

Quando coloquei uma pergunta sobre a grande proposta que me tinha sido feita, não dei qualquer indicação sobre o seu conteúdo, e a resposta imediatamente demonstrou conhecimento do que estava em causa, tendo sido discutida com mais detalhe.

Um dos incidentes mais estranhos que alguma vez experienciei na vida ocorreu precisamente em ligação com essa proposta de negócios. Durante o período das negociações, numa manhã assisti a uma reunião nos escritórios do Sr. James White, que durou duas horas. Estava acompanhado pelo meu advogado, que me aconselhava e defendia os meus interesses. Estavam presentes cerca de uma dúzia de homens: financiadores, contabilistas, etc. Todo o tempo foi ocupado com questões financeiras, e foram apresentados diversos números importantes, os quais foram verificados e revistos. Todos esses valores teriam um impacto pessoal muito significativo para mim. Quando a reunião terminou, o meu advogado e eu tínhamos concordado, de forma provisória, em aceitar esses números. Depois almoçámos juntos no Hotel Savoy, onde os voltámos a discutir com detalhe.

Curiosamente, nessa mesma noite, quando estava sozinho no meu quarto a mudar de roupa para o jantar, e a pensar em assuntos completamente diferentes, uma "voz" vinda do espaço, do meio do quarto, gritou de repente, de forma clara: "Aponta estes números." A "voz" era objetiva, ou seja, não foi ouvida por clarividência auditiva. Poderia ter sido ouvida por qualquer pessoa nas redondezas ou gravada num fonógrafo. No momento, nem sabia ao certo a que se referia a "voz". No entanto, peguei apressadamente numa folha de papel e tomei nota de três conjuntos de números que foram ditados com clareza e firmeza. A "voz" terminou com: "Compara estes muito cuidadosamente", e desapareceu.

Percebi imediatamente que os números diziam respeito à reunião daquela manhã e, ao compará-los com os apontamentos que tinha tirado, verifiquei que tanto eu como o meu advogado tínhamos omitido um ponto importante no acordo de condições, que tinha sido negligenciado durante a reunião, e que representava uma diferença de £30.000 para mim. Liguei de imediato ao meu advogado, mas ele não estava. Consegui, contudo, falar com o seu sócio (que era seu irmão), a quem li os números tal como os tinha tomado, pedindo-lhe que os entregasse ao irmão logo pela manhã. Quando este recebeu a mensagem, telefonou-me e disse que era realmente extraordinário termos deixado passar esse ponto. Posso acrescentar que o Sr. James White acabou por aceitar os £30.000.

Eventualmente, por minha inteira iniciativa, e contra o parecer dos meus consultores, recusei o cargo de Director-Geral. Escrevi ao Sr. White a comunicar a minha decisão, e quando o encontrei, mostrou-se enormemente surpreendido, pedindo-me que reconsiderasse. Disse: "Não percebes, Bradley, que te estamos a oferecer o equivalente a meio milhão em dinheiro?" Respondi-lhe que, se aceitasse, teria de dedicar toda a minha vida ao projeto, e que havia certas coisas que desejava fazer e que valorizava mais do que o dinheiro. Creio que ele achou que eu estava louco.

Não quero com isto insinuar que desprezo o valor do dinheiro; não sou um homem rico e costumo ganhar apenas o suficiente para as minhas necessidades e modo de vida. Nunca tive ambições de acumular riquezas, e não teria registado este episódio se não fosse pela ocorrência fenomenal da "voz" que me falou e ditou alguns números complexos que tanto eu como os meus conselheiros tínhamos ignorado.

CAPÍTULO III
A MEDIUNIDADE DA SRA. BARKELL

Sra. Barkell — É evidente que me conhecia — Nome indicado espontaneamente — Algumas informações corretas — Referências a assuntos fora do conhecimento da médium — Segunda sessão — Um incidente curioso — Levitação? — Terceira sessão — Uma questão evidencial — Verdadeiros poderes clarividentes.

I

28 de Outubro de 1926

A Sra. Barkell é uma médium clarividente profissional, que durante um período considerável realizou sessões no British College of Psychic Science. Tinha ouvido vários relatos positivos sobre a sua mediunidade, e foi por recomendação da Sra. Gavin (que, numa determinada sessão, recebeu comunicações que alegadamente provinham da minha irmã, Annie) que marquei um encontro na casa privada da Sra. Barkell, em Beckenham.

A sessão teve lugar às 11h30 da manhã, à luz do dia, com as cortinas da sala parcialmente corridas.

Ficou previamente combinado entre a Sra. Gavin e eu que ela me acompanharia e participaria na primeira parte da sessão, retirando-se depois para me permitir continuar sozinho.

Fui apresentado à médium pelo meu nome; por isso, é justo supor que ela me conhecia, e que teria lido os meus livros sobre investigação psíquica.

Em dois ou três minutos, a Sra. Barkell entrou em transe e o seu guia, "White Hawk", falou num tom relativamente grave.

O guia refere-se sempre à médium como "o meu casaco". Cumprimentou-me apertando a mão e dizendo: "O meu casaco não acredita — ela não acredita em espíritos." (A Sra. Barkell, numa conversa comigo após a sessão, disse-me que ela própria não conseguia ter a certeza se as entidades que se manifestavam eram realmente espíritos ou não.)

"White Hawk" disse-me que estavam presentes duas senhoras que queriam falar comigo. Uma era a "Lady Annie" (em sessões anteriores com a Sra. Gavin, "White Hawk" referia-se sempre à minha irmã como "Lady Annie") e a outra era uma senhora que ela tinha trazido consigo — alguém que amava e que tinha deixado o corpo há pouco tempo. (Isto pode ser interpretado como uma referência à minha mãe, que faleceu algumas semanas antes desta sessão em particular.) "White Hawk" referiu também "Georgie", mencionando o nome espontaneamente (filho da minha irmã), e disse que ele era "parte de Lady Annie".

A conversa prosseguiu da seguinte forma:

White Hawk: A Annie diz que não gosta totalmente do livro que estás a escrever agora. Está desiludida — queria que escrevesses uma obra sobre a filosofia do espiritismo. Está preocupada com alguém que está doente; esperava que, no início do verão, essa pessoa pudesse recuperar. Está a falar da Gertrude (o nome foi indicado espontaneamente), que não tem estado bem há muito tempo.

A sessão decorria há cerca de dez minutos quando "White Hawk" se dirigiu à Sra. Gavin, dizendo:
"Vai-te embora, Lady Peggy." A Sra. Gavin saiu então da sala.

White Hawk (continuando): Sinto uma emoção intensa da parte da Annie. Ela tem-te ajudado: está a trazer para Inglaterra uma velha amiga sua em breve. Essa amiga foi a primeira "porta de entrada".

(Isto poderá possivelmente referir-se a Valiantine, através de quem recebi a primeira comunicação da Annie. Valiantine voltou a visitar Inglaterra três meses depois desta sessão.)

White Hawk: A Matel tem estado muito cansada ultimamente. Há uma sensação de lassidão. (Nome indicado espontaneamente e informação correta.) Tirra Wella é um dos teus Guias. (Nunca tinha ouvido falar de Tirra Wella antes nem voltei a ouvir desde então.) A Annie diz que a mãe está com ela. Ficou muito surpreendida e maravilhada quando passou para este lado; parecia uma criança. Estava consciente no fim. Só esteve doente uns poucos dias. Está muito mais jovem — como na fotografia tirada quando tinha entre quarenta e quarenta e cinco anos. Está muito feliz. No início, foi avassalador para ela. Ela diz: "Pobre Gertie." Já é tarde. (A minha irmã faleceu dois anos depois, em 1928.)

H.D.B.: Podes perguntar à Annie qual é a natureza do trabalho que estou a realizar neste momento?

White Hawk: A Annie diz que estás a escrever sobre sexo. Ela diz que o sexo não é fealdade. É o precursor da vida. O sexo pode ser perfeitamente belo; mas também pode tornar-se sórdido. Aqui deste lado, estamos livres dessa sensualidade degradante. Há um despertar súbito da alma, e chegamos ao nosso eu superior. Há regeneração, que purga toda a mentalidade inferior. É encontrar a jóia — o dom divino de Deus.

Mais tarde, durante a sessão, "White Hawk" disse-me que o Warren estava presente. Entre outras coisas, perguntei se o Warren sabia do novo livro que eu estava a escrever, e "White Hawk" continuou:

White Hawk: O Warren diz que "isso vai fazer com que fiquem alerta. Vai mostrar as pessoas tal como elas são. Há tantas coisas escondidas, mas a forma como mostras as pessoas como realmente são trará pureza. Esse livro vai superar tudo o que fizeste até agora. Parece-me que estás a mostrar o esqueleto vestido com roupas elegantes. Primeiro vestes as personagens, e depois revelas quem são. Estás a tratar o assunto com o método da ironia leve — à maneira de Congreve. Diz à Dorothy: 'Não me importo — boa sorte para ela.'"

A sessão durou uma hora e meia, e aqui apresento apenas alguns excertos breves do que se passou.

As comunicações não foram particularmente evidenciais, mas foram bastante fluídas do início ao fim. Os comunicantes pareciam ter algum conhecimento dos meus pensamentos e do meu trabalho pessoal, que eram desconhecidos de qualquer outra pessoa além de mim. Os nomes mencionados de forma espontânea poderiam, claro, ser conhecidos da médium por causa das minhas obras publicadas.

Na altura desta sessão, encontrava-me a trabalhar em *The Natural State*, e as referências feitas em relação a esse livro estavam, com certeza, fora do conhecimento da médium.

17 de Janeiro de 1927

Neste dia realizei a minha segunda sessão com a Sra. Barkell:

Depois de a médium ter entrado em transe, o guia "White Hawk" cumprimentou-me e referiu a próxima visita de Valiantine a Inglaterra. As referências que fez foram bastante detalhadas, mas devo dizer que podiam, com toda a probabilidade, estar ao alcance do conhecimento da médium.

Foram transmitidas comunicações, alegadamente provenientes de Warren Clarke, em resposta a perguntas sobre certos assuntos pessoais (que não podiam estar no conhecimento da médium), de forma razoável e correta.

O Warren parecia conhecer a secção específica do livro em que eu estava a trabalhar naquele momento. Também disse espontaneamente que estivera comigo em Dorincourt, e que vira "os marionetas no teatro." Isto pode ser considerado um ponto evidencial, já que, precisamente nessa altura, eu tinha recebido do Sr. Charles Sykes um pequeno teatro em miniatura, com o palco montado, e várias figuras esculpidas, representando as personagens da peça que eu planeava escrever.

Pouco antes desta sessão, tinha ido ao meu escritório uma noite, logo após o jantar, com a intenção de dedicar a noite à elaboração de pontos para um ensaio sobre certas fases da filosofia chinesa. Costumo, antes de escrever, fazer apontamentos curtos com a estrutura do tema em que estou a trabalhar. Normalmente, para um estudo algo incomum como este, tal estrutura demoraria, no mínimo, uma hora. Curiosamente, assim que me sentei, consegui construir todos os pontos e incidentes do ensaio em dois minutos. Estes apontamentos, que eram de considerável valor para mim, foram colocados num banco, por cima de algumas outras folhas de notas, à direita da poltrona onde costumo escrever.

Saí da sala por menos de um minuto, para ir buscar outros papéis ao quarto de vestir, e ao regressar, os apontamentos tinham desaparecido. Procurei por toda a parte, mas não os encontrei. Ninguém tinha entrado na sala durante essa breve ausência. Interroguei os empregados, mas nenhum deles se aproximara do meu escritório; e, tendo recebido instruções explícitas, não se atreveriam, em caso algum, a mexer nos meus papéis. Passei mais de uma hora à procura, sem sucesso, e fui então forçado a refazer os apontamentos de memória, o que me levou quase duas horas. O desaparecimento foi inexplicável.

Por isso, perguntei a "White Hawk" se podia dizer-me algo sobre o desaparecimento de uns apontamentos sobre a China. "White Hawk" respondeu, dizendo: "Atraíste um homem da China, que domina bem todas as leis relativas à levitação de objetos e fenómenos vocais. Como a tua mente estava a funcionar num certo padrão, foi fácil para ele manifestar-se. Os apontamentos que foram levados serão devolvidos." Todos estes pontos foram ditos espontaneamente. O "teste do livro", contudo, falhou: "Foram retirados do lado direito de onde estavas sentado em casa — perto da estante. Ele veio e levou-os quando não estavas a olhar. Lembras-te que os

tinhas praticamente debaixo da mão. Vais encontrar esses apontamentos novamente.

Procura na tua estante — perto do livro têxtil — vais encontrar um com encadernação vermelho-escura e letras douradas na capa. Está num local muito invulgar. Vais encontrar o papel lá. Não precisas de fazer uma busca sistemática. Vais encontrá-lo quando estiveres a mexer em livros não relacionados. Quando encontrares o papel, estará com ele um conjunto de hieróglifos chineses — Lao — Tze — Tien." Um pouco mais tarde,

"White Hawk" repetiu: "Lao — Tze — Tien — Sabedoria do Oriente — Fonte de Sabedoria."

As referências feitas por "White Hawk" relativamente à posição em que eu me sentava em casa, com a estante à minha direita, são totalmente corretas, e este facto estava certamente fora do conhecimento da médium. A descrição da posição exata de onde os "apontamentos" desapareceram — "do lado direito... em casa... perto da estante... Lembras-te, estavam praticamente debaixo da tua mão. Há um ou dois livros de têxteis numa secção específica dessa estante" — também é correta, mas, apesar de uma busca minuciosa em todas as secções, não consegui encontrar o papel desaparecido; nem o encontrei até hoje.

III
23 de Agosto de 1928

A sessão teve lugar na casa da Sra. Barkell, em Beckenham.

Um minuto após a médium ter entrado em transe, o guia, "White Hawk", manifestou-se e falou, dando a habitual saudação.

Referiu-se depois ao nascimento recente na família de Warren (Warren Clarke).

Isto está absolutamente correto, mas poderia, evidentemente, estar ao alcance do conhecimento da médium.

Pouco tempo depois, surgiram comunicações alegadamente provenientes de Warren Clarke, na primeira pessoa. Conversámos durante alguns minutos e, de repente, foi dito espontaneamente:

Warren: Então, gostas do quarto da torre?

Esta pergunta foi claramente evidencial. Cerca de uma semana antes desta sessão, a esposa de Warren Clarke, Dorothy, estava hospedada com os três filhos e a ama junto da minha família em Dorincourt. Durante essa estadia, mudei-me do quarto habitual e ocupei um quarto numa pequena torre anexa à casa. Os quartos nessa torre são sempre designados como "quartos da torre".

Warren Clarke referiu-se às suas duas filhas, Phyllis e Betty, mencionando os nomes espontaneamente, e falou de pequenos episódios domésticos triviais que tinham ocorrido recentemente. Depois prosseguiu:

Warren: Estavas um pouco irritado por teres de mudar de quarto. A tua linguagem não foi parlamentar nem educada. Tens toda a minha simpatia. (Tudo isto foi dito em tom de brincadeira e com muito bom humor.) Admira-me que não te tenham posto fora. Diz à Mabel que, da próxima vez, devia montar uma tenda para a minha família e a da madrasta.

Tudo isto pode ser considerado claramente evidencial. As suas referências à esposa, às duas filhas e ao meio-irmão foram inteiramente corretas.

Depois disto, "White Hawk" disse que "Lady Annie" (a minha irmã) estava presente. As comunicações seguintes surgiram na primeira pessoa.

Annie: Temos estado a preparar uma receção para a Gertie. Sabes, antes de ela passar para este lado, no fundo da alma ela não tinha a certeza. Aqui deste lado é muito diferente do que se espera. Depois de ter passado e de nos encontrarmos com ela, foi difícil fazê-la compreender a realidade de tudo isto. A passagem não foi tão aterradora como ela imaginava.

Aqui, "White Hawk" interveio, dizendo que Gertie (a minha irmã) estava presente. Disse-me que ela segurava nas mãos rosas e cravos. E continuou:

White Hawk: A Gertie diz: "Enviaste rosas, lírios e cravos para o funeral dela?" (Isto foi uma comunicação evidencial.) Ela diz que viu a Annie à espera dela. A Annie é capaz de cumprir as suas promessas. A Gertie envia o seu amor ao Edward. *1* Diz que em breve se comunicará com ele. Há um entendimento entre ambos.

1 O nome Edward (o marido da Gertie) foi mencionado espontaneamente.

White Hawk disse ainda que a Gertie parecia mais velha do que a Annie. (A minha irmã Gertrude faleceu com uma idade muito mais avançada do que a minha irmã Annie.)

Gertie diz que ficou tão feliz por reencontrar a mãe. (A mãe faleceu dois anos antes e viveu durante muitos anos com a Gertie.) Quando chegou aqui, teve muito receio de acordar. Ela diz: "Podes perguntar ao Edward se ele tem um irmão no espírito? Porque eu conheci-o." (*Não sabia se isto era verdade, mas mais tarde confirmei que sim, e que ele tinha falecido muitos anos antes. Um facto voluntariamente revelado, desconhecido tanto da médium como do consulente.*)

Seguiram-se várias comunicações de Warren Clarke sobre o trabalho literário em que eu estava então envolvido. Não considero necessário transcrever essas comunicações palavra por palavra, mas elas demonstravam claramente um conhecimento muito pessoal e específico de assuntos que apenas eu conhecia. Durante a conversa, as respostas às perguntas foram dadas de forma natural e inteligente. A conversa decorreu sempre na primeira pessoa.

Já perto do final da sessão, "White Hawk" disse: "A Lady Annie está completamente absorvida com a Lady Gertie. Ela ficou tão surpreendida e nervosa com o facto de ter acordado. Quando despertou aqui deste lado, pensou que era um sonho e ficou cheia de medo de acordar e voltar a sentir dores." (A minha irmã Gertie faleceu de tuberculose após uma longa e extremamente dolorosa doença.)

White Hawk (continuando): A Gertie diz que ainda mal consegue compreender tudo — o facto de poder falar. Ela pergunta: "É mesmo o Herbert?"

Warren Clarke: Bem, dificilmente se poderia chamar a isso um sonho. (Disse com humor.)

Após isto, houve mais algumas comunicações de Warren Clarke sobre assuntos de negócios e temas literários relacionados comigo, bem como algumas mensagens dirigidas ao meu filho Pat e a vários membros da família. A sessão terminou então.

Ao resumir as minhas experiências com a Sra. Barkell, devo expressar a opinião de que ela possui genuínos poderes clarividentes e de audição

espiritual, e que é possível obter, através da sua mediunidade, informações pessoais de natureza evidencial que se podem provar estar completamente fora do seu conhecimento.

CAPÍTULO IV
UMA EXPERIÊNCIA COM A SRA. GARRETT

Um procedimento imprudente — Sir Edward Marshall Hall — Uma longa conversa — Lord Dewar — Lord Birkenhead.

8 de Dezembro de 1930.

Nesta data, fui convidado pela Sra. C. A. Dawson Scott (fundadora do International P.E.N. Club) para assistir a uma sessão com a Sra. Eileen Garrett, uma médium clarividente e auditiva em transe.

A sessão teve lugar na casa da Sra. Dawson Scott, em Maida Vale, onde ela vinha a realizar uma breve série de sessões com a mediunidade da Sra. Garrett.

Estas sessões decorriam, normalmente, na presença de cerca de uma dúzia de pessoas, e a Sra. Dawson Scott informou-me de que, em certas ocasiões, tinham obtido excelentes resultados, com indícios da presença de personalidades sobreviventes de figuras bem conhecidas.

Antes disso, disse-me que, na última sessão realizada, tinham pedido ao "guia" se poderiam, na sessão seguinte, obter comunicações do falecido Sir Edward Marshall Hall. Como eu o conhecia em vida, pediram-me para estar presente.

Sinceramente, considerei este procedimento algo imprudente — solicitar a um "guia" de médium que trouxesse uma determinada entidade para uma sessão futura, pois isso, evidentemente, oferece à médium a oportunidade de recolher informações com antecedência.

A sessão a que assisti decorreu com luz artificial total, e estavam presentes cerca de doze pessoas, incluindo três ou quatro escritores conhecidos. Um amigo da Sra. Dawson Scott tomou notas taquigráficas, e o seguinte é o relato literal:

Guia: Sou eu... Uvani. Saúdo-vos, amigos. Que a paz esteja convosco, nas vossas vidas e nos vossos corações. Madame, saúdo-vos (dirigindo-se à Sra. D.S.). Pediste-me para trazer um certo cavalheiro da lei. Penso que me lisonjeias, Madame, ao achares que sou capaz de transmitir os pensamentos deste cavalheiro, que tem um conhecimento brilhante do inglês. Não é verdade? Ele está disposto a vir, e se houver algo que eu não consiga compreender no que vos diz, perdoem-me se tiver de pedir ajuda ao Sr. McKenzie.

Sra. D.S.: O cavalheiro da lei verá que há aqui homens que foram seus velhos amigos.

Guia: Ele diz que não consegue assumir o controlo desta máquina. Não tem experiência suficiente, pois só experimentou uma ou duas vezes. Apesar de eu lhe ter oferecido o controlo, não consigo convencê-lo a aceitá-lo. Alguém deseja fazer-lhe perguntas?

H.D.B.: Prefiro que o espírito comunique comigo, em vez de ser eu a fazer perguntas.

Guia: Então dirijo-me a este cavalheiro que me falou. O cavalheiro da lei está presente. Tem cerca de cinquenta e sete ou cinquenta e oito anos, e é um homem acima da média. Tem o aspeto e o temperamento de um ator. Fala com grande precisão. Passou horas e horas a cultivar a voz. Tem uma personalidade forte e cativante. Não aparenta a idade que tem, mas dá a impressão de ter sofrido bastante. Parece que a doença era de natureza cancerígena... mas ele diz "basta".

Marshall Hall: Embora eu esteja a lidar, de início, com um assunto que desconheço, estou a abordar um de que nenhum homem teve tanta certeza em vida. Nos meus primeiros tempos, quando era um jovem sem casos, tinha a impressão de que, se enviasse um pensamento a amigos invisíveis, obteria uma resposta; e praticamente em todos os casos que defendi durante a minha carreira pitoresca e difícil, nunca trabalhei sem passar algum tempo sozinho. Invariavelmente era-me dito como deveria conduzir o caso. Quem me conhece não se surpreenderá ao saber que, quando parti, estava tranquilamente convencido de que viajava rumo a um país maravilhoso, e não posso dizer que lamentei partir.

Guia: Alguém gostaria de lhe perguntar como se convenceu?

Sra. D.S.: Todos gostaríamos de saber.

H.D.B.: Mas isso encontra-se tudo impresso.

Guia: Vamos tentar evitar qualquer coisa que já tenha aparecido na imprensa. (Pausa.) Ele não sabe o que querem que diga.

H.D.B.: Lembra-se de uma certa sessão com uma clarividente? Foram dadas informações sobre a sua saúde. Foram depois confirmadas, e dois anos depois, ele faleceu. Contestou essas informações e discutiu-as comigo. Foram dados vários nomes, mas ele disse que podiam ser encontrados no *Who's Who*, embora tivesse havido um erro evidente. Tentei que me dissesse, ainda em vida, o que era exatamente, mas recusou-se.

Guia: Diz que foi feita uma referência ao nome do pai, e que esse nome foi associado a outra família. Isso foi um erro. O que o perturbou foi terem suposto que era parente de outro médico. (Incerto — poderá ter sido "família médica" ou "classe médica".)

H.D.B.: Posso verificar isso depois.

Guia: Disse: "Foi dado ênfase a esse ponto e, como estava incorreto, soube que a personalidade não tinha ligação com o meu pai." Diz que se recorda de encontros contigo.

H.D.B.: Nunca foi claro nesse ponto, e não percebo por que razão não o esclareceu.

Guia: (Notas pouco claras.)

H.D.B.: Isso estava impresso no *Who's Who*. Era um ponto importante e uma sessão excecionalmente boa em termos de valor evidencial. Foi dada uma condição de saúde que ele desconhecia, e previram a sua morte dentro de um ou dois anos. Ele descartou isso como um erro.

Guia: Diz que a mensagem que veio em nome do pai era uma impressão errónea que não podia aceitar.

H.D.B.: Suponho que já encontrou o pai, deste lado?

Guia: Diz que sim, encontrou.

H.D.B.: Descobriu se o pai alguma vez comunicou?

Guia: (Notas pouco claras.) Compreendes quem ele quer dizer ao referir um suposto padrinho?

H.D.B.: Sim!

Guia: Foi instrumental em apresentar-lhe muita coisa, mas ele não acreditava tanto enquanto estava vivo.

H.D.B.: Pergunta-lhe se se lembra da última vez que falou comigo em vida.

Guia: Dá-me a impressão de te ter visto um ano ou um ano e meio antes de ter partido. Diz que terá sido cerca de dezoito meses antes de falecer. Não parece que te tenha visto antes disso. Houve um episódio anterior e depois um afastamento, mas foi uma ligação breve. "Talvez," diz ele, "tivesse sido melhor para ambos se tivéssemos tido mais tempo de ligação."

H.D.B.: Já tentou comunicar comigo?

Guia: Ele tem feito esforços para comunicar contigo recentemente. Aparentemente, no recato da tua própria casa.

H.D.B.: Lembra-se do método?

Guia: Diz que não gosta do teu método. Preferia projetar a voz. Não gosta de falar através de um guia, nem de escrita automática. (Esta resposta estava inteiramente incorreta.)

H.D.B.: Ele gostava de escrita automática em vida.

Guia: Mas agora já não gosta. Fica contente por poder falar contigo sobre isso. Diz que a referência à escrita automática sobre irmão e outros parentes pela mão de "W" te dará pistas suficientes, mas que já não se interessa por escrita automática. Diz estar muito mais interessado numa forma de projeção da voz com um acumulador.

H.D.B.: Conseguiu fazê-lo?

Guia: Diz que, ligeiramente.

H.D.B.: Pergunta-lhe se lhe tiraram as impressões digitais.

Guia: Diz que sim, com certeza. Diz: "Sabia tanto sobre o crime que tive interesse suficiente para deixar esse registo."

H.D.B.: Pode indicar onde está essa impressão?

Guia: Foi feita no seu próprio quarto.

H.D.B.: Então foi feita por um estudante particular?

Guia: Diz que ele e "A" estavam a brincar com isso um dia, e decidiram fazê-lo.

H.D.B.: É um ponto bastante interessante.

Guia: Remete-te para "A".

H.D.B.: Quem é que a tem?

Guia: A filha dele. Estão guardadas com o resto das suas coleções. Ela tem muitas cartas e papéis, e várias coisas ligadas à associação deles nos primeiros tempos. Infelizmente, a ligação posterior já não foi de tanto interesse.

H.D.B.: O que pensa ele da Pena de Morte?

Marshall Hall: Fico contente que me faças essa pergunta, pois é uma questão que muitas vezes considerei. Sendo a vida o que é, ninguém deveria ter o direito de a tirar.

Guia: Diz que não vem dizer "Faz como eu digo", mas apenas que, com base nas deduções que tirou, não lhe parece sensato nem correto tirar a vida de alguém.

C.H.: Podemos perguntar que tipo de trabalho está ele a fazer agora?

Guia: Diz: "Receio desiludir-vos, mas isto não é o Céu, nem o Inferno, embora tenha traços de ambos. Os meus amigos continuam presos a nós e problemas, mas eu, que joguei com quase tudo, era terrivelmente sincero quando o fazia. Ainda estou a jogar. Este estado não é mais espírito do que o anterior, e aqui sou jovem, quase um bebé. Estou deste lado há apenas um ou dois anos. Faço o que os outros bebés fazem: abro os olhos, olho à volta e faço perguntas. Ainda há muito do homem terreno em mim, graças a Deus. Ainda me encontro num estado material, com um corpo mais belo e muito menos problemático. Participo em tudo o que se passa. Interesso-me pelos desenvolvimentos científicos que estão a ocorrer. Este é um lugar onde predomina o livre-arbítrio."

H.D.B.: Lembra-se de me ter dado opiniões pessoais sobre uma determinada sessão?

Guia: Diz que se lembra de te ter falado sobre isso.

H.D.B.: Falou uma ou duas vezes sobre o assunto.

Guia: Diz que estava profundamente interessado, muito mais do que deixou transparecer. Diz que essa primeira sessão o fez sentir-se como um rapaz de escola. Perguntava-se se os céus não se abririam.

H.D.B.: Fez-me uma confissão pessoal sobre os seus sentimentos em relação a uma certa sessão de Voz Direta.

Guia: Disse que via sempre ambos os lados da questão, e embora estivesse disposto a receber e a acreditar, havia sempre um "se" e um "mas".

H.D.B.: Sim, de facto, mas ainda não me deu uma resposta.

Guia: Fala sobre o impacto mental que isso teve. A sua mente treinada dizia uma coisa, e a sua mente psicológica dizia outra.

H.D.B.: Sei que é impossível lembrar tudo. Já encontrou o Dewar?

Guia: Isso agradou-lhe imensamente, e diz: "E também o nosso amigo e litigante F.E."

Coro: "F.E. — Birkenhead."

Guia: Sim, é esse o cavalheiro, Madame. Do primeiro cavalheiro, ele diz: "Com as mãos nos bolsos, ele olhou para tudo e disse-me: 'Não é um mau sítio para se encontrar, de todo. Seria uma pena se as (?) Igrejas aparecessem e pedissem terrenos para construir.'"

Membro: Tem a certeza de que não está no Inferno?

Guia: Diz: "Acredito firmemente nisto: toda a experiência é crescimento, e participamos tanto do bem como do mal através de cada experiência, podendo ser Céu ou Inferno conforme a nossa visão potencial. Do meu ponto de vista, não estou no Inferno. Em vida, fiz praticamente tudo o que quis. Quis alcançar certo sucesso, e consegui-o com alegria infantil e alguma vaidade. Quanto a mim, estou agora numa parte confortável do globo. Não lhe chamo Céu. É a expressão desta personalidade que será sempre eu. Aqui há ausência de dor, ausência de tristeza, a visão que sempre me guiou e que

não trocaria por nada. Vim até ti porque estava curioso por saber o que terias a dizer-me. Esta mente de criança que vês continua a brincar. Foi um grande prazer ter vindo esta noite."

Todos: Muito obrigado.

Membro: Pode dizer-me só isto: porque é que Sir Edward Marshall Hall fala na primeira pessoa quando comunica?

Controlador: Tenho de fazer isso por ele. Interessar-vos-ia aprender o meu método?

Todos: Sim, por favor.

Controlador: Não estou convosco. Estou, por assim dizer, numa plataforma, e se um homem se recusar a falar no instrumento, procuro ser o seu intérprete. Vocês enviam o pensamento, ele capta-o, e enquanto falam, ele está a dar-me a resposta ao vosso pensamento. Existem dois canais, a mente do Médium e a do Controlador. Lembrem-se de que somos duas personalidades, por isso estão destinados a perder grande parte da personalidade de quem quer que esteja a comunicar. Pensem nisto — a comunicação tem de passar por duas mentes, a do Controlador e a do Médium. Podem esperar obter respostas rigorosas às vossas perguntas? Mas fazemos o melhor que podemos.

Aqui terminou a sessão.

CAPÍTULO V

UMA SESSÃO PSICOMÉTRICA

Frau Lotte Plaatz — Impressão de uma cigarreira — Uma descrição correta — Boas indicações de carácter — Características físicas — Um grande tropeço — Um verdadeiro ponto de prova — Um fracasso.

Maio, 1930.

Em Maio de 1930, Frau Lotte Plaatz, uma psicometrista alemã, foi convidada pelo Laboratório Nacional de Investigação Psíquica para uma visita.

Para benefício dos não iniciados, explico que psicometria é uma forma de mediunidade em que, ao manusear um objeto pertencente a uma pessoa

falecida, memórias e traços dessa pessoa podem por vezes ser recordados pelo médium.

Frau Plaatz tinha sido objeto de experiências científicas no Continente durante alguns meses, e os seus dons tinham estado sob observação de vários médicos e cientistas de renome na Alemanha, sendo alegado que tinham sido registados resultados brilhantes. Fui devidamente notificado da sua visita, e assisti a duas sessões, cujos registos passo a apresentar.

A primeira sessão teve lugar por volta das 15h30. Entreguei a Frau Plaatz uma cigarreira fina de ouro, que não era usada há mais de sete anos.

Frau Plaatz demorou algum tempo a iniciar a psicometria, e recebeu impressões variadas.

Frau Plaatz: Tenho a impressão de si. É sua a cigarreira?

H.D.B.: Agora é minha, mas nem sempre me pertenceu.

Frau Plaatz: Tenho a impressão de três pessoas. Há uma senhora ligada a ela. Houve uma discussão?

Informei Frau Plaatz de que não conseguia associar uma discussão à cigarreira. No entanto, após o fim da sessão, recordei que houve de facto uma ligeira discussão entre mim e o dono original da cigarreira, e a senhora em questão, o que resultou num afastamento na amizade durante alguns meses. Após a morte do proprietário original, a cigarreira passou para a sua esposa, e posteriormente chegou às minhas mãos.

Frau Plaatz (descrevendo o dono original): Era meticuloso e calmo. Ligado a livros e ao estudo. Inteligente. Não era homem de negócios.
(Descrição correta. Era um profissional. Estudou continuamente ao longo da vida.)

Frau Plaatz: Interessava-se por assuntos psíquicos em vida.

H.D.B.: Não. Não se interessava.

Frau Plaatz: Recebo escrita através dele. Não gosto da boca dele. Bom raciocínio para cálculos.
(Bastante correto.)

Frau Plaatz: Tinha dores no peito. Ofegante. Não conseguia respirar. Não consigo subir — sinto como se estivesse a cair. Morreu inesperadamente — de forma súbita.
(Toda esta descrição é exata. O proprietário sofria de problemas cardíacos há vários anos antes de falecer. Morreu de forma súbita.)

Frau Plaatz: Dizia as coisas de forma brusca. Comportamento dominador. Queria tudo sob controlo. Governar. Houve uma discussão. Na altura pensou: "Pois, que pense o que quiser." Estava sempre rodeado de homens. Falava constantemente com eles. Não viajou tanto como você.
(Correto. Boa indicação de carácter. As suas relações eram quase exclusivamente com homens: tanto profissional como socialmente.)

Frau Plaatz: Sinto uma personalidade objectiva. Calmo, mas podia ser extremamente rápido. Às vezes transformava-se completamente e saía da sua reserva. Podia ser arrogante, o que se via no queixo. Era exteriormente frio — usava os cotovelos. (*Aqui Frau Plaatz usou os cotovelos para indicar.*) Era frio, mas não o fazia por mal — quase como passar por cima de um corpo morto.
(Bastante correto. Era uma característica física.)

Frau Plaatz: Dinheiro — dinheiro — deve ter perdido dinheiro.
(Incorreto — tanto quanto sei.)

Frau Plaatz: 13, ou 1913. Morreu num dia 13.
(1913 não tinha qualquer ligação com ele, tanto quanto sei.)

H.D.B.: Não.

Frau Plaatz: Voz áspera — nada de calor. Frio — duro. Caiu gravemente? Sinto como se estivesse a cair.
(Bastante correto. Caiu com um ataque cardíaco e durante anos teve a sensação de queda.)

Frau Plaatz: W. Não era W.
H.D.B.: Sim. Era.

Frau Plaatz: Era William?

H.D.B.: Não.
(Apesar de o W estar correto, houve um grande tropeço com o nome exato, que não foi indicado.)

Frau Plaatz: Vejo uma mão. Não gosto da mão. É fria — sem coração — polegar desagradável. Mas uma mão firme — nada de fraco neste homem. (Estas são apenas impressões do médium.)

Frau Plaatz: Era casado?

H.D.B.: Sim.

Frau Plaatz: Vida pouco aventureira. Vida a usar os cotovelos. Uma linha reta da qual nunca se desviaria. Extremamente obstinado. A personalidade mudou mais tarde devido a choques. Nunca contava. Por dentro mudou e tornou-se muito mais brando.
(Tudo isto foi razoavelmente exato.)

Frau Plaatz: Walter. Recebo o nome Walter.

H.D.B.: Não o conheço.

Depois disto, a médium disse que a entidade tinha partido e conversámos durante dois ou três minutos sobre assuntos psíquicos, e pensei que a sessão tinha terminado. De repente, no entanto, a médium disse: "Aqui está ele — está a rir-se alto."

H.D.B.: Talvez esteja a rir-se porque a descrição dele não foi particularmente lisonjeira.

Frau Plaatz: Ainda cá está. Está a rir-se. Não é o tipo de homem que me atrairia, mas gosto da sua testa. É intelectual. A sua cara parece como se usasse uma máscara. Não era fácil lidar com ele, mas não se importava. O seu comportamento era distante.
(Correto.)

Frau Plaatz (de forma súbita e espontânea): Ele está aqui a atravessar a sala. Gosto da maneira como anda. Não é fraca — é firme. Há música neste homem. É uma maneira de andar muito característica. É divertido. (*Aqui a médium riu-se.*) Tem sentido de humor com uma cara sem expressão. Reconheceria o seu andar típico em qualquer lado.

A descrição da forma de andar característica é o único verdadeiro ponto de prova. A pessoa em questão tinha uma maneira de andar extraordinariamente individual. Um andar lento, calmo, arrogante, com a cabeça erguida e geralmente imóvel, e no entanto este seu andar peculiar transmitia sempre uma sensação de humor ligeiramente atrevido a quem o observava.

No geral, considero esta uma sessão interessante.

Tive uma segunda sessão com Frau Lotte Plaatz uma semana depois. Esta, no entanto, foi um fracasso completo. Tinha sido convidada para Ascot, e receio que o ambiente do evento ocupasse inteiramente o seu pensamento, em detrimento do invisível.

CAPÍTULO VI

A SUAVE ARTE DE "PESCAR"

Mrs. Cantlon — Uma médium vidente em transe — Inglês macarrónico — Palpites falhados — Mais "pesca" — Um mau palpite — Outro fiasco — Mais disparates — Uma sessão completamente insatisfatória.

24 de Outubro de 1930

Mrs. Cantlon é uma médium profissional vidente e claraudiente, e o que se segue é um relato literal da minha única experiência com ela.

A mediunidade de Mrs. Cantlon difere consideravelmente da de Mrs. Osborne Leonard, Mrs. Scales, Mrs. Barkell e Mrs. Garrett. Com estas últimas, como regra, a maioria das comunicações é espontânea. Com Mrs. Cantlon, no entanto, a minha experiência foi, do princípio ao fim, que o consulente era conduzido pela médium com perguntas sugestivas, às quais ele, ou ela, era esperado que respondesse, abrindo assim caminho para novos dados. É um método que se pode chamar de "pesca", e as perguntas feitas pela médium ao consulente, a meu ver, destroem o valor de qualquer ponto com valor probatório, mesmo que tal chegasse a surgir.

Sessão com Mrs. Cantlon em "Dorincourt", às 17h15 do dia 24 de Outubro de 1930

A sessão realizou-se na minha habitual sala de sessões, estando presentes apenas a "médium", Mrs. Cantlon, e eu.

Mrs. Cantlon pediu uma luz suave. Foi então usada uma vela, à luz da qual tomei notas.

Mrs. Cantlon actua como médium "vidente em transe".

Declarou, antes de entrar em transe, que me daria um pouco de vidência.

Mrs. Cantlon: Vejo uma mulher. Recebo o nome "Mary". Conhece-a?

H.D.B.: Não.

Mrs. Cantlon: Vejo ao seu lado um homem pré-histórico. Um negro — baixo e atarracado. Há um "George" no mundo espiritual. Vejo um homem idoso com uma longa barba e solidéu. Erudito. Recebo a letra "A". (Pausa ligeira.) Conhece um "Douglas"?

H.D.B.: Não.

Mrs. Cantlon: Recebo "Eva".

H.D.B.: Não a consigo identificar.

Mrs. Cantlon: Passará por dificuldades nos próximos três meses. Talvez vá à América no início do próximo ano — inesperadamente. O número cinco é o seu número. Conhece "Harry" ou "Larry"?

H.D.B.: Não.

Mrs. Cantlon: Vejo uma senhora baixa, gorda, redonda. É morena e tem o nariz curto. Conhece uma "Lily"?

H.D.B.: Não.

Mrs. Cantlon: Devo dizer-lhe que, quando entro em transe, o meu guia chama-se "White Chief".

Às 18h22, a "médium" deu uma ou duas respirações profundas mas perfeitamente normais, e entrou em estado de transe. Manteve os olhos fechados até ao final da sessão. A sua condição, voz e atitude pareceram-me perfeitamente normais, não tendo qualquer semelhança com os variados estados de transe que observei noutros médiuns.

Mrs. Cantlon: Boa noite. Sou "White Chief". Vejo um mar tempestuoso. Tem ansiedade relacionada com negócios. Deve ir com calma durante seis luas. Em Março há uma zona de luz.

Tudo isto foi dito com voz muito alta, exatamente igual à voz de Mrs. Cantlon, mas usando toda a capacidade pulmonar. Foi dito em inglês macarrónico. Ao fim de um minuto, o "pidgin-English" do guia "White Chief" evoluiu para um inglês mal articulado como o que uma atriz amadora poderia usar ao tentar representar uma personagem francesa. Mrs. Cantlon prosseguiu com mais algumas tentativas de previsão, semelhantes às que se recebem de uma cartomante numa feira.

Mrs. Cantlon: Recebo os nomes "Annie" — "Mary".

H.D.B.: Consigo identificar "Annie", mas não conheço nenhuma "Mary".

Mrs. Cantlon prosseguiu com uma descrição muito banal de "Annie". Como escrevi dois longos livros contendo comunicações de "Annie", isto, evidentemente, não tinha qualquer valor.

Mrs. Cantlon: "Annie" diz que está a escrever um livro. Está com a mãe dela. Uma senhora pequenina, cabelo branco, baixa. Ela menciona o jovem Dennis. Há uma vibração intensa na sala. Diz que o senhor (H.D.B.) tem tensão arterial alta. Há problemas nos rins e também na bexiga.
(Senti-me perfeitamente bem, e os meus médicos nunca encontraram tais sintomas.[1])

Mrs. Cantlon: Cuidado com o jovem Dennis. Há problemas nos pulmões e no peito. Está abaixo do peso. Fortaleça-o. Os nervos estão num mau estado. "A" diz que quer falar consigo sobre o lado literário. E quanto ao livro? Pergunta se tirou um livro da estante.

H.D.B.: Bem, tiro centenas de livros da estante em várias alturas.

(Pausa.)

Mrs. Cantlon: Diz que há um monte de papéis e manuscritos que deixou para trás. Começou a escrever algo e depois pôs de lado e deixou estar? Diz que tem de continuar.

H.D.B.: Não, nunca fiz isso.[2]

Mrs. Cantlon: Vejo um grande sucesso para o livro que está nas mãos do editor. Eu não o publicaria antes do Natal, porque o estado do mundo está mau. Publique no Ano Novo. "Annie" está a balançar o corpo para a frente e para trás. Diz que está indeciso e que será um grande sucesso.[3]
Há aqui uma senhora pequena — recebo o nome — Fell — Fell — Fell — Fell — Scratch — Scratch — Scratch.

H.D.B.: Isso é muito interessante. Conheci Felicia Scatchard. Pode perguntar-lhe quando e onde falou comigo pela última vez?

Mrs. Cantlon: Falou consigo através de um tubo.[5]

H.D.B.: Receio que Felicia Scatchard tenha cometido aqui um erro, pois nunca me falou através de um tubo, quer numa sessão de "voz direta", quer por telefone enquanto estava neste plano.

Notas:

[1] Como o meu filho, Dennis Anthony Bradley, tinha estado em casa com uma ligeira indisposição durante alguns dias e tinha acabado de conhecer Mrs. Cantlon na minha casa, tendo tomado chá com ela, é claro que estava ciente de que ele estava temporariamente indisposto. Quanto às observações sobre os seus pulmões e peito — estes estão perfeitamente saudáveis — bem mais do que os comentários dela.

[2] Na verdade, nunca deixo nenhum trabalho de escrita por terminar. Não tenho nenhum manuscrito que tenha deixado por usar ou publicar.

[3] Tudo isto foram palpites seguros por parte de Mrs. Cantlon, considerando o número de livros que escrevi nos últimos anos. Curiosamente, no entanto, na altura desta sessão não tinha absolutamente nenhum novo trabalho literário nas mãos do editor; nem tinha escrito uma única linha de qualquer novo manuscrito.

[4] Felicia Scatchard era uma espiritualista e investigadora psíquica bem conhecida, e o nome é familiar a todos os médiuns. Faleceu há cerca de um ano.

[5] Este foi um palpite muito seguro, visto ser do conhecimento geral que realizei bastantes experiências em sessões de "voz direta", onde se usam

megafones luminosos, através dos quais alguns espíritos inexperientes manifestam as suas "vozes", porque ela nunca me falou através de um tubo, quer numa sessão de "voz direta", quer ao telefone enquanto estava no plano terrestre.

Mrs. Cantlon: Espere um momento. Vou perguntar-lhe novamente. Falou com ela através de "White Hawk"?

H.D.B.: Não. Nunca falei com ela através de "White Hawk".[1]

Mrs. Cantlon (novamente a "pescar" e tentando uma terceira vez): Ela diz que o conheceu com várias pessoas, numa festa — para conhecer alguém.

H.D.B.: Isso está correto.[3]

Mrs. Cantlon: Felicia tem uma mensagem para si. Está a ser formada uma equipa no mundo espiritual no início do próximo ano. O senhor (H.D.B.) trabalhará através dela quando escrever. "W" manterá a ligação. Recebo "W.A."

Felicia diz que sempre foi amiga do senhor.[4]

Vejo um homem de estatura média. Quarenta ou mais. Forte. Ombros largos. Olhos azuis bonitos. Nariz reto. Bem constituído. Queixo quadrado. Recebo o nome "Warren". Bastante jovial — esfregando as mãos.[4] Warren diz que tem estado deprimido. As coisas melhorarão no início do Ano Novo. Diz que acabou de escrever um livro. Pode sair pouco antes do Natal.

H.D.B.: Isso é muito interessante.[6]

[1] "White Hawk" é o guia de Mrs. Barkell. Mrs. Barkell é uma médium vidente em transe, íntegra, através da qual tive algumas sessões com valor probatório. "White Hawk" é bastante conhecido nos círculos psíquicos.

[3] Não há aqui qualquer valor evidencial, pois nos círculos psíquicos realizam-se muitas festas e encontros, aos quais se é frequentemente convidado para conhecer certas pessoas.

[4] Isto é absolutamente incorreto. Apenas encontrei Miss Felicia Scatchard uma ou duas vezes na vida.

[5] Uma parte desta descrição aplica-se a Warren Clarke — personagem que aparece nos meus livros. A outra parte é uma adaptação muito fraca, desajeitada e incorreta.

[6] As minhas respostas às mensagens e perguntas foram sempre perfeitamente cordiais ao longo de toda a sessão. Importa notar que, nas raras ocasiões em que conheci Mrs. Cantlon anteriormente, ela perguntou-me sobre o trabalho que estava a realizar. Contudo, faço sempre questão de nunca discutir o carácter de qualquer trabalho literário em que esteja envolvido. Estava, por isso, completamente segura ao assumir que se tratava de um livro e que seria naturalmente publicado em breve, mas na realidade estava redondamente enganada porque — o que ela não sabia — tratava-se de uma peça escrita em colaboração. As suposições de Mrs. Cantlon foram lógicas. Os factos, porém, desfavoreceram os seus palpites.

Mrs. Cantlon: Recebo Alemanha. O que tem feito na Alemanha?[1]

H.D.B.: Estou interessado na Alemanha. Pode dar-me alguma informação sobre as sessões na Saxónia?

Mrs. Cantlon: As sessões têm sido consideravelmente melhores e mais adiante serão ainda melhores.[3] [4]

Mrs. Cantlon: Recebo uma atmosfera pesada entre os participantes. O que andaram a fazer com uma ardósia?

H.D.B.: Não recebi os relatos mais recentes. Talvez possa dizer-me o que andaram a fazer com a ardósia.

Mrs. Cantlon: Vejo uma ardósia. Estiveram a usar uma ardósia.

H.D.B.: Não sei.[3]

H.D.B. (dando uma pista a Mrs. Cantlon, como teste): Pode dizer-me como está o John?

Mrs. Cantlon (claramente a "pescar"): Onde está ele? Neste país?

H.D.B.: Não. Não está neste país.

Mrs. Cantlon: Não há nada de particularmente importante a comunicar. Foi uma primeira tentativa. Depois será muito melhor. John está fora do seu

elemento porque era um grupo muito misto. As sessões começaram fracas. Depois melhoraram e terminaram bem. A mistura de nacionalidades não é boa para as vibrações.*

Recebo "George". Ele não tem estado bem. Há um problema na garganta com tensão constante. Provavelmente receberá notícias dele por volta do Natal. Tem andado nervoso ultimamente.[5]

H.D.B.: Pode dizer-me mais alguma coisa sobre o John?

[1] Como uma série de artigos sobre certas das minhas experiências na Alemanha tinha sido publicada nos jornais ingleses, esta indicação é facilmente compreensível. Sabendo que esses registos tinham sido publicados e estando em contacto próximo com certas pessoas na Alemanha, a conversa mudou imediatamente para acontecimentos recentes, dos quais Mrs. Cantlon não tinha conhecimento.

- Isto está absolutamente errado, pois foi conduzida uma série de sessões muito bem-sucedidas em privado. Apenas eu sabia disto, e recentemente essas sessões não tinham sido tão bem-sucedidas como antes.

[3] Na verdade, a mediunidade com ardósias é usada na América e noutros países, mas nenhuma ardósia foi alguma vez usada nas sessões a que me referi.

[4] Tudo isto é um completo disparate, sem qualquer aplicação.

[5] Não conheço nenhum "George", exceto George Valiantine — o médium americano — e uns dias antes desta sessão recebi uma carta dele dizendo que estava de excelente saúde. É um assunto relevante pois poderei contar-lhe o que foi dito hoje.

Mrs. Cantlon: Ele é moreno?

H.D.B.: Não.[1]

Mrs. Cantlon: Eva — quem é? Está ligada a si?

H.D.B.: Não creio. Não conheço nenhuma Eva.

Mrs. Cantlon: A irmã de Warren está com ele?

H.D.B.: Não sei.

Mrs. Cantlon: Recebo o nome Hilda. Conhece Hilda?

H.D.B.: Não.

Mrs. Cantlon: Conhece Maud?

H.D.B.: Não.

Mrs. Cantlon: Vejo uma senhora idosa. Tem um nariz grande, mas é baixa e magra. Está ligada a John.

H.D.B.: Não posso confirmar se isso é verdade ou não.

Mrs. Cantlon: Conhece Emily? Ou Emma?

H.D.B.: Não.

Mrs. Cantlon: A senhora idosa pode ser a avó de John. Está com ela um homem alto e loiro.[2] Recebo "David".
Conhece algum David?

H.D.B.: Não — não conheço nenhum David.

Mrs. Cantlon: O John vem para este país?

H.D.B.: É bem possível.

Neste ponto, farto do terrível fiasco desta sessão e da pesca contínua de nomes aleatórios, tentei conduzir a conversa noutro sentido, fazendo uma pergunta direta.

H.D.B.: Pode perguntar agora ao Warren como está o irmão dele?

Mrs. Cantlon: Teve problemas no estômago? Foi operado?

H.D.B.: Que eu saiba, não.

Mrs. Cantlon: Há risco de apendicite — indigestão — má circulação. Ele não gosta de médicos e evita-os.[3]

Mrs. Cantlon: Recebo o nome Dicks ou Dixon.

H.D.B.: Conheço um Dixon. Na verdade, conheço dois jovens encantadores com esse nome.

Mrs. Cantlon: Está relacionado com negócios?

[1] Mrs. Cantlon prosseguiu então com uma descrição extremamente vaga de John, perguntando de tempos a tempos: "Está correto?" Eventualmente desistiu.

[2] Seguiram-se mais descrições vagas de pessoas aleatórias.

[3] Tudo isto é um completo disparate. Os factos tornam claro que se trata apenas de palpites ridículos.

H.D.B.: Não creio. Pelo menos, por agora, não.

Mrs. Cantlon: Está bem. Quero alertá-lo.[1] Warren diz: pode dizer ao irmão dele que deve procurar aconselhamento. É gástrico.[2] Warren ficou muito contente com o bebé.

H.D.B.: Fico satisfeito com isso.[3]

Mrs. Cantlon: A mãe dele ficou muito contente. A mãe dele não está muito bem.[4]

Mrs. Cantlon: Recebo o nome Joan. Conhece alguma Joan?

H.D.B.: Sim, conheço a Joan.

Mrs. Cantlon: É jovem?

H.D.B.: Sim, é jovem.

Mrs. Cantlon: Está no plano terrestre?

H.D.B.: Sim. Tem alguma mensagem para ela?

Nenhuma resposta foi dada à minha pergunta.

Mrs. Cantlon: Recebo Lily. Conhece alguma Lily?

H.D.B.: Não, receio que não.

Mrs. Cantlon: É um dos seus Guias. Está ligada a si. Pertence à sua família. Foi uma criança nado-morta.

H.D.B.: Foi uma criança nado-morta da minha mãe?

Mrs. Cantlon: Sim. Não tinha conhecimento disso.[5]

Mrs. Cantlon: Recebo Norman. Conhece algum Norman?

H.D.B.: Sim, conheço Norman.

Mrs. Cantlon: Está no mundo espiritual?

H.D.B.: Não. O Norman que conheço está vivo e bem de saúde.

H.D.B. (tentando aliviar a monotonia mortal): Se o Warren está presente, pode perguntar-lhe se sabe algo sobre as sessões na Saxónia?

Mrs. Cantlon: Lieders. (Pensei que poderia ser o nome de alguns amigos da minha cunhada na Saxónia.)

[1] Isto foi ridículo.
[2] Esta afirmação foi completamente errada e absurda.
[3] Há muitos bebés a nascer entre os membros de uma família, mas curiosamente esta observação não pode aplicar-se a Warren.
[4] Tanto quanto sei, a mãe de Warren não tem qualquer motivo para estar interessada em qualquer bebé. Embora a mensagem possa parecer segura — visto que avós geralmente se interessam por vários netos — neste caso estava totalmente errada.
[5] Mrs. Cantlon poderia considerar seguro afirmar isto, mas a minha mãe, por quem tinha grande afeto, falava comigo abertamente e teria certamente contado qualquer incidente deste género, se tivesse ocorrido.

H.D.B.: Isso é interessante. Pode dizer-me algo mais sobre eles?

(Pequena pausa.)

Mrs. Cantlon: O que andaram a fazer lá? As forças estão dispersas.

H.D.B.: Gostaria de saber algo mais sobre os Lieder. Pode ser útil. Pode dizer-me mais alguma coisa?

Mrs. Cantlon: Lieder — estão no plano terrestre?

H.D.B.: Sim.

Mrs. Cantlon: Mudam muito de consulentes.[1]

H.D.B.: Pode dar-me algum dado com valor probatório numa mensagem que eu possa enviar-lhes?

Nenhuma resposta.

H.D.B.: Pode dizer-me se o Warren ouviu alguma novidade da América?

Mrs. Cantlon: O Warren diz que falou da garganta do George.

Esta resposta foi puro disparate.

Mrs. Cantlon: Houve alguma experiência elétrica aqui?[3]

Mrs. Cantlon: Lieder. Recebo esse nome com certeza.

H.D.B.: Pode soletrar?

Mrs. Cantlon: L-I-E-D-E-R.

H.D.B.: Não sei se está correto ou não. Vou verificar.

Mrs. Cantlon: Lieder é o médium?

H.D.B.: Não.

Mrs. Cantlon: Está ligado ao médium?

H.D.B.: Não tenho a certeza se esteve em sessão com eles.

Mrs. Cantlon: Sentaram-se numa sala de tamanho médio com painéis. Estão pessoas sentadas à volta de uma mesa e há uma ardósia. Sim, há uma ardósia. É mais mental do que físico. Uma pessoa senta-se na extremidade, numa cadeira de costas altas, numa sala escura. Há um espírito chinês com vestes amarelas — Lang Che. Há correntes cruzadas. Tiveram quatro sessões — não muito bem-sucedidas.*

Há aqui um homem muito grande. Tem olhos e cabelo escuros. Recebo o nome Jack. Conhece algum Jack?

H.D.B.: Não.

[1] Completamente incorreto.

- Presume-se que Mrs. Cantlon se referia à minha sala de sessões: mas não houve qualquer experiência lá.

- Todos os detalhes dados como descrição são absolutamente disparatados do princípio ao fim. E "Lieder", mal soletrado, nada tinha a ver com sessões.

Mrs. Cantlon: Recebo o nome Robinson ou Robertson. Conhece?

H.D.B.: Conheci um Robinson.[1]

Mrs. Cantlon: Teve um acidente de carro. Conheceram-se num jantar.

H.D.B.: É possível que sim.

Mrs. Cantlon: Conhece algum Hugh?

H.D.B.: Conheço um ou dois Hughs.

(O assunto não foi prosseguido.)

Mrs. Cantlon: A Annie está aqui. Diz que está desiludida com algo. Não valeu o trabalho que teve.[2]

Mrs. Cantlon: Cuide do peito do rapaz. Não acredite quando dizem que ele não tem nada.

(Seguiu-se uma pausa, um silêncio de procura.)

Mrs. Cantlon: Teve algum cano rebentado?

H.D.B.: Não. Ocasionalmente tenho problemas com canos em várias partes da casa, como acontece com frequência. Isto é comum numa casa com cinquenta anos.

(O assunto foi abandonado.)

Mrs. Cantlon: A Annie diz que será convidado para discursar num grande jantar.[3]

A sessão entrou então num novo silêncio, após o qual Mrs. Cantlon disse que a força estava a desaparecer, e terminámos.

Este relatório é retirado das minhas notas textuais, de forma completamente imparcial. Foi necessário omitir muitas das perguntas variadas feitas, pois, se fossem publicadas, apenas aborreceriam ainda mais o leitor. Considero esta

uma das sessões mais insatisfatórias e duvidosas com uma médium vidente que alguma vez realizei.

Algum tempo depois desta experiência, a minha secretária, Miss Baylis, marcou uma sessão com Mrs. Cantlon sob um nome falso. Os métodos usados foram exatamente os mesmos. Verificou-se a habitual "pesca" e encadeamento de perguntas. Foram fornecidas listas de nomes, nenhum dos quais pôde ser corretamente identificado.

[1] Na verdade, não vejo o Robinson a que me referi há quinze anos. Embora Robinson seja um nome bastante comum, não me lembro de ter conhecido muitos.

- Mais disparates.
  [1] Recebo vários convites para grandes jantares, a maioria dos quais recuso, por isso uma afirmação deste género não tem qualquer valor.

CAPÍTULO VII

MRS. SCALES, MÉDIUM VIDENTE

Métodos de marcação de sessões — Participantes desconhecidos da médium — A experiência de um escandinavo — Um assassinato na África do Sul — Um aviso — O acidente de automóvel — Sessão de Miss Fay Compton — Comunicações com valor probatório — Sessões de Miss Baylis — Notas volumosas — Alguns excertos.

No meu livro *"A Sabedoria dos Deuses"* registei duas sessões que tive com Mrs. Scales, médium vidente e claraudiente, que foram excecionalmente boas e com valor probatório.

Em consequência da minha experiência com ela, recomendei Mrs. Scales a vários participantes, que também obtiveram bons resultados. O método que adotei invariavelmente foi o de marcar a primeira sessão de forma anónima; sendo assim, como é impossível que a médium saiba os nomes ou qualquer informação sobre os participantes, todas as comunicações que surjam têm valor autêntico. Os resultados, naturalmente, variam consideravelmente, mas alguns foram notáveis.

Por exemplo, um cavalheiro escandinavo, residente há vários anos na África do Sul, procurou-me pedindo ajuda para encontrar uma boa médium, pois, apesar de não ser espiritualista, tinha lido os meus livros e desejava experimentar, já que certos acontecimentos importantes tinham ocorrido recentemente na sua vida. Quais eram esses acontecimentos, não mencionou. Era um homem extremamente inteligente e, quanto ao tema, confessou-me francamente que não conseguia deixar de sentir ceticismo.

Teve uma sessão com Mrs. Scales e visitou-me posteriormente. Informou-me então de que o motivo pelo qual desejava particularmente entrar em contacto com uma médium era que a sua esposa tinha sido recentemente assassinada de forma misteriosa na África do Sul e que o assassino não tinha sido descoberto.

Disse-me que tinha recebido comunicações espantosas, alegadamente vindas da sua esposa. Através de Mrs. Scales, a sua casa e quinta na África do Sul, bem como a posição exata e o panorama do quarto onde a sua esposa foi assassinada, foram-lhe descritos com pormenor. Também foi descrita a posição exata em que o corpo da esposa foi encontrado, e foi feita a afirmação de que ela tinha sido morta a tiro por um homem negro, empregado numa quinta vizinha. Todos os detalhes foram por ele confirmados como corretos, com exceção, naturalmente, do homem negro referido como o autor do crime — o que, disse ele, era perfeitamente lógico, embora sem provas.

Outro caso foi o de um jovem — residente na Austrália — que me procurou em Londres, dizendo que tinha perdido recentemente a mãe. Era filho único e profundamente afetuoso com ela. Enviei-o anonimamente a Mrs. Scales e, uma semana depois, veio dizer-me que tinha tido uma sessão notável, na qual recebeu o que considerava serem muitas comunicações com valor probatório, e que no fim da sessão a sua mãe o avisara de que, sob nenhum pretexto, deveria sair do seu apartamento no domingo à noite seguinte; devia lá permanecer e dedicar-lhe os seus pensamentos. Contou-me que ficou algo surpreso com o facto de ela especificar essa noite em particular, insistindo que isso era necessário para o seu bem.

Nesse domingo em questão, tinha estado a fazer um passeio de carro com dois amigos, que o convidaram para jantar num hotel a alguns quilómetros da cidade. Normalmente, teria aceite com gosto, mas lembrando-se da

mensagem tão enfática, inventou uma desculpa e voltou para casa. Os dois amigos jantaram juntos, e, no regresso a Londres, sofreram um acidente de carro no qual um morreu e o outro ficou gravemente ferido.

Pessoalmente, não acredito em previsões nem partilho da teoria da predestinação. Relato apenas este incidente porque as circunstâncias foram peculiares.

Noutra ocasião, marquei uma sessão com Mrs. Scales e levei comigo Miss Fay Compton. Mrs. Scales não sabia previamente que eu seria acompanhado por Miss Compton. É claro que pode tê-la reconhecido, mas não a apresentei pelo nome.

Combinei com Miss Compton que, se a sessão mostrasse sinais de sucesso e comunicações pessoais surgissem, após a introdução inicial eu sairia da sala para que ela continuasse sozinha.

Levei comigo um bloco de notas e, quando Mrs. Scales entrou em transe, tomei apontamentos literais.

Após algumas frases introdutórias do guia "Chloe", as comunicações passaram a ser dirigidas a Miss Compton e vieram na primeira pessoa, de Harry Pelissier (seu antigo marido).

Durante os primeiros quarenta e cinco minutos, tomei cerca de uma dúzia de páginas de apontamentos. Todas as comunicações eram pessoais e íntimas para Miss Compton, e, na minha opinião, tinham um valor probatório evidente. Foram discutidos assuntos privados dela, decisões futuras das quais eu certamente não tinha conhecimento e, estou seguro, a médium também não.

A meio da sessão sugeri a Miss Compton que, dado o carácter íntimo das comunicações, deveria continuar sozinha, e que eu aguardaria noutra sala.

A sessão durou cerca de uma hora e três quartos, e depois discutimos os pontos mencionados. Entreguei-lhe as folhas de notas que tomei. Na minha opinião, foi uma sessão com valor probatório, pois foram demonstrados conhecimentos muito específicos por parte do comunicante sobre os acontecimentos discutidos, e algumas previsões feitas concretizaram-se posteriormente.

Alguns meses depois, a minha esposa teve uma sessão com Mrs. Scales, na qual foram abordados vários assuntos pessoais e domésticos. No final, o guia disse que Pelissier estava presente e que queria que "Mabel dissesse a Herbert que Fay lhe estava a escrever nesse dia." Foi uma informação espontânea, fora do conhecimento tanto da médium como de Mrs. Bradley. Cerca de uma semana antes, tinha escrito uma nota sem importância a Miss Compton sobre assuntos teatrais, que não exigia resposta. Mrs. Bradley não sabia dessa carta, e na manhã seguinte à sessão recebi uma carta de Miss Compton, enviada de Leeds, onde ela estava em digressão.

Relativamente à minha experiência pessoal com vidência, tem-se tornado cada vez mais difícil obter novos pontos probatórios, pois a maioria das médiuns conhecidas leu os meus livros psíquicos, e pode argumentar-se que possuem assim conhecimento prévio dos meus comunicantes. Por isso, com o objetivo de obter novos pontos com valor probatório, considerei interessante organizar algumas sessões anónimas para a minha secretária, Miss Q. Baylis, que conseguiria registar tudo em taquigrafia, palavra por palavra. Tomei todas as precauções necessárias para que as médiuns não soubessem quem ela era e, como já tinha enviado outros participantes sem ligação comigo, anonimamente, nenhuma das médiuns teria forma de saber que Miss Baylis estava ligada à minha atividade pessoal ou profissional.

A primeira experiência foi feita com Mrs. Scales a 11 de Novembro de 1927. As notas literais dessas sessões somam dezenas de milhares de palavras. É, portanto, necessário resumir e condensar ao mínimo.

Só posso dar aqui uma ligeira indicação da primeira sessão anónima com Mrs. Scales.

Nas extensas notas literais, mais de 99% correspondem a nomes e comunicações espontaneamente fornecidas pela médium, e menos de 1% a perguntas cuidadosamente formuladas e ponderadas pela consulente.

A médium entrou em transe em menos de três minutos, e o seu guia "Chloe" falou.

"Chloe" começou com uma descrição correta da personalidade da consulente e depois:

Chloe: Sobe muitos degraus e depois um degrau? E há uma porta dentro de outra porta?

Esta é uma descrição exata do apartamento onde vive Miss Baylis.

Chloe: Chamam-lhe secretaire? Ah, já sei, tem um grande massa branco.

Deve mencionar-se que "Chloe" é uma rapariga indiana e, por vezes, usa o vocabulário da sua tribo. Aos homens refere-se sempre como "massas".

Chloe: Esse é o massa com a senhora bonita, Annie... as outras pessoas no seu plano não o compreendem...

Seguiu-se aqui uma descrição correta de traços do meu próprio carácter e, uma vez que esta sessão foi anónima, deve considerar-se o facto de que, quase de imediato, o guia afirmou: "És secretaire?" Houve um reconhecimento directo desde o início, seguido por referências decididamente inteligentes a H.D.B.

Chloe: Quando é o teu aniversário? Ah, já sei — estás quase a meio.

Esta afirmação espontânea é totalmente correta. A sessão teve lugar em Novembro, e o aniversário da consulente é em Junho. Não há razão alguma para crer que a médium pudesse saber esse facto.

Seguiu-se uma descrição excecionalmente boa do trabalho secretarial de Miss Baylis em ligação com os meus escritos, e uma previsão mais ou menos lógica de trabalho futuro, que pode ser considerada com valor probatório.

De 1927 a 1931, Miss Baylis teve sete ou oito sessões com Mrs. Scales. Sem exceção, essas sessões foram boas. Em contraste refrescante com certas outras sessões, as respostas às perguntas foram consistentemente inteligentes, houve bastante material com valor probatório, e foi fornecida uma quantidade considerável de informação pessoal sobre mim e o meu trabalho literário, tudo perfeitamente correto.

Como já disse, foram tomadas notas literais em todas as sessões, mas é obviamente impossível reproduzi-las aqui — terei de me limitar a alguns pontos mais marcantes e probatórios. Quero sublinhar que todas as afirmações foram voluntárias — não houve qualquer rodeio inicial ou "pesca".

Foi feita referência a uma viagem ao estrangeiro que eu planeava. Na verdade, fui a Oslo; isto estava totalmente fora do conhecimento da médium.

Todos os nomes mencionados foram voluntários; datas de aniversários foram dadas, e os itens de interesse puramente pessoal estavam todos corretos.

Foram fornecidos alguns pormenores curiosos — posteriormente confirmados — sobre desonestidade e pequenos furtos no meu local de trabalho. Numa sessão, foi transmitida informação considerável sobre o meu filho, que na altura não estava bem. O diagnóstico foi correto e estava completamente fora do conhecimento da médium ou da consulente.

Na última sessão que Miss Baylis teve, a 5 de Março de 1931, foram referidos assuntos pessoais através do seu pai, e, em particular, os planos em relação a uma visita planeada a Itália para visitar uma amiga pessoal — visita essa que teve lugar algumas semanas depois — foram amplamente discutidos. Pedi a Miss Baylis que colocasse algumas perguntas discretas sobre Valiantine. As respostas não foram particularmente reveladoras, e foram algo vagas, mas foi feita referência a certos incidentes desagradáveis mencionados noutro capítulo, e afirmou-se que os espíritos pessoais ligados a mim estavam a manter a porta fechada.

Enquanto estava em transe, Mrs. Scales falou italiano — isto, em referência à visita planeada de Miss Baylis.

Foram também dados alguns pontos com valor probatório por parte do pai de Miss Baylis. Nessa sessão referiu-se a um cachecol — que ele tinha oferecido à mãe dela. Ao confrontar a mãe com essa informação, Miss Baylis descobriu que esse foi o último presente que ele lhe deu antes de morrer — um facto desconhecido da médium e da própria consulente.

CAPÍTULO VIII

OS ESCRITOS AUTOMÁTICOS DE MRS. HESTER DOWDEN

Mrs. Dowden — Comunicações de Johannes — Uma sessão extraordinariamente bem-sucedida — Nomes com valor probatório desde o

início — Iniciais corretas — Prova confirmada — Nome fornecido espontaneamente.

No meu livro *"Towards the Stars"* registei em detalhe várias discussões filosóficas que tive com "Johannes", o guia de Mrs. Hester Dowden.

Mrs. Dowden é filha do falecido Edward Dowden, Professor de Literatura Inglesa, autor de uma biografia clássica de Shelley, investigador psíquico e estudiosa de Shakespeare.

Mais tarde, recebi comunicações de "Johannes" através da "voz direta", registadas no meu segundo livro sobre temas psíquicos, *"The Wisdom of the Gods"*, juntamente com registos das comunicações recebidas deste guia por meio da escrita automática de Mrs. Dowden.

Na minha opinião, Mrs. Dowden é uma das melhores médiuns do mundo, embora os meus estudos com ela tenham sido inteiramente no plano filosófico. Contudo, por vezes, recebeu comunicações notáveis e, ultimamente, desenvolveu bastante o lado probatório das comunicações pessoais.

Foi marcada uma sessão anónima por telefone, e na sexta-feira, 21 de Fevereiro de 1929, a minha secretária, Miss Baylis, teve uma sessão com ela.

Todas as comunicações foram transmitidas através de escrita automática por Mrs. Dowden, e esses documentos estão na minha posse. No que toca a nomes fornecidos espontaneamente e comunicações com valor probatório, a sessão foi excecionalmente bem-sucedida.

Segue-se a transcrição literal das notas de Miss Baylis:

(Escrita Automática) com Mrs. Hester Dowden, em 15 Cheyne Gardens, Chelsea, na quinta-feira, 21 de Fevereiro de 1929, às 17h30.

Nota preliminar — É notável observar que, imediatamente ao iniciar-se a sessão, a primeira coisa que Mrs. Dowden escreveu foi "H.R.B." — as iniciais corretas do pai de Miss Baylis.

H.R.B.: Harry, teu pai, Queenie. Esperavas encontrar-me aqui ou não? Não vais escrever tu própria, pois não?

Mrs. D.: Diz o teu apelido.

H.R.B.: Não, isso estragaria a diversão toda. Pergunta-me no fim. Pensei que preferirias que eu não o dissesse, Queenie, não é verdade? Achei imensa piada ao facto de te terem enviado aqui.

Q.B.: Porquê?

H.R.B.: Foi uma grande surpresa para mim. Porque isto já não é muito o teu género, pois não?

Q.B.: Queres dizer porque estou a tentar desenvolver a "voz direta"? Talvez me possas dizer algo sobre isso.

H.R.B.: Ainda não há energia suficiente. Está a crescer, mas ainda não nesse sentido. A verdade é que tens muitos dons e em tantas direções diferentes que acabam por se dispersar. Quando os conseguires canalizar todos num só sentido, não haverá mais problemas. Vou dizer-te o que ajudaria. Se conseguires outra pessoa, e alguém que se possa chamar de "pesado", talvez isso faça avançar as coisas.

Q.B.: Tens alguém a sugerir?

H.R.B.: Isso não é fácil. Terás de procurar alguém.

Q.B.: O que queres dizer com "pesado"?

H.R.B.: Alguém que possa transmitir energia abundantemente. Alguém que possa realmente ajudar-te.

Mrs. D.: Quem é o médium?

H.R.B.: Queenie. Mas o problema, até agora, é que ela não tem ninguém aí que a ajude materialmente. Isso é algo que está mesmo a faltar. Queenie, não mistures as coisas. Sê muito clara quanto a isso. Todo o teu trabalho até agora tem sido uma mistura. Mas vai chegar, filha; não deixes que nada te desanime. É preciso um bom médium de voz, e tu serás quem o encontrará.

Q.B.: O círculo está mal composto? Quantos devem ser?

H.R.B.: Cinco é melhor do que três. Tenta encontrar cinco. Atualmente, a situação é esta: a voz surgirá com o tempo, mas muito devagar assim. Tenta acelerar o rosto, se puderes. Ela — ou seja, D. — o problema dela é que retém a energia dentro de si, em vez de a canalizar para teu benefício.[1]

Q.B.: Estás sempre a mencionar Elizabeth. Quem é Elizabeth?

Mrs. D.: Ela era parente tua ou da tua esposa?

H.R.B.: Elizabeth — minha.

Q.B.: Foi há muito tempo?

H.R.B.: Sim, há algum tempo; não da minha geração, da anterior, do lado materno.

Mrs. D.: Tenho a impressão de que era irmã da tua mãe. Estou certa?

H.R.B.: Sim, olha para trás, ela está sempre comigo aqui.

Mrs. D.: Ela tem outro nome?

H.R.B.: Sim, os nomes dela são Elizabeth Anne.

Mrs. D.: Elizabeth está aqui?

H.R.B.: Sim, mas não quer falar ela própria.

Mrs. D.: Qual é a nacionalidade dela?

H.R.B.: Irlandesa.

Mrs. D.: De que região é ela?

H.R.B.: É do Condado de Kerry.

Mrs. D.: Tens a certeza de que é do Condado de Kerry?

H.R.B.: Do sul do Condado de Kerry, diz ela — diz ela — sim, entre Cork e Kerry. Consulta o mapa, está certo. Lembra-te: irmã da tua avó, não da tua mãe. Ela e eu somos um pouco parecidos. Talvez tenha sido por isso que se ligou a mim.

Mrs. D.: É por isso que vem ter com a Queenie?

H.R.B.: Sim, tudo numa linha direta — ou talvez lhe chamasses linha torta. Vê bem: é irmã da minha mãe, depois o filho dela, depois a filha dele — todos da mesma "fornada".

H.R.B.: Hoje não há mais ninguém aqui, filha. Queres que venha mais alguém ou falamos de negócios por um momento? Por negócios, refiro-me ao trabalho que fizeste e ao que vais fazer. Vamos a isso? Agora, filha, desta vez

não haverá obstáculos[1] nem contratempos. Digo isto para te encorajar. Vai ser completamente diferente. Agora tudo está claro e a "voz", por mais lenta que seja, surgirá com certeza. Mas faz a mudança agora. Até agora, não houve nada digno de nota — apenas um ligeiro movimento — um sussurro aqui e ali — nada mais. Quando a voz começar realmente, não vais conseguir interromper, por isso procura já os outros, sê uma boa menina.

Q.B.: Estás a ajudar mais alguém?

H.R.B.: A Elizabeth insistiu em vir, e um homem que eu pensei que ajudaria, mas creio que sou eu quem pode fazer melhor o trabalho sozinho. O homem estava ligado a D. Até agora fiz todo o trabalho preliminar, e foi feito por mim.

Q.B.: Porque disseste que querias escrever?

H.R.B.: Porque queria registar tudo claramente em papel para referência, sem ter guias a empurrarem-me para fora.

Q.B.: O Johannes está aí?

Mrs. D.: Sim, está aí, mas está a manter-se de parte, pois há alguém à espera para falar contigo. Conheces esta senhora?

Johannes: Sim, bastante bem. Já estive com ela muitas vezes.

Q.B.: Ajudaste-me?

Johannes: Fiz o que pude em circunstâncias bastante difíceis. Creio que fui alguma ajuda, mas desde então tenho estado interessado nela e no seu trabalho. Posso oferecer-me para ajudar agora?

Q.B.: Ajudas com a voz?

Johannes: Com certeza. Tens um círculo algo fraco. O poder psíquico aí não se concentra, dispersa-se bastante e o número de pessoas não é suficiente para começar. Seria melhor ter cinco ou seis, se possível; depois, quando o trabalho estiver bem treinado, três serão suficientes. Ainda não começaste no verdadeiro sentido da palavra. Sabes que ainda não consegues emitir ectoplasma em quantidade suficiente.

Mrs. D.: Ela é a médium?

Johannes: Sem dúvida, e o ectoplasma está solto, mas ainda não flui livremente.

Q.B.: É necessário sentar-se na escuridão total?

Johannes: Mais tarde, não. Mas por agora, sim, é melhor. A voz pode ser produzida por qualquer médium desenvolvido, com luz vermelha fraca. Não, não afeta materialmente, mas com um círculo desenvolvido, reduziria ligeiramente o fenómeno. O teu círculo ainda nem começou, como disse, por isso não creio que o fogo interfira. Primeiro virão os assobios e os toques. Ambos surgem antes da voz. Digo-te isto: continua, muda o círculo, e eu ajudar-te-ei. Não posso fazer mais do que isso — e não deixes ninguém convencer-te de que não tens o dom, porque tens, com certeza.[1]

Pai Harry: Agora podemos levantar o pano? Disse-te que daria o apelido no fim.

Mrs. D.: É o teu apelido?

H.R.B.: O mesmo. Quero dar o nome dela.

Queenie Baylis. Queenie Baylis.

Mrs. D.: Com quem está ela ligada?

H.R.B.: Dennis Bradley. É a secretária dele.

(Assinatura) *Harry Baylis*.

Nota de H.D.B. — Como foi tomado o maior cuidado para marcar esta sessão de forma anónima, considero notável a evidência dos nomes e da identidade.

[1] As referências espontâneas ao fogo, aos assobios e aos toques estavam todas corretas.

CAPÍTULO IX

UMA EXPERIÊNCIA ANÓNIMA

Sessão marcada anonimamente — A mediunidade de Mrs. Garrett — Nomes dados espontaneamente — Boas provas pessoais — Nomes indicados desconhecidos da consulente — Referência correta a um cão.

No início de 1929, foi marcada uma sessão anónima para Miss Q. Baylis com Mrs. Garrett, médium vidente, no British College of Psychic Science. O que se segue é uma transcrição literal, registada em taquigrafia. No entanto, várias passagens foram cortadas devido à extensão. Todas essas passagens tinham carácter inteligível.

Em menos de um minuto, a médium estava completamente em transe.

Guia: Senhora, sou Uvani (?). Saúdo-a.

Que a paz esteja com o seu trabalho, com a sua vida, etc., etc. Estão aqui duas senhoras — uma criança pequena — e dois cavalheiros. Um dos cavalheiros é jovem — creio que partiu muito repentinamente; o outro é mais velho — faleceu depois da guerra. O mais jovem faleceu, não por causa da guerra, mas durante esse período. Há um traço celta forte em si — será do norte da Escócia?

Q.B.: Não — não tenho qualquer ligação com a Escócia.

Uvani: Então é do norte da Irlanda. Sim — é irlandês — isso está fortemente presente em si.

Q.B.: Sim — é possível.

Uvani: É por meio de uma senhora aqui — na Terra, ela não teria nada a ver com este assunto. Era muito firme, decidida — forte — determinada — profundamente religiosa. Teve uma vida difícil antes de falecer. Problemas nos intestinos. O cabelo é grisalho — mas antes teria sido muito escuro — era preto, mas ficou grisalho. Maçãs do rosto altas — aspeto distinto — aristocrático. Está muito próxima de si — dá o nome de Elizabeth.

Q.B.: Já me deram o nome "Elizabeth" em várias sessões.

Uvani: Ela dá-me o nome de Elizabeth Alice, ou Alice Elizabeth. Há alguma Mary ligada a ela?

É daqui que vem o forte traço celta. (Identificada posteriormente como irmã da mãe do meu pai.) Mary e Elizabeth estão intimamente ligadas pelo lado paterno. Uma geração anterior. A tua mãe lembra-se — ela mandou tirar

uma fotografia (de Elizabeth) quando esta tinha cerca de cinquenta anos — com um casaco. Está sentada com as mãos pousadas no colo. Elizabeth, de certa forma, era muito autoritária, mas muito corajosa.[1]

Uvani: Aquele cavalheiro tão difícil. Quero falar-te dele. Há uma senhora muito próxima dele aqui — ela vem ter contigo porque o conheces. Ela dá um nome estranho — Alerca — está aqui em espírito. Quer ajudar-te porque diz que tu poderias ajudar o homem.

Lembrei-me então que, numa sessão alguns meses antes, recebi uma mensagem para "C.R.A." do pai dele, e foi também mencionado que a mãe o acompanhava — dando um nome estranho, semelhante a Alerca, que eu não consegui decifrar. Mais tarde descobri que o nome da mãe era *Alberta*, mas isso tinha desaparecido completamente da minha memória. Isto confirmou uma sessão com Mrs. Scales, onde o nome me foi dado mas era-me totalmente desconhecido.

Uvani: Ele tem estado tão infeliz por vezes — verdadeiramente infeliz. Sabes, de uma forma estranha, ele conseguia falar contigo. Tem havido uma barreira muito difícil — querer isto, querer aquilo. Arrastar, puxar, forçar — influenciar.

Q.B.: Queres dizer uma má influência?

Uvani: Sim — má, muito má. Mas acho que essa influência está a deixá-lo. Ele quer recomeçar, se me entendes.[2]

(Seguindo de imediato) William está aqui. Homem com cerca de sessenta e cinco anos. Alto, postura ereta. Tipo militar. Nos últimos dois anos ficou muito debilitado. Ombros largos. Bigode. Rosto cheio. Ligado ao teu pai. Forte laço de amizade.[3]

(A continuar) O teu pai significava muito para ti. Um entendimento completo. Podiam estar juntos durante muito tempo em silêncio, mas compreendiam-se. Era um homem de grande carácter. Quem é o clérigo ligado ao teu pai? Ele mostra os paramentos brancos em volta do pescoço — e também roupas pretas.

Q.B.: Há vários — receio não conseguir identificá-lo facilmente.

Uvani: Era um grande amigo do teu pai, na juventude. Era um homem de espírito muito forte. Tem um rosto muito bondoso. Patilhas laterais — e uma pequena barba. Um sorriso largo e caloroso. Nariz reto e aquilino — boas mãos. Nos anos setenta. Avô — ombros largos e porte aristocrático. William não está ligado a ele, mas tem um John ligado a si. Tio John. Pode ter sido tio por casamento. Está com o teu pai.[1]

(Outra descrição do pai.) Quem é Jack? Está no plano físico. Está muito interessado no Jack.[3] A saúde dele não está muito boa — em breve terás notícias. Mencionou Maio — aniversário — nessa altura ele estará muito presente.[3] Está muito interessado nos teus quadros. Há alguma ligação com Itália quanto a esses quadros. São a óleo?

Q.B.: Não.

Uvani: Mas há certamente algo meio italiano ali.

Q.B.: Disseram-me há algum tempo que estava a ser ajudada por um artista. Sabes quem é?

Uvani: Yelascer.

Q.B.: Consegues soletrar?

Uvani: Não — mas esse é o som fonético. O teu pai está muito ansioso para que continues o trabalho.[4] Sabes, o teu pai falou contigo pela primeira vez numa sessão de "voz direta". Ele diz que não conseguiu falar muito tempo, a voz estava rouca — falou contigo através do trompete — fez o melhor que pôde.[5] Sabes que tens um "Harry" sempre contigo?

Q.B.: Não conheço nenhum Harry.

Uvani: Sim, conheces — não é o nome do teu pai?

Q.B.: Ah, pois é.

[1] Mary e Elizabeth, como descobri depois da sessão, eram os nomes da mãe do meu pai e da irmã dela — ou seja, a minha bisavó e a minha avó. Ambos os nomes próprios eram desconhecidos por mim e pela médium.
[2] Estas referências, embora pessoais, tinham carácter probatório.
[3] Este nome e descrição de uma personagem desconhecida para mim foram

verificados mais tarde por um familiar. Corresponde também à descrição dada por Mrs. Scales numa sessão anterior.
[1] Evidência pessoal correta.
[2] Nome do irmão do meu pai.
[3] O aniversário do meu pai era em Maio.
[4] Como distração, de tempos a tempos, tenho feito algumas tentativas com aguarelas.
[5] Evidência correta. A primeira vez que o meu pai comunicou comigo foi através de "voz direta" numa sessão com Valiantine, em Fevereiro de 1924.
[6] No momento, não me lembrei que o nome do meu pai era Harry.

Uvani: Foi uma brincadeira — ele está a apontar para si próprio. Diz que está sempre contigo. Annie ligou-se a ti — está a dar ajuda muito concreta. Já fez um excelente trabalho com outra pessoa conhecida tua. É uma grande senhora. É irmã de alguém ligado a ti. Conheces bem este senhor. Annie está a vir para te dar toda a ajuda e encorajamento que puder. (Pausa.) Quem é Kitty?

Q.B.: Conheço uma Kitty.

Uvani: Outra pessoa muito difícil. Tiveste tempos muito difíceis com ela. Passou por alguns problemas. Há aqui alguém ligado a ela. Uma senhora que lhe é muito devota. Diz que ela tem feito coisas totalmente erradas e que a deixam preocupada e infeliz. Ultimamente tem feito algumas mudanças — esta senhora está agora mais feliz. Queres passar a mensagem — esta senhora quer muito que a mensagem chegue até ela — foste uma ajuda importante para ela em certa altura.[1]

Uvani: Tens alguma ligação com Herbert?

Q.B.: Sim.

Uvani: Estão aqui em espírito a mãe dele, a irmã e o pai.[2] Estão muito interessados em ti.
E quem é Mabel? — têm interesse por ela. Parece ter passado por tempos difíceis. Tem contacto com Herbert? Sabes que ele tem causado algum distúrbio à sua volta. Sabes que ele entra demasiado depressa no combate e depois é mal visto. Ele tem poder, e esse poder passa para ti. Fez um grande

trabalho. O melhor está nos livros na tua estante. Fez muito bom trabalho — de valor universal. Os melhores esforços estão contidos nos primeiros quatro livros. Annie diz que acha que vais concordar com ela. Harry diz: tem mais fé nas imagens — acredita que estás a ser ajudada. Tens um irmão?

Q.B.: Não.

Uvani: Sim, tens — por afinidade — o marido da tua irmã.

Q.B.: Ah, sim, por afinidade.

Uvani: Ele vai fazer uma mudança — mais uma. Isso significa que vai melhorar. Graças a Deus por isso. A irmã não tem estado com muita saúde. Tentou mostrar coragem, mas não está particularmente bem neste momento. Quem é George? Diz à tua mãe...

- De natureza pessoal e probatória.
- Esta é claramente uma referência correta a H.D.B. e aos seus familiares.

George ainda se lembra. Wilson e Seymour — ligados a Bradshaw. Amigos![1]

Uvani: A tua mãe teve problemas de audição? Têm estado a cuidar dela nesse aspeto. (Audição fraca recentemente, mas melhorou desde então.) Fui encarregado pelo teu pai de falar contigo sobre o teu cãozinho. Aquele que partiu rapidamente. Está perfeitamente bem e queria que soubesses. Está com ele agora. Diz que teve de ser — foi abatido, não foi? E ele ficou tão feliz por poder reencontrar algo que lhe tinha pertencido na Terra.[2]

Nota de H.D.B.: Na minha opinião, esta sessão foi extremamente bem-sucedida e com forte valor probatório. A forma como os diversos nomes pessoais foram fornecidos de forma espontânea e livre pela médium é notável. Pode observar-se que a consulente, Miss Baylis, falou sobretudo com breves interjeições, e não forneceu qualquer pista que pudesse influenciar as comunicações. Uma sessão como esta contrasta nitidamente com os inquéritos sugestivos frequentemente feitos por médiuns pouco desenvolvidos ou fraudulentos.

[1] Confirmado pela minha mãe. Evidência totalmente correta. Todos estes nomes eram desconhecidos para mim à data da sessão.
[2] Evidência correta.

LIVRO II
VALIANTINE EM INGLATERRA, 1927

CAPÍTULO I
AS SESSÕES COM VALIANTINE EM 1927

Uma sessão em família — Conversa com valor probatório — Descrição dramática da morte no campo de batalha — O meu pai fala — Sessões de Lord Charles Hope com Valiantine — Valiantine doente — Resultados fracos — Outra sessão insatisfatória — Dezoito "vozes" manifestam-se — Más condições — Não participo — Everett chama-me da sala de sessão — Relato da Sra. Gavin — Relato de C.V.L. Hooman — Chinês, italiano e espanhol falados — Uma sessão mista — Pouca evidência — Um incidente curioso — Lord Dewar.

I
4 de Fevereiro de 1927

Após a série excepcionalmente longa de experiências conduzidas em 1925, sob a mediunidade de George Valiantine, que se prolongou de 13 de Fevereiro por dez semanas até 24 de Abril, cujos detalhes estão registados no meu livro *The Wisdom of the Gods*, houve um intervalo de dois anos antes de Valiantine voltar a visitar Inglaterra, em 1927. Nesta ocasião, Valiantine ficou hospedado comigo em Dorincourt durante cerca de quinze dias, após os quais foi passar cerca de um mês em casa de Lord Charles Hope, no seu apartamento em St. James's.

A primeira sessão em Dorincourt teve lugar a 4 de Fevereiro de 1927.

Nessa altura, grande parte do meu tempo estava ocupada com a escrita de *The Natural State*, cujo manuscrito eu me comprometera a entregar à editora numa data específica da primavera desse ano. Este livro era uma obra de ficção e não tinha qualquer relação com temas psíquicos. Nessa fase, não

tinha qualquer intenção de escrever novos livros sobre assuntos psíquicos, pois o tema estava a ocupar demasiado tempo, em detrimento de outros trabalhos que desejava realizar.

As notas breves que tomei das sessões realizadas em minha casa foram, por isso, muito abreviadas, contendo apenas o registo das várias "vozes" que se manifestaram.

A primeira sessão realizada com Valiantine após a sua chegada foi apenas em família. Estavam presentes: George Valiantine, eu próprio, Mrs. Bradley e o meu filho mais novo, Pat, então com dez anos, que, diga-se de passagem, já tinha tido considerável experiência com fenómenos psíquicos, tanto sob a mediunidade de Valiantine como com as experiências conduzidas no nosso círculo familiar, sob a mediunidade da minha esposa e minha.

Nesta sessão não foi usada música no gramofone. Os quatro dirigimo-nos ao meu escritório, e em menos de dois minutos surgiu a primeira "voz". O Dr. Barnett cumprimentou-nos, e a sua "voz" foi particularmente forte.

A sessão durou pouco mais de uma hora e, ao todo, manifestaram-se treze "vozes" diferentes e distintas.
Entre os Guias de Valiantine, para além do Dr. Barnett, manifestaram-se: Bert Everett (cunhado de Valiantine), Kokum, Honey (com o tom infantil que descrevi nos meus livros), Black Foot (um novo Guia de Valiantine, que falava com voz grave do centro da sala), que nunca antes tinha ouvido; Cristo D'Angelo (falando em italiano, e referindo-se à tradução italiana do meu livro *Towards the Stars — Verso Le Stelle*) e Pat O'Brien.

Pat O'Brien disse-me que vira frequentemente o meu pai, que falecera em 1925. A conversa com este Guia pode ser considerada com valor probatório, pois, entre outras coisas, perguntei-lhe se o meu pai sabia que eu tinha estado na Irlanda uns meses antes. Pat respondeu que sim; que o meu pai me tinha visto lá e que estivera comigo quando eu estive em Galway (nome mencionado espontaneamente). Pat acrescentou: "O teu pai diz: 'Porque é que não foste comigo antes?'" — o que está absolutamente correto, pois o meu pai sugerira, uma ou duas vezes antes de morrer, que eu fosse com ele à Irlanda.

Após esta conversa, ouviu-se um assobio agudo duas ou três vezes no círculo, e depois uma "voz" apresentou-se como Harold Howard. Disse que

fora morto na guerra: num avanço "sobre a trincheira". Contou que demorou pelo menos vinte minutos até perceber que tinha morrido. Durante esse tempo, embora o seu corpo estivesse caído no campo, continuou com o grupo atacante a pensar que ainda estava vivo. Depois percebeu que os outros já não o viam e voltou atrás, vendo o seu corpo caído. Descobriu então muitos outros espíritos à sua volta e, mais tarde, foi levado para um local de descanso.

Não consigo afirmar que reconheça este espírito chamado Harold Howard, mas menciono o episódio pela descrição tão vívida da experiência.

Depois, uma "voz" apresentou-se à minha esposa como "Tia Carrie". A conversa foi muito fluente, com muitas referências à sua irmã (a mãe da minha esposa), Mrs. Hunt, e os vários assuntos familiares discutidos tinham carácter probatório.

Warren Clarke (meu cunhado) falou durante algum tempo, referindo muitos assuntos sobre as suas filhas, Betty e Phyllis, cujos nomes — e muitos outros — foram corretamente mencionados. Referiu-se à sua esposa, que recentemente se voltara a casar. Falou do casamento de forma muito agradável, dizendo que estava completamente de acordo e que considerava que fora o melhor para ela.

A minha irmã, Annie, falou-nos durante bastante tempo. A conversa foi longa e fluente, com inúmeras referências familiares. Disse-nos que a Tia Agnes estava muito doente (o que era verdade), e esta parente faleceu pouco tempo depois. Referiu também a minha irmã Gertie, acrescentando com firmeza: "ela não vai sobreviver." A minha irmã Gertie morreu no ano seguinte. Antes de sair do círculo, Annie descreveu como tinha encontrado o meu pai (que tinha grande afeição por ela) após a sua morte. Disse-me que ele estava presente e que me iria falar.

Pouco depois, ouviu-se a "voz" do meu pai a dirigir-se a mim. Era, sem dúvida, a sua voz em todas as características. As primeiras palavras foram típicas da sua maneira direta de falar: "Herbert, o teu pai, Daniel Bradley."

A conversa que se seguiu comigo, com a minha esposa, com Pat (seu neto) e com Valiantine foi natural, fluente e cheia de provas da sua personalidade e conhecimento íntimo dos assuntos familiares. A voz ganhou força após o primeiro minuto. A entoação e o modo de falar eram idênticos aos que ele

tinha em vida. Não só deu vários pontos probatórios sobre a sua vida terrena, como também falou de acontecimentos da minha visita à Irlanda, mencionando Loch Rae, Connemara e outras localidades que eu visitara recentemente. Creio que ele mencionou esses locais especialmente por se tratarem de eventos ocorridos após a sua morte. Em vida, conhecera Valiantine uma ou talvez duas vezes. Considero significativo o facto de, durante a conversa comigo, com a minha esposa e com Pat, ter-se dirigido por duas ou três vezes a Valiantine, conversando com ele de forma fluente e rápida, terminando cada frase de modo que se encaixava nas respostas de Valiantine.

Esta foi uma sessão notável em termos de fenómenos, mas deve recordar-se especialmente que havia três médiuns presentes: Valiantine, a minha esposa e eu próprio; além disso, o quarto participante, Pat, possui, na minha opinião, consideráveis capacidades psíquicas — possivelmente até superiores às dos outros três presentes.

Sábado, 5 de Fevereiro de 1927

Nesta data, Lord Charles Hope — com quem se acordara que Valiantine passaria um mês da sua estadia em Inglaterra — teve a sua primeira sessão com Valiantine como médium. A sessão teve lugar após o jantar, e estavam presentes apenas quatro pessoas: Valiantine, Mrs. Bradley, eu próprio e Lord Charles Hope.

Ao fim de dois minutos, a "voz" do Dr. Barnett saudou-nos.

Lord Charles Hope tinha recentemente recebido da Austrália um instrumento chamado Shastaphone. Alegava-se que este instrumento fora concebido por comunicação psíquica e que representava uma melhoria relativamente aos trompetes e megafones usados em sessões de "voz direta".

O Dr. Barnett foi questionado sobre o Shastaphone e respondeu que o tinha examinado e que poderia ser experimentado. Aliás, importa referir que as experiências subsequentes com o Shastaphone não foram muito bem-sucedidas.

Vários Guias manifestaram-se: Bert Everett, Hawk Chief, Black Foot, Kokum e Pat O'Brien, que mantiveram várias conversas com os presentes no círculo. O

meu pai, Daniel Bradley, falou com todos e disse a Lord Charles Hope que tentara comunicar numa sessão privada realizada por ele. Fez uma referência espontânea a Glasgow.

Warren Clarke também falou com todos. A Lord Charles Hope foi feita uma referência à "Tia Mary" e um espírito, alegando ser o pai de Lord Charles, também lhe dirigiu a palavra.

Durante os intervalos entre as manifestações das "vozes", coloquei vários discos a tocar no gramofone. Em determinados momentos, alguns dos discos paravam de forma repentina e depois tocavam de modo estranho, em momentos inesperados.

Domingo, 6 de Fevereiro de 1927

Neste dia, Valiantine, que tinha chegado da América apenas uns dias antes, não se encontrava nada bem. Não conseguia comer e aparentava estar com problemas hepáticos. Apesar do seu estado, realizou-se uma sessão à noite, na qual estiveram presentes, além dele próprio, Mrs. Bradley, Mr. P. G. Wodehouse, Mr. Dennis Mackail e a Baronesa de Kakucs.

Depois de terem sido tocados alguns discos no gramofone, ouviu-se a "voz" do Dr. Barnett, com a habitual saudação breve.

Durante a noite manifestaram-se os seguintes Guias: Black Foot, que falou em quatro ou cinco ocasiões; Hawk Chief, que falou com voz alta e emitiu um grito de guerra; Kokum, que falou e depois fez rodopiar as trombetas luminosas no ar; Pat O'Brien, que conversou com cada um dos presentes — a sua "voz" circulando à volta do círculo — e Bert Everett, que disse apenas algumas palavras.

A trombeta luminosa foi levantada, e uma "voz" muito ténue tentou falar com Mr. P. G. Wodehouse, dizendo ser o seu avô. Contudo, esta "voz" era tão fraca que não foi possível estabelecer identidade.

Uma "voz", identificando-se como James Burnett, mencionou o nome Spragg, que desejava comunicar. James Burnett era desconhecido de Mr. Wodehouse, mas Spragg foi reconhecido como o nome de um amigo. Mais tarde, uma "voz" anunciando-se como Spragg surgiu, mas não foi nada clara nas respostas dadas às perguntas, conseguindo manter a conversa apenas por um breve período.

Uma "voz" falou com Dennis Mackail, mas também era indistinta e, uma vez mais, não foi possível estabelecer identidade.

Outra "voz" dirigiu-se a Mr. Dennis Mackail, afirmando ser o seu tio Phil; contudo, apesar de o nome ter sido dado, a conversa não continha quaisquer elementos com valor probatório.

Duas tentativas foram feitas por "vozes" para falar com a Baronesa de Kakucs, mas nenhuma delas conseguiu estabelecer identidade.

A "voz" de George Hunt dirigiu-se a Mrs. Bradley (sua filha) e falou com ela durante algum tempo. Referiu-se às suas pinturas (várias das quais se encontram penduradas em Dorincourt) e, em resposta a perguntas feitas, disse que continuava a pintar paisagens (a sua especialidade em vida). Mrs. Bradley perguntou-lhe se se lembrava de todas as pinturas que tinha feito em vida, ao que respondeu: "Sim — e lembro-me de alguns dos interiores que pintei." Esta conversa foi boa e com valor probatório, tendo sido dadas informações que apenas eram conhecidas por Mrs. Bradley e por mim.

Uma "voz", usando a trombeta luminosa, identificou-se como sendo a minha mãe. A "voz" era fraca, e após algumas frases tornou-se indistinta. Dirigiu-se a mim com carinho e disse que as condições lhe pareciam difíceis e diferentes do que esperava. Afirmou estar feliz e acrescentou que a minha irmã, Gertrude, não sobreviveria à doença. Disse também que Dan (seu marido) estava com ela.

A "voz" da minha irmã Annie falou connosco. Embora o tom fosse mais fraco do que o habitual, era claramente reconhecível.

Uma "voz", anunciando-se como William Archer, falou durante alguns segundos com Mr. Wodehouse e também comigo. Comentou o seu plano atual de existência e disse: "Do outro lado, a literatura continua." Afirmou que continuava a escrever. Fez referência à peça *The Green Goddess*, e ao modo como os escritores deste plano são ajudados por aqueles que estão no além.

No geral, esta noite foi algo fraca. Contudo, considerando o estado físico do médium, talvez os resultados tenham sido melhores do que seria de esperar.

Terça-feira, 8 de Fevereiro de 1927

Nesta sessão estiveram presentes: George Valiantine, eu próprio, Mrs. Bradley, Lord Charles Hope e Mr. E. Clepham Palmer, do *The Daily News*.

Foi uma sessão particularmente fraca.

Após três discos terem sido tocados no gramofone, ouviu-se a "voz" do Dr. Barnett, e mais tarde as "vozes" dos Guias de Valiantine: Black Foot e Hawk Chief, que falaram em tom elevado e emitiram gritos de guerra. Também Pat O'Brien, que disse algumas frases breves aos participantes, e mais tarde Honey, que falou a partir do chão. Cristo d'Angelo pronunciou algumas palavras em italiano.

Warren Clarke (meu cunhado) disse algumas palavras a mim e à minha esposa. Depois, uma "voz" identificando-se como Leila Marvin dirigiu-se a Lord Charles Hope, dizendo que também ajudava "MacDonell". Pouco depois, outra "voz" tentou manifestar-se, mas era tão incoerente que não se conseguiu perceber o que dizia.

No que toca à "voz" de Leila Marvin, importa referir que Lord Charles Hope tinha, antes desta ocasião, realizado experiências com alguns amigos, tentando obter o fenómeno da "voz direta" sem ajuda de qualquer médium exterior. Numa dessas experiências pessoais, ouviu-se uma "voz" sussurrante, dando o nome Leila Marvin e dizendo que era o seu Guia.

É também relevante mencionar que Mr. Noel Jaquin tinha igualmente feito experiências pessoais com amigos no âmbito deste fenómeno e obtido certos resultados. Em sessões privadas de Mr. Jaquin, uma "voz" identificando-se como MacDonell falou, dizendo-lhe (Noel Jaquin) que era o seu Guia.

Quinta-feira, 10 de Fevereiro de 1927

Esta sessão foi realizada no apartamento de Lord Charles Hope em St. James's Place. Estavam presentes, além de George Valiantine, Mrs. Bradley, eu próprio, Lord Charles Hope, a Condessa Ahlefeldt-Laurvig (esposa do Ministro Dinamarquês, referida em *The Wisdom of the Gods*) e Mr. e Mrs. Noel Jaquin.

Três trombetas luminosas foram colocadas no centro do círculo.

Antes de qualquer "voz" se manifestar, duas das trombetas foram erguidas e movidas pelo círculo.

Dos guias espirituais, cinco "vozes" distintas foram ouvidas em vários momentos: Dr. Barnett, Black Foot, Hawk Chief, Pat O'Brien e Cristo d'Angelo, este último falando em italiano.

Uma "voz", identificando-se como "K'ung-fu-T'zu" (o nome correto de Confúcio), falou em chinês com a Condessa Ahlefeldt-Laurvig. A "voz" falava o que poderia ser chinês antigo, mas a Condessa (que em tempos vivera bastante tempo na China) teve dificuldade em traduzir, conseguindo apenas captar algumas frases soltas.

Importa aqui referir que a "voz" de Confúcio já tinha, anteriormente, mantido longas conversas com o Dr. Neville Whymant, um distinto linguista e estudioso do chinês, em Nova Iorque.

Das "vozes" pessoais que se manifestaram, duas falaram com a Condessa. A primeira apresentou-se como Oscar (seu irmão), com quem manteve uma conversa (através da trombeta luminosa) em russo, mudando depois para francês. Uma "voz", afirmando ser a sua mãe, também teve uma breve conversa com ela. Durante esta manifestação, a trombeta foi usada de forma particularmente delicada, movendo-se com suavidade e ternura.

Quatro diferentes "vozes" espirituais dirigiram-se brevemente a Lord Charles Hope — uma afirmando ser o seu pai, embora, tanto quanto pude perceber, nada de carácter probatório tenha sido voluntariado. A segunda foi "Leila Marvin", a voz que já se lhe havia manifestado dois dias antes. Outra apresentou-se como "May", falando-lhe num tom infantil. Pode referir-se aqui que "May" já havia tentado comunicar em anteriores sessões pessoais de Lord Charles Hope. A quarta "voz" identificou-se como "Fleet Foot" e afirmou ser um dos que se tinha ligado ao círculo de Lord Charles Hope.

Três "vozes" dirigiram-se a Noel Jaquin, uma apresentando-se como "Macdonell" — o Guia referido na sessão de 8 de Fevereiro. Outra apresentou-se como "Mandariu". Pelo que entendi, tratava-se de outro "Guia" que já se havia manifestado por vezes nas sessões pessoais de Mr.

Jaquin. A terceira deu o nome de "Basil". Acredito tratar-se de um filho de Mr. Jaquin que havia falecido.

A "voz" de Warren Clarke manifestou-se e falou comigo e com a minha esposa por um breve período.

Durante esta sessão, dezoito "vozes" distintas manifestaram-se, tendo sido faladas as línguas chinesa, russa e italiana.

Sexta-feira, 11 de Fevereiro de 1927

Esta sessão teve lugar em Dorincourt. Estavam presentes: George Valiantine, Mrs. Bradley e eu próprio, Mr. E. Clepham Palmer, Mrs. Gavin, Mrs. Barkell (a conhecida médium clarividente e auditiva em transe) e Mr. C. V. L. Hooman.

O tempo, nessa noite, estava particularmente enevoado, e as condições atmosféricas, em geral, eram desfavoráveis.

Vários discos foram tocados no gramofone, e só passados vinte minutos ocorreu qualquer manifestação. Ao fim deste tempo, a trombeta luminosa foi erguida e rodopiou a grande velocidade sobre as cabeças dos participantes. De seguida, caiu no chão.

Após uma longa pausa, sem que nada ocorresse, sugeri que me retirasse do círculo, e que, caso ao fim de mais quinze minutos não houvesse resultados, Mr. Clepham Palmer fizesse o mesmo. Assim foi.

Os restantes membros do círculo continuaram por algum tempo, até que a "voz" do Dr. Barnett se fez ouvir, proferindo algumas frases breves. Em seguida, uma "voz" apresentou-se como "White Hawk", dirigindo-se com apenas duas ou três palavras a Mrs. Barkell. "White Hawk" é, de facto, o controlo espiritual de Mrs. Barkell.

O "Dr. Barnett" anunciou então que a sessão devia ser encerrada.

Sábado, 12 de Fevereiro de 1927

Dado que a sessão da noite anterior fora infrutífera, convidei Mrs. Gavin (a conhecida golfista, que em tempos foi finalista no Campeonato Americano), Mrs. Barkell, e Mr. C. V. L. Hooman (golfista e jogador de críquete de Kent).

Além dos mencionados, estavam também presentes George Valiantine, Mrs. Bradley e o meu jovem filho, Pat.

Como tinha uma quantidade considerável de trabalho de escrita para fazer naquela noite, não participei na sessão, tendo permanecido na sala de estar, adjacente ao meu escritório onde estas sessões decorrem habitualmente. Da sala de estar, conseguia ouvir várias das "vozes" que falavam com os presentes. A certa altura, saí por momentos da divisão onde me encontrava e, ao passar junto ao escritório, a "voz" de Bert Everett chamou-me em voz alta: "Porque não entra aqui, Mr. Bradley?" Este momento constituiu, sem dúvida, um excelente ponto de evidência de visão supranormal. Nenhum dos participantes no círculo poderia saber que eu passava pela porta naquele instante exato. Respondi a Bert Everett do exterior da sala, dizendo que tinha demasiado trabalho, e depois mantive, a rir, uma breve conversa com essa "voz". Foi um episódio verdadeiramente notável.

Pedi a Mrs. Gavin e também a Mr. Hooman que tomassem notas do que se passasse durante a sessão e que me entregassem os respectivos relatos.

Relato de Mrs. Gavin

Depois de tocado um disco no gramofone, dissemos o Pai-Nosso, e imediatamente depois falou o "Dr. Barnett". Perguntámos-lhe porque é que a sessão da noite anterior não tinha resultado, e ele respondeu, algo contrariado, que a controvérsia durante o jantar tornara quase impossível que os espíritos se comunicassem. Acrescentou ainda que as condições atmosféricas — nomeadamente o nevoeiro — eram desfavoráveis.

O Dr. Barnett disse então que tentaria ajudar os outros espíritos a passar.

A partir daí, quase sem interrupção, durante uma hora e meia, os espíritos sucederam-se uns aos outros.

Primeiro surgiram vários dos "Guias" e amigos de Valiantine: Bert Everett, Hokum, Black Foot, Hawk Chief e Bobby Worrall. Nenhum destes espíritos

permaneceu por muito tempo. Sempre que Hokum se manifestava, as trombetas rodopiavam e flutuavam pela sala.

Depois, "Honey" falou durante bastante tempo com Pat e, no final da conversa, ouviu-se o som da água a ser agitada numa tigela, que, a pedido de Pat, fora colocada ao centro do círculo. Quando as luzes foram acesas no final da sessão, havia marcas de água no tapete.

Logo depois, uma "voz" algo indistinta apresentou-se como "White Hawk" (controlo espiritual de Mrs. Barkell). Dirigiu-se a Mrs. Barkell, mas nada de valor probatório foi dito.

"Annie" (irmã de Mr. Bradley) apareceu e falou com todos nós, um a um.

De seguida, em rápida sucessão, manifestaram-se "Aunt Carrie" (tia de Mrs. Bradley) e Dan Bradley (pai de Mr. Dennis Bradley), sendo que Mrs. Bradley comentou que a sua "voz" estava exatamente "como costumava ser".

Duas "vozes" espirituais dirigiram-se a Mr. Hooman, mas estavam demasiado fracas para serem reconhecidas.

Uma "voz" dirigiu-se então a mim, dizendo ser a minha irmã. Como ambas as minhas irmãs estão vivas, achei que se tratava de um erro, até que me lembrei de que tinha tido uma irmã que morreu antes de eu nascer. Perguntei se era Dorothy, ao que respondeu "Sim", e pediu-me para dar o seu amor à Mãe, acrescentando que agora estava crescida no lado espiritual, e que era uma fase de grande beleza.

Uma "voz" dirigiu-se depois a Mrs. Barkell, identificando-se como "Allen McKittrick". Este foi um ponto com valor probatório, pois Mrs. McKittrick havia escrito a Mr. Bradley a pedir uma oportunidade de sessão. No entanto, isso não fora possível; assim, o filho enviou mensagens e amor à mãe.

O "Dr. Barnett" disse-nos então que todos nós tínhamos capacidade para a "voz", especialmente Mr. Hooman, e que, se continuássemos a reunir-nos, conseguiríamos alcançar esse fenómeno. Ele (Dr. Barnett) riu-se de bom grado quando Pat, curioso, quis saber se ele também estava incluído.

"Bert Everett" deu aqui um grito tremendo por Mr. Bradley, que respondeu-lhe do exterior da sala. Mr. Bradley disse-lhe, a brincar, que a sua voz se ouvia até à Portsmouth Road.

Um dos "Guias" índios cantou em voz alta.

"Warren Clarke" falou connosco e disse que estava a ajudar Mr. Bradley no seu trabalho; também enviou mensagens para Mrs. Bradley.

Uma "voz", apresentando-se como o avô de Mrs. Barkell, falou com ela sobre alguns contratos relacionados com o negócio do seu marido. Chamou o marido de Mrs. Barkell pelo nome, e a conversa teve um carácter particularmente probatório.

Depois ocorreu um fenómeno notável: duas trombetas erguidas no ar ao mesmo tempo, com duas "vozes" a falar em simultâneo. Mr. Valiantine estava também, naquele momento, a falar com outro dos participantes.

Pouco depois, o "Dr. Barnett" disse-nos que o poder estava a diminuir.

"Bert Everett" encerrou a sessão com uma longa e bela oração.

Quanto a mim, devo registar dois incidentes curiosos. Primeiro, o da manifestação da minha irmã. O meu marido recordou-se de que, um ano antes, tínhamos comentado como seria probatório se a minha irmã falasse, dado que praticamente ninguém fora da família sabia da sua existência. Contudo, essa ideia desaparecera completamente da minha memória durante todo esse tempo. O segundo, eu havia comentado com Mr. Hooman que talvez uma tia minha chamada Dorothy (já falecida) viesse comunicar, pois sentia-me constantemente impressionada com esse nome. E então, inesperadamente, foi a minha irmã Dorothy que se manifestou.

(Assinado) Margaret Gavin.

Relatório de Mr. C. V. L. Hooman

Notas e observações relativas a uma sessão realizada em Dorincourt, Kingston Yale, no sábado, dia 12 de Fevereiro de 1927. Médium: George Valiantine. Para além do médium, estiveram presentes cinco participantes, cujos nomes menciono pela ordem a partir da esquerda do médium: Mrs. Bradley (que operava o gramofone), Pat Bradley, Mrs. W. A. Gavin, Mr. C. V. L. Hooman, e Mrs. Barkell.

Foram utilizadas duas trombetas, cada uma equipada com faixas luminosas. Uma delas tinha, adicionalmente, duas filas de pontos luminosos, enquanto a outra apresentava uma marca luminosa em forma de crescente.

Por volta das 20h45, todas as luzes foram apagadas, logo que os participantes tomaram os seus lugares. O gramofone foi iniciado por Mrs. Bradley, e quase de imediato observei uma luz espiritual muito brilhante que passou diante de mim, da direita para a esquerda. Pouco depois, ocorreu outro fenómeno de natureza semelhante.

Quase imediatamente após o final do primeiro disco, "Dr. Barnett" falou, sendo a "voz" emitida do centro do círculo, ao nível do chão. Mrs. Bradley perguntou ao "Dr. Barnett" qual a natureza da influência que tornara infrutífera a sessão da véspera. O "Dr. Barnett" afirmou que as condições eram, segundo as suas palavras, muito "desagradáveis". Disse que a conversa anterior à sessão fora extremamente infeliz, dado o seu teor, e que coincidira com o momento em que se procurava estabelecer comunicação; referiu ainda que as condições atmosféricas eram muito adversas. Estes dois fatores tornaram impossível a comunicação.

Mrs. Barkell dirigiu-se ao "Dr. Barnett" relativamente ao caso de uma mulher com um problema uterino. O "Dr. Barnett" expressou a sua simpatia e aconselhou o uso de "sanguinária". Quando se abordou a questão da conveniência de uma "operação", o "Dr. Barnett" disse que, quando exercia na Terra, era sempre avesso a tal procedimento. Depois afirmou que tentaria ajudar, através dos espíritos que aguardavam para comunicar. Acrescentou que, agora, as condições estavam bastante satisfatórias. Ao iniciar, o "Dr. Barnett" saudou-nos calorosamente, deixando-me a impressão de um espírito verdadeiramente admirável e afável.

Pouco depois, uma das trombetas foi erguida e rodopiou a grande velocidade sobre as cabeças dos participantes, por vezes descendo e tocando alguns deles.

Seguiram-se as manifestações dos espíritos de "Black Foot", "Hawk Chief" e "Dodo", que falaram brevemente, por sua vez.

Muito em breve, os espíritos de "Bobbie" e "Honey" manifestaram-se e falaram com Pat Bradley. Pat tinha trazido para a sala uma taça de água, que fora colocada na lareira. Convidou "Bobbie" a brincar com a água, mas este

pareceu não querer fazê-lo. A taça foi então retirada da lareira por Mrs. Barkell e colocada no centro do círculo. A pequena "Honey" riu-se e brincou com a água durante algum tempo. O som dos salpicos foi nitidamente audível, e, após o fim da sessão, observei várias marcas de água no tapete. A taça estava junto aos meus pés, a uma distância considerável do médium.

Depois, ouviu-se a imponente "voz" de "Kokum" bem acima das cabeças dos participantes, mas não consegui perceber muito do que foi dito.

O espírito de "Dorothy" (irmã que falecera antes do nascimento de Mrs. Gavin) falou então com Mrs. Gavin, através da trombeta. "Dorothy" disse que estava a trabalhar arduamente para ajudar Mrs. Gavin e que nunca a abandonaria.

Um espírito, que se presume ser "White Hawk", falou com Mrs. Barkell através da trombeta, chamando-lhe "Squaw", mas, novamente, não consegui captar muito do que foi dito.

Também para Mrs. Barkell manifestou-se o espírito de "Will" (seu sogro), através da trombeta. Este espírito também me dirigiu a palavra, dizendo que "Addie" (a minha querida esposa) estava com ele. Pouco depois, "Addie" deu sinais da sua presença através da trombeta, e beijos audíveis foram escutados por essa via. A trombeta foi suavemente esfregada ao longo da minha face, e senti toques firmes nos braços e joelhos. Beijos também foram ouvidos quando os espíritos falavam com Mrs. Bradley, Mrs. Barkell, Mrs. Gavin e Pat.

O espírito de "Bert Everett" surgiu e literalmente gritou desde a proximidade do tecto. Foi ouvido por Mr. Bradley, que se encontrava na sala contígua, e que veio conversar com esse espírito através da porta.

"Bert Everett" falou durante algum tempo por "voz direta" com Mrs. Bradley, Mr. Bradley e Pat. A seu pedido, também disse algumas palavras a Pat com a sua voz natural. A "voz" de Bert Everett é, na maioria das vezes, particularmente aguda. Ele explica que utiliza esse tom falsete porque lhe é mais fácil captar as vibrações necessárias para se manifestar.

"Warren Clarke", "Mr. Dan Bradley", "Aunt Carrie" e "Grandmamma" (mãe de Mrs. Bradley) também se manifestaram, falando com Mrs. Bradley e com Pat.

O espírito de um tal "Alan McKittrick" falou com Mrs. Barkell (pelo que percebi, seria parente de uma amiga sua).

"Addie" manifestou-se uma segunda vez e assinalou a sua presença através da trombeta.

A minha mãe também se manifestou da mesma forma.

"Addie" voltou a manifestar-se perante Mrs. Gavin e Mrs. Barkell. Por essa altura, "Annie" (irmã de Mr. Bradley) também se manifestou, falando brevemente com Mrs. Bradley.

Perto do final da sessão, ambas as trombetas foram erguidas e dois espíritos falaram em simultâneo, mas não consegui identificá-los.

Pouco antes do encerramento da sessão, "Bert Everett" voltou a manifestar-se e proferiu uma longa oração por nós, cuja beleza não foi diminuída pela sua "voz" estridente.

Ao encerrar a sessão, "Dr. Barnett" perguntou-nos se tínhamos questões, e, ao discutir as possibilidades de mediunidade com Pat, demonstrou um carinho divertido face ao entusiasmo do rapaz pelo seu próprio desenvolvimento.

O "Dr. Barnett" afirmou que tanto Mrs. Gavin como eu possuímos considerável "poder" e aconselhou-nos a continuar a desenvolvermo-nos.

Omiti mencionar que, no início da sessão, "Pat O'Brien" se manifestou e falou brevemente.

Com palavras muito gentis de encorajamento e a sua bênção, "Dr. Barnett" encerrou a sessão. Da nossa parte, expressámos, dentro do possível, a nossa gratidão pela sua grande ajuda e o nosso profundo reconhecimento a todos os espíritos que tanto se esforçaram por se manifestar.

Não reparei na hora a que terminou a sessão, mas a minha impressão é de que durou cerca de uma hora e meia.

Observações

O poder da mediunidade é tremendo, e a força das "vozes" é verdadeiramente extraordinária. Sinto que não posso expressar

adequadamente o meu agradecimento a Deus Todo-Poderoso por me ter sido concedida uma experiência tão espantosa. A minha gratidão para com aqueles que, pela sua bondade, me permitiram presenciar esta demonstração maravilhosa é muito sincera.

O comportamento de Pat Bradley durante a sessão deixou-me maravilhado. A maneira natural e prática com que conversava com os seus amigos espirituais foi, para um rapaz da sua idade, verdadeiramente notável.

Um ponto que me parece relevante, especialmente do ponto de vista dos "céticos", é o seguinte: as trombetas estavam ao meu alcance, do lado oposto ao de Mr. Valiantine, e completamente fora do seu alcance. Várias vezes, durante a sessão, os espíritos, ao pousarem as trombetas, pareciam perder o controlo, fazendo-as cair, e as extremidades superiores móveis desprendiam-se. Em cada ocasião, fui eu próprio quem recolocou as trombetas na posição vertical, ajustando as extremidades superiores conforme necessário.

(Assinado) C. V. L. Hooman

Uns dias depois recebi uma carta de Mrs. Barkell, com o seguinte teor:

"Gostaria que soubesse que, quando o meu sogro se manifestou para mim, transmitiu-me uma mensagem para o meu marido, dizendo: 'Diz ao Will que estou a ajudá-lo e que os contratos ficarão resolvidos.' Pensei que se referia a algum trabalho em que o meu marido já estivesse envolvido. Mas, desde então, surgiram dois outros contratos que, à data, pareciam altamente improváveis. Além disso, a filha de Mrs. Vlasto enviou uma mensagem à mãe, chamando-lhe por um nome que eu desconhecia, e Mrs. Vlasto disse-me que tudo estava absolutamente correto. Mr. McKittrick também ficou muito impressionado com a mensagem enviada pelo seu irmão."

VIII

Domingo, 13 de Fevereiro de 1927

Nesta sessão estiveram presentes: George Valiantine, Mrs. Bradley, Miss Winifred Graham (romancista), Mrs. Graham, sua mãe, e Miss Faith Bevan.

Não assisti à sessão, permanecendo a trabalhar na sala de estar contígua ao escritório, de onde pude ouvir muitas das "vozes" a conversar com os participantes.

A sessão foi bem-sucedida e com carácter evidencial. Miss Winifred Graham tomou notas das várias "vozes" que se manifestaram. Disse-me que, entre os Guias, Dr. Barnett, Kokum, Bert Everett e Bobbie Worrall falaram. As "vozes" do marido de Mrs. Graham, da sua mãe e do seu irmão também se manifestaram para ela.

A mãe e o irmão de Miss Bevan também se manifestaram e discutiram assuntos familiares com ela.

A minha irmã Annie e Warren Clarke falaram durante algum tempo com Mrs. Bradley.

Durante a sessão, Miss Graham registou que um espírito chinês cantou duas canções chinesas curiosas; também foram ouvidas duas "vozes" a falar em italiano e espanhol.

IX

Segunda-feira, 14 de Fevereiro de 1927

Esta sessão foi a última que registei durante a curta estadia de Valiantine em Dorincourt em 1927. Estiveram presentes nesta ocasião: George Valiantine, Mrs. Bradley e eu, Mr. Dennis Neilson-Terry, Miss Marjorie Gordon, Mr. P. G. Wodehouse e Lord Charles Hope.

Quatro discos foram tocados no gramofone antes de ocorrer qualquer manifestação. Uma "voz" muito ténue foi então ouvida a falar de forma independente. Esta "voz" era tão fraca que era impossível identificá-la. As condições não pareciam ser boas. "Bert Everett" fez uma breve saudação. Quando lhe perguntaram como estavam as condições, não respondeu.

Dos outros Guias, apenas algumas frases curtas foram proferidas por Dr. Barnett, Hawk Chief, Kokum, Black Foot e Cristo D'Angelo.

Uma "voz" algo fraca, com uma entoação peculiar, anunciou-se como "K'ung-fu-T'zu" e disse algumas palavras num idioma que se presume ser chinês.

De seguida, surgiu outra "voz", completamente diferente, falando num inglês pidgin estacato.

Mais tarde, essa mesma "voz" cantou uma pequena canção chinesa, algo estranha.

Uma "voz" anunciou-se então como "Pedro", disse algumas palavras e depois cantou uma canção em português.

Entre os espíritos pessoais que se manifestaram, o meu pai, Dan Bradley, falou comigo e também com a minha esposa. A sua "voz" era particularmente distinta e característica.

Uma "voz" que se identificou como sendo o avô de Mr. Neilson-Terry falou com ele. No entanto, esta "voz" não era clara, e creio que nada de valor evidencial foi transmitido.

A Miss Marjorie Gordon uma "voz" apresentou-se como sendo a "Tia Clara" — o nome foi espontaneamente indicado. Disse que havia falecido há catorze anos.

Uma "voz" tentou conversar com Mr. P. G. Wodehouse, mas era completamente ininteligível.

Quatro "vozes" distintas dirigiram-se a Lord Charles Hope: uma identificando-se como o seu pai, outra como "Howard", uma terceira como "Fleet Foot" — um Guia — e a quarta como "Naisha", outro Guia, que se teria ligado ao círculo pessoal de Lord Charles Hope.

Outra "voz" que se manifestou foi a de Harry Pelissier. Esta "voz" foi bastante distinta e característica, tendo conversado com vários dos participantes. Enquanto falava, riu bastante, e, como já acontecera noutras ocasiões em que se manifestara, o gramofone foi subitamente interrompido e pequenos truques foram realizados com ele. Eu estava pessoalmente a operar o gramofone, e depois de colocar um disco, fechei a tampa e apoiei o braço por cima. Posso, por isso, garantir a natureza sobrenatural deste episódio em particular.

No entanto, no geral, a sessão pareceu-me algo confusa, tendo sido obtidas poucas provas de carácter pessoal.

X
1927

Durante a estadia de Valiantine com Lord Charles Hope, assisti a duas ou três sessões, mas não tomei notas dos fenómenos.

Contudo, um episódio em particular merece ser registado.

Mrs. Bradley e eu tomávamos chá uma tarde com a Condessa Ahlefeldt-Laurvig, na Embaixada da Dinamarca. Durante a visita, mostrou-nos uma antiga concha chinesa — de forma circular e pesando pelo menos três ou quatro quilos. No topo da concha, dobras circulares terminavam numa pequena abertura que servia de bocal. A Condessa explicou-nos que era utilizada na China como trompa, sendo soprada em certas ocasiões como um "chamamento". Pediu-me que tentasse soprá-la, mas não consegui produzir som algum. Posteriormente, dois ou três outros convidados também tentaram, sem sucesso. Parece que este instrumento só pode ser soprado por um chinês que tenha aprendido a técnica apropriada.

A Condessa sugeriu que, dado que em algumas sessões com Valiantine se ouvira chinês, esta concha poderia ser colocada no centro do círculo na próxima sessão.

Numa tarde, no apartamento de Lord Charles Hope, estiveram presentes, além dele e de George Valiantine, a Condessa Ahlefeldt-Laurvig, Mrs. Bradley, eu próprio e um ou dois outros convidados.

Diversas "vozes" manifestaram-se e, num certo momento da sessão, esta concha foi soprada desde uma zona elevada da sala, produzindo os sons característicos, de forma adequada ao estilo chinês.

Recordo que, quando a concha foi soprada, os participantes ficaram ligeiramente nervosos, uma vez que, devido ao seu peso, se caísse sobre alguém, certamente causaria ferimentos graves.

Quando a sessão terminou, verificámos que a concha fora deixada cair fora do círculo, atrás de dois dos participantes.

Enquanto Valiantine estava hospedado comigo, o meu amigo, Lord Dewar, que tinha participado em duas ou três sessões com ele em Dorincourt, convidou-nos para passar um dia com ele em The Homestall, East Grinstead. O falecido Lord Dewar era, naturalmente, um dos mais famosos criadores de gado do Reino Unido. A sua magnífica casa é única. Trata-se de um edifício do século XII, com várias partes adicionadas ao longo do tempo, e acredita-se que John o' Gaunt tenha ali vivido em certa altura. As paredes são, naturalmente, de uma espessura imensa, típica da época.

Durante a tarde realizámos uma sessão numa das divisões mais antigas de The Homestall.

Não foi tocada qualquer música ou disco no gramofone.

Estiveram presentes cinco pessoas: Valiantine, Lord Dewar, Mrs. Bradley, eu e o meu filho Pat.

Verificou-se que não era possível excluir totalmente a luz devido ao facto de os cortinados não se encontrarem bem ajustados nas janelas de peitoris fundos. Assim, pequenas faixas de luz penetravam na sala. Apesar disso, esta sessão revelou-se extraordinariamente boa.

No total, manifestaram-se oito "vozes". Quatro dessas "vozes" pertenciam a amigos e familiares pessoais de Lord Dewar — três das quais falaram com sotaques escoceses perfeitamente distintos e sonoros.

Lord Dewar sempre foi um conversador fluente e espirituoso, e duas das "vozes" que com ele falaram mantiveram longas conversas, entre dez e quinze minutos cada uma, durante as quais Lord Dewar me confidenciou ter obtido diversas provas da identidade das personalidades com quem conversara.

Lord Dewar ficou profundamente impressionado e satisfeito com os resultados, especialmente tendo em conta que a sessão foi, na verdade, de natureza bastante casual.

Na minha opinião, o ambiente da casa e da sala onde nos sentámos era particularmente favorável à realização de experiências psíquicas e, naturalmente, o círculo era de uma combinação muito forte. Tenho observado repetidamente que

Perto do fim da estadia de Valiantine, a pedido do Professor Ernesto Bozzano, convidei o Marquês Centurioni Scotto e o Sr. e a Sra. P. E. Rossi para Dorincourt. Realizaram-se três sessões verdadeiramente notáveis, nas quais se registaram comunicações excepcionais em italiano. Farei referência a estas mais adiante neste livro, ao relatar as experiências em Itália em 1929.

CAPÍTULO II
REGISTOS FONOGRÁFICOS DE VOZES

Uma primeira experiência — Um registo fonográfico refuta a teoria do hipnotismo — Os preparativos — Oito vozes individuais falam — Nenhum controlo — Conclusões.

Na primavera de 1927, Lord Charles Hope e eu realizámos a nossa primeira experiência para verificar se seria possível obter registos fonográficos de algumas das "vozes" espirituais. A sugestão, na realidade, foi feita originalmente pela Condessa Ahlefeldt-Laurvig. Tratou-se de uma experiência de valor científico, pois, se fosse bem-sucedida, provaria de forma inequívoca a realidade física das "vozes" e eliminaria, de uma vez por todas, a teoria do hipnotismo. Não se pode hipnotizar um fonógrafo.

Fizemos os devidos preparativos com a Columbia Gramophone Company para a gravação. A experiência decorreu no apartamento de Lord Charles Hope em St. James's. Foi instalada uma linha telefónica especial pelos Correios, ligando o apartamento de Lord Charles à sala de gravação da Columbia Gramophone Company em Petty France Street. Fora da sala de sessões estavam dois assistentes da Columbia, que davam os sinais para os momentos de gravação. É importante referir que se tratava de uma experiência pioneira, conduzida com várias dificuldades.

Na sala de sessões estavam presentes Lord Charles Hope, Mrs. Bradley, eu e George Valiantine. As gravações foram feitas através de um megafone, sendo depois transmitidas por fios telefónicos para as máquinas de gravação. Nenhum de nós tinha a mínima ideia do que obteríamos, quais as vozes que falariam ou mesmo se alguma conseguiria manifestar-se.

Contudo, oito "vozes" individuais falaram — três em inglês, uma num dialecto que parecia indígena, uma em hindustani, uma em italiano e duas

em chinês. Estes registos da Columbia foram realizados e mantêm-se em minha posse.

As "vozes", embora bastante audíveis, não são particularmente nítidas, mas todo o inglês pode ser compreendido e — ponto muito importante — os outros idiomas, dos quais algumas passagens foram traduzidas, eram desconhecidos para qualquer dos presentes no momento da manifestação. Ora, se uma experiência deste género teve êxito, deve reconhecer-se o seu significado: provou que cada uma das centenas de "vozes" espirituais que anteriormente falaram pode ser permanentemente gravada.

Importa referir que esta experiência foi feita sem qualquer controlo sobre Valiantine. Nem Lord Charles Hope nem eu considerámos necessário impor um controlo. O nosso propósito era tentar a experiência algo ambiciosa de verificar se um som supranormal podia ser registado por meios mecânicos. Foi uma experiência dispendiosa, dado o custo do encabeçamento da linha telefónica especial e da gravação feita pela Columbia Company — despesas essas que eu e Lord Charles partilhámos.

Quanto aos registos, deve afirmar-se claramente que não possuímos qualquer prova quanto à identidade das "vozes" gravadas. Seis destas pertenciam a diferentes "guias" de Valiantine, que se haviam associado às suas sessões. A tentativa de gravar hindustani — que foi ininteligível — foi feita por um "guia" que alegadamente se manifestara nas sessões privadas de Lord Charles Hope.

A "voz" do antigo chinês era atribuída ao alegado "Confúcio", que já havia conversado longamente com o Dr. Neville Whymant em diversas sessões.

Lord Charles Hope considera, com razão e lógica, que esta experiência interessante, apesar de provar que as "vozes" eram objetivas e não alucinatórias, não fornece qualquer prova de sobrevivência. Isso é verdade. O que a experiência demonstrou, no entanto, foi o seguinte: o registo sonoro das vozes dos "guias" de Valiantine é ou supranormal, ou então todas essas "vozes" dos guias — durante os oito anos anteriores — foram produzidas por ele de forma fraudulenta e, por consequência, também o foram nesta ocasião. Admitindo, para efeitos de argumentação, que se tratou de fraude, como foi possível então que ele produzisse a "voz" de Confúcio, que foi posteriormente reconhecida na gravação fonográfica pelo Dr. Neville

Whymant como tendo o mesmo sotaque da "voz de Confúcio" que anteriormente conversara com ele e mantivera diálogos iluminados e cultos?

Posso testemunhar pessoalmente a "voz" de Confúcio, pois ouvi-a falar em várias ocasiões antes de estas gravações serem realizadas.

No que respeita às "vozes dos guias", eram idênticas em tom e características às diversas comunicações que recebi delas ao longo das centenas de sessões documentadas nos meus livros.

CAPÍTULO III

A VOZ DE CONFÚCIO

O Dr. Neville Whymant — Um erudito distinto — Uma sessão com Valiantine — A flauta chinesa — "O Mestre-Filósofo K'ung" — Dicção e entoação — Uma prova notável — A passagem duvidosa — O registo em gramofone de Confúcio.

I

Alguns dos testemunhos mais extraordinários da minha experiência são os fornecidos pelo Dr. Neville Whymant na impressionante história das suas conversas em sessões de voz direta com um comunicador que afirmava ser o grande filósofo chinês Confúcio, falecido no ano 479 a.C. O Dr. Whymant é uma das maiores autoridades em história, filosofia e literatura antiga chinesas. Não só fala fluentemente a língua, como também domina várias outras línguas orientais e europeias.

Durante vários anos foi professor de Chinês na Universidade de Oxford, e fala trinta línguas e um número considerável de dialetos. Enquanto se encontrava em Nova Iorque, onde dirigia o Departamento Oriental de uma nova enciclopédia, foi convidado pelo juiz W. M. Cannon, um advogado célebre, a assistir a uma sessão realizada na residência deste, sendo o médium Valiantine. Posteriormente, o doutor assistiu a cerca de meia dúzia de sessões, cujos pormenores registou. Na minha opinião, estas conversas, conduzidas em Chinês Arcaico, representam talvez uma das mais extraordinárias provas jamais realizadas na investigação psíquica.

Os seus anfitriões disseram-lhe que vozes se haviam manifestado em inglês, incluindo variantes dialetais, bem como em italiano, francês e outras línguas europeias. Não foi convidado com o intuito de julgar a veracidade das provas. Já tinham recebido, nas sessões, testemunhos que consideravam conclusivos: por exemplo, uma voz portuguesa falara, fornecendo certas informações, assim como um nome e uma morada; foi enviada uma carta para essa morada, e a resposta que receberam confirmava a afirmação da suposta voz espiritual.

Posteriormente, no entanto, começaram a manifestar-se vozes orientais, que nenhum dos participantes conseguia interpretar. Por isso, convidaram o Dr. Whymant a comparecer, na qualidade de linguista oriental.

"Fiquei ligeiramente divertido com o convite", afirma o Dr. Whymant, "pois, embora de modo algum fosse inimigo do espiritismo, nunca encontrara tempo para o estudar; por isso, esperava uma noite de agradável descontração. Antecipava que, depois de várias vozes falarem na escuridão, alguém revelaria os pormenores de alguma fraude altamente engenhosa e elaborada."

Compareceu, como combinado, à sessão; várias vozes falaram em inglês sobre assuntos muito pessoais dirigidos a membros da assembleia. Algumas comunicações eram tão íntimas que, segundo o conferencista, "senti-me como um intruso, mas felizmente a escuridão ocultava todos os rubores."

De seguida, surgiu o nome "Christo di Angelo", pronunciado à italiana "Crísto di Ânjelo"; seguiu-se então uma comunicação em perfeito italiano. "Traduzi a mensagem para um dos presentes; era a seguinte:

'Dizei à senhora honrada que quebrou a sua promessa para comigo — de aprender italiano suficiente para me falar na minha própria língua; ela continua a dirigir-se a mim em espanhol, e isso desagrada-me.'" A senhora reconheceu ter quebrado a promessa, e, mais tarde, a voz passou para um dialeto obscuro que o Dr. Whymant comprovou depois ser siciliano.

Depois surgiram mais vozes em inglês. De repente, das trevas surgiu um "som estranho, crepitante, entrecortado, que de imediato levou a minha mente de volta à China. Era o som de uma flauta, tocada de forma algo rudimentar, como se pode ouvir nas ruas da Terra Celestial mas em mais

nenhum lugar. De seguida, ouviu-se uma voz baixa, mas perfeitamente audível, a dizer as palavras 'K'ung-fu-T'zu.'"

Havia certos aspetos nessa expressão nos quais o Dr. Whymant se deteve. "K'ung-fu-T'zu", a forma oriental de Confúcio, é um título mais do que um nome; significa "o Mestre-Filósofo K'ung". A família K'ung ainda existe na China, e descendentes do grande filósofo têm recebido pensões do governo há mais de dois mil anos. Agora, o simples facto, diz o Dr. Whymant, de um comunicador numa sessão às escuras afirmar ser Confúcio não era em si surpreendente, sendo, naturalmente, o nome mais famoso da história chinesa, embora poucas pessoas, além dos chineses, conseguissem pronunciar corretamente o nome, como ocorreu na sessão com Valiantine. Por exemplo, a sílaba "T'zu" ou "T'ze" é extremamente difícil de articular. Não se pronuncia "Tzoo" ou "Tzee", mas "T s*" — um som impossível de representar com letras inglesas.

O Dr. Whymant percebeu que, quem quer que falasse, era um erudito chinês, não só pela dicção como também pela entoação chinesa, que estavam corretamente reproduzidas.

"Perguntei: 'Quem és tu?' A voz repetiu, algo impacientemente: 'K'ung-fu-T'zu.' Nunca me ocorreu a ideia de que pudesse ser o próprio Confúcio. Imaginei que fosse alguém desejoso de discutir a vida e filosofia do grande mestre chinês." Determinado a testar a questão a fundo, o Dr. Whymant perguntou em chinês, usando as expressões cerimoniosas habituais: "Qual era o teu nome pessoal?" A resposta veio: "K'iu." O facto de Confúcio ter como nome pessoal "K'iu" é relativamente conhecido, pelo menos entre os estudiosos, pelo que este dado, embora interessante, não era de todo conclusivo. Perguntou então: "Qual era o teu nome popular aos catorze anos de idade?" Mais uma vez, veio a resposta correta, com a entoação certa — uma informação muito pouco conhecida — e a voz discutiu depois uma certa passagem difícil dos clássicos chineses, que teria sido escrita, ou pelo menos editada, por Confúcio.

Foi então aplicada uma prova notável pelo Dr. Whymant, que explicou que entre os escritos mais famosos do ilustre filósofo existe uma determinada passagem que parece estar incorretamente escrita, pois o seu significado é obscuro. Decidiu procurar esclarecimento sobre a correta interpretação desse trecho, acreditando que não representava as verdadeiras palavras de

Confúcio, mas que, com o tempo, a edição feita por escritores posteriores teria distorcido o seu sentido. O Dr. Whymant perguntou então a Confúcio a seguinte questão: "'Entre os teus escritos há uma passagem erradamente transcrita; não deveria ser assim?' Neste ponto comecei a citar, até onde sabia, ou seja, até ao fim da primeira linha. Imediatamente as palavras foram-me retiradas da boca, e a passagem inteira foi recitada em chinês, exatamente como está registada nas obras de referência padrão. Após uma pausa de cerca de quinze segundos, a passagem foi novamente repetida, desta vez com certas alterações que lhe conferiam um novo significado. 'Lida assim', disse a voz, 'o seu sentido não se torna claro?'"

Perto do fim desta frase, a voz acelerou e acabou por esvanecer-se.

Em sessões posteriores, o Dr. Whymant manteve outras conversas com a voz. Numa ocasião, o comunicador referiu-se a determinado trabalho "que fizeste pelos Mongóis."

Isto parecia referir-se a uma pequena Gramática Mongol que o Dr. Whymant publicara, mas que, no entanto, permanecera desconhecida. Ele afirma: "Não era conhecido como o autor dessa obra em particular." Noutra ocasião, após ter faltado a uma sessão por motivo de doença, foi relatado que K'ung-fu-T'zu se manifestara e tentara falar em inglês; era um inglês hesitante, pedante e afetado, mas transmitia a ideia de que o comunicador estava contrariado com a ausência do Dr. Whymant. Na sessão seguinte, em que este esteve presente, K'ung-fu-T'zu voltou a manifestar-se e, omitindo todas as fórmulas cerimoniosas, referiu-se à sua ausência anterior, dizendo: "a erva da doença crescia junto à tua porta." O interessante nesta expressão é que, embora apareça na literatura antiga, a metáfora já não é usada na linguagem corrente chinesa.

A voz que afirmava ser Confúcio falava num dialeto já não usado no Império Chinês. O Dr. Whymant afirma não poder garantir definitivamente que se tratasse da língua tal como era falada por Confúcio há dois mil e quatrocentos anos. Não há atualmente ninguém vivo que saiba com exatidão como o chinês era falado nesses tempos remotos. Sabe-se como três mil palavras eram pronunciadas mil anos depois de Confúcio. Ou seja, conhece-se o seu valor fonético. Até ao momento, no entanto, após vinte e cinco anos de investigação, há apenas cerca de doze sons chineses de que se

pode dizer com segurança como seriam pronunciados na era de Confúcio. A voz ouvida pelo Dr. Whymant utilizava esses sons arcaicos.

Relativamente à passagem de teste, cuja versão corrigida foi apresentada pela voz, o Dr. Whymant afirma que há muito poucos estudiosos orientais que tenham percebido que poderia ter ocorrido um erro, e apenas um deles tentou sugerir o seu significado provável. Esse académico em particular propôs uma correção numa brochura, que foi distribuída a cerca de meia dúzia de autoridades. Era apenas concebível que esse raro e curioso conhecimento pudesse ter chegado a Nova Iorque, mas, se assumirmos fraude e postulamos a presença oculta de algum erudito chinês a fazer-se passar por Confúcio perante os assistentes, teria de ser alguém com uma perícia quase sobre-humana. Havia apenas seis estudiosos chineses cujo conhecimento e domínio da língua seriam suficientes para o impressionar com alguma sensação de autenticidade; contudo, nenhum desses seis se encontrava na América na altura. Era extremamente difícil sustentar a teoria da fraude, embora ele (Dr. Whymant) não estivesse preparado para considerar provada a presença real de Confúcio. A sua mente permanecia aberta quanto ao retorno espiritual; ainda assim, sentiu ser seu dever apresentar os factos àqueles que pudessem ter um conhecimento muito superior ao seu em matérias psíquicas.

II

Como relatei anteriormente, em conjunto com Lord Charles Hope, conduzi uma série de experiências com o intuito de obter registos em gramofone de vozes diretas, e entre esses registos encontra-se um da "voz" de Confúcio.

Esse registo em particular é extraordinário. A voz apresenta tons curiosos, semelhantes aos de uma flauta, que sobem e descem, e por vezes transformam-se num tom quase cantado. Não se assemelha a nenhuma voz que alguma vez tenha ouvido, e já escutei esses registos em inúmeras ocasiões.

O Dr. Whymant conseguiu interpretar apenas algumas frases, porque, infelizmente, a voz — já de si algo ténue — ficou distorcida na gravação. No entanto, o Dr. Whymant afirma reconhecer várias das entoações peculiares, e explica que, na língua chinesa, os valores tonais são de enorme importância.

Afirma que, mesmo sem perceber o que um chinês estava a dizer, alguém atento conseguiria fazer uma boa estimativa do sentido através das subidas e descidas da voz. Por exemplo, três notas características em ascensão significam apenas uma coisa em chinês: "Entra." Afirma, a propósito do registo em gramofone, que consegue captar o significado do discurso gravado através dos valores tonais, mas, na ausência de uma dicção perfeitamente registada, considera mais prudente não tentar interpretá-lo apenas pela entoação, pois as passagens que não sejam definitivamente traduzíveis cairiam então no domínio da conjetura.

Com exceção das poucas frases que não conseguiu traduzir da voz de "K'ung-fu-T'zu", afirma que, se interpretasse a mensagem conforme acredita ser, com base nos valores tonais, o resultado poderia ser surpreendente.

É inquestionável, segundo os registos meticulosamente mantidos pelo Dr. Whymant das sessões que realizou sob a mediunidade de George Valiantine, que a voz de "K'ung-fu-T'zu" falou com ele, e que todas as comunicações feitas por essa voz provinham de um grande poeta e erudito, tendo sido proferidas em Chinês Arcaico. Para mim, é certo que essa voz não foi produzida fraudulentamente. Conheço Valiantine intimamente há oito anos; ele viveu na minha casa durante meses. Não é um homem instruído. Na verdade, é semi-analfabeto e não possui conhecimentos académicos nem cultura. Se Valiantine for assim tão inteligente ao ponto de ter fingido durante todos esses anos ser um homem inculto, quando na verdade é um dos eruditos mais cultos do mundo, fluente em alemão, francês, russo, italiano, espanhol, japonês, galês idiomático, árabe e chinês arcaico, então será um dos enigmas psicológicos mais desconcertantes jamais apresentados aos estudiosos da investigação psíquica.

Ouvi a voz de "K'ung-fu-T'zu" falar em Chinês Arcaico duas ou três vezes. Também ouvi a mesma "voz", com a sua entoação peculiar, falar comigo pessoalmente em inglês. A "voz" falava lentamente, mas com cadências verdadeiramente belas. Possuía uma dignidade extraordinária. As poucas conversas que tive com a voz de "K'ung-fu-T'zu" em inglês versaram sobre filosofia. A "voz" impressionava pela beleza do seu sotaque... Valiantine jamais poderia ter falado nesses tons. Nem poderia ter discutido tais assuntos.

O registo desta voz num disco de gramofone, quer seja ou não traduzível, é, na minha opinião, uma prova do fenómeno supranormal. É uma prova porque as comunicações foram feitas com a mesma "voz" e os mesmos tons que foram amplamente descritos pelo Dr. Whymant, que mais tarde os reconheceu como sendo os mesmos.

Deve lembrar-se que o Dr. Whymant não esteve presente nas sessões experimentais em que essa "voz" foi registada. É uma prova porque eu próprio ouvi essa "voz" falar em várias ocasiões e também reconheci os seus tons. Por isso, considero os registos de gramofone obtidos na experiência que foi realizada como sendo de valor científico interessante.

LIVRO III

ALEMANHA E ITÁLIA, 1929

CAPÍTULO I

EM BERLIM

Um convite para Berlim — A questão da remuneração — Frau Von Dirksen — Chegada a Berlim — Sessões negativas — Interferência dos participantes — Saio de Berlim — Quatro semanas depois — Acusações de fraude — Correspondência — Nenhuma prova — Aparece o Dr. Kroner — Uma carta desconexa — Declarações falsas — Suposição versus prova — Relatório do Dr. Kroner — Um emaranhado de suposições — Contradições e inverdades — Relatório de Frau Kroner — Ela assusta-se e grita — O valor da evidência — Análise — Relatório de Frau von Dirksen — Alegações sem corroboração — A questão da "prova real" — Carta de agradecimento de Frau von Dirksen — Declarações falsas — Telegramas abertos — Um relatório inútil — Outro desperdício de tempo e espaço — Professor Hans Driesch — Dr. Schwab — Dr. Quade — Uma crítica justa — Barão von L. — O Dr. Kroner expõe as suas opiniões — Deturpações e falsas impressões — Valiantine devolve o dinheiro — Frau von Dirksen em lágrimas — A mentalidade do Dr. Kroner — As chamadas "provas diretas" — A descoberta de nada.

A 28 de agosto de 1928, o Sr. Florizel von Reuter, o conhecido violinista, escreveu-me a dizer que o Dr. F. Quade, presidente da Sociedade de Ocultismo Científico de Berlim, lhe pedira que me contactasse para saber se haveria possibilidade de convencer Valiantine a visitar Berlim. Disse que a Sociedade gostaria de saber sob que condições a sua visita poderia ser organizada, que todas as despesas seriam pagas e que se tratava apenas de acordar os honorários. O Sr. von Reuter afirmou que Valiantine encontraria boas condições de trabalho, já que a Sociedade de Berlim estava bastante avançada em matérias psíquicas.

No que me dizia respeito, a única razão que me levava a considerar a proposta de realizar uma série de sessões na Alemanha era o facto de que, até então, na história da Investigação Psíquica, a Alemanha não possuía quaisquer registos dos fenómenos da "voz direta", e os investigadores daquele país nunca tinham tido contacto com essa forma de manifestação.

Respondi ao Sr. von Reuter numa carta datada de 3 de setembro de 1928, dizendo que talvez fosse possível convencer Valiantine a vir à Europa algures na primavera do ano seguinte.

Citarei literalmente: "No que respeita à questão dos honorários, é claro que é bastante dispendioso para Valiantine vir da América para a Europa, e não creio que ele aceitasse ir a Berlim se eu não o acompanhasse. A sua viagem em primeira classe de ida e volta entre Londres e Berlim e as despesas de hotel teriam de ser cobertas, mas, naturalmente, eu pagaria as minhas próprias despesas. Penso que Valiantine deveria receber um honorário de £100, valor que serviria para ajudar nas despesas gerais da viagem desde a América. Talvez possa escrever ao Dr. Quade nesse sentido."

É necessário referir estas comunicações preliminares devido ao que aconteceu posteriormente.

Um pouco mais tarde, recebi uma carta do Dr. E. Quade, onde dizia: "Uma patrona, na pessoa de Frau von Dirksen, da Margarettenstrasse 11, em Berlim, assumirá todos os custos relativos a Valiantine e irá hospedá-lo na sua própria casa, onde as sessões poderão ter lugar. Frau von Dirksen solicita ainda que o senhor e a sua esposa sejam seus hóspedes durante a visita do Sr. Valiantine."

O Sr. von Reuter visitou-me em Londres e disse-me que era bastante possível que os alemães sugerissem algum tipo de controlo sobre Valiantine. Eu disse-lhe que, embora Valiantine tivesse, em muitas ocasiões, participado em sessões sob condições de controlo total, pessoalmente discordava de tal controlo, uma vez que não baseava o meu trabalho de investigação em fenómenos físicos que pudessem ocorrer, mas apenas nas provas mentais de sobrevivência que haviam sido obtidas. Acrescentei também que, caso Valiantine fosse a Berlim, teria de participar nas sessões nas mesmas condições em que sempre o fizera comigo ao longo dos últimos seis anos.

Só no final de abril é que Valiantine pôde viajar para a Europa, e escreveu-me a dizer que apenas estaria disposto a fazê-lo se fosse acompanhado pela esposa.

Escrevi a Frau von Dirksen, a quem ainda não conhecia pessoalmente, a dizer que seria preferível ficarmos hospedados num hotel e realizar apenas as sessões na sua casa. No entanto, Frau von Dirksen insistiu que ficássemos em sua casa durante a estadia em Berlim.

Em resposta a uma carta do Dr. Quade, na qual perguntava quantas sessões poderiam ser realizadas e quantos participantes poderiam ser convidados, escrevi, a 28 de março de 1929, o seguinte:

"Entre os membros da vossa Sociedade que possam ser convidados, gostaria de salientar que não é aconselhável reunir dois ou três céticos numa mesma sessão, pois isso cria condições desfavoráveis. Naturalmente compreenderá que opositores ativos afetam as vibrações, embora o ceticismo aberto, apesar de não favorecer a harmonia, geralmente não impede a manifestação dos fenómenos. Além disso, devo deixar bem claro que é impossível garantir que qualquer fenómeno venha a ocorrer. É absolutamente impossível 'abrir a torneira psíquica' à vontade. Ainda assim, os registos de Valiantine demonstram que com ele os fenómenos são frequentes."

Informei-o também — e escrevi o mesmo a Frau von Dirksen — que, estando uma nova peça minha em preparação no Arts Theatre em Londres, não me seria possível permanecer mais de uma semana em Berlim, mas que a minha esposa e o Sr. e a Sra. Valiantine ficariam durante o período previamente combinado — duas semanas.

O Sr. e a Sra. Valiantine chegaram a Inglaterra vindos da América na sexta-feira, 26 de abril. À chegada, passaram um dia comigo em Dorincourt e depois viajaram diretamente para Berlim comigo e com a minha esposa, chegando a 29 de abril. Fomos recebidos por Frau von Dirksen com a máxima hospitalidade, e todas as atenções nos foram concedidas durante toda a estadia.

Embora eu reconheça a cordialidade calorosa da receção, talvez tenha sido um pouco generosa demais para um trabalho sério de investigação psíquica. As sessões realizaram-se, como habitualmente, à noite, e em cada ocasião houve um grande jantar, com serviço de vinhos e licores, para um grupo de entre dezasseis e vinte convidados. Apenas uma minoria muito reduzida dos presentes — e nenhum dos familiares de Frau von Dirksen — tinha qualquer conhecimento sobre fenómenos psíquicos, e o ambiente geral era o de uma série de eventos sociais. Não havia qualquer traço da quietude e passividade tão essenciais à realização de sessões que visem obter a "voz direta", que é a mais sensível de todas as formas de fenómeno.

A primeira sessão teve lugar depois do jantar, na noite da nossa chegada, por volta das 21h15, com Valiantine e eu a sentarmo-nos com seis alemães. Diversos Guias de Valiantine — Dr. Barnett, Bert Everett e outros — falaram de forma independente, e também uma voz espiritual, algo indistinta e com dificuldade em se exprimir, dirigiu-se a Frau von Dirksen duas ou três vezes em alemão. Nem Valiantine nem eu sabíamos o que a "voz" disse, ou tentava dizer, já que nenhum de nós fala alemão.

Durante a sessão, Frau von Dirksen, bastante emocionada e entusiasmada, repetidamente me disse, com a mais profunda sinceridade: "Nunca poderei agradecer-lhe o suficiente, Sr. Bradley, por ter trazido o Sr. Valiantine à Alemanha!" No entanto, apesar dos agradecimentos de Frau von Dirksen, considerei esta sessão extremamente fraca. As "vozes" eram débeis, e era evidente para mim que o poder só podia ser mantido com grande dificuldade. Disse aos presentes, posteriormente, que, comparada com a fluência sustentada que é habitual nas sessões de Valiantine, quando as condições são boas, esta sessão deveria ser considerada como relativamente negativa. Frau von Dirksen, contudo, parecia entusiasmada com os resultados.

Fiquei algo divertido quando Frau von Dirksen, de forma ingénua, me contou que, antes de eu chegar a Berlim, fizera averiguações sobre mim através dos círculos diplomáticos alemães, tendo-lhe sido dito pela Embaixada Britânica que eu era tido como um homem de suprema honestidade.

Na segunda sessão, os fenómenos que ocorreram foram de natureza semelhante.[1]

Após essa segunda sessão, o Dr. Kröner sugeriu a Valiantine que aceitasse ser controlado durante uma sessão. Valiantine respondeu que concordaria, mas estipulou que, nesse caso, todos os presentes também deveriam estar sob controlo, como precaução justificada contra qualquer possível truque desonesto por parte de céticos. A sugestão de Valiantine, curiosamente, foi rejeitada por vários dos presentes, que aparentemente a consideraram insultuosa. Valiantine teve, assim, toda a razão em recusar um controlo unilateral.

Na primeira ocasião em que o Dr. Quade participou, imediatamente antes da sessão, apareceu com uma lata de tinta luminosa e um pincel. A trombeta de Valiantine já tinha sido pintada com tinta luminosa na parte inferior e mais larga. O Dr. Quade sugeriu que se lhe permitisse pintar a extremidade estreita. Valiantine não levantou qualquer objeção, e assim foi feito. No entanto, esse procedimento de alterar as condições no último momento irritou-me bastante, tanto mais que o Dr. Quade tinha sido claramente informado de que as sessões deveriam decorrer exatamente como tinham decorrido até então, e que o meu trabalho de investigação não se baseava em qualquer fenómeno físico, mas apenas no possível valor das comunicações obtidas.

A terceira sessão teve lugar na quinta-feira. Nessa ocasião, eu não participei; a Sra. Bradley ocupou o meu lugar ao lado de Valiantine. Passou algum tempo até que ocorresse qualquer fenómeno, e os resultados foram ainda mais fracos do que nas duas noites anteriores.

Depois desta terceira sessão relativamente negativa, convenci-me de que havia algo de errado com as condições gerais, e determinei-me a descobrir a causa.

A irmã da minha esposa é casada com um alemão, o Sr. Hans Gunther, e vivem na Saxónia. Na sexta-feira, 3 de maio, estavam de passagem por

Berlim e iam pernoitar no Hotel Excelsior. Frau von Dirksen, ao ser informada disso, teve a amabilidade de os convidar para jantar em sua casa. Fui obrigado a recusar esse convite em nome deles, uma vez que já tinham convidado previamente a minha esposa, o Sr. e a Sra. Valiantine e a mim para jantar com eles. Recusei o convite de Frau von Dirksen de forma bastante deliberada, devido ao objetivo que tinha em mente, e informei-a desse propósito de forma muito explícita mais tarde.

Depois do jantar, nos quartos do Sr. e da Sra. Gunther no Hotel Excelsior, sentámo-nos os seis: o Sr. e a Sra. Valiantine, o Sr. e a Sra. Gunther, a minha esposa e eu. Não tínhamos música, nem gramofone, nem trombeta. Em menos de um minuto, surgiram vozes espirituais e continuaram a conversar connosco, praticamente sem interrupção, durante uma hora e vinte e cinco minutos. Foi uma das sessões de "voz" mais fluentemente brilhantes que jamais experienciei. Todas as vozes falaram com clareza e distinção — tanto em alemão como em inglês. Além dos Guias, falaram connosco o meu pai, a minha irmã Annie, Warren Clarke, o Sr. Austin Harrison (o célebre escritor e fundador da *The English Review*), entre outros espíritos pessoais.

O pai da minha esposa e outros familiares falaram com ela e também com a sua irmã, a Sra. Gunther. O pai do Sr. Gunther falou com ele em alemão, e vários outros espíritos pessoais comunicaram connosco durante a noite. Tive uma longa conversa com o Dr. Barnett e perguntei-lhe porque é que os resultados estavam a ser tão negativos em casa de Frau von Dirksen. Ele disse-me que havia uma tal falta de harmonia nas condições daquele local que era extremamente difícil conseguir qualquer manifestação.

Disse-me que, não só havia uma barreira impenetrável de suspeita e dúvida por parte dos diversos participantes, como, durante as sessões, desrespeitavam as instruções dadas, e que alguns deles procuravam às apalpadelas a trombeta quando esta era levantada no ar, agitando os braços ao tentar sentir o que estava por detrás. Isto destruía as forças ectoplásmicas e tornava praticamente impossível aos espíritos materializarem as suas vozes. O Dr. Barnett acrescentou que, a menos que essa atitude mudasse e as condições adequadas fossem mantidas de forma rigorosa, seria inútil continuar a realizar sessões naquele local.

Percebendo a futilidade de prosseguir com uma série de sessões em condições tão deploráveis, na manhã seguinte, sábado, 4 de maio, escrevi a

Frau von Dirksen uma carta muito firme e explícita. Disse-lhe o que tinha ocorrido na sessão no Hotel Excelsior e, na carta, afirmei que, mesmo que ela tivesse expressado satisfação com as sessões realizadas na sua casa, eu as considerava três das piores, no que toca à escassez de fenómenos, que alguma vez experienciei sob a mediunidade de Valiantine, e que a causa era a completa falta de disciplina por parte dos participantes.

Lembrei a Frau von Dirksen os registos brilhantes e provas irrefutáveis que tinham sido obtidos através da mediunidade de Valiantine, não apenas na América, mas também em Inglaterra e em muitos outros países — atestados e registados por centenas de testemunhas. Informei-a de que considerava uma perda de tempo continuar, e que preferíamos que as sessões terminassem de imediato, e que sairíamos de Berlim no dia seguinte. Afirmei que a sessão que ela tinha agendado para sábado à noite, à qual certos membros da sua família tinham sido convidados, poderia realizar-se como sessão final, desde que os presentes respeitassem as condições necessárias.

Dito pelo ChatGPT:

É importante deixar perfeitamente claro que nem Frau von Dirksen nem qualquer dos participantes expressaram insatisfação ou críticas negativas relativamente às sessões anteriores. Uma vez que nenhum deles jamais havia experienciado fenómenos de "voz direta", estavam, naturalmente, incapacitados de fazer juízos comparativos. Deve sublinhar-se que fomos eu e a Sra. Bradley quem afirmou que, de acordo com a nossa longa experiência e vasto conhecimento, essas sessões foram comparativamente negativas e pobres em fenómenos.

Na sexta-feira, no dia anterior à redação da minha carta a Frau von Dirksen, ela abordou-me sobre os arranjos financeiros com Valiantine. Disse-lhe que o acordo feito pelo Dr. Quade era que a passagem de ida e volta de Valiantine (de Londres para Berlim), no valor de £20, deveria ser paga, bem como uma contribuição de £100 para as despesas da sua viagem desde Nova Iorque. Frau von Dirksen encontrou-se então com Valiantine e entregou-lhe três mil marcos (quase £150).

Considero imperativo mencionar estes valores, pois mais tarde foi insinuado que a questão financeira sempre representara uma motivação principal. Certamente não foi esse o caso nesta situação. As passagens de ida e volta

do Sr. e da Sra. Valiantine desde Williamsport (Pensilvânia) até Londres ascenderam a £250, e com as despesas subsequentes da estadia na Europa, o custo mínimo (sem qualquer compensação pelo tempo de Valiantine) seria de pelo menos £450. Torna-se, portanto, evidente que a contribuição de Frau von Dirksen foi apenas justa. Além disso, devo dizer que paguei pessoalmente todos os custos da viagem especial a Berlim. As passagens de ida e volta para quatro pessoas, juntamente com as despesas de viagem, totalizaram £90, e os gastos adicionais durante a nossa estadia ascenderam a cerca de £80.

No sábado, dia 4 de maio, Valiantine devolveu a sua contribuição a Frau von Dirksen, e voltarei a referir este ponto mais adiante, quando tratar do relatório do Dr. Kroner.

Houve uma sessão após o jantar nessa noite, e os participantes foram, na sua maioria, membros da família von Dirksen. Talvez tenha sido ligeiramente melhor do que as sessões anteriores — havia um pouco menos de conversa entre os presentes e menos movimento —, mas não se poderia descrever senão como relativamente fraca.[1]

Na manhã de segunda-feira deixei Berlim rumo a Londres, deixando o Sr. e a Sra. Valiantine com a Sra. Bradley.

É justo dizer que Frau von Dirksen foi sempre extremamente amável comigo durante toda a minha estadia. Acompanhou-me à estação para me despedir, dizendo o quanto aguardava com entusiasmo uma visita a Inglaterra e o prazer de me rever.

No total, após a minha partida de Berlim, realizaram-se mais quatro sessões: na terça, quinta, sábado e domingo — dias 7, 9, 11 e 12 de maio. De acordo com as notas da Sra. Bradley, todas foram comparativamente negativas, e a quarta não apresentou qualquer fenómeno.

A minha esposa e o Sr. e a Sra. Valiantine deixaram Berlim na manhã de 13 de maio, e a minha esposa informa-me que Frau von Dirksen se mostrou extremamente amável e afetuosa na sua despedida, sendo ela, a sua família e amigos sempre extremamente corteses para comigo durante toda a minha estadia.

Devo enfatizar que, durante todo esse tempo, com exceção de um comentário feito por Frau von Dirksen no domingo, dia 5 de maio — quando me perguntou se eu tinha a certeza de que não teria sido Valiantine a tocar nos participantes —, não foi dita uma única palavra, nem a mim, nem à minha esposa, nem ao Sr. e à Sra. Valiantine, que insinuasse qualquer dúvida sobre a genuinidade de Valiantine, nem houve qualquer sugestão de que alguma ação da sua parte pudesse ser interpretada como fraudulenta. Se tal sugestão tivesse sido feita, teria sido abordada de imediato, e as provas exigidas.

Disse que esta série de sessões foi comparativamente negativa em termos de resultados evidenciais. Imaginem, pois, a minha estupefação quando recebi uma carta escrita pela Dra. Gerda Walther, de Munique (que fora secretária particular do falecido Barão Schrenck-Notzing), onze dias após a partida da Sra. Bradley e do Sr. e da Sra. Valiantine de Berlim, dizendo que Frau von Dirksen lhe havia escrito. Cito literalmente a carta da Dra. Walther:

"Ela escreveu-me subitamente uma carta estranha, num tom que parecia bastante agitado. Valiantine foi desmascarado em Berlim, e portanto, ninguém quererá ler nada sobre um médium fraudulento."

Aparentemente, a Dra. Walther não estava disposta a aceitar a declaração de Frau von Dirksen e escreveu-lhe nesse sentido. Na sua carta para mim, acrescentou que pedira ao Dr. Siinner (editor da *Zeitschrift für Parapsychologie*) detalhes sobre o alegado desmascaramento, mas que ele respondeu dizendo que "não considerava que tivesse sido um desmascaramento de todo, pelo menos não um *flagrante*, que, na sua opinião, era o único que realmente contava." Acrescentou ainda que foram o Dr. Kroner e a esposa quem julgava tratar-se de fraude.

A Dra. Walther acrescentou ainda, na sua carta para mim:

"Lamento não ter estado presente, talvez pudesse ter dito algo contra o 'desmascaramento' então... Já estou farta de toda a baboseira que dizem contra o Rudi Schneider."

Respondi à Dra. Walther da seguinte forma:

Estimada Dra. Walther,

"Se a Excellenz von Dirksen lhe escreveu dizendo:
'Valiantine foi desmascarado em Berlim', então escreveu uma absoluta falsidade. Durante todo o tempo em que Valiantine esteve em Berlim, e até depois da sua partida, não foi feita qualquer acusação de fraude contra ele. O Sr. Valiantine, a sua esposa e a Sra. Bradley deixaram Berlim a 13 de maio. A primeira informação sobre quaisquer alegações contra Valiantine chegou-me com a sua carta de 24 de maio. A minha opinião é que Frau von Dirksen é uma mulher emocional. Fui informado de que as filhas e toda a família são fortemente contra a investigação psíquica, e, sem dúvida, houve bastante animosidade envolvida neste caso.

Agradecia se me pudesse facultar a morada do Dr. Kroner, pois pretendo escrever-lhe de imediato."

Foi apenas a 9 de junho, quatro semanas após deixarmos Berlim, que recebemos uma declaração direta de Frau von Dirksen. Chegou sob a forma de carta, com o seguinte cabeçalho:

Berlim
Margarettenstr. 11
9 de junho de 1929

[1] No dia seguinte — domingo, 5 de maio — realizou-se uma sessão à qual farei referência mais adiante neste relatório.

"Querida Sra. Bradley,

Lamento imenso ter de lhe dizer que todos nós aqui em Berlim estamos convencidos de que o Sr. Valiantine não foi totalmente sincero nas suas sessões. Eu não teria mencionado nada, se os senhores da Sociedade de Ocultismo tivessem ficado satisfeitos com o meu silêncio. O Dr. Kroner escreverá ao seu marido e, por isso, sou obrigada a informá-la de que não é possível para mim acreditar na honestidade do Sr. Valiantine. A sessão privada que ele me concedeu foi absolutamente irreal. Vi todos os seus gestos e movimentos, o seu instrumento sonoro, e apenas por acreditar que algo realmente aconteceria, permaneci calada. Nessa sessão privada, Valiantine fez os seus gestos enganosos de forma tão evidente que devia pensar que eu era muito limitada. Lamento profundamente não poder dizer o contrário, mas através do artigo do Dr. Kroner verá o que se passou."

Com os melhores cumprimentos,
(Assinado) Victoria v. Dirksen.

A Sra. Bradley respondeu-lhe da seguinte forma:

12 de junho de 1929

Querida Frau von Dirksen,

As afirmações contidas na sua carta de 9 de junho não são apenas falsas, estão também em contradição com aquilo que me disse enquanto fui sua hóspede em Berlim. A sua carta é vaga e imprecisa. Não consigo entender exatamente o que quer dizer com: "O Sr. Valiantine não foi totalmente sincero nas suas sessões." Essa expressão é totalmente sem sentido. O facto de não ter recebido comunicações evidenciais não reflete de forma alguma sobre a genuinidade da mediunidade do Sr. Valiantine. Se tivesse qualquer experiência com fenómenos psíquicos, compreenderia que é impossível a um médium garantir resultados satisfatórios.

Recordar-se-á de que, após as três primeiras sessões, o meu marido, ainda em Berlim, lhe escreveu afirmando que considerava as condições tão insatisfatórias e o comportamento dos participantes tão perturbador, que era uma perda de tempo continuar com a série. Recordar-se-á também de que o Sr. Valiantine lhe devolveu a quantia que contribuiu para a sua dispendiosa viagem desde a América. Apenas porque a senhora insistiu tanto é que ele acedeu a continuar. …

Quanto à sessão privada que o Sr. Valiantine lhe concedeu, é claro que pôde ver todos os seus gestos e movimentos[1] — esse é precisamente o objetivo de uma sessão desse tipo. Mas sugerir que ele seria tão estúpido a ponto de agir de forma fraudulenta à vista desarmada é não só absurdo, como completamente ilógico.

Há uma pergunta que a senhora — e qualquer outra pessoa que tenha participado em sessões com o Sr. Valiantine na sua casa, em Berlim — deve responder:
Por que motivo não acusou o Sr. Valiantine de fraude na altura?

Esse é o princípio mais elementar de qualquer investigação psíquica. Fazer uma acusação semanas mais tarde desqualifica totalmente qualquer alegação.

O meu marido deseja que saiba que terá muito gosto em receber a carta do Dr. Kroner, assim como quaisquer comunicações que lhe sejam dirigidas por outros membros da Sociedade de Ocultismo. Ele tratará então de todo o assunto.

Deve lembrar-se de que seis anos de intensa investigação psíquica não podem, de forma alguma, ser afetados por estas poucas sessões negativas, realizadas em condições deploráveis. Sob a mediunidade do Sr. Valiantine, foi reunido um vasto acervo de provas irrefutáveis, não só em Inglaterra, mas também nos Estados Unidos, Itália, Brasil e muitos outros países.

As sessões realizadas em sua casa, em Berlim, foram negativas. A senhora e os seus convidados têm, naturalmente, liberdade para formar qualquer opinião individual que desejem, mas em circunstância alguma deve fazer qualquer acusação de fraude contra o Sr. Valiantine, a menos que esteja preparada para provar, com testemunhas, que ele foi apanhado em flagrante. Isso já não poderá ser feito agora, pois omitiu fazer tal acusação no momento, quer a mim quer ao meu marido, e quaisquer alegações que venha a fazer serão devidamente respondidas.

Com os melhores cumprimentos,
(Assinado) Mabel E. Bradley.

[1] A Sra. Bradley refere-se aqui às sessões realizadas à luz do dia que Valiantine concedeu a Frau von Dirksen.

Frau von Dirksen, ao que parece, considerou a lógica desta carta acima da sua capacidade de resposta. Assim, aparentemente, recorreu ao apoio do Dr. Kroner.

O Sr. Florizel von Reuter, que inicialmente me abordou em nome da Sociedade de Ocultismo de Berlim para organizar a visita de Valiantine, encontrava-se em Londres no início de junho, quando ali dava recitais.

Durante a sua breve estadia, o Sr. von Reuter e a sua mãe jantaram comigo em Dorincourt, e contei-lhe tudo o que tinha acontecido em Berlim. Tanto o Sr. von Reuter como a sua mãe possuem conhecimentos de investigação psíquica.

Pedi-lhe que tentasse encontrar-se com o Dr. Quade e o Dr. Kroner para obter quaisquer detalhes sobre as alegações feitas contra Valiantine. O Sr. von Reuter entrou em contacto com o Dr. Quade em Berlim e recebeu a seguinte carta:

Tradução da carta do Dr. F. Quade recebida por Florizel von Reuter:

Caro Sr. von Reuter,

No que diz respeito ao caso Bradley-Valiantine, apenas ouviu um dos lados, e, por conseguinte, o seu juízo sobre nós é algo severo demais. O Sr. e a Sra. Bradley e os Valiantine foram tratados com a maior hospitalidade e cordialidade.

Na primeira sessão, apenas os parentes mais próximos de Frau von Dirksen estiveram presentes, algo que lhe assistia, visto que foi ela quem contribuiu com os 3.000 marcos. A minha influência sobre as sessões foi bastante limitada, pois só pude escolher três participantes. Na segunda sessão estiveram presentes o Dr. e a Sra. Kroner, assim como o Dr. e a Sra. Schwab, todos decididamente a favor [dos fenómenos psíquicos]; na terceira sessão, a minha esposa e eu, a clarividente Condessa Beck; noutra ocasião, o Dr. Siinner; numa das últimas, o Coronel Schuppe com a esposa e eu próprio.

Nenhuma destas pessoas era cética ou inexperiente, portanto não poderiam ter influenciado negativamente. O facto de nenhuma delas ter recebido algo convincente não pode ser atribuído à sua postura pessoal. Frau von Dirksen, apesar das suas crescentes suspeitas, manteve sempre uma atitude cordial e impediu qualquer quebra de disciplina por parte dos participantes.

O próprio Sr. Bradley admitiu que as três primeiras sessões foram as piores que alguma vez experienciou com Valiantine, mas não é justo responsabilizar Frau von Dirksen nem as pessoas por mim convidadas. Quando se considera que não houve um único movimento da trombeta que Valiantine não pudesse ter feito ele próprio na escuridão total, que nunca o ouvimos falar

simultaneamente com outra voz, que nada foi dito que Valiantine não pudesse igualmente ter dito, que o alemão falado soava exatamente como o discurso hesitante de um estrangeiro, e que as vozes pareciam disfarçadas, o Sr. Bradley tem de admitir que ele próprio nunca teria ficado convencido com tais "fenómenos" — nem pode esperar que Frau von Dirksen ficasse impressionada.

Nós, que somos peritos em fenómenos psíquicos e que já fomos convencidos noutras circunstâncias, fomos forçados à conclusão de que tudo o que ocorreu poderia ter sido facilmente produzido por meios fraudulentos.

Algumas observações feitas por Frau von Dirksen, sua filha e os Kroner indicariam, de facto, que houve, por vezes, alguma trapaça, e o relatório do Dr. Kroner tratará disso, embora eu tenha procurado influenciá-lo a não concluir que, só porque os resultados em Berlim foram desfavoráveis, Valiantine não seja um médium genuíno, ou que as impressões do Sr. Bradley, relatadas nos seus livros, sejam o resultado de falta de atenção ou rigor.

Espero que faça tudo o que estiver ao seu alcance para convencer o Sr. Bradley de que não existe animosidade nem qualquer intenção deliberada de ser injusto nas nossas conclusões.

Estou certo de que, se tivesse estado presente, teria partilhado da mesma opinião.

Espero que tudo faça para diminuir a tensão e evitar qualquer escândalo.

(Assinado) Dr. F. Quade

Nota de rodapé de Florizel von Reuter:
Vejo que omiti traduzir um parágrafo onde o Dr. Quade lamenta que não tenham sido permitidas em Berlim condições de controlo científico, como as de Génova. Acrescenta ainda:

"Penso que os espíritos que, há alguns anos, profetizaram uma guerra de desforra por parte da Alemanha, não se sentiram à vontade nesta atmosfera e, por isso, abandonaram Valiantine à sua sorte."

Tradução da resposta de Florizel von Reuter ao Dr. F. Quade:

Caro Dr. Quade,

Agradeço-lhe a carta detalhada. Naturalmente, nunca pensei que os participantes que o senhor introduziu no círculo tivessem uma influência negativa. Contudo, o senhor próprio admite, pelas suas observações, que os apoiantes convictos (pros) eram claramente uma minoria, limitados a quatro pessoas, enquanto nas nossas conversações iniciais se sublinhou que, devido à extrema sensibilidade da mediunidade de Valiantine, os apoiantes deveriam constituir a maioria, e os novatos limitar-se a dois. Considero, por isso, que as probabilidades de sucesso eram, desde o início, bastante fracas.

Quanto ao controlo, deixei também bem claro que seria necessário aceitar as condições como elas se apresentavam, a fim de evitar qualquer desarmonia inicial no círculo.

Menciona o controlo em Génova. Naturalmente, foi excelente, mas a condição ali era que todos os participantes estivessem sob controlo. Valiantine disse-me pessoalmente que estava disposto a ser controlado, com a única condição de que todos se controlassem mutuamente — uma precaução muito justificada contra possíveis truques por parte de céticos. Fui informado de que essa sugestão foi rejeitada por vários dos presentes, que a consideraram insultuosa, pelo que não houve controlo científico possível, e Valiantine esteve absolutamente justificado em recusar um controlo unilateral.

Consta que o Dr. Barnett se queixou amargamente, durante uma sessão privada com Bradley num hotel de Berlim, da falta de disciplina. O próprio Sr. Bradley confirmou esta queixa, ao afirmar que, numa ocasião, um dos participantes, por estar cansado, simplesmente se levantou e saiu da sala, paralisando os fenómenos.

Não atribuo grande importância às declarações de Frau von Dirksen. O Sr. Bradley disse-me que ela ficou até satisfeita com o fraco resultado da primeira sessão, mas permitiu-se ser influenciada por familiares que se opunham ao espiritismo e, uma vez semeada a suspeita, qualquer movimento pode ser mal interpretado. Mais relevantes são as observações do Dr. Kroner, assim como o alemão mal falado, que terá deixado uma má impressão — embora se deva considerar que a produção da voz está

intimamente ligada à organização do médium, e que condições desfavoráveis podem afetar o carácter da fala.

Espera-se que o Dr. Kroner leve todos esses pontos em conta no seu relatório. Também partilho da opinião de que episódios pontuais de fraude não determinam a questão da genuinidade de um médium — muito menos no caso de Valiantine, cujos feitos notáveis são amplamente reconhecidos. Contar-lhe-ei pessoalmente alguns resultados extraordinários em Veneza, quando nos virmos.

Quer que use a minha influência junto de Mr. Bradley para evitar um escândalo público, mas dificilmente poderá esperar que Bradley permaneça em silêncio se Kroner publicar um comunicado. Por favor, diga ao Dr. Kroner que deve, sem falta, informar Bradley do conteúdo do seu relatório e também quando e onde será publicado, pois ninguém pode negar a Bradley o direito de resposta. Ele tenciona publicar a sua versão em Inglaterra, o que poderá aumentar a tensão, mas é perfeitamente legítimo.

Naturalmente, não posso julgar o caso e mantenho-me imparcial, embora não esconda a minha opinião de que as condições na casa dos von Dirksen estavam longe de ser ideais, e que foram, em grande parte, responsáveis pelos resultados tão pobres.

(Assinado) Florizel von Reuter

A resposta de von Reuter é clara e bem fundamentada. No entanto, deve notar-se também que o Dr. Quade não apresenta justificação para qualquer acusação concreta contra Valiantine. Diz:

"Não houve um único movimento da trombeta que Valiantine não pudesse ter feito ele mesmo",
e também:
"Nada foi dito que Valiantine não pudesse igualmente ter dito",
e ainda:
"Tudo o que ocorreu poderia ter sido produzido por meios fraudulentos."

Isto, claro está, é uma base absolutamente ridícula para uma acusação — tudo o que representa é mera suposição. Também me diverte a referência ingénua do Dr. Quade aos participantes como "nós, que somos peritos em

fenómenos psíquicos". Isto, evidentemente, é absurdo, uma vez que nenhum dos presentes alguma vez tinha participado numa sessão de "voz direta".

Uma afirmação sobre o que "poderia ter sido" nunca pode ser aceite como prova de fraude.

Foi apenas a 19 de Junho — cinco semanas depois de ter deixado Berlim — que a seguinte carta, que publico na íntegra, foi recebida:

Tradução da carta do Dr. W. Kroner para H. Dennis Bradley

Charlottenburg,
19 de Junho de 1929

Caro Sr. Bradley,

A Sra. von Dirksen entregou-me a carta da sua esposa para atenção posterior. Nela, a sua esposa escreve que estão à espera do meu relatório e dos restantes membros, a fim de publicarem o material completo em Inglaterra.

Já estou em contacto com a Sociedade Britânica para a Investigação Psíquica e com várias outras pessoas sobre a publicação de todo o material, que compreende noventa páginas e que contém todos os relatórios individuais, sendo que naturalmente reservo todos os direitos de autoria. Desde o início, nunca foi minha intenção fornecer este conteúdo à imprensa diária, esperando que também o senhor os deixasse fora deste assunto. Mas, naturalmente, estou preparado para o acompanhar nesse campo.

Infelizmente, pelas observações algo temperamentais da sua esposa, percebo que será muito difícil conduzir a futura controvérsia sobre a autenticidade da mediunidade do Sr. Valiantine com a seriedade científica desejada — ou seja, com a real abstenção de todas as considerações pessoais e mundanas —, algo que naturalmente se exige no interesse do objetivo comum e universal de descoberta, apesar de todos os métodos contraditórios. Que fique claro que isto não se trata de uma luta; não sou um opositor do território oculto, mas sim um dos seus mais fervorosos exploradores, sendo também um amigo imparcial do espiritismo.

Se venho agora com uma acusação tão grave contra um dos melhores médiuns, faço-o de coração pesado e plenamente consciente da

responsabilidade que isso implica em termos de prova, justificação e face à fé de centenas de milhões de espiritualistas convictos. Também o faço por saber que é meu dever apontar uma ferida aberta, especialmente porque o dano se revela dentro do nosso próprio campo. Se se tentasse encobrir algo, isso daria aos opositores uma oportunidade de ganhar vantagem.

Se não estivesse absolutamente certo dos factos — se tivesse baseado a minha opinião em suposições — teria ficado em silêncio. Posso, no entanto, provar, com declarações atestadas de cinco testemunhas e dezassete observações fraudulentas distintas, em parte diretas, em parte provas fraudulentas efetivas, além de um grande número de provas indiretas, que no caso das apresentações do Sr. Valiantine em Berlim não se tratou de uma fraude ocasional ou acidental durante o transe, mas sim de uma fraude sistemática e, com toda a probabilidade, excecional.

Se anteriormente o Sr. Valiantine era ou não um médium genuíno — essa questão deixo-a propositadamente em aberto, embora o considere altamente desqualificado devido ao seu próprio comportamento e à sua recusa de qualquer controlo físico, tal como o senhor declarou. Na minha opinião, ele terá de apresentar novas provas da sua competência como médium sob outras condições. A razão pela qual considero as sessões de Génova fracas em termos de demonstração poderá perceber pelas observações que farei a esse respeito. Esta questão do "também genuíno" é o ponto que a discussão entre nós terá de resolver, e deixo o primeiro passo ao senhor. Infelizmente, as observações feitas aqui não podem ser contestadas, e o melhor seria que o senhor se certificasse pessoalmente delas.

Se não viemos mais cedo com a nossa reivindicação, especialmente se não informámos imediatamente o senhor ou a sua esposa, foi porque quisemos ter absoluta certeza dos factos e evitar dar motivos para comentários. Além disso, o material — composto por muitas observações e apontamentos separados — teve primeiro de ser recolhido e ordenado cientificamente, sendo necessário ter um cuidado extremo para que nenhuma palavra a mais ou a menos fosse mencionada.

Esse trabalho muito extenso levou-me quase um mês, a que se junta a minha já intensa atividade profissional. Se tivesse sido possível dar-lhe notícias imediatas de qualquer suspeita, isso teria levado à interrupção imediata das

sessões por sua iniciativa. Essa é também a razão pela qual, ao contrário das suas intenções, quisemos que as sessões continuassem. Queríamos certeza, não dúvida. Além disso, existia sempre a esperança do surgimento de fenómenos reais.

Se existe aqui em Berlim uma atmosfera de desconfiança, isso não se deve à ignorância ou oposição. Deve lembrar-se que essa atmosfera não existia no início. Todos nós tínhamos a maior confiança. Primeiro a sua, depois a recusa incompreensível e brusca do Sr. Valiantine em aceitar qualquer tipo de controlo — mesmo o mais leve — perturbaram essa harmonia original. Não os fenómenos, que por si só já eram fracos, pois sabemos tão bem quanto o senhor que o princípio espiritual não pode ser governado.

Mas não podemos permitir, em silêncio, que, na ausência de fenómenos genuínos, algo de natureza fraudulenta nos seja apresentado. E se, desde o início, nos pede que dispensemos os sentidos da visão, audição e paladar para efeitos de controlo, então não deve surpreender-se se recorrermos à autoajuda para evitar contactos, os quais, afinal, não prejudicaram a saúde do médium, como sempre sugeriu. A partir disso pode ver o quão cuidadosa e delicadamente atuamos; talvez possa exigir fé cega na sua autoridade por parte dos espiritualistas convictos, mas não dos investigadores psíquicos. Enquanto as vozes não demonstraram qualquer prova de identidade, teria sido justo, pelo menos, permitir o controlo da autenticidade dos fenómenos vocais como aparições físicas, e não a escolha incontestada de uma pessoa sujeita a teste.

O original do meu material encontra-se com o Sr. Th. Besterman, bibliotecário da Sociedade para a Investigação Psíquica, Tavistock Square, Londres, W.C., onde, neste momento, está a ser traduzido para inglês. Dei instruções para que lhe mostrem o original ou lhe forneçam uma cópia da tradução.

Esperando que, apesar de tudo, estejamos em terreno sólido e que possamos "cruzar espadas" de forma cavaleiresca,

Sou, com os melhores cumprimentos,
(Assinado) W. Kroner

Na minha resposta ao Dr. Kroner, incluí os pontos de vista que aqui exponho, sublinhando o facto de que nenhuma crítica foi feita durante a

minha estadia em Berlim, nem foram apresentadas acusações, as quais poderiam ter sido imediatamente examinadas, analisadas e comprovadas ou refutadas.

Em que consiste a carta do Dr. Kroner? Observa-se que ele falhou completamente ao não especificar em detalhe qualquer alegação de fraude por parte de Valiantine e, mais uma vez, devo enfatizar que omitiu oferecer uma única palavra de crítica — quer a mim, quer à minha esposa, quer ao próprio Valiantine — durante todo o tempo em que estivemos em Berlim. Se tinha acusações a fazer, era claramente seu dever tê-las feito na altura e, certamente, era seu dever tê-las detalhado ao escrever-me. Há um tom fraco e evasivo em toda a sua carta. Limita-se a afirmar que enviou noventa páginas de material à Sociedade para a Investigação Psíquica e que deve reservar todos os direitos de autoria. Não consigo compreender o algo confuso terceiro parágrafo da sua carta, onde se refere às "observações algo temperamentais" da minha esposa. A carta da Sra. Bradley à Sra. von Dirksen foi clara e lógica. Refutava a carta absolutamente vaga e sem sentido que havia recebido da Sra. von Dirksen, e exigia uma resposta explícita quanto ao conteúdo concreto das alegações contra Valiantine. A Sra. von Dirksen foi incapaz de responder, e, ao que parece, o mesmo se passou com o Dr. Kroner.

É-me completamente impossível descortinar o que o Dr. Kroner quer dizer com "essa seriedade científica, e a realidade de pôr de parte toda a atualidade pessoal e mundana". Por parte dos participantes em Berlim, não houve qualquer aparência de seriedade científica. O que se observou foi precisamente o oposto. As sessões realizaram-se após grandes jantares, com conversas soltas, ausência total de harmonia e completa falta de disciplina na sala de sessões.

Um parágrafo da carta do Dr. Kroner ficou por justificar ou explicar. Ele afirmou estar absolutamente certo dos seus factos e que podia "provar com as declarações atestadas de cinco testemunhas e dezassete observações fraudulentas separadas — em parte diretas, em parte provas fraudulentas efetivas — além de um grande número de provas indiretas, que, no caso das apresentações do Sr. Valiantine em Berlim, não se tratou de um transe fraudulento ocasional e acidental, mas sim de uma fraude sistemática e, com toda a probabilidade, bastante excecional".

Depois de fazer tal afirmação, que eu deliberada e inequivocamente declaro ser falsa, o Dr. Kroner omitiu citar sequer um exemplo específico. Por que razão não o fez? Estaria tão ansioso por reservar os seus direitos de autor sobre essas noventa páginas? Haveria alguma razão obscura ou material para esta sua reserva? Teria receio de mim ou estaria tão inseguro quanto à base das suas alegações que não ousou apresentá-las?

A sua desculpa por não ter feito qualquer acusação de fraude enquanto estivemos em Berlim — e por ter esperado várias semanas antes de escrever uma carta indefinida — foi mera evasiva. Não se tratou de uma exposição, de forma alguma, e isso desqualificou inteiramente tanto ele como quaisquer outros participantes que tenham estado presentes, retirando toda e qualquer credibilidade científica às suposições que posteriormente possam ter elaborado em conclaves secretos.

Fazer insinuações vagas, classificadas por termos como "observações parcialmente diretas", "provas parcialmente reais" e "provas indiretas" não é apenas anticientífico — é uma argumentação absolutamente fraca.

Se ocorrem fenómenos que parecem inexplicáveis e que ultrapassam a compreensão de participantes céticos, esses participantes têm invariavelmente tendência a imaginar que devem ter sido produzidos pelo médium, inventando suposições sobre como poderiam ter sido produzidos fraudulentamente. Tais teorias, no entanto, nunca podem ser aceites como prova de factos e são, certamente, a antítese direta do termo "exposição".

A alegação do Dr. Kroner de que a recusa de controlo por parte de Valiantine teria perturbado a harmonia é absurda. Ele compreendia perfeitamente que Valiantine participaria em Berlim nas mesmas condições em que anteriormente se sentara comigo e, além disso, Valiantine estava disposto a aceitar controlo — se todos os outros participantes também fossem controlados, o que recusaram.

Quanto ao que o Dr. Kroner quis dizer com "não se surpreenda se recorrermos à auto-ajuda para evitar contacto", não consigo compreender, a menos que, com isso, quisesse insinuar que alguns dos participantes recorreram a truques. Foi extremamente afortunado que, em todas as ocasiões em Berlim, ou eu ou a Sra. Bradley estivéssemos presentes com

Valiantine. Ela e eu conhecemos todas as fases da mediunidade de Valiantine nos últimos seis anos.

Participámos com ele literalmente em centenas de sessões, e ambos podemos garantir que, até então, nunca houve qualquer indício de tentativa de fraude da sua parte durante todo esse tempo. Ambos conhecemos as "vozes" dos Guias de Valiantine tão bem como conhecemos as vozes de qualquer membro da nossa família. Essas vozes espirituais manifestaram-se em várias ocasiões durante as sessões de Berlim. Nenhum dos presentes em Berlim as conhecia, porque nunca as tinha ouvido antes. Se pensaram que essas vozes foram fraudulentamente produzidas por Valiantine, têm o direito de o pensar, mas em nenhuma circunstância devem ser autorizados a afirmá-lo sem que possam efetivamente provar esse facto.

Relativamente ao relatório de noventa páginas do Dr. Kroner, que, segundo afirmou, enviou à Sociedade para a Investigação Psíquica (Londres) para publicação, é significativo que, em resposta ao meu pedido à Sociedade para obter uma cópia da tradução, recebi uma carta da secretária, Srta. I. Newton, datada de 20 de Julho de 1929, na qual ela afirma: "É verdade que o Dr. Kroner enviou um relatório a um dos responsáveis da Sociedade, o qual já foi devolvido ao Dr. Kroner. Acrescento que a Sociedade não irá imprimir o relatório do Dr. Kroner."

É evidente, a partir disto, que o relatório do Dr. Kroner foi considerado sem valor.

Passo agora a tratar e analisar as declarações e alegações do Dr. Kroner tal como apareceram na *Zeitschrift für Parapsychologie* cinco meses depois, no Inverno de 1929.

Relatório e Afirmações do Dr. Kroner

Os relatórios do Dr. Kroner sobre as sessões com Valiantine em Berlim ocupam cinquenta e uma páginas densamente impressas. O título, "A Exposição de Valiantine", da autoria do Dr. Walter Kroner, não é apenas injustificável — é uma afirmação deliberadamente falsa. Não houve qualquer exposição de Valiantine por parte do Dr. Kroner ou de qualquer dos participantes em Berlim.

Do ponto de vista científico, o relatório do Dr. Kroner não tem valor. Teria sido altamente benéfico se tivesse sido reduzido a um décimo do seu tamanho. Consiste, em grande parte, numa série de repetições enfadonhas e, como demonstrarei, contém muitas contradições gritantes e óbvias, revelando uma falta de inteligência e de cuidado sem paralelo em qualquer autor que se pretenda conhecedor de investigação psíquica.

Na minha análise das alegações do Dr. Kroner contra Valiantine, o único método possível é abordar as suas críticas página por página.

Na primeira página, o Dr. Kroner anuncia o seu conhecimento de vários médiuns físicos (genuínos ou assim considerados) e dos truques e fraudes que alegadamente terão cometido. Contudo, o Dr. Kroner não apresenta qualquer experiência pessoal com esses médiuns. Limita-se a demonstrar um conhecimento comum a todos os que tenham lido literatura psíquica. Importa notar, porém, que nenhum dos médiuns citados pelo Dr. Kroner era médium de "voz direta". Os fenómenos produzidos nas suas sessões eram de natureza completamente diferente dos produzidos por Valiantine.

No que respeita aos fenómenos de "voz direta", nem o Dr. Kroner nem qualquer dos participantes em Berlim tinha qualquer experiência com esse tipo de fenómeno. Nem ele nem eles estavam qualificados para julgar o que acontece ou deveria acontecer. Com a minha longa experiência com a mediunidade de "voz direta" de Valiantine — bem como com a minha própria experiência nesse domínio, e com a da Sra. Bradley e de mais dois ou três médiuns de voz bem desenvolvidos na Grã-Bretanha — posso afirmar com autoridade que conheço as condições necessárias para este tipo de fenómeno. Sei da sua extrema sensibilidade e, com base em muitos anos de experiência, estou plenamente ciente de que o mais pequeno distúrbio, seja mental ou físico, por parte de qualquer dos participantes, destruirá ou mutilará as vibrações delicadas, tornando impossíveis ou ineficazes as comunicações através da "voz direta".

Na página 2, o Dr. Kroner afirma: "Na casa da Sra. von Dirksen reinava um espírito de hospitalidade cultivada que unia todos os visitantes de forma harmoniosa desde o início. Não se permitia negativismo nem ceticismo real."

Afirmo que o ceticismo estava generalizado nos círculos de Berlim desde a primeira sessão, o que provarei posteriormente com declarações dos próprios participantes.

Na página 3, o Dr. Kroner escreve: "Não havia a menor dúvida quanto à falsidade das produções, e com uma maravilhosa delicadeza e contenção sem paralelo, o médium foi autorizado a sair sem ser molestado." Que atitude extraordinariamente tola para um investigador perito!

Na mesma página, o Dr. Kroner refere-se a "fraudes irrepreensíveis, comprovadas, bem organizadas e executadas em grande número de casos isolados". Nenhuma fraude foi provada.

No mesmo parágrafo, na mesma página, o Dr. Kroner apresenta apenas a teoria de que "cada um dos fenómenos ocorridos em Berlim poderia ter sido produzido fraudulentamente nas condições existentes". "Poderia ter sido" não é prova. É mera suposição.

Na mesma página, continua dizendo que a fraude de Valiantine é "tão primitiva e tão grosseira que é surpreendente e quase inacreditável que ele não tenha sido descoberto antes".

O único aspeto surpreendente desta afirmação é que, na página seguinte (página 4), o próprio Dr. Kroner declara: "Neste momento não estamos em posição de provar esta acusação."

Os participantes em Berlim foram claramente informados por mim, antes de empreender a longa e dispendiosa viagem até lá, de que nenhum do meu trabalho se baseava nos fenómenos físicos que pudessem ocorrer, mas sim nas evidências mentais da sobrevivência que haviam sido obtidas.

O Dr. Kroner está evidentemente obcecado pela antiga noção do controlo físico. Nenhum controlo físico pode ter qualquer relevância no que toca à evidência mental. Nem eu nem Valiantine fomos a Berlim com o intuito de apresentar fenómenos físicos. Pessoalmente, desvalorizo os fenómenos físicos, pois, por mais notáveis que possam parecer, são, sem dúvida, desprovidos de valor como prova de sobrevivência. Anos de investigação foram desperdiçados por cientistas na tentativa de provar fenómenos físicos sob condições controladas, e nada de valor foi alguma vez alcançado — nem

houve qualquer consenso científico. Apenas a evidência mental é incontestável.

A classificação dessa evidência mental exige que os espíritos comunicantes forneçam provas irrefutáveis das suas identidades e personalidades. Estou plenamente consciente de que, durante a série de sessões em Berlim, foi obtida muito pouca evidência mental. Antes da publicação do relatório do Dr. Kroner, já tinha afirmado publicamente que as sessões realizadas ali tinham sido negativas. No entanto, sessões negativas não provam fraude.

Todo o meu trabalho tem sido dedicado à acumulação de provas mentais, não a fenómenos físicos.

Escrevi longos livros inteiramente dedicados a provas mentais espontâneas. O controlo físico, de qualquer natureza, não tem qualquer relevância relativamente a essas evidências. As ideias do Dr. Kroner são atávicas, e ele é incapaz, mesmo teoricamente, de apresentar qualquer argumento contra as inúmeras provas psíquicas que publiquei.

Na página 4, o Dr. Kroner afirma: "A nossa prova do carácter fraudulento de Valiantine não pode ser negada... É uma fraude extraordinariamente cínica."

O Dr. Kroner não apresenta essa prova. Esta afirmação não só é refutada por mim, como é também rejeitada por um grande número de homens eminentes na Alemanha, cujo conhecimento destas sessões se baseia apenas na leitura dos próprios relatórios do Dr. Kroner — que eles consideram contraditórios, anticientíficos e totalmente desprovidos da prova que ele tão arrogantemente presume possuir.

O Dr. Kroner comete outra terrível contradição na página 5, quando, logo após afirmar que "Valiantine cometeu fraude de A a Z", diz no parágrafo seguinte: "Neste momento, estamos razoavelmente convencidos de que Valiantine ainda nos deve uma prova."

Qual destas afirmações se deve aceitar? Alguém pode aceitar seja o que for vindo de um investigador tão incrivelmente inconsistente e anticientífico?

O Dr. Kroner esteve pessoalmente presente em apenas três das sessões realizadas em Berlim. As datas foram 30 de Abril, 7 de Maio e 12 de Maio. Dois meses antes de o relatório do Dr. Kroner ser publicado na Alemanha, registei publicamente as sessões de 30 de Abril e 7 de Maio como

relativamente negativas, e a sessão de 12 de Maio como um fracasso total. É extremamente estranho que o Dr. Kroner expanda as suas observações sobre estas três sessões ao longo de treze páginas. Citando literalmente o meu próprio relatório, escrevi: "Na segunda sessão (30 de Abril), também realizada após um grande jantar, os fenómenos que ocorreram foram relativamente negativos. As condições pareceram-me más. Havia uma desorganização no círculo e total ausência de harmonia ou passividade. Participantes individuais falavam continuamente entre si em diálogos paralelos."

Na página 6, o Dr. Kroner critica o método de disposição dos lugares no círculo. Afirma que "Valiantine colocou as cadeiras dos oito participantes a um metro de distância umas das outras". Isto representaria um círculo de doze metros, com um diâmetro de pouco menos de quatro metros. Assim, uma corneta colocada no centro estaria a dois metros de distância do médium ou de qualquer dos participantes. Referir-me-ei mais tarde a estas medidas.

O Dr. Kroner critica o facto de homens e mulheres se sentarem alternadamente, sugerindo que isso foi feito para que Valiantine pudesse sentar-se entre duas mulheres. Com isto, o Dr. Kroner revela de imediato a sua ignorância quanto ao procedimento habitual numa sessão de "voz direta", onde a alternância de sexos é uma prática comum em todo o mundo.

Critica também as instruções que eu (H.D.B.) dei pessoalmente. Instrui os participantes a sentarem-se direitos e a não cruzarem as pernas. Estas condições são necessárias e são invariavelmente praticadas em todas as sessões de "voz". O Dr. Kroner afirma que foi dito aos participantes para não esticarem os pés. Esta afirmação é falsa. Nada disso foi dito. Acrescenta ainda que foram "aconselhados a não se concentrarem demasiado nem a desconfiar, pois isso interferia com as vibrações." Nunca mencionei desconfiança. Pedi apenas que não se concentrassem em demasia, pois um dos princípios fundamentais numa sessão é a passividade, não a concentração.

Na página 6, o Dr. Kroner declara: "Tocar no médium era estritamente proibido devido ao perigo para a sua vida."

Isto é uma falsidade deliberada. Nunca foi feita tal afirmação. Enfatizei apenas o aviso necessário relativamente ao acender da luz.

O Dr. Kroner afirma que os participantes foram instruídos a evitar conversas sobre outros médiuns que não Valiantine, e que deviam falar apenas sobre os fenómenos produzidos por Valiantine. Isto é completamente falso. Nenhum pedido tão estúpido e sem sentido foi feito.

Afirma ainda: "Quanto mais alto tocava o gramofone, melhor era aparentemente para os fenómenos." O que quer o Dr. Kroner dizer com esta observação críptica? Quando se ouve uma "voz espiritual", o gramofone é imediatamente desligado.

Durante a sessão de 30 de Abril, surgiram fenómenos de faíscas luminosas. O Dr. Kroner afirma que "a luz era semelhante à de um isqueiro de bolso." Essas faíscas não me pareceram nada com um isqueiro de bolso e apareceram a uma distância considerável de onde Valiantine estava sentado — por cima das cabeças de alguns dos outros participantes.

Na página 8, o Dr. Kroner afirma que a "voz" do Dr. Barnett pediu "paciência", prometeu bons fenómenos, queixou-se da atmosfera e das interrupções, e contestou a forma como os participantes estavam dispostos. Não sei se o Dr. Kroner entende inglês ou não, mas esta é mais uma afirmação falsa. O Dr. Barnett nunca promete bons fenómenos; nem nunca, em nenhuma sessão, faz declarações desse género.

O Dr. Kroner descreve como a corneta luminosa tocou na cabeça da Sra. von Dirksen, como ambos os lados da sua face foram acariciados suavemente com ela, e como uma voz baixa, rouca e sussurrante foi ouvida a falar através dela. Isto aconteceu em várias ocasiões durante as sessões. Esses e todos os outros fenómenos ocorridos foram genuínos. O Dr. Kroner parece não compreender que, sendo a corneta luminosa de Valiantine de apenas vinte e sete polegadas de comprimento, isso implicaria que, ao tocar no rosto da Sra. von Dirksen, se Valiantine estivesse a produzir o fenómeno fraudulentamente, teria de estar extremamente próximo dela — a cerca de trinta e cinco centímetros dos seus joelhos — o que lhe permitiria facilmente descobri-lo com um simples movimento dos pés. Sendo que os próprios participantes afirmaram ter esticado os pés e apalpado com as mãos ao

longo de todas as sessões, é importante notar que falharam completamente em fazer essa descoberta tão simples.

Nessa sessão, a "voz espiritual" de "Cristo d'Angelo" falou em italiano. Posso garantir que Valiantine não fala italiano. O Dr. Kroner afirma que pediu à pessoa sentada ao lado de Valiantine para falar com ele enquanto a "voz" se manifestava, e que depois houve uma controvérsia entre os participantes alemães quanto a saber se Valiantine tinha falado ao mesmo tempo que a "voz", ou imediatamente a seguir. Posso testemunhar pessoalmente que, em inúmeras outras sessões, Valiantine falou ao mesmo tempo que uma "voz" se manifestava — e esse facto foi também atestado pelos representantes oficiais numa sessão da Sociedade Inglesa para a Investigação Psíquica.

Os participantes em Berlim admitem não ter a certeza se Valiantine falou em simultâneo com a "voz espiritual" ou logo depois. O Dr. Kroner compreende que, para Valiantine falar imediatamente após uma "voz" produzida fraudulentamente, teria de saltar, em muitos casos, oito a dez pés (mais de dois metros e meio) de volta para a sua cadeira num instante — uma proeza impossível até para um acrobata treinado sem ser detectado de imediato?

Na página 9, o Dr. Kroner afirma que "depois de encerrada a sessão, tivemos de esperar alguns minutos até que o médium nos autorizasse a acender a luz, pois, segundo ele, poderia haver consequências negativas. Fiquei muito surpreendido com isto porque Valiantine não esteve um segundo sequer em transe. Conversou connosco calmamente o tempo todo."

Se o Dr. Kroner tivesse a mais leve experiência com sessões de "voz direta", saberia que é prática comum, após a última manifestação, esperar um minuto antes de acender a luz, para permitir que as forças ectoplásmicas utilizadas se dissipem. A sua surpresa demonstra, mais uma vez, a sua completa ignorância. Se tivesse lido previamente os registos sobre a mediunidade de Valiantine, teria compreendido que ele nunca entra em transe nestas sessões de "voz".

Da mesma forma, nas sessões de voz direta realizadas por mim ou pela Sra. Bradley, nem ela nem eu jamais estivemos em transe. Nem tampouco vários outros médiuns de voz, cujas experiências estão registadas em várias publicações. O Dr. Kroner devia compreender que é de enorme valor o facto de Valiantine poder conversar com os participantes durante toda a sessão.

Isso deu-lhe a oportunidade de lhe falar a qualquer momento enquanto os fenómenos ocorriam. Deve-se salientar enfaticamente que os participantes em Berlim tiveram, durante toda a série de sessões, a possibilidade de verificar e comprovar, a qualquer momento, que Valiantine permanecia imóvel na sua cadeira.

O Dr. Kroner afirma, na página 9, que "a Sra. von Dirksen não podia acreditar que Valiantine tivesse saído da sua cadeira. Ela própria o vigiara e propositadamente dera-lhe uma cadeira que rangia com facilidade. Teria, portanto, ouvido se ele se tivesse movido da cadeira." Esta é uma afirmação particularmente reveladora. Na página 2, o Dr. Kroner afirmara que "na casa da Sra. von Dirksen... não era permitido negativismo nem ceticismo real", e na página 9 publica o facto de que, logo no início das sessões, a Sra. von Dirksen "propositadamente deu a Valiantine uma cadeira que rangia" — obviamente com o intuito de o apanhar em flagrante. Se isto não é ceticismo (justificável ou não), então gostaria de saber o que é. Será que o Dr. Kroner e a Sra. von Dirksen consideram que esta ação justifica a afirmação da página 2, de que "reinava um espírito de hospitalidade cultivada... que unia harmoniosamente todos os visitantes desde o início"? As ideias do Dr. Kroner sobre "hospitalidade cultivada" parecem tão bizarras quanto as suas noções de prova.

Referindo-se a esta sessão em particular (30 de Abril), o Dr. Kroner declara: "Não consegui chegar a qualquer conclusão definitiva e só posso dizer que houve muitos acontecimentos extraordinários, mas que consegui explicar a maioria dos fenómenos — senão todos — de forma perfeitamente natural." Tal declaração é absolutamente inútil. O Dr. Kroner tem a honestidade de referir que, após essa sessão, eu a declarei negativa. De facto, classifiquei-a como negativa porque nenhuma prova mental de valor foi oferecida pelas "vozes". Contudo, ocorreram fenómenos físicos genuínos nesta sessão, e várias "vozes espirituais" falaram na altura. O Dr. Kroner falha completamente em explicar esses fenómenos, recorrendo apenas a suposições levianas de fraude, sem apresentar uma única evidência que as sustente.

Diz que, após esta sessão, alertou a Sra. von Dirksen para as suas dúvidas, sugerindo controlo, e expõe ainda que vários dos participantes — alguns dos quais nomeia — eram, sem dúvida, céticos, sendo o menos cético,

talvez, o Dr. Schwab, que "não conseguia decidir-se". Assim, é evidente que, longe de se tratar de uma série de experiências conduzidas com investigadores empenhados em obter provas mentais diretas, a composição dos círculos em Berlim era, na sua maioria, formada por antagonistas e negativistas.

Foi depois desta sessão que o Dr. Kroner abordou Valiantine sobre a questão do controlo. Afirma que "Valiantine recusou qualquer controlo... Pareceu muito ofendido e disse que, se ele fosse controlado, então todos os participantes teriam de o ser também — incluindo a selagem da boca." O Dr. Kroner omite referir que a oferta de Valiantine para aceitar controlo, desde que todos os outros participantes fossem igualmente controlados, foi recusada, pois vários dos presentes consideraram essa sugestão insultuosa. Valiantine tinha razão em recusar um controlo unilateral, e a sua posição justifica-se pelo facto de que a maioria dos participantes, durante toda a série de sessões, violava as condições, esticando as pernas e tateando com os braços. Faço esta afirmação de forma muito deliberada: não houve qualquer indício de fraude por parte de Valiantine, mas o próprio relatório do Dr. Kroner revela repetidos sinais lamentáveis de que os participantes agiam de forma suspeita.

Depois de apresentar todas estas suposições de fraude por parte de Valiantine, o Dr. Kroner declara ingenuamente: "Procurei deixar claro para ele que não tínhamos a menor dúvida quanto à sua autenticidade... Depois disso despedimo-nos, e eu dei-lhe uma palmada amigável no ombro." Na mesma página, poucas linhas depois, o Dr. Kroner afirma: "Na verdade, fui muito desagradável para com os hóspedes ingleses." Não consigo conciliar estas duas afirmações contraditórias.

O Dr. Kroner escreve ainda: "Sei que Schrenck-Notzing sentia, instintivamente, ceticismo em relação aos 'fenómenos vocais'." O que é que isto tem a ver com o relatório presente? Schrenck-Notzing não sabia absolutamente nada sobre "fenómenos vocais" e não tinha qualquer experiência com esse tipo de mediunidade. Portanto, os seus sentimentos pessoais sobre o tema são irrelevantes. Posso acrescentar que eu próprio (H.D.B.) conheci pessoalmente Schrenck-Notzing e sentei-me com ele em Munique. A sua linha de investigação psíquica era completamente diferente da minha. Cada um de nós representava um ramo de estudo distinto.

O Dr. Kroner relata que, após a sessão de 30 de Abril terminar, e "os participantes ingleses terem ido dormir", voltou à sala das sessões com outros participantes, incluindo membros da família da Sra. von Dirksen e a sua própria esposa. Escureceu a sala e tentou imitar como os fenómenos de Valiantine poderiam ter sido produzidos de forma fraudulenta. A sua descrição desta "reconstituição" é especialmente absurda. Qualquer estudante poderia fazer uma imitação tosca de uma sessão relativamente negativa, mas nem um estudante nem o Dr. Kroner poderiam aguentar-se uma hora e meia num círculo de céticos preconceituosos, todos à espera de o apanhar, sem serem descobertos nos primeiros minutos.

Referindo-se a esse ensaio infantil, encenando o papel de um médium vigarista, o Dr. Kroner afirma que "os que estavam sentados ao meu lado podiam ouvir o movimento pelo roçagar da roupa e, possivelmente, pelo ranger do chão — mas os que estavam mais afastados não conseguiam notar qualquer movimento." Então por que razão, durante toda a quinzena que se seguiu, nenhum deles ouviu o roçagar da roupa de Valiantine, se ele fosse de facto fraudulento? E por que razão aqueles que se sentaram ao seu lado, durante todas as sessões seguintes, não fizeram a simples ação de colocar as mãos na sua cadeira vazia e assim estabelecer fraude de forma clara, pondo fim a esta farsa ridícula? Sei que tentaram fazê-lo em várias ocasiões, mas nunca conseguiram encontrar Valiantine senão no seu lugar devido. Por mais céticos que fossem, certamente terão recebido impressões surpreendentes que ainda hoje têm dificuldade em explicar, até para si próprios.

O Dr. Kroner afirma que a imitação de "vozes" através da corneta poderia ser feita com facilidade. Mas depois acrescenta, em relação aos fenómenos de Valiantine: "Contudo, nunca ouvi tais 'vozes' em nenhum ser humano." Mais uma contradição absurda.

O Dr. Kroner refere-se aos meus livros. Diz: "Lutei contra a ideia de fraude porque, repetidamente, me vinham à mente os maravilhosos registos do Sr. Bradley, nos quais o médium conversa com inteligência absolutamente notável durante horas, inclusive com novos participantes e em línguas estrangeiras, sobre temas íntimos. Disseram-me que isso aconteceu, e também que, em Dorincourt, sete inteligências falaram ao mesmo tempo." O Dr. Kroner não lê inglês e, pelo que sei, leu apenas um dos meus livros: *Den*

Sternen Entgegen. Não leu o segundo volume, *Sabedoria dos Deuses*, que representa um avanço considerável no estudo da investigação psíquica. Se pretende ser um estudioso, deveria fazer o esforço de me citar corretamente.

Permita-me esclarecer que não é o médium que conversa com inteligência notável durante horas. São as "vozes espirituais", totalmente distintas e independentes do médium, que conversam. Como referi nos meus registos publicados, durante as sessões com Valiantine ouviram-se vozes a falar em francês, italiano, russo, espanhol, chinês, japonês, galês idiomático, português, basco, árabe, sânscrito e hindustani. Já ouvi, ao longo de conversas, a língua mudar subitamente de dinamarquês para russo ou de italiano para francês, com as respostas das "vozes espirituais" a surgirem fluentemente e sem hesitação. Mesmo ao citar-me, o Dr. Kroner exagera de forma descuidada quando afirma que "em Dorincourt sete inteligências falaram ao mesmo tempo." Isso não é verdade. Mas, em várias ocasiões, tanto eu como outras testemunhas ouvimos três vozes espirituais distintas a falar em simultâneo.

Embora o Dr. Kroner não tenha descoberto qualquer indício de comportamento fraudulento por parte de Valiantine, afirma que advertiu o Dr. Quade e a Condessa B. quanto às suas suspeitas. Com isso, demonstra que, desde o início, procurou influenciar negativamente os outros participantes. Diz que a Condessa B. assistiu a uma sessão a 2 de Maio e que "considerou a sessão que testemunhou com o Dr. Quade uma fraude encenada. Quase tinha a certeza de que Valiantine compreendia alemão, e ele parecia sempre ouvir tudo o que era dito sobre si. Ficou muito pessimista a seu respeito depois de saber que ela própria era médium. Ela sentiu que ele tinha a consciência pesada, mas manteve-se absolutamente leal." Que tipo de disparate é este para ser apresentado como prova de fraude? "A Condessa B. considerou... sentiu quase certeza... ela pressentiu..." — e o Dr. Kroner tem a presunção de catalogar isto como evidência.

O Dr. Kroner afirma que o Dr. Quade "não conseguia compreender como poderia ter ocorrido uma fraude tão grosseira. Além disso, vários dos fenómenos pareceram-lhe inexplicáveis, pelo que se sentiu inclinado a acreditar que os fenómenos eram genuínos — ou, pelo menos, alguns deles." A atitude do Dr. Quade foi reservada e correta. Naturalmente, ele não podia reconhecer uma fraude que, de facto, não ocorrera.

O Dr. Kroner refere-se à carta que escrevi à Sra. von Dirksen após a terceira sessão. Essa carta está reproduzida na íntegra no relatório do Dr. Kroner. Ele afirma "que a carta é surpreendente porque, até então, todos os participantes tinham permanecido fiéis às condições, com exceção da ação inesperada da Baronesa P. em relação à segunda corneta não oficial. Esse fenómeno foi a razão da carta e do suposto protesto espiritual." Esta é a primeira referência feita pelo Dr. Kroner a uma "corneta não oficial". Não existia tal corneta. Isto é uma invenção pura da parte do Dr. Kroner, uma suposição absurda sem qualquer base fatual. Abordarei esta questão em detalhe mais à frente, ao analisar os relatórios dos participantes em questão.

Ele menciona que a Sra. von Dirksen alegadamente segurou acidentalmente a mão do médium. Mostra-se visivelmente receoso quanto à autenticidade desta alegação, visto que a menciona apenas em duas linhas. Tratarei disso quando abordar o próprio relatório da Sra. von Dirksen.

O Dr. Kroner relata as suas observações pessoais durante a sessão de 7 de Maio, à qual assistiu. Embora esta fosse apenas a sua segunda sessão, longe de procurar observar as condições específicas para o êxito da comunicação com as "vozes espirituais", o Dr. Kroner ignorou deliberadamente todas as condições e ali permaneceu com o objetivo declarado de detetar fraude. Citando-o literalmente, do seu próprio relatório, ele escreve: "Esperava ser colocado numa posição algo incómoda e, por isso, combinei com a minha esposa que ela tentasse, ocasionalmente, INVESTIGAR TATEANDO."

Esta confissão é de grande importância. O Dr. Kroner instruiu a sua esposa (que estava sentada ao lado de Valiantine) a investigar "tateando", e ele próprio, sentado noutra parte do círculo, sem qualquer sombra de dúvida, também passou a sessão a "tatear" na tentativa de localizar o médium.

O que descobriu o Dr. Kroner?

Com todas essas oportunidades para tatear à vontade, falhou completamente em descobrir fosse o que fosse. Pelos seus próprios registos, o Dr. Kroner prova ou que é um investigador particularmente incompetente e ineficaz, ou — o que é verdade — que os fenómenos de Valiantine eram genuínos.

Regista que, durante essa sessão, foi tocado cinco vezes. Afirma que o primeiro toque — que ele próprio notou — pareceu ser feito com dedos

quentes e vivos, tocando-lhe a parte de trás da mão; os outros quatro ocorreram com algum instrumento na sua perna esquerda, na zona do joelho ou da barriga da perna. Por que não conseguiu descobrir de onde vinham esses toques? Se não eram fenómenos supranormais, teria sido perfeitamente simples — já que ele próprio estava a "tatear" durante todo o tempo.

Afirma que todos os outros participantes também foram frequentemente tocados, no rosto, joelhos, etc. Se esses toques fossem fraudulentos e provocados por Valiantine a andar pela sala, nada teria sido mais fácil do que os participantes — que, segundo as suas próprias confissões, também estavam a "tatear" — o apanharem. O Dr. Kroner escreve que, durante a sessão, "ouviram-se as vozes do 'Dr. Barnett', de 'Kokum' e de 'Bert Everett'. A voz de 'Kokum' foi ouvida por cima da cabeça do estudante Döring, assustando vários dos participantes consideravelmente."

Menciona também a "alegada voz do marido da Sra. von Dirksen" e uma "voz sussurrante para o estudante Döring". Afirma que "todas as vozes falaram em frases muito curtas" e que "foi surpreendente que nenhuma das 'vozes' saísse da corneta, quando nas sessões em que eu (Dr. Kroner) estive anteriormente elas tinham falado pela corneta durante bastante tempo." Os registos das sessões com Valiantine mostram que, enquanto o Dr. Barnett usava a corneta colocada no centro do círculo, os Guias, Kokum e Bert Everett, falavam independentemente, sem o uso da corneta.

O Dr. Kroner declara: "Estava certo de que devia haver uma segunda corneta na sala, porque a filha da casa tinha esbarrado com ela na sessão anterior." Se havia uma segunda corneta na sala, por que razão não foi encontrada? É completamente inútil e anticientífico o Dr. Kroner inventar uma desculpa quando não consegue explicar certos fenómenos. Diz estar "certo de que foi usado um segundo instrumento" e, no entanto, falha em apresentar a mais leve prova — o que poderia ter sido facilmente feito. Em que se baseia essa certeza? Onde está a prova? Kroner menciona o fenómeno da corneta a ser rodada rapidamente pela sala e levada ao teto "como se tivesse sido lançada para cima, de onde caiu repentinamente."

Esta é uma descrição particularmente estúpida de fenómenos que não ocorreram apenas nas sessões com Valiantine, mas também em sessões sob a minha própria mediunidade e a da minha esposa. Em sessões pessoais, já

vi a corneta ser elevada até ao teto, caindo por vezes com estrondo e, outras vezes, descendo suavemente. Depende inteiramente da intensidade da força disponível. O Dr. Kroner nunca teve qualquer experiência com tais fenómenos e está totalmente inapto para julgar o seu valor. E é típico dos seus métodos de investigação que, ao não conseguir uma explicação, invente solenemente uma "segunda corneta".

O Dr. Kroner faz a seguinte afirmação: "O Sr. Bradley, em ligação com a sua carta à Sra. von Dirksen, teve a ousadia de notificar a Embaixada Americana de que um cidadão americano estava em perigo, porque poderia ocorrer um dano grave à saúde do médium caso alguém acendesse uma luz repentinamente, o que se esperava que fizéssemos." Mesmo ao fazer esta afirmação, ou o Dr. Kroner ou a Sra. von Dirksen está claramente errado nos factos. Nunca mencionei a Embaixada Americana à Sra. von Dirksen.

Afirmei que a Embaixada Britânica em Berlim seria informada, e considerei, sem dúvida, o aviso dado à Sra. von Dirksen como algo imperativo. Pelo que viria a suceder e pelo comportamento dos participantes ao longo da série, esse perigo era muito real. Está cientificamente estabelecido que, em sessões de fenómenos físicos e de "voz direta", o ectoplasma provém do corpo do médium e é utilizado pelas entidades espirituais como instrumento de manifestação. O acender súbito de luz tem o efeito de forçar o retorno do ectoplasma ao corpo com um choque violento. Num dos meus livros (*Den Sternen Entgegen*), descrevo uma ocorrência que se deu perante várias testemunhas.

Pela sua importância, cito brevemente o incidente, ocorrido em Dorincourt, a 23 de Fevereiro de 1924, numa sessão com a presença da minha esposa, eu próprio, o Sr. e a Sra. de Wyckoff, o Sr. e a Sra. Mortimer Bryans, e o Sr. e a Sra. Caradoc Evans. Os empregados haviam recebido instruções para desligar todas as luzes dos corredores, mas, por algum erro, uma luz eléctrica bastante forte foi acesa no pátio da garagem — cuja construção fica próxima e parcialmente voltada para uma das janelas da sala onde a sessão decorria.

A luz da garagem atravessou a janela por cima dos cortinados, e em quantidade suficiente para se distinguirem vagamente os rostos dos presentes. Valiantine foi observado num estado de prostração, e vimos a corneta suspensa no ar, sem qualquer suporte visível, perto da Sra. Bryans.

Contudo, no momento em que apareceu a luz, ela caiu ao chão. Valiantine apresentava uma respiração ofegante. Permanecemos na escuridão por cerca de dez minutos, quando o ouvimos murmurar: "Ai, o meu estômago." Como parecia em grande sofrimento, decidimos acender a luz. De Wyckoff levantou-se e deu dois passos em direção ao interruptor, quando a voz espiritual de Bert Everett gritou do teto: "Não acendam a luz." A "voz" era inconfundivelmente urgente e aflita.

De Wyckoff foi ajudar Valiantine e disse que "Valiantine estava envolto numa espécie de película esbranquiçada." O Sr. Caradoc Evans aproximou-se e, mais tarde, descreveu "a substância como uma bexiga viscosa e espumosa, onde se podia mergulhar um dedo mas que não se conseguia perfurar." Toquei no rosto e nas mãos de Valiantine e estavam húmidos e frios. De Wyckoff, Bryans, Evans e eu — as senhoras tinham saído da sala — permanecemos com ele no escuro durante cerca de meia hora, até ele recuperar o suficiente para ser levado para um sofá no meu gabinete.

Depois de algum tempo, foi deitado na cama e, na manhã seguinte, devido à persistência do mal-estar, foi chamado o Dr. H. Cooper, de Surbiton. Nesse dia permaneceu na cama. Na terça-feira, à exceção de uma nódoa negra no abdómen com cerca de cinco por sete centímetros — causada, evidentemente, pelo choque do ectoplasma a regressar — encontrava-se perfeitamente bem.

Compreender-se-á, pois, que após tal experiência, o aviso dado quanto à possibilidade de uma luz ser acesa de forma súbita durante uma sessão em Berlim era absolutamente imperativo.

O Dr. Kroner regista as correntes de ar frio que atravessaram as sessões — o "chamado vento magnético". Pouco depois, foi soprado contra a minha (do Dr. Kroner) testa, exatamente como se alguém me tivesse soprado com um tubo. Imediatamente depois disso, a minha esposa notou o mesmo fenómeno." Mais uma vez, o Dr. Kroner revela a ignorância comum de um principiante. A corrente psíquica de ar foi muitas vezes registada cientificamente como ocorrência habitual quando as forças ectoplásmicas estão a ser utilizadas. O Dr. Kroner não tem qualquer conhecimento sobre estes assuntos, e é típico da sua mentalidade o facto de inventar de imediato "um tubo". Teria sido mais prudente não ter tentado redigir uma crítica tão amadora.

O Dr. Kroner relata que "o Guia (Dr. Barnett) declarou durante a sessão que tinha havido uma perturbação e que alguém tinha estendido uma perna." Imediatamente depois, o Dr. Kroner escreve que "todos os presentes negaram tê-lo feito." Aqui está uma falsidade deliberada e flagrante, confessada pelo próprio, pois, na mesma página do seu relatório, o Dr. Kroner afirma: "A caminho de casa, a minha esposa disse-me que tinha sido ela quem andava a procurar com os pés." Portanto, segundo o próprio marido — que, presume-se, a conhece — a Sra. Kroner mentiu deliberadamente durante a sessão. O Dr. Kroner, em relação a esta sessão, afirma: "Notei que todos os participantes ficaram bastante impressionados e provavelmente aceitariam os fenómenos como genuínos."

Importa salientar que isto representa o total das observações pessoais do Dr. Kroner sobre a mediunidade de Valiantine, uma vez que a outra sessão a que assistiu, em 12 de Maio, foi completamente nula. Assim, deve afirmar-se de forma enfática que, nos próprios registos do Dr. Kroner, ele não conseguiu estabelecer um único ponto de prova de qualquer fraude por parte de Valiantine. O que conseguiu demonstrar foi apenas a sua própria incapacidade para uma observação científica e rigorosa — para não falar da sua inconsistência nas declarações.

O Dr. Kroner refere a afirmação feita pela sua esposa a caminho de casa e o que ela alega ter descoberto ao seguir as suas instruções para "tatear com os pés". Ela não mencionou absolutamente nada sobre esse alegado incidente nem à Sra. von Dirksen, nem ao médium, nem à Sra. Bradley, nem a nenhum dos outros participantes presentes. Estava tão hesitante e insegura que só conseguiu elaborar tal acusação em conversa privada com o marido — uma atitude mental bastante reveladora. Irei tratar da declaração da Sra. Kroner mais adiante.

É quase cómico que, após falhar completamente em estabelecer qualquer prova de ação fraudulenta, o Dr. Kroner tenha a ousadia de fazer a seguinte afirmação: "Resumindo tudo, não há dúvida de que tudo isto é uma fraude. É fácil compreender que todos os fenómenos de Valiantine que não são controlados por acaso são produzidos artificialmente pelo médium. Nem sequer era necessário considerar que parte dos fenómenos teria sido produzida por um companheiro de viagem do médium, embora fosse naturalmente notório que a maioria dos fenómenos e dos toques

aparentemente inexplicáveis — especialmente os vindos por trás — ocorriam sempre ao lado de um dos amigos de Valiantine." Esta é, sem dúvida, uma das frases mais confusas, contraditórias e mal redigidas que alguém com pretensões a investigador analítico alguma vez terá escrito.

Afirma fraude sem apresentar prova. Refere-se a fenómenos e toques aparentemente inexplicáveis, e justifica aquilo que não consegue explicar atribuindo-o a um companheiro de viagem — ou seja, à Sra. Bradley — com a vaga insinuação de que talvez ela seja genuína ou, então, cúmplice de fraude. Volta a contradizer-se quando declara que os "fenómenos inexplicáveis ocorriam sempre junto a um dos amigos de Valiantine", quando noutras partes do seu relatório afirma que os fenómenos alegadamente ocorreram em todas as partes do círculo. Para se justificar, escreve: "Deve ser que a Sra. Bradley é uma médium física. Isso complica as coisas." Esta foi uma das poucas observações inteligentes feitas pelo Dr. Kroner.

Diz ainda que, no dia seguinte, comunicou as suas "impressões" à Sra. von Dirksen, e afirma: "A Sra. von Dirksen partilhava a mesma opinião." Mas "impressões" e "opiniões" não são provas. Há um humor involuntário quando afirma que "o que pode ser provado é o que tem valor", e de seguida escreve: "Decidimos não avançar com uma denúncia oficial e permitir que os nossos convidados regressassem calmamente a casa." Se tivesse qualquer prova, por que razão o Dr. Kroner se absteria de fazer uma "denúncia oficial"?

Além disso, é seu dever, enquanto investigador psíquico, expor uma fraude — como eu próprio já fiz em várias ocasiões, tal como todos os investigadores experientes nesta área. Por que razão ele ou a Sra. von Dirksen se absteriam de denunciar e permitiriam que o médium partisse tranquilamente? A razão é simples: sabiam que não tinham qualquer base sólida para as suposições que tinham elaborado nas suas próprias mentes. Por não terem provas, ficaram receosos de fazer qualquer afirmação na presença de Valiantine, da Sra. Bradley ou de mim próprio. Esperaram até termos deixado o país e, depois de um longo intervalo de tempo, lançaram um ataque fraco e cobarde.

O Dr. Kroner faz uma afirmação que é, mais uma vez, uma contradição lamentável. Diz: "Nunca faltou um elo na cadeia de provas diretas ou indiretas. Uma revelação feliz teria sido talvez um grande golpe teatral. Em

caso de fracasso ou fracasso parcial, a situação teria piorado." Como é possível conciliar uma afirmação tão absurda? Se não faltava nenhum elo, então a revelação teria sido uma tarefa fácil. Nada poderia ter sido mais simples para o Dr. Kroner do que organizar-se para que, quando os fenómenos alegadamente ocorressem numa parte da sala, os restantes participantes, sentados junto a Valiantine, o apanhassem fora da sua cadeira.

O relatório do Dr. Kroner sobre a última sessão a que assistiu — a qual foi completamente nula, sem qualquer fenómeno — seria cómico, se não fosse tão tolo. Em primeiro lugar, é tão descuidado nos registos que afirma que a sessão teve lugar a 13 de Maio, quando a data correta foi domingo, 12 de Maio. Afirma ainda que "a pedido especial do médium, um diplomata inglês foi convidado para a última sessão." Esta é mais uma declaração incorreta.

O diplomata inglês em questão é um amigo pessoal meu, de longa data, e tinha sido convidado para jantar nessa noite pela Sra. von Dirksen. O Dr. Kroner escreve que "o diplomata — um oficial inglês de alta patente — não estava 'por dentro do assunto'", sugerindo que não tinha conhecimento de fenómenos psíquicos. Na verdade, posso informar o Dr. Kroner que esse cavalheiro possui muito mais conhecimento sobre o tema do que ele próprio, e, se lhe fosse pedido que desse a sua opinião sobre as sessões em Berlim, o Dr. Kroner encontraria nela uma oposição firme e decisiva a todas as suposições contidas no seu relatório.

O Dr. Kroner prossegue: "Vim com a expectativa de que nada acontecesse nesta sessão. Valiantine certamente esperava, na última noite, um ataque de desmascaramento — especialmente ao ver-me entrar... Ele devia saber que já tinha cometido vários erros e que estávamos mais ou menos a par dos seus truques... sentia-se sentado sobre pólvora." Tais afirmações são absolutamente infantis. Sugerir que Valiantine — contra quem não fora feita qualquer acusação de fraude por parte do Dr. Kroner ou de qualquer outro participante — imaginaria que haveria um ataque de desmascaramento ao ver entrar o Dr. Kroner naquela última noite é completamente ridículo. Durante duas semanas, numa série de sessões realizadas num ambiente hostil, que no total perfizeram entre doze e catorze horas, com todas as oportunidades para detetar fraude e apesar de inúmeras tentativas para o "desmascarar", não conseguiram encontrar absolutamente nada. Porque

haveria, então, Valiantine de esperar ou temer fosse o que fosse nesta ocasião?

No seu relatório, o Dr. Kroner publica a sua "Afirmação em substituição de juramento". Trata-se de um documento sem valor e absurdo. Evita cuidadosamente fazer qualquer acusação direta e timidamente escreve frases como: "Fiz as seguintes observações de aparente fraude... houve agitação e o chão rangeu, como se alguém estivesse a mover-se e a andar... As 'vozes espirituais' quase sempre soavam como se estivessem a ser proferidas através de uma corneta." Será que o Dr. Kroner, enquanto se apresenta como investigador científico, pretende oferecer expressões como "aparente", "como se", e "quase sempre" como se fossem provas ou evidências? E será que se atreve a chamar a isto uma "exposição"?

Seguem-se então os relatórios de oito outros participantes. Enquanto todo o registo pessoal do Dr. Kroner consiste apenas em suposições infundadas e afirmações sem valor científico ou evidencial, ele transfere todo o peso das acusações diretas para duas mulheres presentes — a Sra. Kroner e a Sra. von Dirksen. É curioso que, entre o grande número de participantes das sessões em Berlim, as únicas acusações diretas — que podem ser comprovadas como falsas — não tenham vindo de nenhum investigador experiente, mas sim de duas mulheres, nenhuma das quais possui qualquer conhecimento sobre fenómenos psíquicos, e ambas se mostraram emocionalmente instáveis e, por vezes, de carácter histérico.

Relatório e Afirmações da Sra. Kroner

O relatório da Sra. Kroner sobre a única sessão a que assistiu, em 7 de Maio de 1929, encontra-se impresso no texto do Dr. Kroner. Nos seus parágrafos iniciais, ela afirma: "A pedido do médium, a anfitriã disse-nos para nos sentarmos direitos, sem cruzar as mãos ou os pés, e para não esticarmos os pés para a frente." Nem Valiantine nem eu alguma vez mencionámos que os participantes não deveriam "esticar os pés para a frente". Apenas se solicita que se sentem direitos e não cruzem os joelhos. Esta é a condição regularmente estabelecida em todas as sessões de "voz". É significativo, no entanto, que embora a Sra. Kroner diga ter sido instruída (em alemão, pela Sra. von Dirksen) a não esticar os pés, ela tenha ignorado completamente essa instrução e, como ela própria confessa mais tarde, tenha passado toda a sessão, por instrução do marido, a "procurar com os pés".

A Sra. Kroner estava sentada à esquerda de Valiantine. Afirma que vários toques foram registados pelos participantes, e acrescenta: "Também fui tocada, especialmente no lado direito da cabeça. Mais tarde, o meu joelho direito foi tocado e fiquei muito assustada, ao ponto de gritar."

Que tipo de pessoa é esta que se apresenta como investigadora psíquica, e cuja condição mental é tal que, ao primeiro sinal de fenómeno, se assusta e grita?

Imediatamente depois, afirma: "Observei que o anel luminoso na corneta deixou de ser visível durante algum tempo. Pouco depois, os participantes do outro lado da sala começaram a ser tocados. Nesse momento, o anel luminoso estava apagado. Tive a nítida sensação de que alguém se estava a arrastar lentamente ao meu lado e comuniquei as minhas observações."

É imperativo que eu (H.D.B.) analise detalhadamente cada declaração da Sra. Kroner, pois em todas as suas suposições, inferências e alegações, ela se contradiz de forma absolutamente comprometora. É essencial reconstruir cuidadosamente o cenário.

A Sra. Kroner está sentada ao lado de Valiantine. A corneta luminosa, segundo o relatório do Dr. Kroner, está estacionária no centro da sala. Do participante até ao seu oposto, o diâmetro seria, de acordo com o próprio Dr. Kroner, de cerca de quatro metros. Seria, naturalmente, ridículo aceitar uma afirmação como "tive a nítida sensação de que" como prova de facto, mas, mesmo além disso, a Sra. Kroner não se apercebe de que, se Valiantine estivesse fraudulentamente a tocar nos participantes do lado oposto da sala, o anel luminoso na corneta estacionária não teria ficado obscurecido da sua perspetiva — mas apenas da dos participantes do lado oposto. E por que razão, ao ter essa sensação de alguém se mover lentamente ao seu lado para tocar outros participantes, não tentou de imediato verificar a cadeira vazia de Valiantine, sentada que estava ao seu lado?

Logo de seguida, a Sra. Kroner faz a seguinte declaração, que cito literalmente:

"Durante a primeira metade da sessão — quando se ouviram as primeiras 'vozes' (a 'voz' do chamado Dr. Barnett, que parecia vir do chão, e não da corneta visível) — tentei procurar no espaço entre Valiantine e a corneta. Levantei lentamente a perna até cerca de um metro de altura. Bati contra um

objeto metálico, que reagiu elasticamente na parte superior — como se Valiantine o estivesse a segurar na mão. Após isso, todos os fenómenos cessaram, até que uma 'voz' vinda do ar disse: 'Alguém interrompeu.' O médium então pediu uma pausa, embora todos nós lhe assegurássemos que tínhamos mantido as pernas quietas."

Aqui, infelizmente, a senhora mentiu — provavelmente por instrução.

Examinemos esta afirmação extraordinariamente contraditória. A Sra. Kroner diz que "ouviu a 'voz' do chamado Dr. Barnett, que parecia vir do chão", e então tentou "procurar no espaço entre Valiantine e a corneta." O que descobriu? Nada. Se Valiantine tivesse saído da cadeira para falar através da corneta no momento em que ouviu a "voz" do Dr. Barnett, ela tê-lo-ia inevitavelmente apanhado curvado durante a busca. Ao fazer esta afirmação, a Sra. Kroner confirma, involuntariamente, a veracidade dos fenómenos. Declara que procurou não só com as mãos, mas também com os pés, dizendo que levantou a perna até um metro de altura e bateu contra um objeto metálico. Levantar uma perna a um metro de altura, na posição sentada, é um gesto difícil e pouco natural — por que razão escolheu esse movimento acrobático em vez de estender a mão, o que seria muito mais fácil e com maior alcance, além de permitir uma descoberta certeira caso existisse fraude?

Ela regista que uma "voz" vinda do ar disse: "Alguém interrompeu" e, de imediato, admite que mentiu ao declarar: "Todos lhe assegurámos que tínhamos mantido as pernas quietas." Depois afirma: "De repente, ouviu-se uma voz terrível, trovejante, de um índio, acima da minha cabeça. Naturalmente, fiquei bastante assustada." Mas porquê esse susto, se, como alega, todas estas "vozes" eram fraudulentamente produzidas por Valiantine?

Analiso agora as suas declarações finais, que cito literalmente: "Pouco depois, o participante à minha esquerda — o estudante Döring — foi chamado por uma voz sussurrante, que parecia muito próxima do seu rosto. Inclinei-me muito perto de Valiantine e ouvi com absoluta certeza que ele aparentemente sussurrava para dentro de um objeto vazio. Posso afirmar com toda a certeza que a origem da voz era a boca dele (de Valiantine), a cerca de um metro de onde os participantes ouviam a voz."

Reconstruamos a disposição dos participantes: a Sra. Kroner estava à esquerda de Valiantine, e o estudante Döring estava à esquerda da Sra. Kroner. Assim, segundo a própria medição aproximada do Dr. Kroner de um metro entre cadeiras, e considerando que o assento da cadeira terá cerca de meio metro de largura, a distância entre o rosto de Valiantine e o de Döring seria de cerca de três metros (ou dez pés). A Sra. Kroner afirma categoricamente que a "voz sussurrante" foi ouvida muito perto do rosto de Döring. Depois, alega que se inclinou perto de Valiantine e ouviu-o "aparentemente" a sussurrar para um objeto vazio.

Para tal ser verdade, seria necessário que Valiantine estivesse a utilizar uma corneta com quase três metros de comprimento — mas a própria Sra. Kroner contradiz-se quando diz que a "voz" foi ouvida apenas a um metro de distância. Assim, segundo a sua própria afirmação, a "voz" não teria sido ouvida junto ao rosto de Döring, mas sim à direita da sua (da Sra. Kroner) própria cadeira. Para a "voz" ser ouvida junto ao rosto de Döring, Valiantine teria de estar a falar imediatamente em frente à cadeira da Sra. Kroner, onde ela o teria apanhado de imediato. Não há qualquer confirmação independente da alegação da Sra. Kroner e, se Valiantine tivesse tentado uma fraude tão tosca, teria inevitavelmente sido descoberto por vários outros participantes ao longo das duas semanas de sessões em Berlim.

Há um ponto de importância fundamental: a Sra. Kroner afirma no seu relatório que os participantes foram tocados do outro lado da sala, e escreve: "Tive a nítida sensação de que alguém se arrastava lentamente ao meu lado e partilhei essa observação." O Dr. Kroner, por sua vez, escreve que "ela (a Sra. Kroner) também notou o ranger do chão, como se alguém andasse a circular." Estes pontos devem ser analisados com atenção. Se a Sra. Kroner ouviu o chão a ranger e teve a nítida sensação de alguém se mover lentamente ao seu lado, tendo recebido instruções explícitas do Dr. Kroner para "investigar tateando", por que razão não verificou imediatamente a cadeira de Valiantine? Este é, inequivocamente, o primeiro passo que qualquer investigador, mesmo inexperiente, daria.

Ela não só poderia ter verificado a cadeira como, com um simples movimento, poderia ter-se sentado na cadeira de Valiantine e exposto o médium em flagrante. Por que razão, após todas estas alegações construídas, isso não foi feito? A resposta é clara: em momento algum,

durante toda a série de sessões, Valiantine se levantou da sua cadeira. É certo que foram feitas inúmeras e contínuas tentativas por parte dos participantes para descobrir a cadeira vazia. Não só a Sra. Kroner, mas também a Sra. von Dirksen e muitos outros participantes, que em diferentes momentos se sentaram de ambos os lados de Valiantine, tiveram as mais evidentes oportunidades para confirmar isso, a qualquer momento, em qualquer uma das sessões em Berlim.

Os estudiosos mais caridosos podem tentar desculpar a Sra. Kroner como uma mulher sob stress emocional, cuja imaginação de fraude escapou ao controlo. Os menos caridosos só podem, com base nas suas próprias declarações, concluir que o seu relatório é uma colagem de falsidades, redigida com negligência sob a influência das teorias fixas do seu marido, o Dr. Kroner.

Relatório e Afirmações da Sra. von Dirksen

Passo agora a abordar o relatório impresso da Sra. von Dirksen. Este parece ter sido redigido com a ajuda do Dr. Kroner, e partes do texto coincidem de forma tão próxima com o estilo e conteúdo do trabalho do Dr. Kroner que sugerem ditado. Há evidências disto no facto de ela repetir as observações e teorias do próprio Dr. Kroner sobre o controlo e as condições, e de registar quase palavra por palavra as observações feitas por ele e as suposições por ele formuladas.

É também apresentada uma versão abreviada do relatório da Sra. Kroner, sob a forma de uma "Afirmação sob Juramento". Esta afirmação contém, de forma condensada, as alegações feitas no relatório, com o uso ainda mais frequente das expressões "aparentemente" e "supostamente".

A Sra. von Dirksen organiza o seu relatório em quinze pontos numerados.

No Ponto 1, afirma: "O médium pediu escuridão total. As fechaduras e frestas das portas tinham de ser tapadas."
Este é o procedimento habitual e correto numa sessão de "voz direta". Contudo, como mostrarei mais adiante, ao analisar o relatório da própria Sra. von Dirksen, ela acaba por se contradizer nesta mesma afirmação.

O Ponto 2 refere-se à recusa de Valiantine em submeter-se a controlo, a menos que todos os participantes também fossem controlados nas mãos e

na boca. Ela declara: "Ninguém se mostrou disposto a aceitar uma sessão sob as condições exigidas pelo médium."
Por que razão recusaram, e com que justificação? A exigência de Valiantine era perfeitamente justificada, pois ficou posteriormente provado que vários dos participantes violaram as condições da sessão de forma deliberada — como eles próprios admitiram.

No Ponto 3, a Sra. von Dirksen afirma que, durante as sessões, "o médium assegurava sempre que um dos seus amigos estrangeiros estivesse sentado ao seu lado."
Estará a Sra. von Dirksen a insinuar que eu (H.D.B.) ou a Sra. Bradley éramos cúmplices de fraude? Se sim, então a atitude dela para comigo na carta de 12 de Maio demonstra que não acreditava nisso — ou que agiu de forma particularmente dissimulada e traiçoeira para connosco. Era absolutamente necessário que tanto eu como a Sra. Bradley estivéssemos ao lado de Valiantine. Caso contrário, teria sido muito mais difícil rebater as alegações que posteriormente surgiram.

A Sra. von Dirksen afirma, no Ponto 4, que "era estritamente proibido inclinar-se para a frente ou esticar os pés ou os braços."

Fui eu (H.D.B.) que dei instruções aos participantes. Nunca proibi expressamente que se inclinassem para a frente ou estendessem os braços ou as pernas. Apenas os instruí a sentarem-se direitos e a não cruzarem as pernas. Curiosamente, embora a Sra. von Dirksen afirme que tais movimentos estavam estritamente proibidos, os participantes, conforme admitido por eles próprios, realizaram todos esses gestos.

Os Pontos 5 e 6 referem-se à música do gramofone, e afirmam: "Durante os intervalos, pedia-se que houvesse conversas em voz alta, evidentemente para distrair a atenção e disfarçar ruídos suspeitos."

Esta afirmação é falsa. Nunca se pediu que se falasse em voz alta. A única instrução dada foi a de conversar normalmente, para manter as vibrações. E se o objetivo fosse encobrir os movimentos do médium, por que razão não o descobriram de imediato?

No Ponto 7, a Sra. von Dirksen declara que as "ditas vozes independentes dos Guias soavam sempre como se fossem faladas através da corneta, e

reconheci muito rapidamente a voz alterada do médium, em especial o seu riso, e sobretudo a 'voz' de Honey parecia a de um homem disfarçada."

Esta é uma observação incorreta. As "vozes" dos Guias de Valiantine foram ouvidas por centenas de investigadores experientes. As vozes não soam como provenientes da corneta, e é estranho que pessoas sem qualquer experiência prévia em sessões de "voz" afirmem reconhecer rapidamente a "voz" do médium, quando os maiores investigadores da Europa não o conseguiram fazer — e concordaram unanimemente que as várias "vozes" são completamente distintas em carácter, tom e personalidade.
Pessoalmente, tenho falado com estes Guias ao longo de mais de seis anos, conheço as suas vozes, personalidades e características tão bem quanto conheço os meus amigos mais íntimos.

Falaram comigo tanto nas sessões com Valiantine como noutras sessões onde ele não esteve presente. E há pelo menos quinhentas outras pessoas que confirmam o mesmo. Assim, declaro com veemência que a Sra. von Dirksen está limitada pelas suas suspeitas e deturpada pela sua imaginação ao fazer a afirmação falsa e absurda de que "reconheceu rapidamente a voz alterada do médium."

No Ponto 8, a Sra. von Dirksen diz que as vozes independentes não trouxeram a mínima prova de identidade. Acrescenta: "Produziam uma espécie de sopro nebuloso ou antes, sons semelhantes a ressonar, vindos ou da corneta ou aparentemente de uma segunda corneta que, para nós, era invisível e cuja existência nos foi ocultada. As poucas palavras em alemão que se conseguiram perceber foram ditas com sotaque inglês."

Não existia qualquer "segunda corneta", e a ligeireza com que a sugestão é feita, com o uso da expressão "aparentemente", é mais uma demonstração do método especulativo e pouco científico utilizado pelo casal Kroner.

No Ponto 9, a Sra. von Dirksen afirma: "Uma vez, acidentalmente, deixei cair o meu braço esquerdo do apoio da cadeira (na quarta sessão) e agarrei uma mão quente e viva, que estava muito perto do meu joelho esquerdo, aparentemente prestes a tocar-me. Essa mão recuou de imediato. Mas, ainda assim, senti a manga do casaco pertencente a essa mão. Nessa altura, Valiantine estava sentado à minha esquerda."
Estive pessoalmente presente nessa sessão. Foi após essa ocasião que a Sra.

von Dirksen, numa conversa privada comigo, disse: "Acreditamos em si plenamente, mas tem a certeza de que não é Valiantine quem toca nos participantes?"

Perguntei o que a levava a fazer essa pergunta, ao que ela respondeu: "Porque tive a sensação de ter sentido uma mão muito próxima de mim." Nada disse sobre uma manga de casaco — acrescentou isso mais tarde. Respondi-lhe que tal ato por parte de Valiantine seria totalmente ilógico e que eu próprio considerava os toques psíquicos como sem valor como prova de fenómenos, sendo um toque fraudulento algo que representaria um ato de loucura da parte de Valiantine. A Sra. von Dirksen então lamentou ter mencionado aquele pensamento que lhe tinha ocorrido. É importante notar que estes são os únicos pontos que a Sra. von Dirksen consegue invocar relativamente a toda a série de sessões realizadas na sua casa, sessões em que eu ou a Sra. Bradley estivemos sempre presentes. A Sra. von Dirksen participou em todas as nove sessões e sentou-se ao lado de Valiantine praticamente durante todo o tempo. Manteve-se desconfiada e, de propósito, deu-lhe uma cadeira que rangia logo na primeira sessão. Com oportunidades de observação tão excecionais, se houvesse fraude por parte de Valiantine, teria tido todas as hipóteses de a detetar. No entanto, a única "prova" que consegue apresentar é a de, uma vez, ter sentido uma mão quente, aparentemente prestes a tocá-la — sem conseguir provar que essa mão era de Valiantine. Se acreditava que tinha tocado na mão dele na quarta sessão, e sendo certo que os participantes foram tocados em várias zonas da sala, então tanto ela como os demais poderiam ter agarrado as mãos de Valiantine e tê-lo apanhado em flagrante.

É apenas quando a Sra. von Dirksen relata as três sessões privadas que teve sozinha com Valiantine que faz acusações diretas contra ele. Importa salientar que essas alegações não têm qualquer tipo de corroboração; não havia testemunhas presentes. Foram as únicas ocasiões em que nem eu nem a Sra. Bradley estivemos presentes — por isso a Sra. von Dirksen sentiu-se livre para fazer quaisquer alegações que quisesse contra Valiantine, sabendo que tais declarações não poderiam ser verificadas ou refutadas por uma testemunha experiente. Nestes três casos, portanto, trata-se apenas da palavra dela contra a de Valiantine.

Ora, à data, Valiantine já contava com registos notáveis de fenómenos sob a sua mediunidade, produzidos em várias partes do mundo ao longo dos últimos dez anos, publicados em vários livros, em praticamente todas as línguas europeias, por autores de reputação elevadíssima. Os relatórios e registos aí contidos estão atestados por eminentes figuras da ciência, medicina, política, literatura e direito. É contra esse conjunto de provas que temos de confrontar as declarações feitas por uma Sra. von Dirksen cuja reputação internacional é nula, que não tem qualquer experiência com fenómenos psíquicos, que desconhece por completo as suas leis e que demonstra, como mostrarei, não apenas ineficácia, ignorância e contradições gritantes nos seus relatos dessas três sessões privadas, mas também — como provarei — uma falsificação deliberada dos acontecimentos reais.

Devo analisar meticulosamente cada frase do relatório da Sra. von Dirksen relativamente às acusações que fez contra Valiantine. Nas suas sessões privadas com ele, começa o ponto 10 afirmando: "A prova real da fraude tive-a durante uma sessão privada à tarde, na qual Valiantine se sentou comigo a sós." É significativo que a Sra. von Dirksen se refira a isto como uma prova real, pois aparentemente reconhece que nenhum dos seus pontos anteriores pode ser considerado como prova verdadeira ou como possuidor de qualquer aparência de evidência credível. A Sra. von Dirksen prossegue afirmando: "O quarto estava totalmente escurecido, mas Valiantine esqueceu-se de uma pequena fresta na porta pela qual a luz incidia sobre ele, especialmente quando se inclinava para a frente para falar dentro da corneta, que se encontrava à sua frente, no chão. Apesar de eu lhe chamar a atenção para essa luz, ele disse: 'Não faz mal.' Ou acreditava que não se conseguia ver nada, ou então pensava que eu era uma completa idiota. Foi desta forma que também vi a segunda corneta através da qual Bert Everett falava a partir de uma altura. Vi também como esta corneta subia e descia — consoante Valiantine quisesse que a voz viesse do alto ou do chão."

Toda esta declaração é uma invenção e pode ser inequivocamente demonstrada como tal por qualquer estudioso que se dê ao trabalho de ensaiar a sessão descrita pela Sra. von Dirksen. Num quarto totalmente escurecido, seria absolutamente impossível ver os vários movimentos que ela descreve. Tudo o que seria possível observar do interior de uma sala escura

seria a obstrução parcial da luz proveniente de uma pequena fresta da porta. Sob tais circunstâncias, não seria possível reconhecer objeto algum.

Mesmo para observar uma obstrução, seria necessário que ambos os presentes estivessem posicionados em linha reta e direta com a referida fresta. Tal disposição exigiria que tanto Valiantine como a Sra. von Dirksen se sentassem em posições extremamente incómodas e artificiais. Será plausível imaginar que Valiantine, com toda a sua vasta experiência em sessões de "voz direta", escolheria deliberadamente uma posição tão invulgar? (Mais adiante apresentarei a descrição da sessão feita por Valiantine e as posições ocupadas por ele e pela Sra. von Dirksen, mas por ora tratarei apenas da alegação com base nas palavras dela.)

A Sra. von Dirksen afirma que a luz incidia sobre ele. Esta é uma afirmação obviamente falsa. A luz que se vê através de uma pequena fresta numa porta fechada não projeta qualquer feixe para o interior da sala. Dizer a verdade de forma simples é tarefa fácil, mas inventar alegações de factos impossíveis é muito mais complexo. Esta sessão em particular decorreu, segundo ela, na tarde de sábado, dia 11 de Maio — ou seja, apenas dois dias antes de Valiantine deixar Berlim, e após doze dias de estadia na casa da Sra. von Dirksen, durante os quais esta procurava apanhá-lo em fraude.

Ela então faz a surpreendente afirmação: "Chamei-lhe a atenção para essa luz e ele respondeu: 'Não faz mal.'" Será lógico imaginar, por um momento sequer, que Valiantine, se tivesse intenção deliberada de enganar, reagisse a uma observação daquela natureza dizendo algo que, supostamente, o exporia tão facilmente? Se uma ténue luz entrava por uma fresta, então uma resposta como "não faz mal" seria, ao contrário, um sinal de que não havia nada a esconder — e por conseguinte, um indício da sua genuinidade.

A Sra. von Dirksen afirma ainda que "viu também uma segunda corneta" e descreve como esta "subia e descia". Não havia qualquer segunda corneta. E mesmo que houvesse, seria absolutamente impossível para ela vê-la. Tudo o que se poderia observar nessas condições seria uma obstrução parcial da tal fresta — caso algum objeto passasse diretamente diante dela. Porque não descobriu então essa "segunda corneta" depois da sessão? Valiantine não teria como ocultar um instrumento metálico de grandes dimensões junto ao seu corpo.

A Sra. von Dirksen, inexperiente e descuidada nas suas alegações, omite indicar se ela ou Valiantine estavam voltados para a fresta da porta. A única forma possível de observar qualquer obstrução seria se ela estivesse voltada diretamente para a porta, numa linha reta, com Valiantine de costas para essa mesma fresta. Se estivesse de costas para a porta, então nada poderia ter visto. Se Valiantine estivesse sentado com as costas para a fresta, o seu corpo bloquearia a luz até ao topo da cabeça, e seria impossível para a Sra. von Dirksen ver a corneta a descer até ao chão.

Para que se desse sequer uma obstrução parcial acima da cabeça, seria necessário que Valiantine levantasse a corneta mesmo em frente ao nariz, em linha recta. Mas se, com intenção fraudulenta, o tivesse feito com uma das mãos de forma "natural", o ângulo impediria qualquer obstrução visível. É preciso sublinhar que, mesmo que fosse possível observar uma simples obstrução da luz, tal não constituiria prova de fraude — mas afirmar que viu tudo o que descreve é uma falsidade.

A Sra. von Dirksen afirma ainda que "a dita voz do seu falecido marido falou pela primeira vez — de forma distinta mas desconexa e especialmente em inglês... não foi capaz de dar qualquer prova de identidade... A voz continuava fraca e em tom de sussurro." Não me surpreende que essa "voz" não tenha conseguido manter uma conversa fluida. Mais adiante abordarei as declarações completamente contraditórias que a Sra. von Dirksen fez a Mrs. Bradley e a Valiantine.

Ponto 11. A Sra. von Dirksen afirma: "O mais repugnante foi a chamada mão materializada, que Valiantine segurou diante do meu rosto, a cerca de um metro de distância, na qual, através da luz que vinha da fresta da porta, pude ver nitidamente a manga pertencente a Valiantine; aparentemente ele tinha a mão ou a luva pintada com tinta luminosa, que o Dr. Quade tinha deixado para trás. Já tinha visto essa mão a cerca de dois metros de distância, então ele chamou a minha atenção para ela. Pedi então que a mão se aproximasse — não a conseguia ver bem. Aproximou-se cerca de um metro, momento em que, como já disse, pude ver a manga, à luz da fresta da porta." Adicionalmente, na sua "Afirmação em substituição de juramento", declara: "Vi tão nitidamente a sua mão que a reconheci como sendo a mão pequena, delicada e gordinha de Valiantine, que em nada se parecia com a mão grande e forte do meu marido. Percebi de imediato que não era a mão do

meu marido. Após a sessão, Valiantine pediu-me que lhe desse um testemunho de que tinha visto a mão materializada do meu marido. Recusei."

Toda esta declaração é uma invenção da Sra. von Dirksen, que afirma, clara e distintamente, ter reconhecido a mão pequena, delicada e gordinha de Valiantine. Ora, Valiantine é um homem excepcionalmente baixo, com apenas um metro e sessenta e três centímetros, e a Sra. von Dirksen assumiu erradamente, ao inventar o seu relato após a partida de Valiantine de Berlim, que ele teria naturalmente mãos pequenas e delicadas. Infelizmente para ela, os factos físicos contradizem essa alegação. Muito longe de ter mãos pequenas, Valiantine possui mãos longas, largas e pesadas — do mesmo tamanho que as de um homem com mais de um metro e oitenta.

O Sr. Noel Jaquin, um conhecido perito em quiromancia, autor de dois livros científicos sobre o tema e que recolheu impressões das mãos de numerosas figuras célebres do Reino Unido, tem na sua posse as impressões das mãos de Valiantine. Mal li a afirmação da Sra. von Dirksen no relatório de Kroner, entrei em contacto com o Sr. Jaquin e solicitei-lhe um relatório sobre o tamanho das mãos de Valiantine, bem como uma fotografia da impressão (essa imagem foi publicada na Alemanha). O relatório do Sr. Noel Jaquin, transcrito literalmente, é o seguinte:

"Tenho na minha posse as impressões reais das mãos de George Valiantine, esquerda e direita, tiradas por mim. Descrevo as mãos de Valiantine como longas, largas e pesadas."

Mão de Valiantine:

- Comprimento da mão (da ponta dos dedos até à base da palma): 19,1 cm
- Largura na base dos dedos: 8,3 cm
- Comprimento do dedo médio: 8,2 cm
- Comprimento do dedo mínimo: 6 cm

Valiantine é um homem baixo, de constituição algo robusta. Compare-se o tamanho das suas mãos com o de Sir Oliver Lodge, que mede mais de 1,80 m:

Mão de Sir Oliver Lodge:

- Comprimento da mão: 19 cm
- Largura na base dos dedos: 8,3 cm
- Comprimento do dedo mínimo: 5,7 cm

Mão de Bernard Shaw:

- Comprimento da mão: 18,4 cm

Escolhi propositadamente mãos de homens altos e grandes. A minha própria mão não é anormalmente pequena, e sou aproximadamente da mesma altura e constituição que Valiantine, ajustando pela idade.

A minha própria mão

Comprimento da mão (da ponta dos dedos à base da palma): 16,5 cm.
(Assinado) Noel Jaquin.

Eis aqui uma prova irrefutável de que as alegações da Sra. von Dirksen são invenções sem qualquer valor.

Pode ainda acrescentar-se que raramente foi feita uma declaração tão ilógica como aquela contida na sua afirmação, onde afirma: "Reconheci de imediato que não era a mão do meu marido. Após a sessão, Valiantine pediu-me que lhe desse um testemunho de que tinha visto a mão materializada do meu marido." Se este episódio inventado tivesse realmente acontecido, como poderia Valiantine saber como era a mão do marido dela? E, depois de ela ter dito "não era a mão do meu marido", será concebível que alguém, a não ser um idiota, lhe pedisse um testemunho de que viu a mão do seu marido? A Sra. von Dirksen nunca mencionou uma única palavra relativamente à sua invenção da mão materializada — nem a Valiantine, nem a Mrs. Bradley — enquanto ambos se encontravam em Berlim. A primeira menção a tal alegação surge no relatório de Dr. Kroner, publicado em Outubro — mais de quatro meses após a sessão e muito depois de Valiantine ter regressado à América.

Escrevi a Valiantine e enviei-lhe um excerto das alegações da Sra. von Dirksen. Valiantine respondeu-me imediatamente, nos seguintes termos:

"Recordo-me de ter estado sentado uma tarde com a Sra. von Dirksen no escuro. Sabes perfeitamente que o que ela diz é uma mentira deliberada. Em primeiro lugar, sentei-me num canto do quarto e não havia luz alguma a entrar. Não estávamos perto da porta e tivemos aquilo a que chamo uma boa sessão, o que a Sra. von Dirksen reconheceu depois, na presença da Mrs. Bradley e da minha esposa."

Esta última afirmação é confirmada por Mrs. Bradley.

A declaração de Valiantine, de que a sessão decorreu num canto da sala, é perfeitamente natural. É assim que uma sessão com apenas dois participantes normalmente se realiza, pois com um médium de voz e apenas outro participante, não é possível formar um círculo. Posso afirmar, com base na minha própria experiência em tais casos, que essa é a posição habitual, para preservar as forças necessárias à manifestação de fenómenos físicos. A alegação da Sra. von Dirksen de que ambos se sentaram numa posição direta e em linha com a fresta da porta é artificial e ilógica.

Na mesma noite do dia em que esta sessão privada da tarde teve lugar, foi realizada uma sessão com um círculo de cerca de oito pessoas. Se, como alega, a Sra. von Dirksen tivesse desmascarado Valiantine nessa tarde, teria tido oportunidades óbvias e ilimitadas de o voltar a apanhar nessa noite. Mas não descobriu nada — e nem sequer ousa alegar que descobriu algo. Porquê? Porque Mrs. Bradley estava presente nessa ocasião, e ela sabia que qualquer alegação seria imediatamente contrariada.

Foi nessa sessão em particular que a filha solteira da Sra. von Dirksen, que era bastante hostil à investigação psíquica, pediu para se juntar ao círculo. Foi-lhe permitido. Segundo o relatório de Mrs. Bradley, os Guias, "Bert Everett" e "Dr. Barnett", manifestaram-se em intervalos, dizendo "Sentem-se direitos", e novamente "Não se toquem", entre outros comentários semelhantes. Uma voz espiritual surgiu e dirigiu-se a um dos participantes, dizendo ser seu irmão. O participante perguntou: "Qual dos irmãos?" e não obteve resposta. A voz falou novamente, e o mesmo perguntou: "Porque estás a falar com sotaque inglês?" Não houve resposta, e pouco depois o Dr. Barnett anunciou que a sessão teria de terminar. O círculo foi desfeito, mas Mrs. Bradley sugeriu que ela e a Sra. von Dirksen se voltassem a sentar com Valiantine para perceber o que se passava.

Nessa nova tentativa, o Dr. Barnett voltou a manifestar-se e, em resposta à pergunta sobre o motivo do encerramento da sessão, disse à Sra. von Dirksen: "A sua filha estava a estender a mão em direção à corneta." Ao sair da sala, a filha foi confrontada com esta ação, que inicialmente negou. Contudo, após insistência, admitiu que tinha estendido os braços quando a corneta se elevou. Mrs. Bradley perguntou-lhe por que motivo tinha feito isso, tendo recebido instruções explícitas para não o fazer, ao que a jovem respondeu que sentira como se algo estivesse à sua frente. Mrs. Bradley disse-lhe que tudo o que conseguira fora estragar a sessão. Mrs. Bradley perguntou então a dois dos participantes da primeira parte da noite se a voz que falara ao homem, dizendo ser seu irmão, soava com sotaque inglês. Ambos disseram, na presença da Sra. von Dirksen, que a voz "falava um alemão muito bom." Após isto, a Sra. von Dirksen disse a Mrs. Bradley que estava extremamente irritada com a filha e que a iria castigar.

Não será totalmente inexplicável que, após alegar ter apanhado Valiantine numa fraude durante a tarde, a Sra. von Dirksen afirme: "Vou castigar a minha filha por ter interferido com os fenómenos"?

Ponto 12 refere-se a uma carta minha à Sra. von Dirksen e a incidentes não relacionados com as sessões. Irei tratar disso mais adiante.

Ponto 13. A Sra. von Dirksen descreve as duas sessões diurnas que teve a sós com Valiantine. Numa sessão realizada à luz do dia é, naturalmente, possível observá-lo de perto e notar até os mais leves movimentos dos lábios ou da garganta — o que é precisamente o objetivo. Valiantine realizou sessões à luz do dia com muitas figuras conhecidas, incluindo vários membros da Society for Psychical Research do Reino Unido. Seria demasiado extenso incluir aqui todos os testemunhos, muitos dos quais estão reunidos na obra *The Wisdom of the Gods*.

A Sra. von Dirksen não se atreve a fazer qualquer acusação contra Valiantine relativamente a estas duas sessões diurnas. Pelo contrário, vê-se obrigada a afirmar: "Certamente não se observou qualquer movimento da boca de Valiantine." No entanto, descreve incorretamente a forma como ele se sentou, tentando — de forma confusa e pouco credível — transmitir a ideia de que os fenómenos podiam ser imitados. Diz: "O meu irmão e eu conseguimos imitar as manifestações que ocorreram, imediatamente, sem dificuldade, sussurrando com os lábios fechados e segurando a corneta da

mesma forma que o médium." Tal é impossível. Tentar imitar os fenómenos diurnos de Valiantine com métodos tão infantis é um insulto à inteligência dos muitos e prestigiados investigadores que se sentaram com ele. A Sra. von Dirksen omite relatar os factos reais dessas duas sessões. Eis os detalhes:

A primeira sessão diurna não foi aparentemente bem-sucedida, mas ela informou-me (H.D.B.), na presença de Valiantine, que se ouviram batidas dentro da corneta e que ouviu uma "voz", embora não tenha conseguido perceber o que dizia. Afirmou, no entanto, que não conseguiu ver o rosto de Valiantine, porque ao segurar a corneta, a mão dele tapava-lhe a cara.

Na segunda sessão, recebeu algum tipo de comunicação e disse a Mrs. Bradley que, como na sessão anterior, não conseguia ver o rosto de Valiantine, mas que ele lhe dissera para segurar um espelho à sua frente para observar qualquer movimento. Mrs. Bradley perguntou-lhe, após a sessão, se tinha recebido alguma mensagem, ao que respondeu: "Sim, foi muito boa. Ouvi a voz do meu marido." A Sra. von Dirksen pareceu muito satisfeita e Mrs. Bradley pediu-lhe então que escrevesse os seus comentários. Ela respondeu que o faria, mas nunca o fez. Quando Mrs. Bradley a interpelou novamente, a resposta foi a mesma. Só à terceira vez é que disse que sentia não ter recebido provas suficientes. Acrescentou ainda que tinha feito uma pergunta específica à "voz" que não foi respondida. Estes são os factos objetivos. Não houve uma única menção por parte da Sra. von Dirksen, em nenhum momento, a qualquer coisa como uma "mão materializada".

Ponto 14. A Sra. von Dirksen afirma: "A corneta, ao bater no teto, parecia ter sido atirada para cima, caindo duas vezes de forma muito desajeitada."

Isto não constitui prova. "Parecia ter sido" não é evidência.

Ponto 15. A Sra. von Dirksen afirma que "numa ocasião fomos todos obrigados a fechar o círculo formando um semicírculo — Valiantine sentado numa posição absolutamente isolada, frente aos outros participantes — deixando entre os participantes à sua direita e esquerda uma distância de pelo menos um metro e meio." Esta afirmação está completamente errada. Os círculos de Valiantine foram todos formados da maneira habitual. A Sra. von Dirksen tenta aqui levantar uma questão com aparente intenção de incitar preconceito, omitindo mencionar que qualquer fenómeno tenha

ocorrido, ou sequer alegar que tenha sido observada alguma ação fraudulenta.

O Ponto 12 não diz respeito a nenhum incidente ocorrido durante as sessões, mas sim à minha correspondência e às conversas que tive com ela durante a minha estadia em Berlim. Mesmo nessa referência, a Sra. von Dirksen faz várias afirmações falsas. Referindo-se à minha carta escrita a ela em Berlim no dia 4 de Maio, afirma: "A razão dessa carta foi o choque que a minha filha sofreu ao embater na corneta ilegítima." Isto é falso. Nada sabia eu de qualquer choque da filha com a corneta. A primeira vez que ouvi tal alegação foi ao ler o relatório do Dr. Kroner.

Não existe qualquer prova da existência de uma tal "corneta ilegítima." A minha carta à Sra. von Dirksen foi clara e concisa. Nela, disse claramente que tinha realizado uma sessão privada no Hotel Excelsior — a qual foi brilhantemente bem-sucedida — e, citando literalmente da carta, afirmei: "Tive uma longa conversa com o 'Dr. Barnett' e perguntei-lhe a razão dos nossos fracassos relativos na sua casa. Ele disse que de muitos dos participantes emanava uma atmosfera de desconfiança que criava condições desfavoráveis e tornava extremamente difícil qualquer comunicação."

Acrescentei que me opunha a permitir qualquer outra sessão, a menos que todos os participantes se comprometessem a respeitar as condições apropriadas e a não interferirem com os fenómenos. A sugestão da Sra. von Dirksen no seu relatório insinua que eu (H.D.B.) era cúmplice de uma fraude, o que contradiz inteiramente a carta que me enviou em 11 de Maio (dois dias antes de Valiantine deixar Berlim), na qual, dirigindo-se a mim de forma familiar, escreveu:

"Querido Herbert,

Muito obrigada por toda a tua amabilidade. Garanto-te que, na próxima guerra, não serás morto por mim.

(Assinado) Victoria v. Dirksen."

A Sra. von Dirksen afirma no seu relatório: "O Sr. Bradley afirmou que, em plena luz do dia, Bert Everett lhe disse que Valiantine estava em perigo na minha casa, e que ele teria de levar Valiantine consigo no dia seguinte, ou então notificar a Embaixada Americana de que um cidadão americano corria

risco de vida, e que eu (Sra. von Dirksen), como anfitriã, era responsável. Aparentemente, um dos participantes tencionava acender uma luz, o que poria a vida do médium em perigo." Todas estas afirmações são falsas. Eu não disse que, em plena luz do dia, Bert Everett tinha dito isso, nem fiz qualquer referência à Embaixada Americana. Para ilustrar o modo lamentável como a Sra. von Dirksen fabrica as suas alegações, eis os factos: nessa noite em particular, quando me retirei, pedi a Valiantine que viesse comigo até à minha sala privada. Disse-lhe que não me sentia nada satisfeito com a situação, e juntos realizámos uma sessão privada. Foi-nos dito que havia um sério risco de que algum dos participantes pudesse, de forma súbita, acender uma luz, e que, caso as sessões continuassem, seria imperativo alertar a Sra. von Dirksen sobre esse perigo.

Curiosamente, embora fosse já meia-noite, a Sra. von Dirksen apareceu no meu quarto, acompanhada da minha esposa. Informei-a de imediato de que eu e Valiantine tínhamos feito uma sessão privada e do que se tinha passado. Avisei-a de que, caso uma ação desse tipo fosse levada a cabo após a minha partida de Berlim, e causasse algum mal a Valiantine, ela seria considerada pessoalmente responsável, e que a Embaixada Britânica seria informada.

O relatório da Sra. von Dirksen é escandalosamente descuidado. Como seria possível realizar uma sessão "em plena luz do dia" à meia-noite?

O resto da declaração da Sra. von Dirksen no Ponto 12, embora pouco relevante em conteúdo, também é completamente inexato. Afirmo com ênfase que se tratam de invenções deliberadas da sua parte. Ela conclui dizendo que "me prometeu que daria aos seus convidados as instruções apropriadas, embora considerasse ser pedir demasiado." O que quer dizer com esta observação ambígua? Evidentemente, quer dizer que não podia confiar nos seus convidados alemães. Termina este ponto dizendo: "Esperava obter resultados positivos ou, pelo menos, dar aos participantes interessados a oportunidade de descobrir a verdadeira fraude." Mais uma vez, demonstra o seu tipo de mentalidade e evidencia, novamente, o incompreensível fracasso de todos os participantes nas várias sessões realizadas depois dessa data em descobrir qualquer fraude.

Na sua "Declaração Solene" com assinatura datada de 12 de Junho, afirma: "Fiz a seguinte observação de aparente fraude, que apresento sem

comentário." De que valor é para um investigador científico uma observação casual sobre algo "aparente"? Nessa declaração sob juramento, afirma: "Numa sessão realizada na sexta-feira, dia 3 de Maio, agarrei uma mão viva e quente, que estava muito perto do meu joelho esquerdo. Essa mão foi imediatamente retirada, mas ainda consegui sentir a manga do casaco a ela pertencente. Valiantine, nessa sessão, estava sentado à minha esquerda." Isto é falso. Não houve qualquer sessão na casa da Sra. von Dirksen na sexta-feira, 3 de Maio. Essa foi a noite em que, com o Sr. e a Sra. Valiantine, a minha esposa e eu jantámos com amigos pessoais e realizámos uma sessão posteriormente no Hotel Excelsior.

O relatório da Sra. von Dirksen foi redigido depois de Valiantine ter deixado o país, e a sua "Declaração Solene" foi assinada por ela a 12 de Junho — um mês após a partida de Valiantine de Berlim. Tanto o relatório como a declaração contêm afirmações que eu provei serem falsas. Em todas as acusações que apresentou não há um único vestígio de prova de fraude.

Durante a minha estadia na casa da Sra. von Dirksen, ocorreram incidentes peculiares, que nunca me aconteceram enquanto hóspede em qualquer casa de qualquer país. Telegramas dirigidos a mim foram abertos e lidos antes de me serem entregues. O mordomo alegou que tinham sido abertos por engano pela Sra. von Dirksen. Dado que esses telegramas — que, de resto, não continham nada de natureza privada — estavam corretamente endereçados a "Dennis Bradley — 12 Margarettenstrasse — Berlim," é inexplicável que tenham sido abertos por engano. Um erro pode acontecer. Mas um erro repetido deste tipo torna-se cansativamente óbvio. Não estou habituado a ver a minha correspondência violada.

Relatório e Declaração da Baronesa E. von P.

A Baronesa von P. é filha da Sra. von Dirksen e, enquanto estive em Berlim, durante uma conversa, disse-me abertamente que era contra a realização de sessões e tentativas de comunicação com "espíritos". Na realidade, toda a família da Sra. von Dirksen era céptica ou manifestava antagonismo.

O relatório da Baronesa E. von P. é absolutamente inútil. Não contém quaisquer pontos que possam ser aceites como prova de fraude. Ela afirma: "Senti-me muito nervosa, com as mãos pousadas nos joelhos e, a certa altura, estremeci intensamente ao ser tocada no joelho esquerdo por um

objeto duro. Num instante, reagi e toquei num instrumento oco, semelhante a lata, que produziu um som metálico e recuou de imediato." Mais uma vez, trata-se de uma mulher de natureza nervosa e emotiva, que nunca deveria ter sido convidada a participar numa sessão.

Na segunda sessão, afirma: "Estiquei a perna e, de imediato, fui novamente tocada cuidadosamente por um instrumento duro que vinha do lado de Valiantine... Após cerca de meia hora, tive uma forte sensação de que alguém se encontrava diante de mim. Estiquei o braço e toquei num fato de homem, cujo dono se afastou rapidamente." Se tocou — como diz — num fato de homem e pensou que fosse de Valiantine, porque não o expôs de imediato?

As afirmações feitas pela Baronesa von P. não provam absolutamente nada, e o testemunho de qualquer participante que confesse estar "muito nervoso e a tremer de medo" deve sempre ser encarado com suspeita. Tudo o que a Baronesa von P. consegue provar é que, tal como a maioria dos outros participantes em Berlim, passou o tempo a apalpar e a esticar-se à volta.

Relatório da Condessa Bianca Beck-Rzilcowsti

A publicação do relatório da Condessa é um completo desperdício de espaço. Não faz quaisquer acusações a Valiantine, limitando-se a declarar o seu ceticismo e desconfiança. Refere que o Dr. Kroner a tinha avisado por telefone, antecipadamente, do seu ceticismo. A Condessa faz uma afirmação falsa ao declarar que os fenómenos só ocorriam quando o gramofone tocava no volume mais alto ou quando havia conversas intensas.

Invariavelmente, nas sessões de Valiantine — e certamente durante toda a série em Berlim —, quando ocorriam fenómenos, o gramofone era imediatamente desligado e os participantes eram sempre convidados a manter silêncio.

O relatório da Condessa é constituído por afirmações como: "Imediatamente tive a impressão de que nada era genuíno" — "Ele (Valiantine) pareceu estar particularmente desconfiado de mim" — "A voz que falou pareceu-me ser de alguém a imitar a voz de uma mulher. Não soava de forma alguma misteriosa" — "Pareceu-me algo suspeito" — "Os toques através da corneta

não criaram a mínima impressão mediúnica em mim" — "A bola de luz também não me impressionou." Este tipo de disparates, estas banalidades, são apresentadas pelo Dr. Kroner como prova de fraude.

Relatório do Professor Hans Driesch

A única sessão a que o Professor Hans Driesch assistiu foi a realizada no domingo, dia 5 de Maio, na qual eu (H.D.B.) estive presente.

Antes da sessão, houve o habitual grande jantar. A Sra. von Dirksen tinha convidado, entre outros, um clérigo de uma das principais igrejas de Berlim, o Professor Driesch, presidente e ex-presidente da *Society for Psychical Research* inglesa, e um certo Barão — cujo nome esqueci — um homem encantador, a quem me referirei mais adiante. As condições pareceram novamente perturbadas. Não havia qualquer aparência de harmonia no círculo. O clérigo alemão — embora fosse boa pessoa — esteve sobretudo ocupado em conversas animadas com vários dos participantes. Certos "Guias" de Valiantine manifestaram-se e falaram no seu estilo individual e característico em frases curtas. Posso testemunhar isso com firmeza. Um dos espíritos alemães tentou falar, mas não percebi o que a voz dizia. Era certamente indistinta, e apenas articulou algumas frases curtas. A sessão não durou muito tempo porque foi interrompida pelo Barão, que pediu para se retirar, dizendo que se sentia mal e que sentia como se lhe estivesse a ser retirada uma grande quantidade de energia.

Ficámos por mais algum tempo, mas nada mais aconteceu, e a sessão foi então encerrada.

O Professor Driesch conversou comigo durante algum tempo após a sessão, convidando-me a visitá-lo sempre que estivesse na Alemanha, e disse-me que achava a sessão "muito interessante", mas eu disse-lhe que, na minha opinião, tinha sido completamente negativa.

No relatório do Professor Driesch, não é feita qualquer acusação contra Valiantine, e ele não conseguiu de forma alguma descobrir qualquer prova direta de fraude. Não tem qualquer experiência com fenómenos de "voz direta"; desconhece as condições necessárias para que tal fenómeno ocorra, e limita-se no seu relatório a criticar levemente as condições e a sugerir

hipóteses alternativas. É interessante notar, contudo, que no Ponto 1 observa: "As fendas da porta, pelas quais a luz podia penetrar, estavam tapadas." Esta é, naturalmente, a conduta correta e necessária. Fico satisfeito que o Professor Driesch tenha registado este facto, pois refuta novamente a afirmação da Sra. von Dirksen de que Valiantine teria dito: "A luz a passar pela fenda da porta não importa", quando ela quis inventar uma desculpa para dizer que viu incidentes que nunca aconteceram.

O Professor Driesch afirma que "a corneta moveu-se várias vezes no ar" e, mais adiante, "Foram ditas algumas palavras em inglês. Depois disso, aparentemente, o meu pai falou comigo em alemão, mas apenas proferiu algumas palavras sem valor — e estas foram ditas numa voz áspera e calma — possivelmente para disfarçar o sotaque americano. Depois disso, falou comigo um pastor de Palermo (Christo d'Angelo), com quem conversei durante algum tempo em italiano, mas nada de significativo aconteceu."

Ora, o Professor Driesch declara que a corneta foi levantada várias vezes no ar e que conversou durante algum tempo com Christo d'Angelo em italiano. Se estes fenómenos estivessem a ser produzidos fraudulentamente, seria certamente fácil para um investigador experiente apanhar o médium. Eu, pessoalmente, garantiria que apanharia um médium fraudulento nos primeiros minutos. A propósito, posso informar o Professor Driesch de que, segundo o meu conhecimento absoluto, Valiantine não fala italiano.

Como já referi no meu relatório, considerei esta sessão como negativa, e sem dúvida o Professor Driesch tem todo o direito de fazer as suposições que entender, mas a expressão das suas dúvidas, imaginações e suspeitas não pode ser cientificamente aceite como refutação dos fenómenos.

O Professor Driesch é um determinista descuidado se se atreve a emitir uma opinião com base numa única experiência, registada como comparativamente negativa e que foi interrompida após alguns fenómenos devido à indisposição de um participante.

Nos *Transactions* do quarto Congresso Internacional, publicado pela *S.P.R.*, o Professor Driesch proferiu um ditame imortal que resume bem um certo tipo de mentalidade. Deveria ficar registado na história. Disse: "É melhor rejeitar cem casos genuínos do que aceitar um único falso."

Deixo a qualquer investigador científico, psíquico ou não, o julgamento da validade de tal afirmação. Haverá, nesta era de progresso, algum ramo da investigação científica em que um estudante rejeitasse cem casos genuínos por receio de que o centésimo primeiro se revele falso? Após a expressão de tal princípio, pode-se dispensar as opiniões do Professor Driesch como desprovidas de valor. De acordo com a sua própria afirmação, têm 99% de probabilidade de estarem erradas.

Relatório do Dr. Schwab

Após lidar com uma amálgama de suposições, conjeturas e declarações falsas, é um alívio ler o relatório publicado, claro e conciso, do Dr. Schwab. Trata-se de um relato calmo e reservado da sessão a que assistiu. Ele descreve corretamente os fenómenos e os vários sons das "vozes". Afirma que a trombeta luminosa, ao falar com a Baronesa Y., à sua esquerda, estava tão próxima que teria sido perfeitamente possível alcançá-la com a mão. Prossegue dizendo que a "voz" que falava em italiano dialogava fluentemente com a Princesa X., e que, ao notar o som metálico da trombeta, concluiu não haver possibilidade de ventriloquismo.

Trata-se de um relato perfeitamente justo do que eu (H.D.B.) pessoalmente considerei uma sessão negativa. O Dr. Schwab refere que, no final, o Dr. Barnett disse que houve "interrupções". Estas interrupções, naturalmente, ocorreram em todas as sessões realizadas em Berlim.

Constato com algum divertimento que o Dr. Kroner não solicitou ao Dr. Schwab uma reafirmação, em substituição de juramento, relativamente às declarações que fez.

Relatório do Dr. Quade

No relatório do Dr. Quade, este abstém-se de fazer qualquer acusação de fraude contra Valiantine, e a sua descrição dos incidentes e fenómenos ocorridos é apresentada de forma bastante justa. Ele diz: "Levei comigo alguma tinta luminosa e apliquei-a na parte superior (a extremidade mais estreita) da trombeta — a extremidade mais larga da trombeta já tinha sido pintada com tinta luminosa. Ao colocar um anel luminoso na extremidade mais estreita da trombeta, dever-se-ia ter conseguido observar uma mão a tocar nessa parte do instrumento. O escurecimento deste anel luminoso por

contacto de uma mão não foi observado durante a sessão, embora a trombeta tenha sido movimentada num círculo bastante amplo."

É de notar que, embora o Dr. Kroner tente dar grande ênfase, no seu relatório, à minha objeção relativamente à condição imposta pelo Dr. Quade quanto ao anel luminoso, aqui se afirma claramente, pelo próprio Dr. Quade, que não foi observado qualquer escurecimento do anel luminoso durante a sessão, e que a trombeta foi movimentada num amplo círculo, tal como é habitual nas sessões de Valiantine.

O Dr. Quade afirma: "Fui tocado uma vez no joelho e uma vez na cabeça. Este último toque não consigo explicar, pois para Valiantine o realizar fraudulentamente teria de atravessar o círculo, passar pela trombeta luminosa no centro, aproximar-se de mim e colocar-me a mão na cabeça, o que seria extremamente difícil, embora me pareça não ser impossível." Trata-se de uma crítica bastante justa e lógica.

Em relação às "luzes espirituais", que o Dr. Kroner presume, de forma algo grosseira, terem sido produzidas com um isqueiro de bolso, o Dr. Quade afirma: "Diria que a reprodução com um isqueiro de bolso patenteado parece impossível, embora possam existir outros meios de produzir essa luz artificial."

O Dr. Quade assistiu apenas a duas sessões, ambas fracas e, como referi, com resultados relativamente negativos. Limita-se a afirmar que os fenómenos poderiam ser produzidos artificialmente, mas é importante notar que não faz quaisquer acusações diretas.

Relatório e Declaração do Barão von L.

O Barão von L. esteve presente em várias sessões de Valiantine e redigiu dois relatórios extensos, que foram publicados.

O Barão von L. assume alegremente, ao longo do texto, que houve fraude, mas não consegue apresentar qualquer prova. Na verdade, na sua Declaração, só consegue mencionar dois pontos de observação insignificantes, e nenhum deles pode ser atribuído a Valiantine. O Barão von L., naturalmente, não tem experiência em sessões de "voz". Esforça-se por relatar da forma mais justa possível os fenómenos que ocorreram e as suas

opiniões sobre os mesmos. No entanto, opiniões e suposições não são provas.

O leitor notará que muitas das afirmações do Barão von L. estão em desacordo com as dos outros participantes. A sua descrição dos movimentos sobrenaturais da trombeta é distinta e clara. Ele afirma: "Descreveu círculos rápidos no ar, passando muito perto das nossas cabeças e depois regressando ao centro." E ainda: "Uma voz profunda surgiu do meio do tapete. A mim pareceu-me vir através da trombeta. A música cessou. A 'voz' do guia foi claramente compreendida." Esta é uma descrição absolutamente correta da "voz" do Dr. Barnett. Também afirma que "a trombeta foi novamente levantada e permaneceu imóvel no ar, à frente da Senhora von Dirksen, aproximadamente à altura do joelho."

Menciono estes pontos para sublinhar a dificuldade que seria para Valiantine manipular fraudulentamente esta trombeta, que por vezes tocava suavemente o rosto e a cabeça da Senhora von Dirksen, enquanto uma "voz espiritual" lhe falava através dela. Para executar tal ação, Valiantine teria de estar extremamente próximo dela, e bastar-lhe-ia esticar a mão ou o pé para o descobrir de imediato.

O Barão von L. afirma que "as várias vozes, na maioria altas e súbitas, dos Guias no início, eram assustadoras. Os sussurros vindos da trombeta, estranhos, e os toques diretos, algo incómodos." Depois acrescenta: "Pareceu-me que a trombeta era sempre segurada pela extremidade mais estreita por alguém, quando girava em volta do círculo, mas posso estar enganado."

Sobre as luzes espirituais, o Barão von L. afirma que "pareciam ser absolutamente produzidas pela roda de um isqueiro de bolso." No entanto, qualifica esta observação de forma justa, dizendo: "Surpreendeu-me não conseguir ver a mão com a qual seria necessário segurar esse isqueiro." Acrescenta ainda: "Também me pareceu ter visto, a cerca de vinte e cinco centímetros da luz, de lado, o contorno de uma cabeça humana." Segue-se então uma afirmação muito significativa, que deve ser cuidadosamente considerada: "Embora me tenha esforçado ao máximo para apanhar Valiantine, não encontrei nada de tangível que me permitisse acusá-lo de fraude."

Continua: "Nas sessões à luz do dia para duas pessoas, quando Valiantine segura a trombeta com ambas as mãos, é muito fácil imitar a voz sussurrada, com os lábios quase fechados e sem os mover." A este respeito, devo afirmar enfaticamente que, nas sessões diurnas, os lábios de Valiantine estão completamente fechados, e não "quase fechados", sendo que o mais pequeno movimento pode ser observado por quem se senta com ele.

O Barão von L. faz a seguinte afirmação: "Provas diretas de fraude, segundo as minhas observações, não foram estabelecidas."

O Barão von L. participou, no total, em cinco sessões diferentes, e afirma: "Com o tempo, comecei a sentir-me algo entediado com a constante repetição de fenómenos negativos e, por fim, senti-me profundamente enojado com a aparente fraude." Quanto a esta declaração, devo salientar que sentir-se entediado com fenómenos negativos não é indício de fraude aparente.

Referindo-se à sessão realizada no sábado, 4 de maio, o Barão von L. declara: "Nesta ocasião, todos tínhamos prometido participar sem qualquer reserva e com a melhor das intenções. Disse isto a Valiantine e exprimi a esperança de que finalmente ocorressem alguns fenómenos realmente interessantes, o que, até certo ponto, aconteceu."

Visto que os fenómenos dessa sessão pareceram interessantes ao Barão von L., é pena que não tenha detalhado os acontecimentos.

Ele declara: "Estou convencido de que Valiantine não sabia falar alemão, mas evidentemente falava muito bem italiano, pois uma das vozes que se manifestou em duas ocasiões era particularmente clara e absolutamente compreensível." O Barão von L. não tem quaisquer fundamentos para afirmar que "Valiantine fala muito bem italiano." Repito que sei que Valiantine não fala italiano.

O Barão von L. não apresenta uma única prova — nem sequer mínima — de fraude cometida por Valiantine.

No final destes diversos relatórios, o Dr. Kröner volta a expor longamente as suas opiniões. Começa por fazer afirmações incorretas relativamente à quantia paga a Valiantine pela Senhora von Dirksen para cobrir as suas

despesas de viagem até à Europa. Afirma: "Valiantine quis devolver os honorários de três mil marcos porque não confiavam nele e queria terminar as sessões. No entanto, foi convencido pela Senhora von Dirksen a ficar com o dinheiro e continuar as experiências."

Isto transmite uma ideia completamente falsa dos factos. Não se tratou de Valiantine simplesmente "desejar" devolver o dinheiro — ele devolveu efetivamente o montante. Citando os meus próprios registos, os factos são os seguintes:

"No sábado, 4 de maio, Valiantine escreveu à Senhora von Dirksen dizendo que as condições estavam a tornar-se tão perturbadoras que não desejava continuar e, dadas as circunstâncias, não aceitaria qualquer contribuição dela; por isso devolvia os três mil marcos que ela lhe tinha dado para custear a viagem desde a América. Como almocei nesse dia com um membro da Embaixada Britânica, só regressei a casa ao fim da tarde. A Senhora von Dirksen veio imediatamente aos meus aposentos, quase em lágrimas, cheia de protestos e pedidos de desculpa.

Estava visivelmente emocionada e efusiva, e garantiu-me que exigiria dos participantes uma atitude correta dali em diante, que as condições originalmente estipuladas seriam respeitadas e que o comportamento dos presentes seria rigidamente controlado. Rogou-me que anulasse a minha decisão e implorou também à minha esposa que intercedesse por ela. Acabei por aceitar adiar a decisão. De notar que ela foi ter com Valiantine e, atirando-lhe a carta em que ele lhe devolvia os três mil marcos, disse que queria 'esquecer que alguma vez a recebera'."

Sendo estes factos tão importantes, porque é que o Dr. Kröner se omite de os mencionar?

Ao referir-se à minha carta dirigida à Senhora von Dirksen, o Dr. Kröner afirma: "As acusações feitas pelo espírito-guia do Dr. Barnett não são verdadeiras. A acusação foi motivada pela má consciência do Sr. Valiantine." O Dr. Kröner não tem qualquer justificação para transformar uma suposição numa afirmação direta. Assumo total responsabilidade pela minha carta. Valiantine nunca se queixou de nada, nem sequer a mim, antes da sessão no Hotel Excelsior, salvo lamentar que as sessões tivessem sido negativas.

O Dr. Kröner volta a revelar a sua colossal ignorância e total falta de experiência ao declarar: "Que ingenuidade esperar que o médium alerta… seja morto por um raio de luz inesperado!" Já demonstrei que Valiantine ficou seriamente ferido numa ocasião por um raio de luz direto, e se o Dr. Kröner tivesse estudado devidamente a literatura psíquica, saberia que há dezenas de casos registados de médiuns gravemente lesados desta forma.

O Dr. Kröner afirma: "O Sr. Bradley não tem o direito de se queixar do ambiente de desconfiança, que não afeta os fenómenos." Mais uma vez, como qualquer investigador experiente sabe, o Dr. Kröner demonstra ignorância. Os fenómenos de "voz direta" são os mais sensíveis de todos os tipos, e um ambiente de desconfiança, aliado a interferência física, é fatal para se obterem bons resultados.

O Dr. Kröner publica a carta do Professor Ernesto Bozzano dirigida à Senhora von Dirksen. Esta carta contém o registo do Professor Bozzano das sessões bem-sucedidas que ocorreram em Itália, depois de Valiantine ter deixado Berlim. As experiências do Professor Bozzano em investigação psíquica e os seus muitos escritos esclarecedores sobre todas as formas de fenómenos, incluindo a "voz direta", tornaram o seu nome famoso. Ganhou reputação internacional de grande prestígio, e os seus registos e observações são reconhecidos mundialmente pela sua integridade rigorosa. Desconheço qual seja a reputação do Dr. Kröner na Alemanha, mas no presente ele é certamente completamente desconhecido fora desse país. Até o conhecer em Berlim, nunca tinha ouvido falar dele.

O Dr. Kröner presume criticar as declarações do Professor Bozzano. Estou absolutamente certo de que o Professor Bozzano é mais do que capaz de se defender em qualquer controvérsia com o Dr. Kröner.

O Dr. Kröner tenta criticar uma sessão a que nem sequer assistiu, e considero perda de tempo abordar as teorias disparatadas que elaborou na tentativa de explicar fenómenos que não presenciou. Ao expor essas teorias, revela uma imaginação pobre e vulgar ao falar, de forma absurda, sobre brinquedos infantis — o "Diabinho Zumbidor" e outras tolices do género.

Afirma que "Valiantine realizou várias sessões com truques de bolso como os que se veem em Berlim." Mas o que viu o Dr. Kröner em Berlim? Nada. Em todo o seu relatório evita fazer uma acusação direta com base em algo que

realmente tenha testemunhado. Obcecado pela questão do controlo, sente-se impelido a criticar todas as formas possíveis do mesmo. Cumpre referir que o Dr. Kröner se ocupa exclusivamente dos fenómenos físicos e não tem qualquer conhecimento do maior ramo da investigação — os fenómenos mentais — que envolvem o ponto de maior relevância: a prova da sobrevivência humana após a morte.

Uma das declarações mais insolentes do Dr. Kröner, ao referir-se aos métodos de controlo altamente eficazes utilizados na sessão relatada pelo Professor Bozzano, é a seguinte: "Os controlos utilizados por si, Senhor Bozzano, não são minimamente suficientes para reabilitar um burlão apanhado. Certamente não é o primeiro nem o único explorador psíquico a ser enganado." Com que audácia se atreve a insinuar que o Professor Bozzano foi um "explorador enganado"?

Estou perfeitamente tranquilo em remeter qualquer estudante experiente da investigação psíquica para o relatório do Dr. Kröner como ilustração de arrogância lamentável e não-científica, proferida por um homem pretensioso nas suas tentativas de exibir erudição, mas completamente falho nas suas alegações de observação rigorosa.

O Dr. Kröner presume criticar-me. Presume também criticar o Professor Bozzano. Procura apresentar-se como um cientista de observação tão aguçada que nada lhe escaparia ao olhar perspicaz. Observa Valiantine em Berlim — a sua postura, atitude, mentalidade e, segundo ele, caráter suspeito. Tudo isto observa o Dr. Kröner. Depois, ao tentar explicar como Valiantine se poderia libertar do controlo, declara: "Especialmente se se tem mãos tão DELICADAS E PEQUENAS COMO AS DO Sr. VALIANTINE."

Que tipo de observador científico é o Dr. Kröner?

Remeto-o para a impressão da mão de Valiantine feita pelo Sr. Noel Jaquin, que prova que as suas mãos são "anormalmente compridas, largas e pesadas."

De forma fatuamente pomposa, o Dr. Kröner atreve-se a criticar os métodos cuidadosamente planeados do Professor Bozzano. No entanto, nas três sessões de Valiantine a que ele (Kröner) assistiu, depois de afirmar que, quando ocorriam toques noutras partes do círculo, ouvia o ranger do chão como se Valiantine estivesse a caminhar, e depois de instruir a sua esposa

para investigar "apalpando" — e certamente tendo ele próprio também tentado "apalpar" — tanto ele como a esposa, que agia sob as suas instruções específicas, falharam em demonstrar a única prova simples e direta: verificar que a cadeira de Valiantine estava vazia. Havia uma prova infalível de que o médium andava a circular — a sua cadeira vazia — e o Dr. Kröner insulta a nossa inteligência ao pedir-nos que acreditemos que, na sua ânsia de provar fraude, ignorou esse detalhe evidente.

A única acusação que pode legitimamente ser feita a todo o relatório do Dr. Kröner é uma acusação contra ele próprio enquanto investigador extraordinariamente ineficaz.

O Dr. Kröner tenta relativizar os seus argumentos dizendo: "É natural que se possa objetar que tudo pode ser explicado de forma perfeitamente inofensiva e que nada constitui prova direta." Os seus pontos não apenas carecem de prova direta, como, se forem analisados cuidadosamente por investigadores psíquicos experientes, fornecem evidências palpáveis da limitação mental do Dr. Kröner.

As tentativas patéticas e evasivas do Dr. Kröner para justificar o fracasso dele próprio, da sua esposa e de outros participantes revelam-se nas suas desculpas fúteis, assim como nos seus esforços para reunir uma amálgama de observações indiretas. Os seus comentários arrogantes sobre as minhas (H.D.B.) qualificações enquanto testemunha deixo-os ao julgamento dos estudiosos internacionais que conhecem o meu trabalho, e sabem que toda a base da minha investigação psíquica assenta em provas de ordem mental, e não em fenómenos físicos. Com a assertividade típica de um amador que tenta estabelecer-se num campo científico, o Dr. Kröner encerra o seu relatório com esta pontificação risível: "Recomendamos, em casos futuros, como método preferencial, o nosso *modus procedente*." Se tais métodos resultam na descoberta de nada, é difícil perceber como podem ser merecedores de qualquer recomendação.

Quando li pela primeira vez a tradução do extenso relatório do Dr. Kröner, observei que esperava que todos os estudiosos da investigação psíquica o lessem e estudassem, pois não poderiam deixar de constatar a sua futilidade e completa ausência de capacidade crítica. Desde a sua publicação, recebi cartas de vários eminentes professores alemães expressando veementes críticas aos métodos do Dr. Kröner e às suas presunções arrogantes. Deixo

ao próprio Dr. Kröner a tarefa de se defender contra os inevitáveis ataques que os seus compatriotas lhe têm dirigido.

Quando a minha análise ao relatório do Dr. Kröner foi publicada na Alemanha, foi fortemente apoiada por artigos do Dr. Gustav Zeller, do Professor Johannes Kasnacich, de Florizel von Reuter, de Konrad Schuppe e do Dr. Paul Sunner.

Pouco antes da publicação alemã, foi emitida uma declaração por Fräulein Maria Baader, que durante algum tempo foi secretária do Dr. Kröner e anteriormente secretária do falecido Barão von Schrenck-Notzing. Esta declaração revela que, desde o início, o Dr. Kröner tinha apenas um objetivo, e tal intenção é comprovada de forma inequívoca pelas suas próprias palavras. Fräulein Baader, que nunca conheci, autorizou a publicação da sua declaração, a qual apareceu em *Die Sitzungen mit Valiantine*. A tradução é a seguinte:

"Sanatório Franz-Jordan-Stift,
Waidmannslust, junto a Berlim-Tegel,
4 de março de 1930

"Vi o Dr. Kröner no dia da primeira sessão com Valiantine. Ao despedir-se de mim, depois de termos falado bastante sobre fraude, ele disse: 'Com uma única denúncia de um médium pode-se tornar-se mais célebre do que publicando doze livros sobre Schrenck-Notzing.'" (Esta observação explica-se pelo facto de que o Dr. Kröner tentou obter permissão para publicar os trabalhos inéditos de Schrenck-Notzing após a morte deste, o que não lhe foi concedido.) "A Senhora Kröner disse então: 'Sim, o meu marido precisa de fazer algo assim para ganhar o respeito dos seus opositores.' Não tenho qualquer animosidade para com o casal Kröner, mas nunca escondi que não partilho da sua perspetiva e afastei-me deles desde essa altura."

(Assinado) Maria Baader

Eis o exemplo mais flagrante dos métodos usados por certos tipos de investigadores ditos "psíquicos".

CAPÍTULO II

EM ITÁLIA

O Marquês Centurione — A sua visita a Inglaterra — Professor Ernesto Bozzano — Informações evidenciais — Valiantine visita Génova — A primeira sessão — Uma sessão controlada — Outra sessão controlada — Uma aparição — O Marquês desmaia — O Sr. Rossi abandona a sessão — A acusação do Sr. Rossi — Um confronto — A inconsistência do Sr. Rossi — A questão do pagamento — Forças extraordinárias — Contradições diretas — O Sr. Castellini e o Conde Bon — Alegações retiradas — Uma impossibilidade física — Uma admissão de fraqueza — Uma situação absurda — Relatório do Professor Bozzano — As experiências bem-sucedidas de comunicação cruzada entre Boston e Veneza.

Em maio de 1929, George Valiantine realizou uma série de sessões sob a sua própria mediunidade na casa do Marquês Centurione Scotto, em Génova. Valiantine viajou para Génova vindo de Berlim, acompanhado pela sua esposa e pela Senhora Dennis Bradley. O grupo chegou a Génova na noite de quarta-feira, 15 de maio, após uma paragem em Lucerna. Em vista dos acontecimentos aparentemente inexplicáveis que ocorreram no final desta curta série de sessões, que durou apenas uma semana, é necessário referir brevemente a origem do interesse do Marquês Centurione na investigação psíquica.

Na primavera de 1927, sabendo que Valiantine se encontrava na Europa e hospedado comigo em Dorincourt, o Marquês escreveu-me dizendo que fora aconselhado a fazê-lo pelo Professor Ernesto Bozzano e perguntando se eu poderia visitá-lo em Génova com Valiantine. Isso não me foi possível, e respondi-lhe que, por ter sido recomendado pelo Professor Bozzano, se viesse a Inglaterra, recebê-lo-ia como meu convidado. Ele aceitou o convite. Durante a sua estadia, pude proporcionar-lhe três sessões na minha casa, com Valiantine como médium.

O Marquês Centurione não fala inglês e, infelizmente, nem eu nem Valiantine nem a minha esposa falamos italiano. O Marquês trouxe, portanto, o Sr. P. E. Rossi, um cavalheiro italiano, e a sua esposa — uma senhora francesa de grande beleza e charme peculiar — para atuarem como intérpretes. As três sessões em Dorincourt foram excecionalmente bem-

sucedidas. Praticamente todas as "vozes" comunicantes manifestaram-se e falaram em italiano, e tanto o Marquês como o casal Rossi ficaram profundamente impressionados. Ao regressar a Itália, o Marquês Centurione relatou estas sessões ao Professor Ernesto Bozzano, que publicou um relatório sobre elas em Itália. Desses longos relatos, basta citar um ponto essencial:

"O Marquês Carlo dei Centurione Scotto, tendo sofrido a perda trágica do seu filho mais velho e estando, naturalmente, num estado de grande tristeza e depressão, implorou-me (Bozzano) que contactasse Bradley com a esperança de que este lhe pudesse proporcionar sessões com o médium Valiantine. Após cerca de um mês, o Marquês foi a Londres, onde foi recebido como hóspede de Bradley e pôde participar em três sessões, durante as quais o seu filho falecido se manifestou repetidamente, falando-lhe em italiano."

Além do filho do Marquês Centurione lhe ter falado com a sua própria voz, foram também fornecidas outras informações evidenciais em italiano aos participantes, incluindo uma questão relativa a um nome desconhecido dado a um dos presentes, que foi confirmado no dia seguinte por telegrama enviado para Itália — e o nome revelou-se correto.

Quando regressou a Itália, maravilhado com o que tinha presenciado em Dorincourt, o Marquês Centurione começou a fazer experiências por conta própria para ver se conseguiria obter a "voz direta". Sentou-se com o Sr. e a Sra. Rossi, bem como com outros participantes, e num período relativamente curto — segundo os registos publicados — o Marquês e a Sra. Rossi desenvolveram uma mediunidade dupla, obtendo a "voz direta".

Os registos dos fenómenos, bastante notáveis, e das várias comunicações recebidas através da "voz direta" foram desde então publicados em Itália pelo Professor Ernesto Bozzano. Além disso, foi publicado um livro extenso e abrangente pela Senhora S. Kelly Hack, com todos os detalhes destas sessões, que decorreram entre abril de 1927 e 1929.

Curiosamente, embora muitas vozes espirituais italianas se tenham manifestado, e um dos Guias de Valiantine, "Christo D'Angelo", se tenha ligado ao grupo Centurione-Rossi e se manifestasse regularmente nessas sessões de "voz", o filho do Marquês nunca — de acordo com os relatórios

traduzidos para inglês — se manifestou ou falou. É interessante especular se existirá alguma razão psicológica para o facto de o filho não ter conseguido, ou não ter querido, manifestar-se sob a mediunidade dupla do grupo Centurione-Rossi.

Alguns meses após o desenvolvimento inicial do Marquês Centurione, ele viajou até Inglaterra para realizar uma ou duas sessões sob a sua própria mediunidade, principalmente para que eu pudesse observar quaisquer fenómenos que pudessem ocorrer. Realizaram-se duas sessões, ambas em Londres, no apartamento do Sr. e da Sra. Rossi. O Marquês Centurione pareceu-me estar bastante afetado por tensão nervosa. Na primeira sessão, apenas se manifestou a "voz" de "Christo D'Angelo", e uma outra voz que dizia ser a de "Rabelais" falou. Na segunda sessão, essas duas vozes voltaram a manifestar-se, mas, após um período relativamente curto, "Christo D'Angelo" declarou que a sessão devia terminar, pois o estado nervoso do Marquês era tal que deveria fazer uma pausa de pelo menos três meses antes de voltar a realizar sessões.

Relativamente aos preparativos para a visita de Valiantine a Génova, recebi a seguinte carta do Marquês Centurione, datada de 9 de abril de 1929:

"Caro Sr. Bradley,
É desnecessário dizer que é com imenso prazer que eu e os meus amigos recebemos a visita do Sr. Valiantine na terceira semana de maio. Fica acordado que custearei as despesas de viagem do Sr. Valiantine até Génova e o seu regresso a Londres. Naturalmente, o Sr. Valiantine receberá de mim um cheque como remuneração pelos seus serviços, além das despesas referidas. Talvez me pudesse indicar o que seria apropriado fazer a esse respeito?"

Respondi numa carta datada de 12 de abril, dizendo que, a meu ver, se o Marquês pagasse apenas a viagem de Valiantine até Génova e o seu regresso a Londres, bem como uma contribuição de £50 para as suas despesas de deslocação da América para a Europa, isso seria suficiente. Desejo salientar que não havia qualquer intenção de lucro nesta visita a Génova. É quase desnecessário dizer que a Sra. Bradley custeou as suas próprias despesas de viagem e de hotel, que ascenderam a £37, enquanto os custos diretos de viagem e estadia do Sr. e da Sra. Valiantine ascenderam a £74. Verifica-se, assim, que a contribuição que sugeri do Marquês

Centurione a Valiantine era inferior às despesas reais da visita. Com os gastos adicionais, naturalmente, o montante total excedeu consideravelmente o valor sugerido.

O Sr. e a Sra. Valiantine e a Sra. Bradley chegaram a Génova na quarta-feira, 15 de maio de 1929, e instalaram-se no Hotel Isotta.

A primeira sessão teve lugar na noite seguinte, quinta-feira, 16 de maio, na residência do Marquês Centurione, na Via Caffaro, n.º 12. Ficou estabelecido que seriam realizadas cinco sessões no total, sendo que o Professor Ernesto Bozzano estaria presente em três delas, já que só poderia permanecer em Génova durante alguns dias.

O Marquês Centurione sugeriu, por não falar inglês, que o Sr. P. E. Rossi atuasse como intérprete, e também que participassem treze pessoas em cada sessão. A Sra. Bradley e o Sr. Valiantine informaram que esse número era excessivo e que deveria ser reduzido. Nesta sessão específica, participaram doze pessoas: o Sr. e a Sra. Valiantine, a Sra. Bradley, o Marquês Centurione e sua esposa, a Sra. G. Kelly Hack, o Professor Bozzano, o Sr. Castellini e mais quatro participantes. O número de pessoas era claramente elevado, mas foi referido que, se se excluíssem alguns, haveria certamente protestos e animosidades.

No seu relatório, a Sra. Bradley afirma que as condições pareceram razoavelmente boas. Vários dos Guias de Valiantine comunicaram com os presentes, e o filho do Marquês Centurione manifestou-se e falou com a sua mãe. Citando o relatório da Sra. Bradley:

"Foi um momento absolutamente comovente quando a Marquesa — uma mulher encantadora, graciosa, cheia de vivacidade e personalidade — falou num tom de dor que nunca tinha ouvido antes, e a 'voz' do espírito respondeu-lhe e depois dirigiu-se ao Marquês. A 'voz' do filho manifestava-se através da trombeta luminosa de Valiantine e movia-se entre os dois. Durante a sessão, esta 'voz' voltou por duas vezes. Fui informada mais tarde de que ele forneceu uma boa prova relacionada com um relógio, após lhe perguntarem onde se encontrava. Depois, uma 'voz' que, segundo me disseram, seria a do pai, falou com o Professor Bozzano, embora, para mim, essa voz não fosse muito clara. O Professor Bozzano, que parece adotar uma postura calma, objetiva e ainda assim simpática, comentou logo, quando

surgiu Christo D'Angelo, que ele tinha exatamente o mesmo sotaque (bastante incomum) que tinha nas sessões Centurione-Rossi."

A sessão terminou após uma hora e meia. Estou a citar apenas excertos breves dos relatórios da Sra. Bradley.

II

Na tarde de sábado, Valiantine realizou uma sessão à luz do dia com o Marquês Centurione e também com a sua esposa, recebendo-os individualmente. Ambos informaram a Sra. Bradley que tinham recebido boas provas. No entanto, a esposa do Marquês pareceu algo agitada após a sessão.

No sábado, 18 de maio, foi sugerido que, como Valiantine já realizara sessões sob controlo nos Estados Unidos, seria interessante realizar uma sessão totalmente controlada, de modo que o Professor Bozzano e os demais pudessem observar quaisquer fenómenos que ocorressem. Valiantine foi, então, amarrado à sua cadeira. Cada uma das suas pernas foi atada ao respetivo pé da cadeira com corda grossa, cujos nós foram reforçados com adesivo. Os seus pulsos foram presos de forma semelhante aos braços da cadeira, e colocaram-lhe fita adesiva sobre a boca.

A porta da sala de sessão foi trancada e selada, e todos os presentes foram amarrados entre si por uma corda grossa que prendia os pulsos uns aos outros. Nesta sessão, os fenómenos foram altamente bem-sucedidos, e os participantes manifestaram grande entusiasmo com os resultados. A trombeta luminosa moveu-se no ar em torno do círculo e foi vista por todos. Durante a sessão, manifestaram-se, com vozes audíveis, "Dr. Barnett", "Bert Everett", "Blackfoot", "Kokum" e vários outros Guias.

Pouco antes desta sessão, o meu filho Pat, que se encontrava comigo em Inglaterra, tinha contraído sarampo alemão e estava isolado no quarto em Dorincourt. Alguns dias antes, eu escrevera à minha esposa a informar sobre esta situação. Durante esta sessão controlada, a minha esposa perguntou a um dos Guias — "Pat O'Brien" — se podia dizer como estava a evoluir o estado do pequeno Pat. "Pat O'Brien" respondeu: "Está bem! Já sai agora." Como este comentário pareceu um pouco estranho, a Sra. Bradley

perguntou-me na carta de 19 de maio se a informação era correta. E era absolutamente correta, pois, embora Pat estivesse isolado e apenas em contacto com uma criada, o médico autorizara que ele saísse nesse dia durante algum tempo para o jardim, desde que não tivesse contacto com outras pessoas. Este é mais um exemplo de uma informação fornecida por uma entidade espiritual, desconhecida do médium ou de qualquer dos presentes.

III

No domingo, 19 de maio, realizou-se uma sessão com a presença do editor da revista *Luce e Ombra* e de várias personalidades ilustres. O Sr. Rossi tinha perguntado, numa sessão anterior, se Valiantine poderia ser novamente controlado, ao que "Dr. Barnett" deu o seu consentimento. O editor da *Luce e Ombra* e outros participantes declararam que se opunham ao controlo, por saberem, pelos inúmeros registos e testemunhos da mediunidade de Valiantine, que ele era genuíno. Contudo, dado o consentimento de "Dr. Barnett", a Sra. Bradley sugeriu que seria interessante repetir a experiência com controlo total. Esta sessão foi, mais uma vez, bem-sucedida. Vários dos Guias de Valiantine manifestaram-se e falaram; a "voz" do espírito da mãe de um dos participantes falou em italiano, e a Sra. Bradley foi informada de que esse espírito sempre falara de forma muito peculiar, tendo a sua voz sido reconhecida imediatamente.

"Dr. Barnett" respondeu a várias perguntas colocadas por diferentes participantes, que mais tarde se declararam profundamente impressionados e satisfeitos.

Já fora mencionado anteriormente que, em certas ocasiões, os "espíritos" podiam libertar o médium, e no final desta sessão verificou-se que as cordas — com exceção da que prendia a perna esquerda de Valiantine — tinham sido rompidas. Um dos Guias afirmou que isso fora feito por uma entidade espiritual. Valiantine continuava preso à cadeira, e a fita adesiva permanecia intacta sobre a sua boca.

A terceira sessão realizou-se na segunda-feira, 20 de maio, estando presentes, além de Valiantine e da Sra. Bradley, o Marquês Centurione, o Sr. e a Sra. P. E. Rossi e vários outros. Nesta ocasião, a esposa do Marquês não participou. Vários dos Guias de Valiantine manifestaram-se da forma

habitual. A "voz" espiritual do filho do Marquês Centurione surgiu e falou em italiano. A "voz" parecia agitada, dizendo: *"Mamã, mamã, onde está a mamã?"* Mais tarde, acrescentou que traria um apport. Pouco depois disso (citando os registos da Sra. Bradley):

"A Sra. Rossi entrou em transe… A sessão foi encerrada e a Sra. Rossi retirada da sala. No chão, no centro do círculo, foram descobertos dois *apports* — duas pedras pequenas, cada uma com menos de uma polegada de diâmetro. Após deixar a sala de sessões, enquanto recuperava a consciência, a Sra. Rossi dizia repetidamente que sentia como se tivesse sido esmagada entre duas pedras enormes e que sofrera imensa dor. Estava completamente pálida e fria, e visivelmente em sofrimento. Este incidente torna-se ainda mais extraordinário pelo facto de que a Sra. Rossi não soube da existência das pedras até depois da sessão."

Na terça-feira, 21 de maio, foi combinada uma sessão com o Marquês Centurione como médium, antes do jantar, e outra sob a mediunidade de Valiantine, após o jantar.

Na primeira sessão estavam presentes: o Marquês Centurione, a sua esposa, um dos filhos, o Sr. e a Sra. Rossi, a Sra. Valiantine, a Sra. Bradley e George Valiantine (este último fora do círculo). De acordo com os registos da Sra. Bradley, "as trombetas luminosas rodopiaram pela sala, uma delas fora do círculo, onde Valiantine estava sentado. O Marquês Centurione então entrou em transe."

Na sessão sob a mediunidade de Valiantine, após o jantar, os presentes foram: o Marquês Centurione e a sua esposa, o Sr. Rossi, o Sr. Castellini, a Sra. Kelly Hack e mais dois ou três participantes. Inicialmente, não aconteceu nada além de algumas frases curtas dos Guias. "Bert Everett" disse: *"Tenham paciência!"* Duas trombetas tinham sido colocadas no centro do círculo e foram lançadas violentamente para fora. Sempre que eram recolocadas, eram novamente arremessadas. "Christo D'Angelo" proferiu apenas uma frase curta e, em seguida, a "voz" espiritual de "Dr. Barnett" declarou que havia uma mistura de forças. O Marquês então disse que se sentia mal e teve de ser ajudado — quase carregado — para fora da sala. As suas pernas tinham cedido por completo, como se estivesse paralisado. O Sr. Castellini e alguns dos presentes saíram da sala com ele. A Sra. Kelly Hack afirmou que, no início da sessão, lhe parecera que estavam a operar duas forças distintas.

Com o intuito de compreender a causa destes acontecimentos estranhos, Valiantine e a Sra. Bradley concordaram em continuar a sessão. Permaneceram com eles a esposa do Marquês, a Sra. Kelly Hack, a Sra. Fancelli e o Sr. Rossi. A sessão foi breve. Citando os apontamentos da Sra. Bradley:

"A 'voz' espiritual de 'Vittorio' manifestou-se e falou com a mãe, a Marquesa, mas as forças estavam fracas e ela não conseguiu compreendê-lo. Depois disso, uma 'voz' falou com o Sr. Rossi, que também disse não conseguir compreender. Uma 'voz' feminina falou com uma das participantes, que pediu que lhe falasse em alemão. Mais tarde, essa participante afirmou que a 'voz' falou algumas frases num alemão muito pobre. A 'voz' do 'Dr. Barnett', o Guia, manifestou-se então, falando no seu tom habitual, através da trombeta luminosa, imóvel no chão, a partir do centro do círculo, e disse que a sessão devia ser encerrada."

Assim que a sessão terminou, o Sr. Rossi saiu apressadamente da sala.

IV

Na manhã de quarta-feira, 22 de maio, o Sr. P. E. Rossi e o Marquês Centurione visitaram a Sra. Bradley no Grand Hotel Isotta, cerca de uma hora antes da sua partida para Veneza. Citando da carta da Sra. Bradley para mim:

"Queriam falar comigo em privado e foram conduzidos a uma sala. Para meu espanto, o Sr. Rossi afirmou que, no final da última sessão, sentiu nitidamente Valiantine inclinar-se e falar na trombeta. O Sr. Rossi disse também que, no início da sessão, o Sr. Castellini tinha agarrado a minha mão e que eu estava a tocar na parte de trás da cabeça dele."

O Sr. Rossi acrescentou que o Sr. Castellini teria dito ter agarrado a mão ou o pulso da Sra. Bradley. Esta refuta categoricamente a alegação como sendo "uma mentira absoluta." Continuando, a Sra. Bradley relata:

"Fiquei furiosa com eles e exigi que fossem imediatamente buscar o Sr. Castellini para que repetisse essa afirmação absurda na minha presença. O Marquês Centurione disse então que o Sr. Rossi não devia ter-me contado isso. Perguntei-lhes como se atreviam a acusar Valiantine, tendo em conta as provas notáveis da sua genuinidade demonstradas nas sessões controladas.

O Sr. Rossi respondeu que considerava Valiantine um médium extraordinário, mas que, numa das suas sessões privadas, tinham sido informados de que ele iria falsear no último dia.

Disse-lhes que, se isso fosse verdade, então o Sr. Rossi construíra toda a acusação com base na sua própria imaginação. Mandei chamar Valiantine ao meu quarto e contei-lhe a acusação feita contra ele. Ficou espantado e profundamente indignado. Seguiu-se uma cena violenta entre ele e o Sr. Rossi, durante a qual o Marquês se manteve em silêncio. O Sr. Rossi então abordou a questão do dinheiro, dizendo que pagariam as viagens de comboio e o hotel de Valiantine, mas não os £50 acordados para as despesas gerais."

Valiantine, revoltado com a acusação de fraude, declarou que não aceitaria nem um cêntimo.

Importa sublinhar que a visita a Génova custou a Valiantine mais de £70 do seu próprio bolso.

Naquela mesma manhã, o Sr. e a Sra. Valiantine, juntamente com a Sra. Bradley, deixaram Génova profundamente desgostosos com o tratamento recebido.

No dia seguinte, já em Veneza, a Sra. Bradley escreveu uma carta veemente ao Marquês Centurione, expressando a sua profunda indignação com o comportamento dele e do Sr. Rossi. Exigiu também que o Sr. Castellini — de quem não possuía o endereço — lhe enviasse uma explicação e um pedido de desculpas pela alegação falsa feita contra si. Dias depois, o Marquês respondeu por carta, que será analisada mais adiante, e que, por um lapso curioso, contradiz as declarações do próprio Sr. Rossi.

É crucial examinar a falta de lógica nas acusações feitas pelo Sr. Rossi contra Valiantine. Se realmente tivesse descoberto uma fraude, o seu dever era anunciar de imediato esse facto, diante de Valiantine e dos outros presentes, permitindo uma investigação imediata. A acusação, porém, só foi feita na manhã seguinte, na véspera da sua partida.

Tanto o Marquês como o Sr. Rossi haviam reconhecido à Sra. Bradley a genuinidade e força mediúnica de Valiantine, demonstrada em sessões

anteriores. Ocorreram em Génova várias sessões bem-sucedidas com fenómenos de "voz direta", tanto com controlo como sem.

A Sra. Bradley, com seis anos de experiência com a mediunidade de Valiantine, assegura que, no final desta última sessão, foi a "voz" de "Dr. Barnett" — e apenas essa — que falou através da trombeta. Ela conversou com "Dr. Barnett" literalmente centenas de vezes. A Sra. Kelly Hack, no seu relatório, confirma que a "voz" ouvida era a de "Dr. Barnett".

Então, qual foi o motivo de Rossi para fazer esta alegação incompreensível? Esta pergunta levanta questões psicológicas complexas.

É de notar que a acusação surgiu simultaneamente com a questão do pagamento. Essa questão pode ser descartada, já que Valiantine recusou receber um único cêntimo da parte deles. Resta então considerar com atenção as condições mistas e as forças algo alarmantes que estiveram presentes nas duas últimas sessões. Havia, nesse círculo, elementos de poderes mediúnicos extraordinários — as forças de Valiantine, entrelaçadas com as de Centurione e da Sra. Rossi. Tudo o que possa ter sido dito em italiano pelas "vozes" espirituais era desconhecido para Valiantine e para a Sra. Bradley, mas os fenómenos físicos foram inquestionavelmente evidentes. Quando a "voz" espiritual do filho do Marquês anunciou que traria *apports*, a Sra. Rossi entrou em transe, bateu com a cabeça no chão, e foi retirada da sala inconsciente.

A Sra. Rossi não é uma personalidade frágil. Tem uma mentalidade excecionalmente desenvolvida, inteligente e viva. Não se deixaria afetar por trivialidades. Após a experiência desta sessão, lamento informar que foi-me dito que sofreu efeitos secundários durante algum tempo. O Marquês Centurione, homem de considerável força física e carácter marcante, na sessão seguinte perdeu completamente o controlo das pernas e também foi retirado da sala em estado semi-inconsciente. Estes são pontos de interesse psicológico que devem ser considerados pelos estudiosos da investigação psíquica.

Ambos os episódios foram de natureza intensamente alarmante e dramática. Em cada uma destas ocasiões existia uma mistura perigosa de forças psíquicas, perigosas tanto fisicamente como mentalmente. Importa que os seus efeitos fiquem registados.

Numa carta datada de 28 de maio de 1929, o Marquês Centurione respondeu à carta da Sra. Bradley, afirmando que não podia questionar a palavra do Sr. Rossi, mas desenvolveu os seguintes dois pontos importantes, que cito verbatim:

1. *"O Sr. Valiantine absolutamente não poderia ter sentido o mais leve toque dos dedos da mão direita do Sr. Rossi, porque assim que ele observou o corpo do Sr. Valiantine retomar a posição na cadeira, após ter falado pela primeira vez na trombeta, o Sr. Rossi retirou a mão."*
2. *"O Sr. Rossi informou de imediato os seus companheiros no círculo, em voz alta e em italiano, sobre o que tinha descoberto, e anunciou a sua intenção de apanhar o Sr. Valiantine em flagrante, mas foi precisamente nesse momento que o médium, percebendo — por intuição, provavelmente — na voz do Sr. Rossi um aviso aos presentes, suspendeu de imediato a sessão, poucos minutos depois de esta ter começado."*

Estas duas afirmações contradizem diretamente o que realmente aconteceu, bem como o relatório da Sra. Kelly Hack. Esta fala italiano e, por conseguinte, teria certamente ouvido o Sr. Rossi declarar que pretendia "apanhar Valiantine em flagrante", caso ele o tivesse feito. Além disso, ambos os pontos do Marquês contradizem as declarações verbais feitas pelo próprio Sr. Rossi quando o encontrei em Londres, a 18 de junho de 1929.

Na sua carta, o Marquês Centurione faz apenas uma breve referência às alegações contra a Sra. Bradley. Tudo o que escreveu foi (citando textualmente):
"Também devo declarar que a palavra do Sr. Castellini (em quem todos nós confiamos) está absolutamente acima de suspeitas, e ele escrever-lhe-á diretamente."

V

O Sr. Castellini nunca escreveu à Sra. Bradley. Evidentemente, receava fazê-lo. Recebeu cartas severas do Conde Bon (um cavalheiro vienense de reputação reconhecida no campo da investigação psíquica), exigindo que

provasse as acusações que fizera, mas recusou responder. O máximo que aceitou foi sugerir uma conversa telefónica com o Conde Bon, o qual recusou, dizendo que o Sr. Castellini teria de apresentar por escrito as alegações que fizera verbalmente.

No entanto, fomos informados de que o Sr. Castellini tinha retirado as suas acusações contra a Sra. Bradley, facto confirmado pelo próprio Sr. Rossi a 18 de junho de 1929.

Numa carta datada de 23 de maio, o Sr. Rossi declarou que estaria em Londres em junho, e que me procuraria (cito):
"para lhe fornecer todas as informações que necessitar relativamente ao sucedido, em nome do Marquês Centurione, que me pediu para lhe comunicar que o dinheiro oferecido a Valiantine para cobrir as suas despesas de viagem está comigo, à sua disposição."

Não recebi mais nenhuma comunicação do Sr. Rossi, e só soube da sua presença em Londres através de uma carta da Sra. Kelly Hack, enviada de Itália. Telefonei-lhe imediatamente, e ele disse-me que partiria de Inglaterra no dia seguinte. Insisti que era imperativo encontrá-lo naquela noite, e assim foi. Embora estivesse em Londres há mais de duas semanas, não fez qualquer tentativa de me contactar, apesar de ter escrito que o faria.

Recebi o Sr. Rossi com tranquilidade e cortesia, pois queria ouvir da sua própria boca a descrição do incidente em que baseava a sua acusação. Tudo o que relatou foi que, no final da última sessão, ouviu a cadeira de Valiantine ranger três vezes enquanto uma "voz" falava (voz essa identificada pela Sra. Bradley e pela Sra. Kelly Hack como sendo a de "Dr. Barnett"). Na segunda vez, disse ter ouvido o corpo de Valiantine inclinar-se para a frente, e na terceira, afirmou ter colocado a mão nas costas do braço direito e ombro de Valiantine, percebendo que este estava inclinado para a frente.

Pedi ao Sr. Rossi que me demonstrasse, sentado numa cadeira, exatamente o que alegava ter acontecido. Naturalmente, ao mínimo movimento, a cadeira rangeu. Apontei de imediato que era absurdo supor que alguém pudesse manter-se absolutamente imóvel durante uma sessão, sem pequenos movimentos naturais.

Depois, pedi-lhe que me demonstrasse como colocou a mão nas costas da cadeira e a que distância Valiantine estava recuado quando lhe tocou no

ombro. Segundo a demonstração do Sr. Rossi, feita com todo o cuidado, o ombro de Valiantine estaria a cerca de 45 cm (18 polegadas) do encosto da cadeira.

É importante sublinhar que, numa sessão de "voz direta", quando uma "voz" se manifesta, é fundamental que o médium (e os participantes) não se reclinem contra o encosto da cadeira. Como provei, em demonstração prática, a posição natural dos ombros nestas condições seria de pelo menos 45 a 50 cm afastada do encosto da cadeira. Contudo, o Sr. Rossi alega categoricamente que Valiantine falou ele próprio na trombeta.

Eis aqui um ponto de importância vital que refuta completamente a acusação de Rossi:
— A trombeta, através da qual supostamente Valiantine teria falado, era luminosa e visível para todos os presentes.
— Estava imóvel no centro do círculo.
— A altura da trombeta, quando colocada no chão, é ligeiramente inferior a 76 cm (30 polegadas).
— Num círculo apertado com seis pessoas, a trombeta, no centro, estaria pelo menos a 76 cm (30 polegadas) de distância das pernas da cadeira de Valiantine.

Mesmo assumindo esta curta distância, para que Valiantine falasse no topo da trombeta, teria de se levantar da cadeira e inclinar a cabeça até menos de 76 cm do chão. A distância dos ombros ao encosto da cadeira seria então de 1,20 m ou mais — uma impossibilidade física, sobretudo considerando que a fita adesiva na sua boca ainda estava intacta.

A alegada fraude era fisicamente impossível.

Durante a entrevista, perguntei ao Sr. Rossi se tinha confrontado Valiantine com a sua suposta descoberta. Respondeu que não — limitou-se a informar o Marquês Centurione mais tarde. Isto refuta diretamente a carta do Marquês, que dizia que Rossi avisou os restantes em voz alta, em italiano, sobre a sua intenção de apanhar Valiantine em flagrante.

Perguntei ao Sr. Rossi o que disse a "voz" (que ele alega ter sido Valiantine a falar pela trombeta), ao que respondeu: *"Não sei, não estava a ouvir."* Uma resposta estranha e ilógica.

Perguntei-lhe então se a "voz" tinha alguma semelhança com o tom de Valiantine. Voltou a responder: *"Não sei."* Recordei-lhe que ouvira a "voz" do Dr. Barnett em várias ocasiões e questionei se a voz que ouvira pela trombeta soava ou não como a do Dr. Barnett. A resposta foi novamente: *"Não sei, não estava a ouvir o tom da voz."*

Respostas tão vagas e inexplicáveis perante uma acusação de fraude são inconcebíveis. Fica claro que a única base para as alegações do Sr. Rossi, segundo o seu próprio testemunho, assenta unicamente na afirmação de que tocou no ombro de Valiantine, a cerca de 45 cm (18 polegadas) do encosto da cadeira — precisamente a postura normal e esperada para um médium em sessão.

O próprio Sr. Rossi reconheceu que as suas afirmações lhe pareciam "um tanto fracas", e acrescentou que era apenas a sua palavra contra a de Valiantine, e que provavelmente a maioria das pessoas acreditaria em Valiantine. Contudo, não se trata apenas de Valiantine contra Rossi, mas também do relato da Sra. Kelly Hack e da afirmação clara da Sra. Bradley.

O Sr. Rossi ofereceu então o pagamento das despesas de viagem de Valiantine — conforme a carta de 23 de maio — mas que tinha entretanto esquecido. Naturalmente, Valiantine recusou o dinheiro. Antes de sair, o Sr. Rossi disse-me que não desejavam que nada fosse publicado em Itália sobre o assunto, e esperavam também que nada fosse publicado em Inglaterra. Disse-lhe claramente que publicaria todos os factos, pois acredito na verdade absoluta na investigação psíquica, e na declaração clara e aberta dos factos.

Soube também que o Marquês Centurione solicitou ao Professor Bozzano que não publicasse os seus relatos das sessões bem-sucedidas controladas.

É possível, num espírito caridoso, imaginar que o Sr. Rossi, agitado, emocional e perturbado pelo que se passou com o Marquês Centurione e com a Sra. Rossi — ambos submetidos a estados de transe dramáticos e algo alarmantes — tenha ficado ele próprio num estado psicológico anormal, não sendo responsável pelas "artimanhas da sua própria mente", e tenha imaginado um acontecimento que não ocorreu de facto, e que não é corroborado por nenhum dos restantes presentes na sessão.

Há um aspeto desta situação que, ao ser considerado, é verdadeiramente digno de uma comédia de Gilbert.
O Marquês Centurione, o Sr. Rossi e Madame Rossi, até então desconhecidos tanto por mim como por Valiantine, visitam-me em Inglaterra em 1927. O Marquês, para seu espanto, ouve o seu filho falecido falar-lhe em italiano. O Marquês e a Sra. Rossi desenvolvem então mediunidade de "voz" — inteiramente derivada do contacto e iniciação com Valiantine. Em 1929, Valiantine visita-os em Itália e é acusado de ser um impostor. O poeta tinha razão ao dizer: *"É um mundo de loucos."*

Felizmente, após deixarem Génova, o Sr. e a Sra. Valiantine e a Sra. Bradley seguiram para Veneza, onde se encontraram com o Conde Bon, que já participara em sessões com Valiantine nos Estados Unidos. Permaneceram em Veneza durante uma semana, e a série de sessões realizadas foi altamente bem-sucedida, tendo sido recebidas notáveis provas de sobrevivência por parte de espíritos italianos comunicantes. O Conde Bon foi meticuloso na escolha dos participantes para cada círculo. Foram realizados dois experimentos de comunicação cruzada simultânea com "Margery" (Sra. Crandon, de Boston). Um dos experimentos foi claramente bem-sucedido, o outro parcialmente. Os detalhes foram cuidadosamente registados pelo Conde Bon e publicados na *Luce e Ombra*.

VI – Relatório do Professor Ernesto Bozzano sobre a sessão de 18 de maio de 1929

Posteriormente, escrevi ao Professor Ernesto Bozzano pedindo-lhe, se possível, um relatório baseado nos seus registos da sessão controlada com Valiantine. Transcrevo-o de seguida:

Sessão de 18 de maio de 1929

Na sequência de uma autorização solicitada e imediatamente concedida pelo Guia espiritual Dr. Barnett, adotou-se um sistema de controlo do médium e dos presentes que merece ser descrito:

Em primeiro lugar, as duas portas da sala foram trancadas, e as chaves entregues a mim. Depois, lacrei ambas as folhas das portas com tiras de leucoplasto (uma fita adesiva cirúrgica).

O corpo do médium foi então amarrado com corda de algodão forte, começando pelos pés, que foram firmemente atados ao cadeirão, ao nível dos tornozelos. Em cada amarração, a corda foi cortada, e ambas as pontas seladas com abundante leucoplasto, formando uma só unidade com as extremidades da corda cortada. Este método foi usado para evitar os problemas observados em sessões anteriores, onde, ao usar uma corda contínua, o médium podia, ao libertar uma mão, afrouxar todas as ligações, enganando assim os controladores sem se libertar por completo.

De seguida, os pulsos do médium foram atados aos braços da cadeira da mesma forma. Foi-lhe passada uma corda ao redor do tórax, prendendo-o ao encosto, e mais uma corda foi colocada a meio das pernas, ao nível da tíbia. Por fim, a boca do médium foi completamente selada com uma larga tira de leucoplasto, que se estendia quase até às orelhas.

Concluídas as medidas de controlo do médium, procedeu-se ao controlo dos restantes: os pulsos de todos os participantes foram atados com corda contínua, permitindo que cada um controlasse os movimentos dos vizinhos. O Sr. Rossi, responsável por trocar os discos do gramofone, foi o último a sentar-se e foi igualmente atado, com uma corda mais longa que lhe permitia chegar ao aparelho. Essa corda foi entregue a mim, com instruções para a manter esticada e só afrouxá-la no momento da troca dos discos.

Estas foram as medidas de controlo adotadas.

Assim que a luz foi apagada, ainda o primeiro disco tocava, ouviu-se a voz estridente de "Bert Everett" vindo de cima: *"Boa noite, almas!"* Logo depois, uma das trombetas elevou-se a cerca de 1,5 metros do chão, descrevendo grandes voltas verticais pela sala.

Seguiu-se um longo diálogo com "Dr. Barnett", que prescreveu um tratamento para a Marquesa Centurione, falou com a Sra. Bradley e outros. Depois, voltou a manifestar-se "Bert Everett", seguido de "Christo D'Angelo", que manteve uma longa conversa em italiano e no dialeto siciliano.

A seguir, manifestou-se a "voz" de uma menina, habitual nas sessões com Valiantine. Por fim, surgiu o filho falecido do Marquês Centurione, que reproduziu de forma impressionante a cena da sua morte. Ouviu-se o ruído de um hidroavião a voar pela sala, que depois de várias voltas pareceu cair na água.

Por fim, surgiu "Kokum", que cantou um dos seus cantos tribais com voz tão potente que se dizia poder ouvi-lo da rua.

Após o encerramento da sessão, eu próprio examinei cuidadosamente as ligaduras do médium, que se revelaram intactas, e removi com muito cuidado e lentamente o "leucoplastra" da sua boca, que aderira à pele de tal forma que a deixou algo esfolada.

(Assinado) Ernesto Bozzano.

Já aludi brevemente, numa página anterior, a tentativas bem-sucedidas de comunicação cruzada entre o círculo "Margery" em Boston e a sessão de Valiantine em Veneza. Atendendo ao seu interesse, estas experiências merecem uma descrição mais detalhada.

Certos cientistas e céticos meticulosos afirmaram frequentemente que, se uma entidade pudesse transmitir informação sobre um facto comprovado, desconhecido do médium e dos presentes, e igualmente de qualquer pessoa viva, tal ocorrência provaria, sem dúvida, a inteligência de uma entidade espiritual, afastando toda a possibilidade de uma explicação normal.

Deve notar-se que, nesta prova de comunicação cruzada, a entidade "Walter" manifestou-se e falou tanto em Boston como em Veneza, durante o tempo em que estas duas sessões decorriam simultaneamente. Em Veneza, os participantes estavam totalmente alheios à forma que tomaria a prova de comunicação cruzada. A prova matemática com números foi preparada em Boston, tendo-se tomado cuidados extremos para excluir qualquer possibilidade de explicação telepática. Mesmo que Valiantine soubesse (o que certamente não sabia) que a comunicação cruzada tomaria a forma de uma prova com três números escolhidos aleatoriamente de entre os trinta e um dias de um calendário, as probabilidades de acertar seriam de 25.172 contra uma. Mas, para além disso, dado que a médium "Margery" foi também posteriormente informada, pela entidade espiritual, dos três números — ainda totalmente desconhecidos pelos presentes em Boston —

as probabilidades de que tanto Valiantine como Margery acertassem seriam superiores a 633.000.000 contra uma. Junto um relatório das experiências.

Veneza e Boston
Comunicação Cruzada em Tempos Sincrónicos

O Dr. Bon telegrafou ao Dr. Crandon, em Boston, informando-o de que se realizaria uma sessão com Valiantine no dia 27 de Maio. O Dr. Crandon respondeu por telegrama que realizaria uma sessão com "Margery" (Sra. Crandon) em Boston às 17h00. Deve notar-se que há seis horas de diferença entre Boston e Veneza, sendo as 17h00 em Boston correspondentes às 23h00 em Veneza.

A Sessão em Veneza

Começou às 21h30, na casa do Dr. Bon. Estavam presentes: a Sra. Bianca Nunes Vais-Arbib, de Veneza; o Comandante S. Bellavita, de Roma; a Sra. Gwendolyn Kelly Hack, de Nova Iorque; o Sr. Oscar Cosma, de Veneza; a Sra. Dennis Bradley, de Londres; o Capitão Giovanni Rodano, de Veneza; o Almirante Z; a Sra. Bess Valiantine, de Williamsport, EUA; a Sra. Pierina Valle, de Veneza; o Dr. P. Bon, de Veneza — todos sentados em círculo.

Fora do círculo estavam a Sra. Hilda Tagliapietra, de Veneza (junto ao gramofone), e o Sr. Antonio Gibin, de Veneza.

Numa sala contígua, separada por uma cortina, encontravam-se o Professor Carlo Del Lunog, de Florença; a Sra. Maria Augustoni, de Veneza; e o Comandante A. Lancerotto, de Veneza.

Como se pode verificar, esta reunião foi numerosa e o grupo, variado. "Bert Everett" manifestou-se de imediato, afirmando que as condições eram ideais. George Valiantine encontrava-se sentado ao centro do círculo, numa grande cadeira de madeira, com braços e encosto alto. A sessão decorreu com muitos fenómenos, destacando-se a voz direta — até às 23h00, cerca de vinte entidades manifestaram-se com voz direta. A essa hora, a Sra. Hilda Tagliapietra informou os presentes de que o relógio (com mostrador luminoso e colocado ao seu lado) marcava onze horas, o momento indicado pelo Dr. Crandon para o início da experiência de conversas cruzadas.

A sessão prosseguiu, como até então, de forma muito interessante. Após a voz poderosa de "Kokum", "Christo D'Angelo" perguntou as horas, ao que o

Dr. Bon respondeu serem 23h30. Pediu então que o relógio fosse colocado no centro do círculo, no chão, virado para o Dr. Bon. Um instante depois, ouviu-se um assobio agudo no centro da sala. O Dr. Bon reconheceu de imediato a entrada característica de "Walter", o Guia do médium "Margery". (De passagem se note que "Walter" raramente se manifesta fora do círculo do Dr. Crandon.) A Sra. G. Hack, que já tinha experiência prévia com o círculo de Boston, reconheceu este assobio característico. "Walter" reconheceu a senhora, bem como o Dr. Bon, a quem saudou.

Entretanto, Valiantine caiu em transe temporário. (Nota — É apenas em raras ocasiões que Valiantine entra em transe.) Conforme instruído, todos os presentes mantiveram absoluto silêncio. As duas trombetas de alumínio com bandas luminosas, previamente colocadas no centro do círculo, ergueram-se no ar — uma ficou à frente e outra atrás da cadeira de Valiantine. O relógio luminoso elevou-se (por meios supranormais) cerca de um pé do chão e foi transportado pela sala. Parou propositadamente diante de vários membros do círculo, com o objetivo óbvio de lhes fixar a hora na mente — 23h45. O som do mecanismo de ajuste dos ponteiros foi ouvido e viu-se os ponteiros luminosos a moverem-se lentamente para trás. O relógio foi novamente levado em volta do círculo. Como antes, parou diante de alguns dos participantes e foi notado que a hora tinha sido alterada para 23h15.

Valiantine, saindo do transe e sentando-se direito, disse: "Sinto-me todo rígido", e passados momentos acrescentou: "Acho que devíamos acender a luz vermelha", o que foi feito. Após breve intervalo, Valiantine levantou-se da cadeira, dirigiu-se a uma pequena mesa próxima, sobre a qual haviam sido colocados papel e lápis. Ninguém falou. Valiantine segurou a cabeça entre as mãos e depois pediu que se acendesse a luz azul, em vez da vermelha. Escreveu então no papel e entregou-o ao Dr. Bon. Apareciam três números repetidos duas ou três vezes — 3.5.10 — com um ponto final após cada número. A sessão foi então encerrada. O relógio de São Marcos bateu as doze badaladas.

Seguiu-se um momento de convívio, com fruta e vinho. Isto parece contrariar o hábito habitual; de facto, "Walter" mostrou-se um pouco chocado, como veremos mais adiante.

A Sessão em Boston

Os resultados obtidos em Boston, numa sessão realizada a 27 de Maio, com o círculo do Dr. Crandon, em 10 Lime Street, através da mediunidade de Margery, foram registados na mesma noite. A acta dessa sessão, assinada por todos os presentes, foi efetivamente enviada por correio às 22h10, conforme declarado pelo Dr. Mark Richardson, facto confirmado pela marca postal: "Boston — Mass — 28 de Maio — 1 a.m." A carta foi entregue em Veneza a 9 de Junho. Posteriormente, uma descrição detalhada da sessão foi recebida em Veneza a 1 de Julho.

A sessão iniciou-se às 17h09 (hora americana). Estavam presentes (da esquerda para a direita): Dr. Mark Richardson (à esquerda da médium), Sr. Grandi, Sra. Grandi, Sra. Gray, Sr. Fred Adler, Sra. Richardson, Sr. Bligh Bond, Dr. Crandon (à direita da médium). Fora do círculo: Sra. Gray, Sr. Begouchi.

O Dr. Crandon e o Dr. Richardson controlaram as mãos da médium durante toda a sessão. A mão direita do Dr. Crandon repousou, ao longo da sessão, sobre o joelho do Sr. Bond. Este foi incumbido do material preparado para os testes: nove folhas arrancadas de um calendário de bloco diário, cada uma com a assinatura do Sr. Bond no verso, escrita a tinta. As folhas foram colocadas pessoalmente por ele num envelope, selado e guardado no bolso interior do seu casaco. O Sr. Bond atestou que apenas vira os versos das folhas e desconhecia os números impressos no lado frontal.

Margery entrou em transe às 17h11 e a voz de "Walter" foi imediatamente ouvida. Declarou que o Sr. Bond devia assegurar-se de que o conteúdo do envelope não fosse visto por ninguém até depois das 21h00 (cerca das 3h00 da manhã, hora italiana, de 28 de Maio), hora após a qual não poderia haver qualquer questão de transmissão de pensamento do grupo de Boston para o de Veneza.

"Walter", como é seu hábito, brincou durante alguns momentos com alguns dos presentes e, após breve intervalo, durante o qual aparentou ter estado em Veneza, disse: "Não consigo perceber uma única palavra do que se passa por lá e, além disso, o calor é terrível." (Com efeito, a noite era muito abafada em Veneza, e a sala estava carregada devido ao número de pessoas presentes.)

Por volta das 18h15, "Walter" instruiu o Sr. Bond a retirar do envelope uma das folhas de calendário e a colocá-la na mesa, ao centro do círculo. O Sr.

Bond, na escuridão absoluta — mantida durante toda a sessão — cumpriu a instrução. Às 18h19, a pedido de "Walter", o Sr. Bond substituiu o primeiro papel por um segundo. Em resposta ao Sr. Bond, "Walter" declarou que a hora era 17h20 e afastou-se do círculo durante cerca de um minuto. Às 17h22, "Walter" pediu ao Sr. Bond que recolhesse o segundo papel, tendo o cuidado de manter o primeiro e o segundo separados dos restantes. "Walter" então referiu que um dos papéis tinha sido deixado cair, mas o Sr. Bond procurou em vão.

Pouco depois, "Walter" pediu ao Sr. Bond que apanhasse a terceira folha e a colocasse juntamente com as outras duas no bolso interior do casaco.

Após algumas observações em tom de brincadeira, Walter disse: "Agora vou-me embora; por favor, fiquem juntos durante meia hora; não se preocupem; deixem tudo por minha conta. Boa noite!" Ouviram-se quatro pancadas (um sinal regulamentar) e a sessão terminou. Eram 17h45. Esta é precisamente a hora a que, durante a sessão de Valiantine, o relógio luminoso foi levantado e mostrado a cada participante, indicando que eram 23h45. O horário sincronizou-se exatamente com o encerramento da sessão em Boston e com a partida de Walter, levando consigo a informação dos números que apenas ele (a entidade espiritual) conhecia — e ninguém mais no mundo.

No relatório detalhado da sessão acima referida, é indicado que, ao acenderem-se as luzes, a Sra. Richardson encontrou duas das folhas do calendário no chão, que o Sr. Bond deixara cair inadvertidamente. Este ficou algo perturbado, pois "Walter" já o tinha advertido de que uma folha tinha caído. A senhora recolheu-as e permaneceu ao lado do Sr. Bond até todos os presentes se retirarem para a biblioteca, como medida de precaução para garantir que ninguém visse os números nas folhas nem pudesse comunicá-los ao médium ou a qualquer outro presente. As três folhas efetivamente vistas por "Walter", no entanto, estavam em segurança no bolso interior do Sr. Bond.

O círculo voltou a reunir-se às 21h00. Margery, com lápis na mão, sentou-se num pequeno sofá, junto ao qual havia uma mesinha com papel. Foi vendada pelo Sr. Bond e começou imediatamente a escrever a seguinte mensagem:

"Sessão de Veneza. Valiantine sob controlo. Muito sussurro — não, silêncio; parece-me ouvir o Pai Nosso. Ninguém parece excitado exceto o Conde Bon, que mexe no bigode. Mais sussurros — bons pensamentos — não compreendo — ainda mais murmúrios — enfim, Yuliantine tem ataque italiano — entra em transe em Itália — permanece em transe, conforme determinado por mim. Escrever 3.5.10. Está tudo terminado — há muita comida e bebida — Valiantine volta a si e vai para casa — já disse o suficiente — mais tarde direi mais — próxima sessão quinta-feira à noite. W.S.S." (Iniciais de "Walter.")

A sessão terminou às 21h05. O Sr. Bond então mostrou a todos os presentes o envelope marcado com "A", juntamente com as três folhas do calendário que haviam sido mostradas a Walter durante a sessão. Estas revelaram ser "Domingo, 5 de Maio; Sexta-feira, 3 de Maio; e Sexta-feira, 10 de Maio", todas com a assinatura do Sr. Bond no verso, escrita por ele próprio antes do início da experiência.

CAPÍTULO III
UMA ACUSAÇÃO CONTRA A S.P.R.

As minhas razões para a demissão — A atitude da Sociedade — A demissão de Sir Arthur Conan Doyle — As suas razões — O Sr. Theodore Besterman — O Sr. W. H. Salter — A Assembleia Geral — Procedimento curioso — Uma omissão significativa — "Uma questão trivial" — Numerosas demissões — Uma enxurrada de críticas — A viagem do Sr. Besterman — A sua impopularidade pessoal — "Tralha maçadora" — Uma deturpação deliberada — O Sr. Besterman e o Dr. Kroner — Um exemplo flagrante — A sugestão divertida do Sr. Salter — As observações de Sir Oliver Lodge — Os objetivos da S.P.R. — O seu cumprimento — Degeneração — Atividades infantis — Os parasitas da Sociedade — Algumas questões à Sociedade — Uma Associação Psíquica de Beneficência — A estupidificação dos seus objetivos — Obstrução à investigação.

Durante oito anos fui membro da Society for Psychical Research (Sociedade para a Investigação Psíquica), mas em Fevereiro de 1931, demiti-me.

As razões que me levaram a tomar essa decisão foram simples. Não só a minha participação se revelava completamente inútil, como cheguei à

conclusão deliberada de que, longe de fomentar e encorajar a investigação, a Sociedade era não apenas inútil, mas deliberadamente obstrucionista. Na minha opinião, sob a sua direção atual, a Society for Psychical Research constitui, em si mesma, um dos obstáculos à investigação e ao estudo genuinamente científicos.

Possui uma sala de sessões que nunca é utilizada. Nunca organiza sessões; nunca realiza investigações. Todos os relatos publicados de fenómenos são tratados com desprezo, e nunca se tenta qualquer análise ou crítica construtiva. Com a sua incredulidade bovina, esta Sociedade pseudo-científica parece-me tão estúpida quanto o é a maioria dos espiritualistas na sua credulidade.

Quanto a mim, nos meus próprios ensaios e investigações, sempre procurei manter um equilíbrio entre o ceticismo cego e a fé irracional.

Factos são factos; provas são provas. Nem suposições, nem escárnio têm qualquer valor.

Fenómenos genuínos, quando ocorrem, aceito-os; a fraude, sempre que a descubro, denuncio-a com toda a veemência de que sou capaz.

O único interesse do investigador científico é a sua investigação; emoção, preconceito, ideias pré-concebidas não devem influenciá-lo de forma alguma; o seu objetivo é separar o bom do mau, o genuíno do fraudulento, de forma fria, imparcial, lógica.

Em Janeiro de 1930, alguns meses antes da sua morte, Sir Arthur Conan Doyle demitiu-se da Society for Psychical Research.

A carta de Doyle, onde expunha os motivos da sua demissão, foi enviada a todos os membros da Sociedade. Nela, declarou ressentir-se profundamente com o tom das críticas publicadas no *Journal of the S.P.R.*, assinadas pelo Sr. Theodore Besterman, bibliotecário e editor da Sociedade; considerava o Sr. Besterman um "crítico negligente", com "muito pouca experiência em investigação psíquica", e opunha-se firmemente à sua "insolência" e "ofensividade gratuita".

Criticava a administração da Sociedade, que "originalmente pretendia ser um centro justo e simpático para os investigadores, mas parece ter-se tornado simplesmente uma organização anti-espiritualista. Tudo o que tende a

provar a verdade, por mais honrada ou sensata que seja a sua origem, é atacado com supressão, deturpação e todo o tipo de oposição irracional e maliciosa."

Referiu-se à Sociedade como estando nas mãos de um pequeno grupo central de reacionários, e disse que esperara muito tempo por uma reforma, mas concluíra que não seria de esperar, e que a influência da Sociedade era inteiramente nociva.

Este gesto final de Doyle não foi feito de forma impulsiva, nem motivado por qualquer expressão juvenil do Sr. Besterman; as razões de Doyle eram muito mais profundas. A sua decisão foi tomada com base em motivos concretos, que expôs de forma clara nas últimas linhas da sua carta. Disse:

"Demiti-me como protesto público contra o trabalho essencialmente anti-científico e tendencioso de uma Sociedade que, durante uma geração inteira, não produziu qualquer trabalho construtivo, mas se dedicou à deturpação e ao entrave daqueles que realmente se dedicaram ao mais importante problema alguma vez apresentado à humanidade."

A acusação é inequívoca. Antes de esta carta ser enviada aos membros da S.P.R., Doyle escreveu-me e debatemos toda a questão. Doyle e eu estávamos em total acordo; sentíamos que era imperativo tomar alguma ação, e a primeira sugestão foi que ele e eu nos demitíssemos em conjunto e assinássemos ambos a carta enviada a todos os membros. Contudo, decidimos que Doyle se demitisse, e que eu permanecesse na Sociedade por mais um ano para observar a sua atitude futura.

Na Assembleia Geral Anual da S.P.R., realizada em Tavistock Square a 27 de Fevereiro de 1930, estavam presentes vinte e seis membros. Nessa reunião foi discutida a demissão de Doyle. Coloquei uma questão importante ao Sr. Besterman relativamente às suas opiniões publicadas. Contudo, para evitar uma discussão incómoda, o presidente considerou, incorretamente, a pergunta fora de ordem.

Mais tarde, durante a mesma reunião, tive oportunidade de voltar a falar e critiquei severamente as críticas do Sr. Besterman, bem como a atitude tendenciosa do Sr. W. H. Salter, que considerei um abuso da sua posição oficial enquanto Secretário Honorário da S.P.R.

No fim da minha intervenção, o presidente, Sir Lawrence Jones, omitiu seguir o procedimento habitual nas Assembleias Gerais e, sem perguntar, como deveria, se havia mais questões por parte dos membros, mostrou-se atrapalhado e disse: "Tenho de encerrar a reunião." E assim, precisamente, terminou a reunião.

O relatório dessa reunião foi publicado no *Journal of the S.P.R.* de Abril. É significativo observar que não foi feita qualquer menção às acusações incluídas no meu discurso. A única referência a críticas dirigidas aos responsáveis da Sociedade surge num pequeno parágrafo, após uma discussão sobre a sala de sessões da Sociedade, redigido da seguinte forma:

"O Sr. Besterman, o Sr. Dingwall, o Sr. Dennis Bradley,
o Sr. Salter, o Sr. Gatliff e outros participaram na discussão que se seguiu."

O relatório publicado dessa Assembleia Geral foi incorreto e incompleto. Se a acta foi corretamente redigida na altura, então foram feitas omissões deliberadas.

Tendo em conta que apenas vinte e seis membros compareceram a esta Assembleia Geral Anual, e que o relatório foi impresso e distribuído a mais de mil membros e associados, é evidente que houve uma censura repreensível dos factos, chegando mesmo à distorção.

Na edição de Março de 1930 do *Journal of the S.P.R.*, a carta de demissão de Sir Arthur Conan Doyle, bem como as respostas do Presidente, dos Secretários Honorários e do Sr. Besterman, foram impressas, acompanhadas do comentário oficial:
"O Conselho considera esta controvérsia uma questão muito trivial."

Independentemente da forma como o Conselho a encarava, é certo que inúmeros membros da S.P.R. não consideraram a demissão de Doyle uma questão trivial.

O *Journal* de Março (1930) afirma que o número total de demissões desde a saída de Doyle foi de seis. Uma vez que a maioria dos membros naturalmente adiaria a demissão até ao final do ano, foi interessante verificar que o número exato de demissões no final desse ano foi de oitenta e quatro. Que a questão não foi tida como trivial comprova-se pelo facto de Doyle ter recebido uma grande quantidade de cartas de apoio, que me foram

entregues para leitura. Alguns breves excertos dessas cartas dão conta das opiniões expressas por membros da S.P.R. que escreveram a Doyle:

1. "Demiti-me da minha qualidade de membro. Não obtive qualquer benefício com isso."
2. "Tornei-me membro da S.P.R. há alguns anos, mas pareceu-me que não faziam nada de construtivo."
3. "Se não houver melhorias, deixarei de pertencer à Sociedade."
4. "Estou muito satisfeito por já não ter nada a ver com eles."
5. "Muitas vezes me indignei com a atitude dessa organização e não renovarei a minha filiação."
6. "Fiquei tão enojado com a postura hostil da Sociedade que já me demiti da mesma."
7. "Li o artigo do Sr. Besterman na edição de Janeiro do *Journal*. ... Enviei de imediato a minha demissão à Sociedade, sentindo que ela não me ajudava em nada nos meus estudos psíquicos."
8. "A única esperança que me levava a renovar a filiação era a possibilidade de mudança nos métodos da Sociedade. Este ano cheguei à mesma conclusão que o senhor: é inútil. É pena que o organismo mais antigo de todos esteja entregue a pessoas que o estão a arruinar."
9. "Saí da Sociedade, depois de ter pertencido a ela desde a sua fundação. Parece-me que os responsáveis da S.P.R. estão a agir de forma duvidosa, pois recebem dinheiro sob forma de quotas para investigação psíquica, quando, pelas suas ações, a impedem."
10. "Concordo plenamente com tudo o que diz sobre a grosseria e o tom do artigo escrito pelo Sr. Besterman, bem como sobre o estado geral da Sociedade. ... É muito triste ver uma sociedade que teve a posição da S.P.R. mergulhada numa condição de inatividade e aborrecimento árido, tal como se encontra hoje."
11. "Escrevi-lhes de forma igualmente indignada há alguns meses, relativamente a críticas publicadas no *Journal*."

12. "Recebi a sua carta, com a qual concordo em absoluto, e a minha demissão seguirá. Fui membro da S.P.R. desde a sua criação, mas parece-me quase como condescender com a desonestidade continuar a contribuir."

13. "Já escrevi à Sociedade a comunicar a minha demissão. Paguei a quota de 1930, por isso suponho que o meu nome permanecerá até ao fim do ano."

14. "Infelizmente paguei como membro vitalício há cerca de vinte anos, nunca pensando que viriam a renegar a própria causa como o fizeram. No entanto, escrevi ao secretário a pedir que retirasse o meu nome da lista de membros, pois desejo demitir-me."

15. "Recebi o seu protesto público contra o trabalho não científico da S.P.R. ... Eles apenas dificultam o trabalho sério e verdadeiro. Naturalmente seguirei o seu exemplo e retirarei a minha filiação no final deste ano."

16. "Três semanas atrás apresentei a minha demissão, após mais de vinte anos como membro associado, embora sem saber que outros também tinham percebido e estavam dispostos a protestar contra a mudança ofensiva de carácter que se abateu sobre esta outrora honrada Sociedade."

17. "Obrigado pela sua acusação formal contra a S.P.R. ... Li os escritos do Sr. Besterman no *Journal* de Janeiro e anteriores... Penso ser melhor renunciar à minha associação ao longo deste ano, referindo o carácter não científico das críticas a homens como Bozzano e Bradley. Desde os tempos de Myers, Hodgson e Hyslop que a Sociedade tem vindo a decair profundamente."

18. "Muitos em Itália lhe agradecerão a sua posição. Se conhece o Professor Bozzano, o seu carácter notável e a coragem indomável, compreenderá quão perturbados ficaram os seus amigos com tais ataques vindos de uma direção tão inesperada como a S.P.R."

19. "Escrevi ao Presidente da S.P.R. em resposta à sua carta circular. ... Enfatizei o facto de que as recensões publicadas recentemente no

Journal da S.P.R. têm sido de má qualidade, independentemente do seu tom agressivo e ignorante."

20. "Simpatizo inteiramente com os seus sentimentos sobre as deturpações muito graves. ... Receio que tenham sido injustos nos casos que menciona, o que é, sem dúvida, grave."

21. "Que a S.P.R. atualmente não está a fazer a sua parte, a não ser como travão ao esforço real, receio que ninguém possa negar."

22. "É difícil compreender como tal recensão pôde ser aceite por uma Sociedade reconhecida mundialmente pela ausência de preconceito. A perda de confiança dos membros na Sociedade poderá rapidamente levar ao seu encerramento."

23. "Ultimamente, todas as críticas no *Journal* a quaisquer acontecimentos psíquicos ou a livros com provas especializadas têm sido destrutivas — e destrutivas com tom triunfalista."

24. "No outono de 1928, o Sr. Besterman esteve aqui em Munique, e o Barão Schrenck-Notzing e outros homens de renome concordaram que a S.P.R. cometeu um grande erro ao enviar para o estrangeiro um jovem tão inexperiente, que, em vez de aumentar o prestígio da Sociedade, apenas a prejudicou."

25. "Concordo totalmente com a sua indignação. Tive a mesma sensação ao ler o artigo difamatório de Besterman. É impossível desculpar a sua ofensa, por mais tortuosa que seja a sua mentalidade. Com esse artigo, desonrou a S.P.R."

26. "Na minha opinião, a Sociedade não avançou um único passo desde a publicação de *Human Personality*, de Myers."

27. "Foi com grande satisfação que soube da sua ação, e espero que isso permita que a investigação psíquica, enquanto tal, possa prosseguir sem as ultrapassadas falácias dos físicos."

28. "Tive experiências diretas tão esclarecedoras que o tipo de discussões publicadas nas *Proceedings* da S.P.R. apenas me aborrece. E aborrece outros também, pois tenho a certeza de que os melhores casos de

experiência psíquica raramente são agora submetidos aos censores no activo."

29. "Escrevi ao Sr. Besterman a expressar o meu profundo pesar pelo método e tom de algumas comunicações recentes no *Journal*. Não favorecem o bom ambiente, nem o progresso da investigação para a qual a S.P.R. foi fundada."

Estes breves excertos das cartas recebidas por Doyle são apenas um indício das opiniões dos vários membros. Doyle entregou-me toda a sua correspondência relativa a este assunto; a leitura ocupou-me várias horas. Não havia uma única carta cujo autor não estivesse inteiramente de acordo com ele.

É totalmente incorreto por parte do Conselho da S.P.R. afirmar que a demissão de Doyle foi uma questão trivial. Doyle era um homem de considerável distinção. Foi uma das figuras mais proeminentes da literatura inglesa moderna. A sua reputação estendia-se tanto pela Europa como pela América. A sua experiência prática em investigação psíquica e fenómenos supranormais, que ocupou a maior parte da sua vida, era infinitamente superior à de qualquer dos atuais administradores oficiais da S.P.R.

Em 1929, o Sr. Theodore Besterman realizou uma digressão de quatro meses no estrangeiro, como representante da Sociedade, e ao regressar descreveu as suas experiências com diversos médiuns. A forma como redigiu o seu relatório revelou, na minha opinião, não só inexperiência, como também total incompetência. O seu relatório gerou considerável indignação em Budapeste. M. Earl Rothy, presidente da Sociedade de Investigação Psíquica de Budapeste, descreveu o comportamento do Sr. Besterman durante as sessões realizadas como rude e grosseiro. M. Rothy escreveu várias cartas de protesto a membros do Conselho, nenhuma das quais vi publicada no *Journal*.

Uma reunião privada foi convocada por certos membros ingleses da S.P.R., em Outubro de 1929, em protesto contra a atitude do Sr. Besterman, tendo uma delegação de membros entrevistado o Sr. W. H. Salter, que, como responsável honorário da Sociedade, os recebeu com uma cortesia particularmente ausente. Foi-lhes dado a entender que o Sr. Besterman era protegido do Sr. Salter, e qualquer crítica seria mal recebida. A implicação

parece ser que nenhum membro ou conjunto de membros tem o direito de contestar ou criticar as ações ou a capacidade de qualquer responsável.

Os relatórios publicados pelo Sr. Besterman eram deliberadamente negativos e hostis. Aparentemente, ele encarava a sua missão como a de um representante de uma agência de detectives amadores. Nas poucas sessões a que assistiu, mostrou-se manifestamente predisposto a considerar todas as formas de fenómeno como duvidosas ou fraudulentas e, ao comentar qualquer fenómeno que pudesse ter ocorrido, apressava-se a formular suposições fúteis na tentativa de o explicar.

Os escritos posteriores do Sr. Besterman encontraram forte desaprovação por parte de certos membros da S.P.R.

O Comandante Quentin Crauford, R.N., fez um protesto público. Escreveu: "Nós, membros da Sociedade, somos brindados com tralha maçadora como a que o Sr. Besterman tem inventado no *Journal*. Naturalmente, o Sr. Besterman não tem tarefa fácil, pois afastou o tipo de colaborador que poderia ser interessante... O *Journal* já era suficientemente desinteressante antes de ele o assumir, e o tipo de investigador que a Sociedade consegue recrutar nunca ultrapassa a hipótese de fraude... Ele (o Sr. Besterman) tem à mão uma vasta biblioteca, e desenterrar alguns desses registos seria investigação; mas não, tem de nos dar uma opinião vazia — e não apenas vazia, mas ofensiva. A Sociedade tenta declinar responsabilidades, mas seguramente é da competência do Conselho escolher como seu representante alguém com maneiras de cavalheiro, mesmo que não seja possível encontrar um homem de inteligência."

Durante o ano de 1930, foi publicado um livro intitulado *Some Modern Mediums*, da autoria do Sr. Besterman. É um pequeno volume de 175 páginas e, no prefácio, o autor afirma que "alguns dos médiuns são analisados com base em conhecimento e investigação pessoais, outros a partir de um estudo cuidadoso das provas disponíveis."

No seu livro, comenta de forma categórica apenas cinco médiuns. Destes cinco, há três com quem nunca esteve sequer presente em sessões, não possuindo, portanto, qualquer "conhecimento pessoal" dos mesmos. Um destes três é a Sra. Piper, médium americana de transe, que não era médium física, e como as suas sessões datam de 1884, dificilmente poderá ser

descrita como uma "médium moderna." Sobre a segunda, "Eva C.", conhecida médium física francesa, o Sr. Besterman, após referir-se aos registos de 1902 a 1920, escreve:
"Não procuro esconder a minha convicção de que as provas mostram que a mediunidade de 'Eva C.' foi fraudulenta do princípio ao fim."

Quanto à terceira, "Margery" (Sra. Crandon), mostra-se incerto relativamente a qualquer aspeto dos fenómenos a ela atribuídos, afirmando que "a sua mediunidade está ainda longe de atingir um padrão adequado de evidência."

O livro do Sr. Besterman contém experiências pessoais com apenas dois médiuns, sendo um deles praticamente desconhecido.

Sobre Frau Maria Silbert, com quem, nas suas sessões, não encontrou absolutamente nenhuma prova de fraude, afirma:
"Foi-me impossível resistir à conclusão de que os fenómenos que testemunhei foram produzidos fraudulentamente... Senti-me obrigado a adotar a hipótese de fraude."

A única médium restante com quem teve experiência pessoal foi Mme. Kahl-Toukholka. Esta "médium" é desconhecida entre os estudiosos da investigação psíquica, e os registos das suas capacidades mediúnicas são, ao que parece, inexistentes. Trata-se de uma senhora de origem russa, residente em Paris. O Sr. Besterman descreveu algumas experiências rudimentares com cartas, etc., e embora parecesse satisfeito com os resultados obtidos, estes revelaram-se particularmente fúteis no que respeita à investigação psíquica científica.

O Sr. Stanley de Brath, membro da S.P.R., analisou severamente a atitude do Sr. Besterman. Referindo-se a ele, escreve:
"Tal crítica deriva toda a sua importância da posição do autor, que é editor e bibliotecário da S.P.R. Distingue-se, assim, das alegações de qualquer particular. É portanto sob essa perspetiva que a trataremos, enfrentando a desagradável tarefa da oposição. Tal não servirá para engrandecer a reputação do autor como crítico cuidadoso e imparcial, como se exige ao editor da S.P.R."

Considera os escritos do Sr. Besterman como "impressões apressadas de um jovem que apresenta as suas suspeitas como factos universais." Acrescenta:

"Gostaríamos de não ter de mencionar o Sr. Besterman, limitando-nos a refutar as suas afirmações; mas isso equivaleria a tomar a posição desprezível de quem 'quer ferir, mas tem medo de golpear'. Podemos assegurar ao Sr. Besterman que estas páginas não são escritas com a esperança de que ele modifique as suas opiniões. São escritas porque os pronunciamentos do editor da S.P.R. inevitavelmente se refletem sobre a Sociedade que o nomeou, e cujo parecer amadurecido ele é naturalmente tido como representante."

O Sr. Stanley de Brath é generoso na forma como destaca a importância do cargo de editor da S.P.R. Pode perguntar-se se tal importância existe realmente. A direção editorial de uma pequena publicação emitida de forma intermitente não é, habitualmente, considerada relevante. O Sr. Besterman foi, sei eu, recentemente membro do jovem P.E.N., uma associação para escritores iniciantes. Até onde se sabe, é esse o alcance da sua fama.

É evidente, para qualquer estudante de investigação psíquica, que o Sr. Besterman, por ordens oficiais explícitas ou por antipatia pessoal, se mostrou decididamente contrário à aceitação de qualquer forma de fenómeno supranormal. Apesar da sua absoluta falta de experiência, avança sistematicamente com a teoria hipotética da fraude como explicação para qualquer manifestação registada. Apresentou um artigo em Atenas, posteriormente publicado pela S.P.R. (Dezembro de 1930) nas *Transactions of the Fourth International Congress at Athens*.

Esse artigo ostenta pretensiosamente o título: *"Uma Avaliação Crítica do Estado Atual da Investigação Psíquica"*, e nele o Sr. Besterman ridiculariza praticamente todos os médiuns físicos, passados e presentes. D. D. Home, Eusapia Paladino, os Irmãos Schneider — todos estes, segundo o Sr. Besterman, são fraudes, mas não apresenta provas. Segundo ele, "não existe um único caso conclusivo de fenómeno supranormal", e, tendo descartado todos os fenómenos físicos, afirma que "a sobrevivência parece-lhe continuar a ser um problema filosófico não suscetível de prova científica."

Ele admite-o de forma direta, ao escrever numa palestra impressa: "Praticamente todos os fenómenos físicos são falsificados pelo médium," e, com uma leviandade que, considerando o cargo que ocupa, é quase inconcebível, critica as obras dos principais investigadores da atualidade nas suas recensões.

Em relação a uma recensão específica, à qual Doyle aludiu na sua carta de demissão, o Sr. Besterman teve o atrevimento de escrever:

"Abri o livro ao acaso," e, numa das declarações mais comprometedoras alguma vez publicadas por um responsável da S.P.R., afirmou:

"Apresentar com tal pretensão de infalibilidade como faz o Senhor Bozzano é lançar descrédito e escárnio sobre o nosso tema." Nenhum crítico literário sério, e nenhum estudioso cuidadoso, "abre um livro ao acaso," e, após tal declaração, é necessário perguntar ao Sr. Besterman o que entende exatamente por "o nosso tema".

O Sr. Besterman tem a ousadia de ridicularizar o valioso trabalho do Professor Ernesto Bozzano, investigador de reputação internacional, afirmando:

"Os relatórios de Bozzano não merecem, por si sós, atenção séria em termos de provas. Revelam uma quase total falta de compreensão do que constitui uma boa evidência e um registo adequado das sessões mediúnicas." Com uma arrogância que seria apenas risível, não fosse o seu cargo oficial, despreza o Professor Charles Richet, o Dr. Geley, o Barão von Schrenck-Notzing, Mme. Bisson e o Dr. Crandon, classificando-os como investigadores ineficientes. Não acredita em fenómenos físicos supranormais, e não acredita que "a sobrevivência seja passível de prova científica." Por que razão, então, deseja continuar a ocupar recentemente o cargo de editor da S.P.R.? Se está convencido de que tais fenómenos não existem, é evidente que só pode considerar pura perda de tempo continuar qualquer investigação nesse campo.

Mas muito mais grave do que o desperdício do tempo do Sr. Besterman é o entrave e obstrução da investigação. Ele e os seus associados parecem ter "monopolizado" a S.P.R. e decidido moldá-la segundo os seus caprichos pessoais.

Um dos colaboradores regulares do *Journal of the S.P.R.* é o Conde Perovsky-Petrovo-Solovovo. Ele analisa muitas das publicações estrangeiras sobre investigação psíquica, sob a assinatura "P.P.S."

As opiniões e pontos de vista do Conde Perovsky-Petrovo-Solovovo estão de acordo com a atual administração controladora da Sociedade. São

invariavelmente antagónicos e destrutivos. "P.P.S." ignora provas valiosas e incontroversas e limita-se a procurar os pontos mais vagos e pequenos como pretexto para lançar insinuações.

Na edição de Janeiro (1930) do *Journal*, aproveitou a oportunidade para fazer insinuações depreciativas a meu respeito (H.D.B.). As citações que fez da *Zeitschrift für Parapsychologie* eram absolutamente falsas, o que consegui provar. Na edição de Outubro (1930) do *Journal* apareceu uma carta do Conde Perovsky-Petrovo-Solovovo que continha uma referência à Sra. Bradley que, se tivesse aparecido na Imprensa pública, teria resultado numa ação imediata por difamação. A sua carta foi redigida de forma a conter uma imputação velada de que a Sra. Bradley teria agido fraudulentamente numa sessão, simulando um certo fenómeno.

Escrevi imediatamente ao editor do *Journal* acerca desta difamação, e também uma carta adicional, apresentando os factos. Esta carta foi publicada na edição de Dezembro (1930) do *Journal*. O incidente em si era trivial e não tinha qualquer relação com qualquer fenómeno. É apenas necessário, portanto, repetir o último parágrafo da minha carta: "O que é de muito maior importância é a maneira velada como tal trivialidade é aproveitada pelo Conde Perovsky-Petrovo-Solovovo e publicada no *Journal of the S.P.R.* sem referência a pormenores e factos, de uma forma calculada para induzir os membros da Sociedade em erro."

Nos comentários editoriais do *Journal*, afirmou-se: "O *Journal* é impresso apenas para circulação privada, e a responsabilidade por todas as comunicações impressas pela Sociedade recai inteiramente sobre os seus autores." Esta é a sua desculpa habitual. É um abrigo sob o qual o *Journal* se sente à vontade para imprimir afirmações perigosas sem receio de uma ação pública. Mas fui informado de que, legalmente, isso não é desculpa nenhuma. A Sociedade "publicou" a difamação, e tanto ela como os seus impressores eram igualmente responsáveis.

Em relação a este incidente, é justo referir que o Conde Perovsky-Petrovo-Solovovo se retratou posteriormente, e o seu pedido de desculpas foi publicado na edição de Dezembro (1930) do *Journal*, facto que torna a publicação imprudente da difamação original ainda mais repreensível.

No final de 1930, *The Transactions of the Fourth International Congress for Psychical Research, Athens, 1930* foi publicado em Inglaterra pela S.P.R. de Londres. É um livro de 7s. 6d., contendo os vários artigos apresentados no Congresso realizado em Atenas; alguns dos artigos estão impressos em inglês, outros em francês, e outros em alemão. O volume foi editado pelo Sr. Theodore Besterman, o empregado remunerado da Sociedade e, como tal, responsável perante os membros da Sociedade, e na página 3 surge a habitual declaração de escusa fútil da S.P.R., afirmando: "A responsabilidade tanto pelos factos como pelos raciocínios dos artigos publicados nestas *Transactions* recai inteiramente sobre os seus autores."

Fui informado de que relativamente poucas cópias foram até agora vendidas em Inglaterra.

Neste livro, impresso em alemão, há um artigo apresentado pelo Dr. Walther Kroner, sob o título:

"Der Kampf um Valiantine."

É provável que apenas uma pequena parte dos membros da S.P.R. tenha comprado este livro, e apenas aqueles que sabem ler alemão terão podido estudar este artigo. O número de leitores ingleses pode, portanto, ser desprezável.

Os responsáveis da S.P.R. estão — e estavam — bem familiarizados com todos os factos, pois, antes do Congresso de Atenas, tinham recebido um exemplar de *Die Sitzungen mit Valiantine*, publicado por Oswald Mutze, Leipzig, 1930. Devem, portanto, ter tido conhecimento da acusação arrasadora feita pelo Dr. Walther Kroner, na qual os seus motivos são claramente expostos na declaração feita pela sua secretária, Maria Baader. A declaração dela é definitiva e irrefutável.

O Dr. Kroner é do mesmo tipo de pseudo-investigador psíquico na Alemanha que o Sr. Theodore Besterman é em Inglaterra, e o Conde Perovsky-Petrovo-Solovovo é em Bruxelas. Deve também notar-se que nenhum destes tem experiência em investigação psíquica, nem conseguiu adquirir qualquer conhecimento de valor sobre fenómenos psíquicos.

Das sessões realizadas em Berlim, o Dr. Kroner esteve presente apenas em três. É, e sempre foi, evidente que, desde o início, tinha apenas um objetivo,

e isso está provado de forma incontestável pela declaração da senhorita Maria Baader. Os factos eram, portanto, do conhecimento dos responsáveis da S.P.R., uma vez que foram publicados em *Die Sitzungen mit Valiantine*.

O artigo do Dr. Kroner, apresentado em Atenas, foi fabricado por ele inteiramente com base numa teoria preconceituosa e num desejo de autopromoção. É tudo suposição, sem uma única prova, e baseado apenas em três experiências pessoais, todas elas relativamente negativas.

O seu artigo em Atenas foi desacreditado por praticamente todos os estudantes alemães como uma tentativa ilógica e incompetente de alegar fraude através da formulação de teorias.

Refiro-me a este artigo aqui apenas porque a S.P.R. achou por bem publicá-lo em Inglaterra.

Foi apresentada uma sugestão pelo Sr. W. H. Salter em Atenas. Foi a seguinte:

"Um Comité Internacional (de cinco) das Sociedades de Investigação Psíquica deverá relatar, no que diz respeito a todos os médiuns que produzem 'fenómenos controláveis', se de facto proporcionam facilidades razoáveis de investigação a todos os estudantes sérios. [...] O Comité formularia condições padrão de controlo, e também elaboraria uma lista de médiuns aos quais fosse possível o livre acesso."

Relativamente à sugestão do Sr. Salter, podem citar-se as observações feitas por Sir Oliver Lodge em Atenas:

"A minha opinião é que nenhum registo de qualquer experiência pode ser à prova de falhas e livre de suspeita, se existirem suspeitas latentes na mente de um crítico. [...] Precauções elaboradas são desejáveis, mas não são nenhuma salvaguarda real, nem qualquer garantia de boa observação. Pode depositar-se demasiada confiança no controlo mecânico; com efeito, quanto mais complicado for, mais ocupará a atenção do observador, que deveria estar concentrada noutras direções. Se o mecanismo for controlado por assistentes, surgem inevitavelmente dúvidas sobre conluio. [...]

"Na verdade, se eu fosse um ilusionista ou performer fraudulento, ansioso por enganar um homem de ciência, gostaria que ele tivesse o máximo de aparelhos possível para vigiar, pois assim não precisaria de me preocupar em

distrair a sua atenção. A própria maquinaria forneceria distração suficiente. [...] Daí que o aparelho possa favorecer a fraude em vez de a impedir, e, ao mesmo tempo, possa ter um efeito nocivo sobre fenómenos genuínos.

"A alegação, agora frequentemente e plausivelmente feita, de que nenhuma observação tem valor exceto sob as condições mais rigorosas, não é nem prática nem sensata em todos os casos. Condições eficazes numa direção podem ser anuladas por deficiências noutra; nem sempre podemos saber de antemão que fenómeno específico será produzido. Precauções tomadas contra telecinese são ineficazes contra um *apport*, e vice-versa. Além disso, é sempre possível que um observador externo, ao ler um registo em que algo incrível parece ter acontecido, assuma que alguma precaução foi afinal negligenciada, e que se ele lá estivesse, as coisas teriam sido diferentes."

"Nada é suscetível de transmitir convicção real exceto o efeito cumulativo da experiência direta, de vários tipos, sob uma grande variedade de circunstâncias. Preferiria eu próprio concentrar-me em apurar as leis de um determinado tipo de fenómeno, certo de que, entre todas as repetições necessárias para esse fim, qualquer procedimento fraudulento mais cedo ou mais tarde viria à luz. Não se segue que, num caso específico, tenha realmente havido fraude, apenas porque depois se pensou numa brecha possível para a sua ocorrência. Deve haver prova de que ela ocorreu realmente, e não apenas a suspeita da sua possível ocorrência, antes que alguém seja denunciado. [...] Nem o controlo completo, nem a observação completa são fáceis — talvez nem sequer possíveis — e, portanto, pode dizer-se que, em geral, nenhuma experiência isolada pode ser tratada como conclusiva. O facto de que, apesar do abundante testemunho, o mundo ainda não esteja convencido é prova suficiente disso."

Aconselho o Dr. Kroner, e outros do seu género, a estudarem os pontos de vista sensatos e experientes expressos por Sir Oliver Lodge.

É interessante observar a posição atual da S.P.R. Os "funcionários permanentes" parecem ditar a política da Sociedade. No que diz respeito a qualquer trabalho real ou progressivo na investigação psíquica, a administração atual é uma farsa. A sua política é inteiramente destrutiva, e a porta da sua sala de sessões está definitivamente fechada à experimentação. Neste momento, a Sociedade está moribunda.

É elucidativo observar os objetivos da Sociedade tal como se encontram expostos nos estatutos impressos da S.P.R. Cito o principal desses objetivos:

1. (6) Investigar o fenómeno vulgarmente conhecido como psíquico ou espiritualista.
2. (o) Empregar pessoas para fazer investigações e pagar pelos seus serviços.
3. (d) e (g) Adquirir livros — formar e manter uma biblioteca, etc. … acrescentar à mesma.
4. (e) Ajudar estudantes e investigadores nos seus trabalhos.
5. O rendimento e a propriedade da Sociedade devem ser aplicados unicamente à promoção dos objetivos da Sociedade.

Os objetivos da Sociedade e a sua concretização devem ser analisados no que diz respeito à sua relação com a atual administração.

1. No que diz respeito à investigação dos fenómenos, o Sr. Besterman declarou publicamente que "a sobrevivência, enquanto tal, não é estudada pela S.P.R."
2. Este objetivo foi respeitado, de forma fiel e financeira, pela contratação do Sr. Besterman, mas se o objetivo é cumprido com essa única contratação, é outra questão.
3. Este objetivo, certamente, não foi respeitado. Uma coleção valiosa e única de livros sobre fenómenos psíquicos foi oferecida como presente à Sociedade pelo Sr. Harry Price, e recusada com o argumento de "falta de espaço."
4. Pode perguntar-se, de forma satírica, de que maneira e em que exatos termos a S.P.R. está a ajudar estudantes e investigadores nas suas pesquisas?
5. De que modo foram aplicados os rendimentos e os bens da Sociedade aos objetivos da mesma?

Segundo o Relatório Anual referente ao ano de 1930, a S.P.R. "durante o ano visitou quatro casas em Londres e uma em Leicester com o objetivo de investigar alegadas aparições e ruídos." É agradável ler que não se encontrou razão para supor que alguma causa supranormal estivesse em ação, e só se pode admirar a energia despendida numa investigação tão intensiva e de tão elevado valor. Espera-se que os passeios tenham sido agradáveis — e

pouco dispendiosos. A menção a tais absurdos como resultado de um ano inteiro de trabalho de investigação em fenómenos psíquicos parece ridícula.

Há um ano, na Assembleia Geral Anual, o relatório mostrou que nenhum trabalho prático de investigação havia sido realizado durante o ano anterior. Em abono do Sr. Salter pode mencionar-se a declaração que então fez: "Alguns dos nossos membros provavelmente não têm noção da quantidade de trabalho que fizemos nos últimos anos na investigação de Poltergeists e semelhantes. Os resultados nem sempre são impressos na íntegra, em parte porque, após investigação, a maioria dos casos é explicável por causas normais."

A verdade é que, nos últimos anos, a Sociedade, sob o controlo dos atuais responsáveis, degenerou a tal ponto que se tornou meramente atávica. Continua, como uma senhora vitoriana idosa, a debater aparições, ruídos misteriosos e Poltergeists; tudo fenómenos que representam as formas mais insignificantes e primitivas de manifestação. Representar tais atividades infantis como investigação psíquica moderna é patético.

É mais do que tempo de que os obstrucionistas antiquados e inflexíveis, como os atuais administradores da S.P.R., sejam afastados, pois causam um dano real à causa que se supõe promoverem. Quem são estes homens que, não tendo alcançado nada, ousam afirmar-se como autoridades no assunto? Quem é o Dr. Kroner? Quem é o Sr. Theodore Besterman? Os seus nomes não constam em nenhum dos livros de referência reconhecidos que reúnem pessoas de mérito e notoriedade nas suas respetivas áreas. No entanto, são esses tipos, as cracas da Sociedade, que continuam agarrados a ela numa vã tentativa de nadar até algum porto de notoriedade alheia.

Doyle, da última vez que o vi antes de morrer, disse-me: "A Sociedade é má."

Ele estava a morrer, com bastante serenidade, na altura, mas falava a sério. Eu ri-me e respondi: "Não merece ser chamada de má, deveria chamar-se medieval."

Que programa construtivo tem a atual administração da S.P.R. para oferecer aos seus membros em troca das suas quotas anuais?

A sua sala de sessões não é utilizada há um ano. Porquê?

Têm algum médium psíquico que se disponha a oferecer os seus serviços para fins de experimentação?

Estas são questões importantes, porque, na ausência de respostas, o seu trabalho de investigação cessa, e os objetivos da Sociedade ficam por cumprir.

Neste contexto, é necessário considerar a situação financeira da Sociedade. A sala de sessões foi uma oferta. Raramente é usada. A quarta subvenção da Fundação Carnegie terminou agora no seu quarto ano.

A posição financeira da S.P.R. é um assunto que merece esclarecimento. O seu rendimento ascende a cerca de £3.000 por ano. (Os valores exatos para 1930 foram £2.957, 3s. 10d.) Na última Assembleia Geral Anual, o tesoureiro, Sr. W. H. Salter, disse: "O rendimento ordinário da Sociedade, proveniente principalmente de investimentos e subscrições, não é atualmente, e nunca foi, muito superior ao necessário para cobrir despesas como renda, salários, impressão, correio, etc. O excedente disponível para investigação sempre foi reduzido, e a Sociedade tem tido de depender principalmente dos membros que realizam investigações por sua conta ou de donativos destinados especificamente à investigação."

Porquê?

Os membros da Sociedade pagam as suas quotas para investigação, que é um dos objetivos primordiais da Sociedade. Não existe nenhum objetivo impresso nos estatutos da Sociedade que declare que a maior parte do rendimento deve ser utilizada para salários, impressão e correio.

Será que o rendimento proveniente dos membros é para ser usado na impressão das banalidades do Sr. Theodore Besterman? São eles consultados antes de despesas dessa natureza serem feitas?

Serão os fundos da Sociedade consumidos no pagamento de funcionários — deixando assim nenhum excedente para as despesas com a investigação de médiuns? Se assim for, quanto mais depressa mudar o nome para Associação Benevolente Psíquica, melhor.

O último Relatório Anual contém uma declaração mal disfarçada. Alega-se que apenas seis membros e um associado se demitiram por concordarem com Sir Arthur Conan Doyle. Esta declaração não coincide de forma alguma

com o elevado número de cartas de membros que Doyle recebeu, e que eu próprio li. A maioria afirmava que, tendo pago a sua quota, se iriam demitir no final do ano. A Sociedade recebeu efetivamente oitenta e quatro demissões entre 1 de Janeiro de 1930 e 1 de Janeiro de 1931.

Isto representa uma perda séria de membros.

Na prática, significa que mais de 11 por cento dos membros se demitiram no último ano, e sei pessoalmente de muitas outras demissões pendentes, que terão lugar se a situação atual continuar. É, por isso, inevitável que o rendimento da Sociedade para 1931 seja consideravelmente reduzido. Esta diminuição persistente no número de membros da S.P.R. é um sinal significativo e preocupante.

Sou membro de várias Sociedades em Inglaterra, e aquelas com quotas simbólicas, apesar da "depressão económica geral" (razão que a S.P.R. usa como fraca desculpa), longe de perderem, estão regularmente a ganhar membros. A razão é simples e única: as suas organizações são geridas de forma progressiva e harmoniosa. Não conheço nenhuma sociedade intelectual em Inglaterra que tenha passado por um estado de caos, dissensão e amargura como aquele que atualmente existe entre os membros da S.P.R. A Sociedade foi levada a esta condição nos últimos um ou dois anos, devido à persistente frustração, por parte de um pequeno grupo, dos objetivos para os quais a Sociedade foi originalmente fundada — uma frustração que, por vezes, equivale a uma obstrução total.

Se a atitude dos atuais administradores da S.P.R. é simplesmente a de que fenómenos físicos supranormais genuínos não existem, e se esse ponto de vista é apoiado pelo Conselho, então chegou o momento de a Sociedade encerrar, pois, nesse caso, os seus objetivos estão esgotados; qualquer despesa com ela é um desperdício de dinheiro; as suas publicações são inúteis e a sua autoridade desapareceu.

Nos meus trabalhos, constatei que, nos últimos anos, a minha condição de membro da S.P.R., longe de me ser útil, foi prejudicial e obstrutiva, e fez-me perder considerável tempo em polémicas retrógradas e desagradáveis. Como corpo de investigação psíquica prática, a S.P.R. deixou de funcionar, e a sua existência contradiz agora o propósito para o qual foi criada.

LIVRO IV
FRAUDE. A INVASÃO AMERICANA, 1931

CAPÍTULO I
A DENÚNCIA DOS BAYLIS

Inúmeras queixas — marco uma sessão — o meu relatório — fraude evidente — procedimentos ridículos — denúncia — uma cena — publicação do meu relatório — correspondência — os Baylis desaparecem.

Durante vários meses antes da data em que realizei a minha primeira e única sessão com a Sra. Baylis, uma alegada médium de materialização de origem inglesa, recebi muitas queixas acerca dos seus métodos e resultados, bem como visitas pessoais de investigadores ansiosos por que eu examinasse os procedimentos desta médium.

Na altura, não tinha grande vontade de o fazer, mas acabei por aceder aos pedidos e marquei uma sessão.

Os Baylis, marido e mulher, estavam contratualmente ligados à *London Spiritualist Alliance Ltd.* e também à *Marylebone Spiritualist Association Ltd.*. O resultado da minha investigação foi tal que considerei os seus métodos tão insatisfatórios que fiquei fortemente convicto de que o público deveria ser alertado contra eles. Para esse efeito, o melhor meio de chegar aos membros da *Marylebone Association* e da *London Spiritualist Alliance* era o semanário espírita *Light*. Assim, dirigi uma curta carta formal ao editor desse jornal, na qual declarei que, na minha opinião e na dos restantes participantes — cujas assinaturas anexei à carta —, as condições sob as quais a médium e o marido actuavam eram completamente insatisfatórias e suscetíveis de levantar sérias suspeitas. Juntei a essa carta um relatório completo e detalhado das minhas investigações, e enviei também uma cópia ao secretário da *London Spiritualist Alliance*. Além dessa carta formal para publicação, escrevi a seguinte carta pessoal ao editor do *Light*:

11 de Novembro de 1927

Caro Sr. Gow,

Junto envio o relatório detalhado da sessão com os Baylis. Junto também uma carta formal dirigida a si, como editor, para publicação. Agora, deve publicar uma ou outra. Se publicar o relatório, não publica a carta, e se publicar a carta, não publica o relatório. Deixo essa decisão inteiramente a seu cargo, e talvez me possa telefonar na próxima segunda ou terça-feira.

Na minha opinião, e na opinião dos outros participantes, todo o desenrolar da sessão foi fraudulento. No entanto, a situação é esta: a Sra. Gavin é uma mulher de grande coração e suplicou-me pelos Baylis. Diz que, por vezes, eles não obtêm provas mentais. Isso não me influenciaria, mas o seu apelo ao facto de terem quatro filhos pequenos a cargo tocou o meu lado humanitário. A Sra. Gavin assegura-me que os Baylis levaram tal lição que duvida que voltem a cometer fraude. Mas não estou nada seguro disso. Pela minha experiência, os homens que me roubaram uma vez e foram perdoados, aproveitaram a primeira oportunidade para me roubar um pouco mais da segunda vez.

Detesto este tipo de incidentes, e posso assegurar-lhe que não foi com prazer que me vi envolvido até este ponto neste assunto. Sei que concorda comigo que todo este movimento deve estar livre de comportamentos fraudulentos.

Tem uma mente crítica e sensata, por isso deixo a decisão inteiramente nas suas mãos.

Com os melhores cumprimentos,
(Assinado) H. Dennis Bradley

Considerei imperativo que fosse publicado um aviso nos jornais espíritas. O Sr. Gow concordou comigo e decidiu publicar o seguinte relatório da minha experiência:

Relatório da sessão realizada com o Sr. e a Sra. Batten Baylis, em Maida Vale, na noite de quinta-feira, 27 de Outubro de 1927, cerca das 20h00.

Recebera várias queixas, provenientes de fontes diversas e independentes, quanto ao carácter suspeito das sessões de "materialização" realizadas na mais completa escuridão pelo Sr. e pela Sra. Batten Baylis, no seu apartamento em Maida Vale. Participantes inteligentes e atentos, que observaram cuidadosamente o que se passava, forneceram-me relatos verbais detalhados e declararam acreditar que os procedimentos eram frequentemente fraudulentos.

Foi em resposta a estes pedidos que concordei em investigar pessoalmente a mediunidade.

Considerei essencial, tanto para mim como para os investigadores que me acompanhavam, que permanecêssemos anónimos. Pedi, por isso, à Sra. Gavin, amiga de confiança, que marcasse uma sessão com a Sra. Baylis em seu nome.

As sessões com os Baylis estavam marcadas com bastante antecedência, e foi necessário marcar o compromisso com mais de quatro semanas de avanço. A sessão teve lugar no apartamento deles, onde chegámos por volta das 19h50. Além da Sra. Gavin, levei comigo a minha esposa, o Sr. Noel Jaquin e o Sr. J. W. Miller.

A Sra. Gavin conhecia a "médium", mas nenhum dos outros foi apresentado pelo nome. Tenho a impressão de que é bastante possível que o Sr. Baylis não me tenha reconhecido, mas a Sra. Baylis, ao encontrar-se comigo, comentou que achava já me ter visto antes.

Antes de entrarmos na sala de sessões, o Sr. Baylis falou-nos longamente sobre o tema das "materializações" e dos fenómenos da "voz direta". As suas referências a fenómenos de "voz" pareceram-me especialmente estereotipadas e, até certo ponto, ignorantes e sem profundidade.

As suas palavras soaram como repetições automáticas e plausíveis, mas não me transmitiram qualquer conhecimento pessoal sobre o assunto. Disse que poderíamos, ou não, ouvir "vozes", mas deu a entender que muito provavelmente veríamos "mãos materializadas".

Insistiu particularmente em que nos mantivéssemos imóveis, com as mãos sobre os joelhos, e que, em nenhuma circunstância, fizéssemos qualquer movimento enquanto os "fenómenos" ocorressem, pois tal poderia afetar a médium. Reforçou este ponto em demasia, repetindo-o mais de uma vez.

Fomos então conduzidos à sala da sessão, com cerca de 6 metros por 4 metros. Embora fosse pequena, surpreendeu-nos que as sete cadeiras para os participantes estivessem todas colocadas juntas no canto esquerdo da sala, ao entrar pela porta. A sala estava praticamente desprovida de mobília, com exceção de um grande roupeiro no fundo, cobrindo parte substancial da janela exterior.

A Sra. Baylis sentou-se numa cadeira encostada à parede junto da porta. Imediatamente por cima da sua cabeça, a cerca de 1,5 metros do chão, havia uma abertura na parede, com cerca de 90 cm por 60 cm, coberta com um tecido tipo carpete. Informaram-nos de que essa abertura tinha sido uma janela, agora coberta para excluir qualquer luz. Deve mencionar-se que, durante a sessão daquela noite, a abertura não foi utilizada. No entanto, todos os presentes acharam extremamente estranho que uma alegada médium de "voz" se sentasse justamente sob uma janela interior — algo totalmente desaconselhável.

Ao reunirmo-nos na sala, o Sr. Baylis informou-nos de que seria a médium a indicar onde cada um se devia sentar. Saiu da sala durante cerca de dois minutos e regressou com dois pequenos painéis brancos, de cerca de 15 cm quadrados, sobre os quais — disse — poderiam aparecer "rostos materializados".

Na distribuição dos lugares, a Sra. Baylis reservou a cadeira imediatamente à sua esquerda para o Sr. Baylis. O círculo ficou assim, da esquerda para a direita: Sra. Batten Baylis, Sr. Batten Baylis, Sr. J. W. Miller, Sra. Bradley, H. Dennis Bradley, Sra. Gavin e Sr. Noel Jaquin — este último sentado à direita da Sra. Baylis.

Ligeiramente atrás da Sra. Baylis, e imediatamente à sua direita, havia uma pequena mesa com os dois painéis e um trompete de alumínio ou estanho. Este trompete foi passado entre os participantes, e, quando a sessão ia começar, coloquei-o, por instinto, no centro do círculo. Para meu espanto, a Sra. Baylis pegou de imediato nele e voltou a colocá-lo sobre a mesa,

mesmo ao lado dela. O Sr. Baylis explicou que os "espíritos" raramente usavam o trompete, pois preferiam falar diretamente. É essencial perceber que tanto os painéis como o trompete permaneceram fora do círculo, e a escassos centímetros da Sra. Baylis. Ela não foi sujeita a qualquer controlo, mas, curiosamente, o Sr. Baylis pediu ao Sr. Miller que colocasse a sua mão direita sobre as suas (do Sr. Baylis).

As luzes foram então apagadas e todos os presentes permaneceram com as mãos sobre os joelhos, conforme instruído.

A sessão foi realizada na mais completa escuridão, sem qualquer luminosidade visível no trompete.

As cadeiras estavam colocadas tão próximas umas das outras que as dimensões do círculo foram reduzidas ao mínimo absoluto; tão próximas, de facto, que qualquer pessoa presente podia, inclinando-se ligeiramente para a frente, tocar facilmente noutro dos participantes. Os assistentes eram todos investigadores experientes e, entre o Sr. Noel Jaquin, o Sr. Miller e eu, tínhamos previamente acordado um código verbal através do qual podíamos, no escuro, avisar-nos mutuamente caso fosse detectada alguma fraude. Este código foi elaborado de forma a não ser percetível pela médium nem pelo marido, e de modo a não interferir com o desenrolar da sessão. Nem a Sra. Bradley nem a Sra. Gavin foram informadas do código acordado.

Não se tocou qualquer gramofone nem se fez uso de música, mas após o Sr. Baylis ter recitado uma oração mal formulada, manteve durante cerca de dez minutos uma conversa contínua, repetitiva e pouco articulada, como um papagaio.

Em seguida, o Sr. Miller anunciou que estava a ser tocado na mão. De acordo com o procedimento habitual, perguntou se estava a ser tocado por um amigo ou por um familiar, e depois fez o seguinte pedido: "Se for um familiar, poderia tocar-me na mão esquerda?" Um pedido perfeitamente simples. Contudo, o Sr. Miller havia tido o cuidado de retirar a mão esquerda do joelho e colocá-la a cerca de 15 centímetros de distância. Foi então tocado no joelho, embora a mão estivesse deslocada.

A Sra. Bradley, sentada ao lado do Sr. Miller, anunciou então que fora tocada na mão. Estando eu sentado ao lado dela, previ que seria o próximo a ser tocado e também antecipei exatamente onde isso aconteceria. Por isso, virei

a palma da minha mão direita para cima, a partir do joelho. Lentamente, senti nela os dedos quentes, de carne e osso, da mão da Sra. Baylis. Apertei-os, e depois deixei que fossem puxados de volta, na direção de onde ela se encontrava sentada.

Devo enfatizar que, embora soubesse que estava a ser perpetrada uma fraude, não quis interromper a "sessão", pois desejava observar a totalidade dos chamados fenómenos. É importante mencionar que o Sr. Noel Jaquin, sentado à direita da Sra. Baylis, detetou, no momento em que o Sr. Miller foi tocado, um leve som de fricção, como o de roupa feminina a mover-se. Foi o suave farfalhar de tecido solto. Depois disso, o Sr. Jaquin colocou cuidadosamente os dedos da sua mão esquerda muito levemente sobre o lado direito do joelho da médium — o seu joelho direito. Durante os momentos em que os participantes estavam a ser tocados, o Sr. Jaquin detetou uma ligeira tensão nos músculos, provocada pelo movimento do corpo a avançar sem se levantar da cadeira.

Depois de eu ter agarrado a mão da Sra. Baylis, ela deu evidentemente um sinal ao Sr. Baylis, pois o seu comportamento e discurso mudaram de imediato. Começou a falar sobre o mau estado do tempo e a dizer que parecia muito difícil obter fenómenos naquela noite. Em seguida, disse, num tom preocupado: "O George diz que as mãos ectoplasmáticas não devem ser tocadas." Por que razão o Sr. Baylis, que não era o médium, faria tal comentário? Eu não mencionei em momento algum o que tinha descoberto. Ao mesmo tempo, transmiti o sinal combinado aos meus colegas. É possível que o Sr. e a Sra. Baylis tenham imaginado que o aperto da mão tivesse sido acidental, pois, após uma pausa de cinco ou seis minutos, outros dos presentes voltaram a ser tocados — exceto eu.

Pouco depois, a Sra. Gavin anunciou que fora tocada na mão. O Sr. Jaquin relatou que foi primeiro tocado na mão direita e que, ao retirar rapidamente a esquerda da proximidade do joelho da médium, essa mão também foi tocada. Um pouco mais tarde, ao sentir um toque na mão direita, moveu rapidamente e com cuidado a mão esquerda no escuro e sentiu o pulso humano da "mão espiritual" que o tocava. Assim que tocou o pulso, a mão foi puxada de volta na direção da Sra. Baylis. Cerca de um minuto depois, o Sr. Baylis anunciou que a sessão teria de ser encerrada.

O Sr. Miller contou-nos que, logo após os sinais combinados terem sido dados indicando que fora detetada fraude, e até ao fim da sessão, as mãos do Sr. Baylis (que estavam a ser controladas por ele) tremiam visivelmente, de forma agitada. Pode-se supor com segurança que o Sr. Baylis terá recebido em privado um sinal da Sra. Baylis de que temia ter sido apanhada.

A Sra. Baylis, que supostamente se encontrava em transe, não falou durante toda a sessão. Então por que motivo o Sr. Baylis, que não era o médium, declarou que a sessão devia ser encerrada?

Após termos esperado alguns segundos, a Sra. Baylis, falando em voz alta (claramente e inequivocamente com a sua própria voz, mas identificando-se como "George"), disse: "A sessão deve encerrar; alguém tocou numa mão materializada." Com esta declaração, revelei de imediato a minha identidade e disse que a mão que me tocara, e que eu agarrara, não era uma mão materializada, mas a dela própria, e que ela o sabia. Solicitei então que aquela farsa terminasse imediatamente e que a luz fosse acesa.

O Sr. Baylis pareceu então bastante assustado e protestou, alegando que, se a luz fosse acesa, a vida da sua esposa estaria em perigo. Mas, imediatamente a seguir, foi ele próprio quem acendeu a luz.

A Sra. Baylis foi então vista sentada de forma lânguida na sua cadeira. O Sr. Baylis afirmava que ela estava em transe. Assim que a luz foi acesa, exprimi com veemência a minha opinião sobre todo o episódio. O Sr. Baylis não conseguiu dar qualquer resposta. Disse-lhe que a Sra. Baylis não estava em transe, ao que ele apenas replicou que ela não devia ser tocada. Diante da minha denúncia, tudo o que o Sr. Baylis pôde dizer foi que aquilo seria um grande choque para a sua esposa.

Passado um minuto, a Sra. Gavin sugeriu que nos retirássemos para outra sala para discutir o assunto, o que todos fizemos. O Sr. Baylis concordou e deixou a esposa sozinha no seu suposto estado de transe — uma atitude absolutamente ridícula, caso acreditasse que o transe era genuíno. A Sra. Baylis manteve a pose e pareceu demasiado assustada para dizer uma única palavra.

Na outra sala, o Sr. Baylis conversou connosco durante cerca de um quarto de hora, sem sequer fazer menção de verificar o estado da esposa. Mostrou-

se completamente insensível ao abandoná-la para tentar salvar a própria pele.

Três dos participantes desta sessão são sensíveis bem conhecidos, com um elevado grau de perceção da atmosfera existente numa sala durante fenómenos genuínos; nem o Sr. Jaquin, nem a minha esposa, nem eu próprio detetámos o mais ínfimo sinal de atmosfera psíquica durante a sessão.

Todos os presentes, exceto a Sra. Gavin — que, como intermediária, naturalmente não expressou opinião — concordaram que nenhuma das manifestações tinha carácter supranormal.

O Sr. J. W. Miller escreveu um relatório longo e detalhado, no qual descreveu toda a sessão como completamente negativa e suscetível da maior suspeita. O Sr. Noel Jaquin, no seu relatório, declarou que "a sessão foi fraudulenta do princípio ao fim"; essa é também a minha opinião firme. É possível que a Sra. Baylis tenha obtido fenómenos em algumas ocasiões, mas o que me interessa é apenas a sessão na qual participei. É essencial afirmar que todas as condições impostas pelo Sr. e pela Sra. Baylis aos participantes foram ridículas. A sessão decorreu na mais completa escuridão, sem qualquer tipo de tinta luminosa, com as cadeiras colocadas o mais próximas possível, e com a mesa — onde se encontravam os painéis e o trompete — ao lado da médium, fora do círculo. Isto contraria todos os procedimentos regulares em sessões de fenómenos físicos. Se forem usados fluidos ectoplasmáticos, eles emanam em direção ao centro do círculo, não para trás.

Quando se esperam comunicações mentais, não é necessário controlo, mas em sessões físicas realizadas na escuridão total, sem qualquer luminosidade nos instrumentos, algum controlo da médium é imperativo, caso contrário, qualquer fenómeno fica automaticamente sob suspeita.

O método de "controlo" das mãos do Sr. Baylis era completamente absurdo. Na prática, não era o participante a controlar o Sr. Baylis, mas o Sr. Baylis a controlar o lado direito do participante. Assim, estando o Sr. Baylis sentado à esquerda da Sra. Baylis, mais de um terço do círculo ficava completamente livre para ela. Segundo a forma como as sessões dos Baylis eram conduzidas, todos os participantes estavam controlados pelas instruções de manter as mãos nos joelhos, enquanto a médium dispunha de total liberdade.

É necessário ainda registar que o valor cobrado pelos Baylis era de cinco guinéus por sessão. Este valor foi pago pela Sra. Gavin, em meu nome, antes da sessão. Naturalmente, foi devolvido a meu pedido após o ocorrido.

Importa também registar que a Sra. Baylis recebia cinco guinéus por cada sessão. Regra geral, os seus círculos eram compostos por cinco pessoas, a uma guinéu cada. As sessões estavam frequentemente esgotadas, e para marcar uma era necessário fazê-lo com quatro semanas de antecedência.

Fui informado de que só realizavam três sessões por semana. No entanto, soube mais tarde que tinham marcações regulares para segunda, quarta e sexta-feira à noite. A minha sessão, porém, foi marcada para uma quinta-feira, e, ao chegar a casa — "Dorincourt" — nessa noite, o Sr. Denis Grinling (que tinha jantado com o meu filho e ali pernoitava) contou-me que tinha uma sessão marcada com a Sra. Baylis para o dia seguinte, às 11h. (Essa sessão foi cancelada pelo Sr. Baylis à chegada do Sr. Grinling, na manhã seguinte.) Ao questioná-lo, disse-me que, para obter marcação, tivera de agendá-la com cinco semanas de antecedência.

Após a publicação deste relatório no jornal psíquico *Light*, a 26 de Novembro de 1927, durante dois meses as colunas deste periódico foram inundadas com correspondência. Vários dos correspondentes tentaram apoiar os Baylis, mas a maioria saudou a exposição pública. Recebi inúmeras cartas de pessoas que tiveram experiências igualmente insatisfatórias, e agradeceram-me pela minha ação.

Em consequência deste afluxo de correspondência, tornou-se necessário responder e analisar as declarações dos diversos escritores, o que fiz, tendo a minha réplica sido publicada no *Light* a 7 de Janeiro de 1928, com o seguinte teor:

"Pressupondo que a correspondência referente ao caso Baylis esteja agora a aproximar-se da sua conclusão, considero essencial tratar brevemente alguns dos pontos que foram levantados. É necessário sublinhar que a razão pela qual aceitei investigar o carácter da mediunidade do Sr. e da Sra. Batten Baylis foi o facto de, durante vários meses, ter recebido queixas sérias quanto à natureza suspeita dos acontecimentos em certas ocasiões, e afirmações deliberadas de observadores cuidadosos de que, por vezes, os procedimentos eram fraudulentos.

Não é meu desejo procurar experiências desagradáveis, nem ter o meu nome associado a assuntos desta natureza, mas neste caso, devido aos repetidos pedidos, não tive outra opção. Nestas circunstâncias, foi imperativo recorrer a determinados testes, e se tivesse ocorrido algum fenómeno genuíno, teria ficado muito satisfeito por o registar. Infelizmente, não ocorreram fenómenos genuínos, e o meu relatório, publicado na edição de 26 de Novembro, é um registo rigoroso e escrupulosamente justo do que se passou.

"Li com muita atenção as cartas que apareceram nas edições subsequentes do *Light* e, embora esteja perfeitamente disposto a aceitar o testemunho daqueles que consideram ter recebido provas genuínas, deve ficar claramente entendido que tal testemunho não pode refutar nem afectar os incidentes ocorridos durante a minha sessão.

"É um facto indiscutível que um médium pode ser genuíno em algumas ocasiões e fraudulento noutras, quando os poderes psíquicos não estão ativos.

"O Sr. George Craze, presidente da *Marylebone Spiritualist Association*, afirma na sua carta: 'O ataque reflete muito mais descrédito sobre o seu autor do que sobre a sensitiva caluniada ou o seu marido.'

"Se a minha ação de publicar um relato fiel de uma sessão insatisfatória é considerada desonrosa, então quero, sem dúvida, dissociar-me totalmente de qualquer sociedade ou associação espírita que siga uma política tão restrita e secreta.

"Com exceção da carta de 'H.S.L.P.', publicada a 17 de Dezembro, não fiquei particularmente impressionado com a maioria das cartas que foram publicadas. Há, em todas, uma repetição infeliz do 'tocar nos anéis' e noutros objetos visivelmente usados pelos diversos participantes. Quero chamar a atenção do Sr. Alex L. Dribbel para o facto de que, na investigação psíquica, se uma 'voz', supostamente de um espírito, descreve o seu atual estado feliz e diz 'Se soubesses, meu velho', tal observação não é considerada como prova. E também, que se surge uma aparição a dizer 'Pai' (que o participante admite não ter reconhecido, pois o seu pai era um homem bem mais jovem), e o controlo, 'George', diz: 'Sim, senhor, era o seu pai, só que o senhor não o reconheceu', tal afirmação absurda apenas provoca ridículo. Teria sido mais

humorístico se o 'George' acrescentasse: 'É uma criança sábia aquela que reconhece o seu próprio pai.'

"Quanto às questões levantadas pelo Almirante Wilfred Henderson, informo que não é prática comum, nas sessões físicas, pedir aos assistentes que mantenham as mãos sobre os joelhos e que não as movam. A minha afirmação de que, quando se utilizam forças ectoplásmicas, estas emanam em direção ao centro do círculo, não é enganadora nem incorreta. É uma afirmação correta, baseada em experiências pessoais ao longo de muitos anos. As sessões com Yaliantine não se realizam na escuridão total; várias ocorreram em plena luz do dia.

"O Almirante Henderson pergunta como é que a Sra. Baylis conseguiu, em plena escuridão, ver onde estavam os joelhos dos vários participantes. Não havia necessidade de ver; num círculo fechado é perfeitamente simples para qualquer pessoa mover-se da esquerda para a direita e tocar os joelhos de todos os assistentes. Eu próprio garanto que o faria repetidamente sem nunca me enganar.

"Quando o Sr. Miller, que se sentava à esquerda do Sr. e da Sra. Baylis, pediu que lhe tocassem na mão esquerda, e depois moveu essa mão cerca de quinze centímetros para longe do joelho, foi-lhe tocado no joelho — um procedimento obviamente simples, mas também um erro muito evidente. O Almirante Henderson pergunta porque, ao agarrar os dedos da Sra. Baylis, os larguei. A razão para não os ter segurado foi que isso teria encerrado a sessão e as descobertas subsequentes, que foram importantes, não teriam sido reveladas.

"Não entendo a referência do Almirante Henderson à linguagem utilizada no final da sessão. A linguagem que utilizo é, em geral, um inglês correto e fluente, e é tão expressiva quanto a ocasião exige.

"Já tratei das cartas favoráveis aos Baylis. Quanto às desfavoráveis, é necessário referir a comunicação do Sr. Royan Middleton, na qual afirma ter descoberto a Sra. Baylis em fraude deliberada, discernindo os traços dela entre os painéis e também sentindo um braço sólido, quente e com aspeto de vida por detrás de um dos painéis.

"O Sr. James Oakes também regista que, na sua terceira sessão, a experiência foi de tal forma inconsistente que um dos participantes ficou enojado,

afirmando ter ficado 'com uma forte impressão de que tinha sido cometido um embuste'.

"É inútil criticar a carta do Sr. Batten Baylis. O Sr. Baylis falha completamente em responder a qualquer das acusações que fiz e, numa tentativa tola de defesa, desvia o assunto com afirmações falsas sobre a Sra. Gavin, as quais ela refutou completamente na sua carta publicada a 24 de Dezembro.

"Isto representa um breve resumo do que apareceu nas colunas do *Light* após a publicação do meu relatório. No entanto, existe outro lado muito importante. Já afirmei que, antes da minha sessão com os Baylis, tinha recebido muitas queixas. Desde a publicação do meu relatório, recebi muitas mais. Quando se descobre uma fraude, a pessoa comum não quer ver o seu nome associado a revelações desagradáveis. No entanto, considero justo e correto publicar o conteúdo de pelo menos uma dessas cartas.

"Segue-se uma citação literal:

'Sentei-me ao lado da médium, e não havia mais de quinze centímetros entre as nossas cadeiras. Vi claramente um rosto a passar por três pessoas diferentes. Não consegui ver bem o rosto de frente, mas, ao passar, vi-o de perfil contra a ardósia. (Era o rosto da Sra. Baylis.) À terceira vez, tive tanta certeza que estendi a mão e passei-a sobre a cadeira *vazia* onde a Sra. Baylis estivera sentada. Quando percebi o que se estava a passar, tornei-me duas vezes mais atento. Notei que o tagarelar do Sr. Baylis era sempre mais ruidoso quando ouvia barulhos e movimentos adicionais no círculo. Ele encobria muito bem o levantar e sentar da esposa, com longas explicações sobre os fenómenos. Apesar de tudo isto, no final ouvi nitidamente ela sentar-se. Tinha um vestido de seda, que fazia ligeiro ruído a cada movimento do tubo...
Todas as "vozes" vinham do mesmo lugar, mesmo à minha frente, onde a Sra. Baylis estava de pé. Mudei ligeiramente a mão para a frente e toquei num tecido de vestido mesmo à minha frente.'

"O excerto acima é um exemplo de muitas das cartas que recebi.

"Após a minha sessão com os Baylis, o Sr. Noel Jaquin fez-lhes aquela que considero uma das propostas mais justas possíveis. Sugeriu que, se quisessem provar que podiam obter fenómenos genuínos, deveriam realizar uma sessão nas suas próprias condições, com os seus próprios participantes,

na sua própria sala; ele próprio não estaria presente, mas aplicaria um teste químico que provaria se os toques eram supranormais.

1 Esta era a forma mais direta de provar fraude. Pode ser recomendada à atenção do Dr. Kroner, de Berlim, que foi aparentemente tão inconcebivelmente ingénuo que não pensou neste teste óbvio. Enquanto investigador, deverá censurar-se a si próprio.

Os Baylis recusaram esta proposta. Compreendo que também recusaram participar numa sessão no *British College of Psychic Science* sob condições controladas, ou permitir a presença do Diretor Honorário do *National Laboratory of Psychical Research* numa das suas sessões.

"Para concluir, gostaria de salientar que o caso Baylis deu origem a questões muito mais importantes do que as trivialidades e pequenos enganos que surgiram à superfície.

"A maldição da investigação psíquica tem sido a existência de médiuns fraudulentos, e é por causa destes inevitáveis e cancerígenos elementos que o progresso tem sido até agora retardado. Até agora, a atitude do mundo perante o espiritismo tem tendido para os extremos. De um lado está a postura de um grande número de espiritualistas cuja credulidade é tão lamentável que lança o ridículo sobre uma descoberta fundamental e progressiva, e, do outro, um grupo de cientistas materialistas cuja incredulidade perante os factos estabelecidos é igualmente absurda. O que é necessário alcançar entre estes dois extremos fanáticos é um equilíbrio lógico. Quanto a mim, nos meus estudos e na minha investigação, estou tão improvável de concordar com o espiritualista extremo quanto com o materialista extremo. Quando descubro uma fraude, esteja ela onde estiver, expô-la-ei com a mesma coragem com que publiquei a verdade dos fenómenos supranormais quando estes me foram revelados."

É interessante observar as consequências da exposição dos Baylis.

Poucos dias após a minha investigação, desapareceram. Se fossem médiuns genuínos, certamente não o teriam feito. Tinham um contrato lucrativo com a *London Spiritualist Alliance*, e outro igualmente lucrativo com a *Marylebone Spiritualist Association*.

A *Marylebone Association* pareceu indignada com a minha denúncia. A Associação tinha contratado estes "médiuns" para uma longa série de sessões, e é possível que a minha exposição tenha perturbado os seus planos futuros relativamente às sessões que estavam a ser anunciadas.

Considero essencial enfatizar o facto de os Baylis terem fugido e, apesar do apoio dos seus defensores, nunca mais realizaram uma única sessão. Estavam assustados de morte. Durante alguns dias, tentaram manter a aparência, dizendo que estavam dispostos a realizar sessões de teste, mas nunca o fizeram. Desapareceram do seu apartamento, e foi-me dito mais tarde que voltaram ao serviço doméstico, de onde haviam saído.

É possível que os Baylis, ou a Sra. Baylis, que se fazia passar pela médium, tenham, em algum momento, tido pretensões a possuir poderes mediúnicos. Se os tinham, eram de uma ordem muito baixa. De todos os relatos que recebi das sessões realizadas pela Sra. Baylis — mesmo daqueles que eram dos seus defensores mais crédulos —, os resultados eram de tão baixo nível que só podiam ser considerados degradantes para o intelecto do homem médio, e a observação de tais resultados representava apenas um lamentável desperdício de tempo. Na ocasião em que estive presente, tudo foi fraudulento.

É necessário considerar quanto dinheiro estas pessoas estavam a ganhar com as suas práticas fraudulentas.

Por uma única e miserável sessão de cerca de uma hora, paguei cinco guinéus, cujo reembolso exigi. Já sabia de antemão — e mais tarde foi-me confirmado — que os Baylis realizavam três e, por vezes, quatro sessões por dia. A um preço mínimo de cinco guinéus, ganhariam entre 80 e 90 libras por semana.

A *London Spiritualist Alliance* garantia-lhes certos valores pelos seus serviços, e a *Marylebone Spiritualist Association* também os tinha contratado. Após a minha denúncia, a *London Spiritualist Alliance* cancelou de imediato o contrato, mas a *Marylebone Association* pareceu indignada comigo por eu ter posto fim ao que considerei ser um escandaloso abuso de pessoas crédulas.

Não sei quanto dinheiro os Baylis terão conseguido poupar durante as suas atuações fraudulentas, as quais, importa lembrar, eram ilegais, já que poderiam ter sido processados por obtenção de dinheiro com falsos

pretextos. Mas soube, posteriormente, que o Sr. Baylis era aficionado de cavalos. Por isso, é bem possível que os corretores de apostas tenham beneficiado tanto quanto os próprios Baylis.

Sir Arthur Conan Doyle, que era um bom amigo meu, teve, creio, duas sessões com eles. Numa dessas sessões, pareceu inclinar-se a aceitar um ponto que considerou ser uma prova. Isto referia-se ao toque de uma guiné espadeada que trazia na corrente do relógio. Menciono isto em particular porque, quatro anos depois, em Fevereiro de 1931, alguns meses após a sua morte, foi feita uma referência indireta a essa mesma guiné espadeada.

Doyle foi um dos homens de coração mais bondoso que conheci. Nunca magoaria um semelhante, e, se encontrasse uma centelha de genuinidade num médium, penso que estava sempre inclinado a perdoar as falhas. Com toda a sua bondade e a sua grande simpatia humana, Doyle era um homem muito astuto. Sabia mais sobre investigação psíquica do que a maioria das Sociedades de Pesquisa Psíquica juntas. A maioria delas não tem qualquer conhecimento.

Doyle e eu discordávamos frequentemente em pontos técnicos, mas estávamos sempre de acordo nas questões essenciais. Doyle, na sua postura, tendia a desculpar e a simpatizar, enquanto eu, nos meus estudos, sempre me senti impelido a analisar e justificar. No entanto, Doyle disse uma vez que "os médiuns profissionais são a maldição deste estudo." Com isso, concordo plenamente.

Desde a investigação que realizei à alegada mediunidade de materialização da Sra. Baylis, ela e o marido nunca mais foram ouvidos. Se tivessem realmente poderes mediúnicos genuínos, teriam inevitavelmente reabilitado a sua reputação, pois todas as oportunidades lhes foram oferecidas. Simplesmente desapareceram; talvez, desde então, se tenham desmaterializado.

CAPÍTULO II

"MATERIALIZAÇÕES" NO LABORATÓRIO NACIONAL

A mediunidade do Sr. L'Estrange — O Sr. Harry Price prepara a sala de sessão — O médium é revistado — Um transe ligeiro — Um transe mais

profundo — Escocês de teatro de revista — Disparates inomináveis — A cortina move-se — Atirar roupas velhas — A cadeira move-se — Um episódio ridículo e algo dispendioso.

Sessão realizada no *National Laboratory of Psychic Science* (13b Roland Gardens, S.W.) na quarta-feira, 11 de Março de 1931.

A sessão decorreu sob a alegada mediunidade de materialização do Sr. L'Estrange.

Além do médium, estiveram presentes dez participantes de ambos os sexos, dos quais quatro eram apoiantes pessoais do médium. Os outros seis participantes foram o Sr. Harry Price (Diretor Honorário do Laboratório Nacional) e cinco amigos seus convidados, entre os quais se encontravam o Sr. Charles Sykes e eu próprio.

O Sr. Harry Price preparou a sala de sessão no seu laboratório. Foi colocada uma cadeira num canto da sala para o médium, e cortinas foram estendidas nesse canto. Na extremidade das cortinas foram pintadas riscas fosforescentes, desde o topo até ao fundo; uma à direita e outra à esquerda.

Antes do início da sessão, o médium foi revistado e parcialmente despido na presença dos assistentes do sexo masculino.

O Sr. Price prendeu ambos os pulsos do médium à cadeira com fita adesiva. Os dois tornozelos foram amarrados firmemente às pernas da cadeira. Foram colocadas marcas azuis em forma de cruz, desde os pulsos até à parte superior da mão.

Pediram-me para verificar a amarração do médium, que era, sem dúvida, bastante satisfatória.

Fora do círculo encontrava-se a secretária do Sr. Price. Todos os incidentes que ocorreram foram registados e ditados por ela num dictafone.

O patrocinador do médium — cujo nome não recordo — estava sentado à sua direita, próximo das cortinas. O Sr. Price estava à esquerda do médium, também junto à cortina. A mão esquerda do patrocinador do médium, portanto, estava livre; assim como a mão direita do Sr. Price. Todos os assistentes deram as mãos durante a sessão.

As luzes foram apagadas. Ficou completamente escuro, com exceção de uma pequena faísca vermelha elétrica, que cintilava a cada segundo. Funcionou muito bem e cintilou durante mais de dez mil segundos, altura em que, pessoalmente, já estava bastante farto.

Após alguns minutos, o médium emitiu ruídos estranhos, como os de alguém com pulmões fracos ou em sofrimento de cólicas. Foi então anunciado pelo seu patrocinador que o médium estava a entrar num transe ligeiro. Mais tarde, proferiu algumas palavras incoerentes e ininteligíveis, que nada transmitiam. A seguir, soltou um suspiro profundo, e o patrocinador anunciou que o médium "estava agora a entrar num transe mais profundo." Passado algum tempo, o médium falou novamente; com a sua própria voz, mas com um leve sotaque escocês de teatro de revista. Os seus amigos aclamaram de imediato a chegada de "James qualquer-coisa", o seu espírito guia escocês.

Todas as observações feitas por este alegado guia escocês foram o mais puro disparate que já ouvi. Passado um período considerável, registou-se movimento na pintura fosforescente da cortina; primeiro do lado esquerdo, depois do direito. Isto continuou, de forma intermitente, durante uma hora e meia, com cada movimento a ser registado e ditado para o dictafone. Após os primeiros movimentos, registou-se um pouco mais de firmeza, como se algo tivesse sido empurrado ou agitado. Foi então registado pelo Sr. Price e pelo patrocinador do médium que "a cortina se moveu bem." "James" anunciou que estavam a tentar com afinco. Contudo, não apareceu qualquer tipo de materialização.

Observei cuidadosamente todos os preparativos prévios e, após uma hora e meia de parvoíces, que para mim eram degradantes, perguntei ao grupo quanto tempo costumavam durar as sessões do médium. O patrocinador respondeu: "Às vezes duram quatro horas." Então disse que não tinha intenção de ali permanecer durante quatro horas. A senhora à minha esquerda — uma das amigas do médium — retorquiu: "Oh, não, não duram assim tanto tempo", mas o patrocinador insistiu: "Oh, sim, duram. Já começámos às 20h30 e só saímos quase à 1h." Perguntei então se deveria quebrar o círculo, pois não tencionava ficar ali tanto tempo. Alguns dos presentes pareceram acolher bem esta sugestão. No entanto, anunciei que, tendo dedicado a noite inteira a este compromisso, gostaria de ter a

oportunidade de observar as condições após o fim da sessão, e que ficaria mais meia hora.

Após algum tempo, ouviu-se um movimento vindo do interior, por detrás das cortinas, e um dos amigos do médium disse: "Acho que estão a tirar-lhe o casaco." Perguntei se isso fazia parte dos "fenómenos" do médium, e a senhora respondeu: "Sim, eles tiram-lhe o casaco e atiram-no de trás das cortinas diretamente para a frente dele. Normalmente acerta num dos assistentes que esteja em frente."

Como eu estava sentado exatamente de frente para o médium no círculo, não me agradava particularmente a ideia de uma peça de roupa usada me ser atirada, mesmo que os seus amigos aparentemente encarassem tal demonstração como exemplo de alta espiritualidade. Contudo, nada disso aconteceu — felizmente.

Quando o controlo "James" voltou a murmurar, perguntei-lhe se a sessão estava prevista durar meia hora, uma hora ou duas horas. Ele respondeu que não sabia, mas depois de esperar mais um quarto de hora, com movimentos ocasionais das cortinas, o "controlo escocês" disse que as condições estavam boas e os participantes eram adequados, mas que o médium não se encontrava muito bem. Um pouco mais tarde, o médium voltou a emitir sons estranhos e o seu patrocinador anunciou que estava a sair do transe.

A sessão terminou e as luzes foram acesas. Examinei então as cortinas e a posição do médium. A sua cadeira tinha sido deslocada para a direita, bastante próxima da cortina, o que era fácil de fazer. O sistema de controlo criado pelo Sr. Price era completamente inadequado. Era perfeitamente simples para o médium mover a cadeira, bem como as cortinas — podia fazê-lo facilmente com a cabeça, ou mesmo com um pé ou uma mão, sem qualquer dificuldade. Os movimentos das cortinas que observei foram ridículos.

Mais tarde, o patrocinador do médium disse-me que formas de corpo inteiro se materializavam — algumas mais altas do que eu.

Perguntei-lhe como apareciam, e ele disse que o disco fosforescente, que fora previamente colocado junto ao médium, costumava mover-se em torno do círculo, para baixo e para cima, para que as formas materializadas pudessem ser vistas dos pés para cima.

Em resposta à pergunta de uma senhora, o patrocinador do médium disse que apenas uma parte da anatomia era refletida de cada vez.

Na minha opinião, não ocorreu absolutamente nada com carácter supranormal. Mas, além disso, considero que é degradante que pessoas inteligentes sejam convidadas a permanecer sentadas durante horas para assistir a semelhante disparate. Mesmo que se aceitasse a hipótese do supranormal nestes casos, as entidades, conforme ilustradas pelas palavras proferidas pela boca do médium, eram de tal nível de inteligência e carácter que só poderiam ser consideradas como representando a classe mental mais baixa possível — e seria perda de tempo qualquer tentativa de diálogo com elas.

Pelo miserável entretenimento que nos foi oferecido, o "médium" recebeu a quantia de £7 7s., da qual me foi solicitado o pagamento de £2 6s. 8d. por mim e pelo Sr. Sykes, essa sendo a minha parte proporcional. O coro do médium, naturalmente, teve entrada gratuita.

CAPÍTULO III
A FUGA DOS HAMILTON

Algumas reflexões — Conselhos a bandidos — O Sr. Sproull apresenta os Hamilton — Acordos financeiros — Negociações — "Saudações calorosas" — Uma deturpação — Termos acordados — Tentativa de "me extorquir" — Um apelo dissimulado — Chegada dos Hamilton — As minhas impressões — A única sessão — Um médium nervoso — "Nada a acontecer" — Tentativa de alterar os lugares — Queixas quanto à revista — Disparates absolutos — Recusa de participar — Uma carta absurda — A recuperação surpreendente da Sra. Hamilton — "Pontos de Teste" — Os Hamilton fogem — Recuperar o dinheiro — O patrocinador renega a responsabilidade — "Camp Chesterfield" — Uma galeria de beleza — O que os Hamilton levaram — O que perderam.

Alguns bandidos chineses, louvavelmente ávidos por prazeres inocentes, tendo capturado um missionário americano, anunciaram recentemente o seu desejo de o trocar por artigos mais divertidos, especificando em particular

discos de gramofone, raquetes de ténis, canetas de tinta permanente e bolas de futebol.

Se me tivessem consultado, teria sugerido que muito mais diversão poderia ser obtida trocando o missionário por um certo tipo de médium americano.

Um sentido de humor é parte essencial do equipamento mental do homem comum; é frequentemente a salvação do investigador psíquico. Se não o possuir, desejará, por vezes, cometer agressões físicas — senão homicídio — ao refletir sobre o tempo perdido, o dinheiro desperdiçado e as impertinências baratas. Para não falar no facto de que não é lisonjeiro para o amor-próprio de ninguém ser tomado por aquilo a que, em linguagem de apostas, se chama um "otário".

Todos nós somos tomados por "otários" de tempos a tempos — até ministros de Estado — e a situação tem a sua compensação quando se consegue provar que o verdadeiro "otário" é quem fez tal suposição.

Neste capítulo, proponho relatar um desses casos e, desde já, afirmo que, na minha experiência, estas situações — no campo psíquico como em tantos outros — estão frequentemente associadas a finanças duvidosas.

Em Outubro de 1930, foi publicado no jornal *The Two Worlds*, semanal dedicado ao espiritismo, um anúncio a informar que a Sra. Hamilton, médium americana de materializações, visitaria Inglaterra. O anúncio tomou a forma de uma carta que descrevia os poderes da médium em termos altamente elogiosos, escrita pelo Sr. R. Sproull, contabilista oficial, com escritório no nº 26 de Budge Row, Londres, E.C.4.

Se os poderes reais da médium correspondessem de algum modo aos que lhe eram atribuídos pelo Sr. Sproull, pareciam-me merecedores de exame, e por isso escrevi a esse senhor, manifestando interesse em realizar uma ou duas sessões privadas em Dorincourt.

Em Dezembro de 1930, o Sr. Sproull respondeu, dizendo estar em condições de avançar com o assunto, e que gostaria de discutir pessoalmente comigo. Na carta, datada de 9 de Dezembro, referiu que achava que o Sr. Arthur Ford (médium americano de audição espiritual) lhe dissera que eu tinha escritório no West End, e perguntou se poderia encontrar-se comigo ali às cinco horas da quarta-feira seguinte.

Marquei o encontro para a Bond Street, e ele assegurou-me que, com base nas suas experiências pessoais, a Sra. Hamilton era uma "médium" extraordinária.

Como a Sra. Hamilton era, naturalmente, desconhecida neste país, o Sr. Sproull assumira o papel de patrocinador, tendo também aceitado "tratar de todos os arranjos financeiros relativos à sua visita".

Entre outras coisas, informou-me que a Sra. Hamilton viria acompanhada pelo marido, que, segundo ele, era um médium de "voz direta".

A visita do Sr. Sproull centrou-se principalmente no lado financeiro. Disse-me que o *British College of Psychic Science* tinha oferecido uma garantia de £100 pelos seus serviços, e que estavam em negociações com a *Marylebone Society*, que também queria contratá-la. Perguntou-me quanto estaria disposto a pagar, e respondi que, por uma série de oito sessões, estaria disposto a pagar £80.

Não desejo que os ingénuos imaginem, nem por um momento, que é meu hábito desperdiçar £80 em frivolidades. As oito supostas "sessões de materialização" com a Sra. Hamilton pareciam-me valer essa quantia para o meu trabalho de investigação — quer os resultados fossem positivos, quer se revelassem fraudulentos.

O Sr. Sproull considerou o valor de £80 justo, e aceitou-o de imediato. Duas semanas depois, escreveu-me, numa carta datada de 23 de Dezembro, o seguinte:

"Caro Senhor,
Mr. e Mrs. Hamilton

"Os preparativos referentes ao assunto acima referido estão a decorrer sem dificuldades. O *British College of Psychic Science* está neste momento em contacto com a *Marylebone Association* para avaliar se esta última deseja cooperar com eles, mas tenho já a garantia do Colégio no valor de £100,

pelo que antecipo que a Sra. Hamilton estará presente para a sessão de teste no Colégio a 30 de Março. Tenho verificado que a organização das sessões para estas Sociedades ao longo de nove semanas implica um trabalho considerável.

"O número de sessões de materialização para as Sociedades está limitado a quatro por semana, mas espero conseguir-lhe cinco sessões: na verdade, farei todos os possíveis para lhe proporcionar o maior número possível de sessões por semana. Além disso, o Sr. Hamilton manifestou o desejo de lhe oferecer as suas sessões de voz direta. Presumo que estará de acordo que esse serviço compense a garantia não reembolsável que tão amavelmente ofereceu, e que aceitei em nome da Sra. Hamilton.

"Agradeço confirmação do exposto e, provisoriamente, proponho que o Sr. e a Sra. Hamilton reservem para si a semana que começa a 27 de Abril ou 4 de Maio.

"Entretanto, envio-lhe os meus mais calorosos votos da época festiva.

Cordialmente,
(Assinado) R. Sproull"

Foi apenas depois de o Sr. e a Sra. Hamilton terem deixado apressadamente o país que fui informado pela Sra. R. de Crespigny (Presidente) e pela Sra. Hankey (Secretária) do *British College of Psychic Science* de que o Sr. Sproull os tinha visitado e afirmado que eu estava a apoiar e a contratar os serviços da Sra. Hamilton. O meu nome foi usado pelo Sr. Sproull como recomendação dos Hamilton, quando na realidade eu nada sabia sobre os seus supostos poderes. Como a Sra. de Crespigny me disse quando a vi, após a partida dos Hamilton, a perspetiva do Colégio, quando abordado pelo Sr. Sproull, foi: "Se são bons o suficiente para o Sr. Bradley, então são bons o suficiente para nós."

Contudo, quando o Sr. Sproull me visitou, antes de eu ter feito qualquer acordo com ele, afirmou-me que o *British College of Psychic Science* conhecia os poderes mediúnicos da Sra. Hamilton e já os tinha contratado. A verdade, porém, é que nem eu, nem o Colégio, sabíamos absolutamente nada sobre os Hamilton. O único que os conhecia era o Sr. Sproull, que atuou como seu patrocinador psíquico-financeiro do início ao fim.

O Sr. Sproull tinha-me informado que tinha obtido uma garantia do *British College of Psychic Science* e esperava obter outra da *Marylebone Society*, e que, para além destas garantias, os honorários que o Sr. e a Sra. Hamilton iriam receber pelos seus serviços durante nove semanas provavelmente ultrapassariam as £400.

Considerei a carta do Sr. Sproull de 23 de Dezembro como pouco satisfatória, e por isso escrevi-lhe no dia 30 de Dezembro de 1930:

30 de Dezembro de 1930

Caro Sr. Sproull,

Mr. e Mrs. Hamilton

Ficarei muito satisfeito por apoiar o Sr. e a Sra. Hamilton, mas considero que £80 por uma semana é excessivo. Como está a organizar uma série de sessões ao longo de nove semanas, creio que, se eu pagar £50 por uma semana, esse valor será a proporção correta. Se o Sr. Hamilton for um bom médium de "voz direta", ficarei então disposto a contribuir com mais £25 ou £30 por uma série de sessões de voz com ele.

Com os melhores cumprimentos,
H.D.B.

No dia 2 de Janeiro de 1931, recebi a seguinte resposta:

Caro Sr. Bradley,

Mr. e Mrs. Hamilton

Agradeço a sua carta de 30 do mês passado. Desde a minha carta de 23, devo mencionar que a garantia do Colégio foi ligeiramente modificada, pois consideraram que £100 era excessivo para o Colégio em si, mas o Colégio e algumas pessoas a ele associadas estão a garantir £75, embora ainda aguarde confirmação formal por carta.

Em vista da sua garantia, concordo que o valor a cobrar-lhe pela semana seja de £50, como sugeriu, e deixo em aberto o valor de qualquer pagamento que possa fazer ao Sr. Hamilton pelas sessões de voz direta.

Pretendo abrir uma conta bancária especial no início de Fevereiro para os fundos de garantia, e nessa altura enviar as passagens só de ida para a América.

Com os melhores cumprimentos,
(Assinado) R. Sproull

Respondi então ao Sr. Sproull da seguinte forma:

6 de Janeiro de 1931

Caro Sr. Sproull,

Mr. e Mrs. Hamilton

Em resposta à sua carta de 2 do corrente, estou disposto a garantir a quantia de £50 para uma semana de sessões a realizar em Dorincourt. Quando me indicar a data de abertura da conta, farei chegar o cheque.

Com os melhores cumprimentos,
H.D.B.

Quatro semanas depois, recebi a seguinte carta do Sr. Sproull:

Caro Sr. Bradley,

Mr. e Mrs. Hamilton

Se lhe for conveniente, agradecia que me enviasse esta semana o cheque de £80 a que se refere a nossa correspondência anterior, pois gostaria de enviar as passagens de barco na próxima semana.

Com os melhores cumprimentos,
(Assinado) R. Sproull, D.C.

Dada a minha carta muito clara de 5 de Janeiro, na qual afirmei categoricamente que a quantia acordada era de £50 — sem mencionar a própria carta do Sr. Sproull, datada de 2 de Janeiro, onde escreveu: "Concordo que o valor a cobrar-lhe pela semana seja de £50, como sugeriu" — esta carta pareceu-me extraordinariamente dissimulada, e por isso respondi da seguinte forma:

4 de Fevereiro de 1931

Caro Sr. Sproull,

Se consultar a sua carta de 2 de Janeiro e a minha resposta de 5 de Janeiro, verificará que a quantia acordada foi de £50.

Com os melhores cumprimentos,
H.D.B.

Enviei então um cheque no valor acordado de £50, tendo recebido o seguinte recibo formal:

26 Budge Row, E.C.4

Mr. e Mrs. Hamilton

Recebido do Sr. H. Dennis Bradley, por cheque, a quantia de cinquenta libras (£50) como verba de garantia para as despesas dos acima referidos de e para Inglaterra.

(Assinado) R. Sproull

6 de Fevereiro de 1931

Juntamente com este recibo, vinha a seguinte carta de acompanhamento:

Caro Sr. Bradley,

Mr. e Mrs. Hamilton

Agradeço a sua carta e junto envio o recibo do seu cheque.

Interpretei a nossa correspondência como deixando o montante da sua garantia ainda em £80, embora o valor efetivo pela semana fosse de £50, ficando uma diferença de £30 a ser acordada entre o Sr. Hamilton e o senhor no momento oportuno, ou então a ser devolvida a si a partir dos ganhos da Sra. Hamilton aqui. Dado isto, e o valor reduzido pela semana, se puder adiantar as £30 adicionais, ficaria muito grato.

Com os melhores cumprimentos,
(Assinado) R. Sproull

Considerei esta a mais extraordinária carta de toda a série. Em nenhuma parte da minha correspondência (cópias carbono da qual estão, naturalmente, na minha posse) se faz qualquer menção de que os £30 me seriam devolvidos a partir dos ganhos da Sra. Hamilton. Uma espécie de

parceria com uma pessoa completamente desconhecida para mim estava inteiramente fora da minha filosofia — tanto psíquica como mundana. Era absolutamente ridículo imaginar que eu alguma vez consideraria, ou aceitaria, tal arranjo.

Também foi difícil compreender a referência do Sr. Sproull a uma cobrança "moderada". Cinquenta libras por semana parece-me uma quantia elevada mesmo para um médium genuíno — e mais à frente expressarei a minha opinião fundamentada, baseada nas minhas experiências pessoais, quanto à genuinidade desta médium em particular.

O Sr. Sproull disse que ficaria muito agradecido se eu adiantasse mais £30. Estou certo de que foi totalmente sincero ao dizê-lo, mas naturalmente eu não tinha a menor intenção de ser tão ingénuo. Escrevi-lhe, portanto, o seguinte:

9 de Fevereiro de 1931

Caro Sr. Sproull,

A nossa correspondência relativa ao montante que concordei pagar ao Sr. e à Sra. Hamilton é perfeitamente clara.

Não estou disposto a pagar mais do que £50 por uma semana de sessões, valor que considero bastante adequado. Se o Sr. Hamilton realizar alguma sessão de voz, além das sessões de materialização, combinarei com ele um valor justo após ter tido uma primeira experiência.

Quero, no entanto, deixar absolutamente claro que não estou disposto a pagar qualquer valor adicional neste momento.

Com os melhores cumprimentos,
H.D.B.

No final de Março, o Sr. e a Sra. Hamilton chegaram a Inglaterra. Só depois do fiasco que ocorreu e da sua apressada partida de regresso à América é que descobri que, entre as suas várias atividades, o Sr. Hamilton era conhecido em Chesterfield, Indiana, como o Rev. A. A. Hamilton, "médium, ministro espiritualista ordenado e orador no Camp Chesterfield."

(Posso acrescentar que muitos desses alegados "médiuns" na América são conhecidos como "Reverendo", ou, tratando-se de uma mulher, como "Reverenda Sra. Fulana de Tal." Isto é feito para inspirar confiança e impor respeito junto dos mais ingénuos.)

O Sr. Hamilton, ao chegar a Londres, não se apresentou como Reverendo; nem me pareceu, de modo algum, reverente ou digno de tal título.

Aquando da sua chegada, o Sr. Sproull levou-o a visitar-me no meu escritório. O Sr. Hamilton era um homem de constituição robusta, provavelmente nos seus quarenta e muitos anos. Ao longo da minha vida conheci todo o tipo de pessoas e sou um razoável estudioso do carácter. Devo admitir que fiquei com uma impressão desfavorável do Sr. Hamilton. Era extremamente palavroso, mas notei um certo ar de evasiva na sua maneira de estar. Fiz, contudo, questão de me mostrar muito afável. Ele apreciou os meus cocktails, e fui generoso com eles — sempre achei que, em certos casos, ajudam. Convidei-o, bem como o seu patrocinador, o Sr. Sproull, para almoçar comigo, de modo a poder observá-lo com mais atenção.

Não consegui que o Sr. Hamilton falasse muito sobre a sua própria mediunidade. Sabia, evidentemente, que eu tinha bastante experiência, e, apesar da minha simpatia, mostrou-se claramente nervoso na minha presença desde o início — e deixou isso transparecer.

Ficou acordado com o *British College of Psychic Science* que a Sra. Hamilton realizaria a sua primeira sessão de materialização na segunda-feira, 30 de Março de 1931. Apesar de ser membro vitalício do Colégio, não fui convidado para assistir a essa sessão, mas escrevi à Secretária a pedir para estar presente.

Informei o Sr. Hamilton de que estaria no Colégio na segunda-feira seguinte e sugeri que ele e o Sr. Sproull almoçassem comigo novamente na terça-feira seguinte, e que a Sra. Hamilton os acompanhasse. Concordaram com isso.

Segue-se um breve relato da única sessão que a Sra. Hamilton tentou realizar:

Sessão no British College of Psychic Science,
Segunda-feira, 30 de Março de 1931.
Médium: Sra. Hamilton — Materialização.

Estavam presentes vinte e cinco participantes. As cadeiras estavam dispostas junto às paredes da sala. O Sr. Hamilton (marido da médium) sentava-se ao lado do "gabinete" à direita — a cerca de um metro e vinte de distância. O gabinete era formado por cortinas de cerca de dois metros e meio de altura, colocadas num canto da sala. À esquerda da cortina, mesmo junto a ela, sentava-se o Sr. Frank Hawken, Secretário da *Marylebone Spiritualistic Society*; ao lado dele, o Sr. Sproull, patrocinador do casal Hamilton; e, ao lado deste, uma "médium de trompete" americana chamada Sra. Murphey-Lydy, que viajara no mesmo navio que os Hamilton. As minhas experiências com a Sra. Murphey-Lydy são relatadas noutro capítulo.

A médium foi revistada por duas senhoras presentes — a Sra. Hankey e a Sra. Hawken.

Não vi a médium até ao momento em que a sessão estava prestes a começar. Vinha vestida com pijama branco e um robe, sendo conduzida por Mrs. Hankey e Mrs. Hawken até às cortinas. Antes de se sentar, disse que costumava sentar-se com pijamas escuros, mas que lhe tinham fornecido uns brancos. Pareceu-me extremamente nervosa.

As luzes foram apagadas, exceto uma luz vermelha central que proporcionava uma luminosidade considerável. Era possível ver claramente todos os participantes na sala.

O Sr. Hamilton fez uma breve intervenção sobre as "condições", explicando que, quando surgisse uma forma materializada, ninguém devia tocá-la sem permissão. Disse ainda que, quando aparecia uma forma, ele costumava dirigir-se ao gabinete e falar-lhe em primeiro lugar.

O Sr. Hamilton sugeriu então que cantássemos hinos e canções. Hino após hino foi cantado durante meia hora, mas nada aconteceu. A médium então deu um grito alto, como se estivesse em dor. Mais tarde, após uma nova pausa de cerca de dez minutos, gemeu e começou a vomitar. Isto durou por um breve período. Pareceu-me estar apavorada. Na minha opinião, algo tinha corrido mal na encenação da fraude, e ela estava ansiosa por fugir.

Perto do final da sessão, a médium gritou, como se precisasse dele: "Mr. Hamilton", o que me pareceu estranho modo de se referir ao próprio marido, especialmente porque não estava em transe.

Durante a sessão, a médium de trompete americana, Sra. Murphey-Lydy, comentou que estavam sentados demasiado perto da cortina e sugeriu que alguns se mudassem para o outro lado. O Sr. Hawken, que se encontrava junto à cortina, recusou firmemente mudar de lugar, dizendo que não tencionava sair dali porque estava a vigiar o Sr. Hamilton e qualquer movimento deste em direção à cortina. Se se tivesse mudado, isso deixaria o Sr. Hamilton, o Sr. Sproull e a Sra. Murphey-Lydy todos juntos ao redor da médium.

Fui informado depois de que a médium, antes de entrar na sala da sessão, foi despida e examinada cuidadosamente, incluindo os ouvidos, o cabelo, etc., e que as roupas que usava tinham sido fornecidas pelo Colégio.

Estas foram, portanto, condições de teste apropriadas. Mas o Sr. Hamilton queixou-se amargamente, mais tarde, de que a médium tinha sido revistada de forma demasiado rigorosa.

Havia uma sensação clara de "fracasso", e a contribuição do Sr. Hamilton para animar o ambiente foi sugerir que se cantassem mais hinos. Nenhuma tentativa foi feita para demonstrar qualquer fenómeno, e o fiasco terminou após cerca de uma hora.

Saí do Colégio imediatamente a seguir, pois não queria discutir o assunto com ninguém ali. Já tinha formado a minha opinião, e estava determinado que, nas sessões que os Hamilton tinham acordado realizar em minha casa, lhes daria ampla liberdade para produzirem as alegadas "materializações", que estava convicto de que conseguiria desmascarar.

No dia seguinte, o Sr. Hamilton e o Sr. Sproull vieram almoçar comigo, conforme combinado. O Sr. Hamilton declarou que a sua esposa não podia aceitar o meu convite, pois estivera doente e histérica toda a noite. Contou-me que, após a "sessão de materialização", realizara uma sessão no seu quarto com a "médium de trompete", Sra. Murphey-Lydy, e mais um ou dois amigos, e que o seu "Guia" dissera que o círculo do Colégio era mau; que o responsável fora o Sr. Hawken e que não iriam realizar as sessões previamente combinadas com a *Marylebone Society*.

Sabia que a afirmação de que o círculo era mau era um completo disparate, e o ressentimento intenso contra o Sr. Hawken era fácil de explicar. A razão simples e evidente era que, no último momento, ele (o Sr. Hawken) insistira em sentar-se ao lado da cortina e recusara, com razão, mover-se dali. É evidente que essa cadeira está habitualmente reservada para um dos cúmplices do "médium" ou para amigos crédulos e desatentos.

A queixa do Sr. Hamilton quanto à revista feita à sua esposa era infantil. Ela foi revistada de forma correta, por Mrs. Hankey (Secretária do Colégio) e pela Sra. Hawken, esposa do Secretário da *Marylebone Association*.

O Sr. Hamilton afirmou que não esperavam que ela fosse tratada daquela maneira, e que explicara ao Sr. Hawken o tipo de inspecção e testes feitos nos EUA. Torna-se claro para mim que o tipo de revista exigido pelo Sr. Hamilton era provavelmente permissivo, deixando inúmeras brechas e permitindo que a "médium" usasse as suas próprias roupas.

O facto de a revista ter sido minuciosa e de lhe terem sido fornecidas roupas diferentes das suas levou ao fracasso da "sessão". As ilusões não puderam ser produzidas.

As desculpas apresentadas foram inúteis.

A decisão, tomada de imediato — claramente por causa da revista e da insistência do Sr. Hawken em sentar-se junto à cortina — de recusar realizar sessões com a *Marylebone Society*, era, por si só, tão suspeita que, aos meus olhos, confirmou de imediato a fraude dos Hamilton.

Apesar desta convicção, abstive-me de manifestar qualquer opinião ao Sr. Hamilton. O que queria era observar os métodos concretos usados nas suas tentativas de produzir os alegados fenómenos na minha própria casa.

Levei o Sr. Hamilton e o Sr. Sproull a almoçar, adoptando uma atitude aparentemente despreocupada em relação a todo o episódio. O Sr. Hamilton não teve oportunidade de escapar ao compromisso do almoço, visto que fora combinado com antecedência, mas, apesar da minha aparente simpatia para com ele, pude facilmente perceber pelo seu comportamento que, por detrás da sua exuberante afabilidade, estava profundamente assustado comigo.

A minha atitude, no entanto, conseguiu impressionar o Sr. Sproull, que provavelmente foi enganado do princípio ao fim pelos Hamilton; tanto assim que, durante o almoço, sugeriu que, visto o Sr. e a Sra. Hamilton recusarem cumprir o compromisso com a *Marylebone Society*, talvez eu quisesse assumir, além da minha própria série, as sessões que tinham sido combinadas com essa Sociedade. O Sr. Sproull estava, nessa altura, visivelmente muito preocupado com a parte financeira. Naturalmente, eu não tinha a mínima intenção de ter mais sessões além das seis já acordadas, que sabia serem mais do que suficientes para os meus objetivos; por isso, contornei diplomaticamente a questão.

Disse que, se por acaso houvesse alguma alteração nos arranjos, tentaria antecipar a minha série de sessões para facilitar a disponibilidade do Sr. e da Sra. Hamilton. Francamente, estava a contar com elas com grande expectativa. Tive muitas experiências interessantes na vida, e sabia já, àquela altura, que o Sr. Hamilton — ou o Rev. A. A. Hamilton — era um vigarista americano (espiritualista). Este facto, no entanto, não me afetava em nada. Já conheci muitos vigaristas, alguns dos quais infinitamente mais interessantes e divertidos do que a pessoa comum, respeitável e aborrecida.

No dia seguinte, recebi do Sr. Sproull uma cópia de uma carta longa e algo confusa que ele escrevera — possivelmente sob o efeito da emoção — ao *British College of Psychic Science*. Perdoo ao Sr. Sproull os absurdos contidos nela, pois as frágeis desculpas nela apresentadas foram, com toda a probabilidade, inspiradas e ditadas pelo Sr. Hamilton. Nesta carta, datada de 1 de Abril de 1931 e assinada pelo Sr. Sproull, dizia-se (cito textualmente):

26 Budge Row,
Londres, E.C.4.
1 de Abril de 1931

Ao British College of Psychic Science,
16 Queens Gate, S.W.7.

Prezados Senhores,

Escrevo relativamente à sessão realizada na segunda-feira, 30 de Março, na qual esteve presente uma grande representação dos Conselhos da *Marylebone Spiritualist Association* e do *British College of Psychic Science*.

Não houve qualquer falha por parte da médium, como é demonstrado pelos sofrimentos que ela suportou em consequência da sessão, mas houve, sim, uma omissão muito clara por parte dos responsáveis das duas instituições em proporcionar a atmosfera adequada — uma falha que não posso permitir que se repita, sob pena de colocar a médium em risco. Os nossos acordos devem, por isso, ser considerados cancelados. Contudo, os Hamilton e eu estamos desejosos de que obtenham os resultados que esperavam, e assim poderão ser feitos novos arranjos convosco. Em qualquer caso, a colaboração com a *Marylebone Association* está terminantemente excluída e não é matéria para discussão, embora sem dúvida muitos membros da Marylebone que possam garantir boas condições possam ver os fenómenos nas vossas instalações.

Na última segunda-feira houve uma total ausência de planeamento e cuidado relativamente a alguns fatores essenciais para uma sessão de fenómenos físicos. Um conhecimento ainda que mínimo das condições mentais e outras, registadas em escritos de humildes investigadores que obtiveram resultados nesta área, teria facilmente evitado o fiasco que a sessão acabou por ser. Se sessões deste género forem conduzidas com o espírito demonstrado a 30 de Março, não admira que não haja mediunidade física digna desse nome neste país.

Especificamente, fiquei indignado com o tratamento dado à minha convidada, a médium Sra. Hamilton, e com a violação das "Condições de Teste Acordadas". Essas condições estabeleciam:

(a) Revistagem da médium antes e depois da sessão pelas mesmas duas senhoras, uma representante do Colégio e a outra da Associação;
(b) Acompanhamento da médium do seu quarto até à cadeira no gabinete.

O objetivo destas condições era assegurar, por meio de uma revista comum, que a médium não escondia nada consigo que pudesse permitir deturpações, e foi sempre intenção que isso não a perturbasse nem afetasse os seus Guias. No dia 24 de Março, o Sr. Hamilton explicou ao Sr. Hawken a natureza das revistas e testes praticados nos EUA, aos quais a Sra. Hamilton estava habituada, mas o Sr. Hawken não revelou que o procedimento de segunda-feira seria tão diferente e prejudicial.

O que efetivamente aconteceu na segunda-feira foi uma perturbação fundamental, que criou uma atmosfera errada, como por exemplo:

(a) Queimar um fósforo nas costas da médium (para aplicar cera derretida junto ao pescoço, na parte traseira da roupa de teste fornecida);
(b) Pentear o cabelo (mas revistadoras competentes poderiam facilmente ter-se assegurado de que nada se encontrava no seu cabelo curto por meios mais agradáveis à médium);
(c) Lavar-lhe as mãos e o rosto (o seu rosto tinha visivelmente pouca ou nenhuma maquilhagem, e dizer que esse era o método para garantir que não havia tinta luminosa na face revela quão limitada era a compreensão de quem concebeu tal ideia);
(d) Mandar a médium bochechar com uma água morna colorida, cujo sabor inicial ela considerou — com razão — desagradável (o primeiro gosto, segundo verifiquei depois, era o de um desinfetante duvidoso como os que se usam nos dentistas, e certamente que água normal teria bastado);
(e) Faltou empatia por parte dos participantes em relação à médium (por muito estimáveis que fossem individualmente, falharam em criar uma homogeneidade mental no grupo. Por causa disso, os Guias da médium não conseguiram aproximar-se para neutralizar a influência estranguladora que se fez sentir).

Qualquer aparente consentimento momentâneo da médium relativamente aos pontos (a) a (d), quando estes lhe foram apresentados à última hora pelas revistadoras, não justifica de forma alguma a imposição desses procedimentos, que não tinham sido comunicados a mim nem ao Sr. Hamilton. Não é, pois, exagerado afirmar que estas "surpresas" infligidas à médium contribuíram para o falhanço da manifestação dos seus amigos espirituais.

Não deve ser esquecido que a médium se encontrava nas instalações meia hora antes de se iniciar a revista; durante esse tempo, uma observação menos intrusiva teria bastado para cumprir os objetivos de alguns dos passos referidos e de outros que não menciono.

Tendo vós planeado até três sessões de teste, se tivessem noções mínimas da natureza extremamente sensível dos médiuns em geral — e, em particular, dos médiuns de materialização num país estrangeiro — nunca teriam autorizado um desvio tão flagrante das Condições de Teste

Acordadas logo na primeira sessão. Hesito em imaginar até onde pretendiam ir na terceira sessão.

Outro ponto que não pode passar sem comentário prende-se com a cor das roupas fornecidas. O Sr. Hawken sugeriu que a Sra. Hamilton usasse as vossas vestes e, após consulta entre mim, o Sr. Hamilton e a médium, foi acordado que assim seria, embora ela preferisse as suas. Quando descreveu as condições de teste nos EUA ao Sr. Hawken, o Sr. Hamilton salientou que a Sra. Hamilton usava sempre vestuário preto — apenas um vestido de seda preto, roupa interior preta de cetim, meias pretas de lã e sapatos pretos. No entanto, vós fornecestes-lhe uma peça única de lã branca, uma cor ridícula para vestuário de teste, sendo do conhecimento comum que as manifestações de materialização de forma completa são quase sempre vestidas de branco.

Outro fator que contribuiu para o fracasso foi a usurpação do meu lugar ao lado do gabinete por parte do Sr. Hawken. Os vossos responsáveis sabiam que o Sr. Hamilton e eu estávamos preocupados com os cuidados à médium e que deveríamos estar, cada um, de um lado do gabinete. O Sr. Hawken recusou o meu convite para trocar de lugar com o argumento de que queria vigiar se o Sr. Hamilton se aproximava do gabinete — tarefa que poderia ter cumprido perfeitamente no meu assento, ao lado do seu. Na verdade, se quisesse, poderia ter observado o Sr. Hamilton e o gabinete a partir de vários outros locais da sala, que estava bem iluminada. Antes de o Sr. Hawken se sentar naquele lugar, havia um espaço entre o gabinete e mim; a sua posição preencheu esse espaço, dificultando-lhe inclusive evitar tocar nas cortinas.

Sem dúvida, gostariam também de saber que, imediatamente após o fracasso de segunda-feira, os Srs. Hamilton, a Sra. Murphey-Lydy, o Conde Hamilton e eu reunimo-nos no apartamento do Sr. Hamilton, onde, sem qualquer esforço da nossa parte, os Guias espirituais que têm cooperado nesta missão falaram alto e claro — sem ambiguidades — através da trompete e da voz direta, sobre a nossa política futura, tendo em conta a vossa violação, na sala de revista, das "Condições de Teste Acordadas". E note-se que foi uma autêntica surpresa para nós ouvir estas críticas do outro lado, pois nem o Sr. Hamilton, nem eu, nem os nossos dois amigos tínhamos até então qualquer noção sequer da possibilidade dessas violações. Além

disso, estava além da compreensão da Sra. Hamilton perceber esse aspeto dos acontecimentos, por muito que sentisse que algo correra mal.

"Na mencionada sessão de voz, também me foi instruído indicar-vos que as condições da noite de segunda-feira foram tais que os amigos espirituais da médium tiveram extrema dificuldade em salvá-la da transição (morte). Se as condições tivessem sido melhores, as circunstâncias que levaram a médium a gritar e a vomitar violentamente nunca a teriam afetado. Não sabemos ao certo quando recuperará.

Os amigos espirituais instruíram-nos a evitar, em futuras sessões, todas as influências adversas dominantes, e sabeis que não podemos exigir nada ao povo do espírito.

Para concluir, não tenho dúvidas de que condições amorosas, simpáticas e harmoniosas poderão ser criadas por vós em futuras demonstrações, de modo a aliviar a tendência de segunda-feira de ofender os amigos espirituais dos participantes.

Com os melhores cumprimentos,
(Assinado) Robert Sproull"

Publiquei esta carta na íntegra porque considero que é uma das mais ridículas que alguma vez li; e, no entanto, parece que o Sr. Sproull acreditava sinceramente no que escreveu. A data — 1 de Abril — é também significativa.

O tom da carta sugere que, não sendo um observador experiente e atento, o Sr. Sproull foi completamente enganado pelos Hamilton e pela Sra. Murphey-Lydy.

Curiosamente, no dia seguinte recebi do Sr. Sproull uma cópia de outra carta, enviada ao *British College*:

26 Budge Row,
Londres, E.C.4.
2 de Abril de 1931

Ao British College of Psychic Science,
15 Queens Gate, S.W.7.

Prezados Senhores,

Em complemento à minha carta de ontem, gostaria de acrescentar que, na qualidade de intermediário entre os Hamilton e as duas Sociedades, sinto pessoalmente com particular intensidade a distinção entre a *Marylebone Spiritualist Association* e vós, e envidarei todos os esforços para que as coisas prossigam como originalmente previsto.

Além disso, embora ontem a Sra. de Crespigny tenha tido a gentileza de sugerir que a próxima sessão (terça-feira, 7 de Abril) se realizasse, como inicialmente acordado, para o público, creio que também se deveria encará-la como parte dos testes, incluindo um número suficiente de observadores ativos do vosso Conselho ou responsáveis, para esse efeito. Isto poderá implicar a redução do número de participantes externos, mas a causa do espiritualismo está praticamente em jogo.[1]

Além disso, vós ou a *Marylebone Spiritualist Association* (e ouvi falar de outros) tornaram públicas as informações sobre a realização dos testes, e não creio que uma simples declaração verbal nas sessões seja suficiente para salvaguardar a "verdade" nestas circunstâncias.

Quanto ao procedimento e precauções nos testes, não me parece desrazoável que se promova uma discussão franca e aberta sobre o assunto, podendo a rigidez dos testes aumentar consoante o seu número. Gostaria ainda que ficasse claramente entendido que, na minha opinião, nenhum dos procedimentos individuais levados a cabo durante o teste de segunda-feira foi, por si só, excessivo — pareceu apenas que a sua natureza inesperada perturbou a médium, especialmente tendo em conta que, segundo se diz, ela sofre de tensão arterial elevada. Falei com a Sra. Hamilton sobre isso e ela está disposta a submeter-se novamente a todos os procedimentos realizados na segunda-feira como forma de teste, embora ainda não possa confirmar se o fará já na terça-feira.

Com os melhores cumprimentos,
(Assinado) R. Sproull

[1] *Presidente do British College*

Verifica-se por esta carta que a Sra. Hamilton, que estaria tão gravemente doente na sequência da sessão (na qual absolutamente nada aconteceu), estava, no entanto, suficientemente bem para comparecer a outra sessão na mesma noite, com a Sra. Murphey-Lydy, a "médium de trompete". Uma recuperação tão rápida é certamente fenomenal — mesmo de um ponto de vista materialista — especialmente considerando que o Sr. Sproull afirmara, na carta anterior, que apenas com extrema dificuldade os amigos espirituais da médium haviam conseguido "salvá-la da transição (morte)". Terei de me lembrar disto quando eu próprio estiver em risco de transição.

Anexa a esta carta vinha a seguinte nota com "Pontos de Teste", assinada por R. Sproull:

Pontos de Teste, por R. Sproull

- Cada observador deve ver a médium e o Sr. Hamilton antes e depois da sessão.
- A Sra. Hamilton deve ser revistada, controlada, etc., antes e depois da sessão. (Nos testes posteriores, despir.)
- O Sr. Hamilton deve ser revistado, controlado, etc., antes e depois da sessão. (Nos testes posteriores, despir.)
- As cortinas devem ser examinadas antes e depois da sessão. (Nos testes seguintes, usar as vossas cortinas.)
- O gabinete (incluindo cadeira e manta) deve ser revistado antes e depois da sessão.
- A sala deve ser inspecionada antes e depois da sessão.

Cada observador:

- (a) Deve ser colocado de modo a observar claramente uma característica de cada materialização, por ex.: cabeça e rosto, corpo, braços, pernas, pés, postura, entoação da voz, grunhidos e bocejos.

- (b) Deve usar um caderno de apontamentos para registar tempos e observações durante a sessão.

Outros observadores devem registar:

- (a) Movimentos do Sr. Hamilton.
- (b) Movimentos das cortinas e do gabinete.
- (c) Movimentos dos assistentes.
- (d) Relação entre os movimentos.

O posicionamento correto dos observadores é importante, considerando os seus deveres.

- Uma estenógrafa com o seu assistente deve estar presente, bem como um presidente de sessão para controlar o encontro, se necessário.
- Lista de hinos a ser cantada e nomeação de um responsável pela condução dos cânticos.

Nota ao fundo: *"O acima ainda não foi submetido ao Sr. Hamilton."*

Esta carta divertiu-me imensamente, sendo, de facto, uma contradição absoluta, nos seus pontos essenciais, da carta que o próprio Sproull havia escrito ao British College no dia anterior. É evidente que o Sr. Sproull se encontrava então num estado de nervosismo extremo. Isso é particularmente ilustrado pelo seu comentário absurdo de que "a causa do espiritualismo está praticamente em jogo." Como poderia a causa do espiritualismo estar em causa numa experiência na qual absolutamente nada aconteceu, é difícil compreender. A sua afirmação de que "não creio que uma simples declaração verbal nas sessões seja boa para a 'verdade' nestas circunstâncias" parece demonstrar ou incoerência ou um estado claramente neurótico.

Em apenas vinte e quatro horas, o Sr. Sproull acabou por abandonar e contradizer inteiramente os argumentos da sua primeira carta, ao escrever: "Gostaria que ficasse claramente entendido que, na minha opinião, nenhum procedimento individual levado a cabo no teste de segunda-feira foi desrazoável." O Sr. Sproull afirma, portanto, explicitamente, que tudo o que

foi feito pelo *British College* e pela *Marylebone Society* foi, na sua opinião, razoável.

E então, sob forte tensão mental, o Sr. Sproull elaborou os seus próprios pontos de teste, sendo particularmente cómica a sua observação ingénua — e talvez algo esperançosa — no final do documento: *"O acima ainda não foi submetido ao Sr. Hamilton."*

Esta carta, escrita a 2 de Abril, com os seus pontos de teste, ainda não tinha sido mostrada ao Sr. Hamilton quando, no dia seguinte, Sexta-feira Santa, 3 de Abril, o Sr. Sproull me telefonou para Dorincourt, e, de forma algo agitada, informou-me de que, dado que a Sra. Hamilton ainda se encontrava muito doente com tensão arterial alta, ou qualquer outra coisa, o Sr. Hamilton decidira embarcar para os Estados Unidos na manhã seguinte. Pessoalmente, se estivesse gravemente doente, preferiria um quarto tranquilo a um mar tempestuoso.

O Sr. Sproull telefonou-me do apartamento que tinha arrendado para os Hamilton, e soube de imediato, quando me informou dessa decisão, que os Hamilton tinham "apanhado um grande susto" e decidido fugir do país no navio mais rápido de regresso aos seus estimados e reverendos amigos nos Estados Unidos.

Fiquei, sem dúvida, bastante irritado por me ver privado da minha série de investigações interessantes com o Sr. e a Sra. Hamilton, e disse de imediato ao Sr. Sproull, por telefone, que naturalmente esperava que me devolvesse as £50 que eu havia adiantado. Ele pareceu muito preocupado com a minha atitude, que considerou materialista e grosseira, e disse que não podia concordar com tal devolução. Respondi-lhe que uma quantia considerável tinha sido adiantada a estas pessoas, por mim e por outros, e que essa quantia teria de ser devolvida. Disse-lhe que os Hamilton, tendo falhado no cumprimento dos seus compromissos, deveriam devolver-lhe o dinheiro — mas, quer o fizessem ou não, considerá-lo-ia pessoalmente responsável. Ele afirmou que os Hamilton não tinham dinheiro, ao que perguntei: "O Sr. Hamilton está destituído?"

"Teve ainda a gentileza de me dizer que os Hamilton lhe prometeram que regressariam para uma nova visita a este país em Outubro, altura em que eu poderia então ter a minha semana de sessões. O que foi muito simpático da

parte dele — e deles. Em seguida, sugeriu que, como estava a telefonar do apartamento dos Hamilton, eu falasse com o Sr. Hamilton. Fui extremamente firme ao telefone com o Sr. Hamilton. Ele queixou-se, lamuriou-se e disse que não tinha dinheiro, mas, sabendo eu que era um vigarista, disse-lhe que considerava o caso um assunto mais apropriado para a Scotland Yard.

Lembrei-lhe que lhe havia pago, através do Sr. Sproull, uma quantia considerável, que considerava o seu comportamento inteiramente fraudulento e que, não estando ele e a sua esposa a cumprir o compromisso assumido, via o caso como uma obtenção de dinheiro por meio de falsas declarações. Foi a última vez que ouvi falar do Sr. e da Sra. Hamilton, que fugiram do país no dia seguinte.

Após a partida apressada dos Hamilton, escrevi ao Sr. Sproull da seguinte forma:

7 de Abril de 1931

Caro Senhor,

Com referência à nossa conversa telefónica da última sexta-feira, quando me informou que o Sr. e a Sra. Hamilton estavam a abandonar o país de forma apressada, devo pedir-lhe a devolução da quantia de £50 que lhe paguei a 6 de Fevereiro. Esta quantia foi-lhe entregue para pagamento dos serviços deles, segundo um acordo entre nós, confirmado na sua carta de 2 de Janeiro passado, na qual declarou: "Concordo que o valor a pagar por si pela semana seja de £50."

Peço-lhe que me envie um cheque com esse montante.

Atentamente,

H.D.B.

O Sr. Sproull recusou devolver-me as £50 que paguei pelos serviços dos Hamilton durante uma semana. Mais tarde, através de um relatório que recebi, soube que os Hamilton tinham recebido no total £125, provenientes das seguintes fontes:

- British College of Psychic Science: £25
- Marylebone Association: £25

- Sr. A. H. (quem não conheço): £25

Isto demonstra que o British College contribuiu com £25, o que não corresponde à informação que me fora dada pelo Sr. Sproull na sua carta de 2 de Janeiro de 1931, na qual afirmava que o British College estava a contribuir com £75.

O Sr. Sproull disse-me que eu deveria pedir o reembolso diretamente aos Hamilton. Como o Sr. Hamilton me dissera ao telefone que não tinha dinheiro, e tendo em conta que haviam fugido do país e que eu não sabia a sua morada, parecia-me que as hipóteses de recuperação eram excelentes.

Escrevi então novamente ao Sr. Sproull, dizendo-lhe que, uma vez que o pagamento fora feito a ele, na qualidade de patrocinador, considerava-o responsável. Ele respondeu o seguinte:

"Não dei qualquer garantia, e recordar-se-á que o cumprimento das sessões no seu local estava dependente da validação em certas sessões de teste noutros locais."

Isto, naturalmente, era completamente falso, e respondi-lhe:

"O cumprimento do compromisso para realizar uma série de sessões sob a minha supervisão não estava dependente da validação de sessões de teste em parte alguma. A série de sessões acordada comigo era totalmente independente. Nem sequer ficou estabelecido que eu devesse assistir a outras sessões de teste."

No entanto, o Sr. Sproull continuou a insistir que era "meramente um agente neste assunto", que os Hamilton eram os principais intervenientes, e que qualquer direito de ação que eu pudesse ter deveria ser dirigido contra os Hamilton, e não contra ele, que atuava como agente.

Perguntei-lhe então com base em que provas havia feito a sua declaração original de que os Hamilton eram médiuns genuínos, e se possuía algum registo. Em resposta, numa carta datada de 11 de Abril, afirmou:

"Junto envio um folheto de Chesterfield que lhe dará a morada dos Hamilton e o ajudará a perceber que as minhas declarações foram feitas de boa-fé."

O folheto que recebi do Sr. Sproull tinha por título *Camp Chesterfield. 1929*. Nele constava a seguinte informação sobre a Sra. Bertha Holtz-Hamilton:

"Foi orientada para o Madison Avenue Spiritual Temple, onde iniciou o seu desenvolvimento como médium, sob a orientação da Sra. Sallie Blake. Após um longo e sincero período de concentração e esforço, atingiu o desenvolvimento desejado, e durante vinte e cinco anos trouxe alegria e consolo a milhares de pessoas.

A mediunidade da Sra. Hamilton inclui fases de Trompete, Materialização, Clarividência e Clariaudiência, incluindo sessões com trompete em plena luz. Há seis anos tornou-se esposa do Rev. A. A. Hamilton."

A Sra. Hamilton certamente não me trouxe alegria nenhuma, mas o folheto *Camp Chesterfield* trouxe. É um dos documentos mais esclarecedores que alguma vez li. Inclui ainda uma "galeria de retratos" inestimável. Neste livro (publicado pela *Indiana Association of Spiritualists*) estão publicadas dezasseis fotografias de "médiuns" do "Acampamento". (Uma fotografia da Sra. Hamilton aparece na página 256.) Reproduzi várias dessas fotografias, entre as quais a da sua amiga simpática, a Sra. Murphey-Lydy (ver página 258), a quem dedico o próximo capítulo. Na minha opinião, essas imagens constituem um estudo extremamente interessante, embora devam interessar mais a psicólogos do que a apreciadores da beleza humana. Acrescentei-as à minha coleção de arte pessoal, e não tenho a certeza de que não valham £50.

Logo após a partida dos Hamilton, fui ter com a Sra. Rose de Crespigny, Presidente do British College, e transmiti-lhe a minha opinião de que os Hamilton eram vigaristas. Foi então que lhe perguntei que credenciais tinham sido apresentadas ao College antes de serem contratados, e ela disse-me que o Sr. Sproull lhe havia assegurado de forma categórica que "o Sr. Dennis Bradley os tinha contratado".

Os Hamilton haviam acordado com o College a realização de uma série de dezasseis sessões, de 7 de Abril até 2 de Maio. Estava combinado que os participantes em cada sessão seriam entre quinze a vinte pessoas. Os valores cobrados por sessão eram os seguintes:

- Membros do British College: £1 7s. 6d.
- Associados: £1 10s. 0d.
- Não-membros (apresentados): £1 15s. 0d.

Na única sessão a que assisti, estavam presentes vinte e cinco pessoas.

Verifica-se, a partir destes valores, que as receitas por sessão rondariam as £30, o que daria uma média de £120 por semana.

A *Marylebone Spiritualist Association* fez acordos semelhantes, com datas para dezasseis sessões, de 11 de Maio a 6 de Junho.

Entre o programa do British College e o da Marylebone Association, seria realizada a minha série privada de uma semana, por um valor de £50 pelas "materializações" da Sra. Hamilton, e alguns fenómenos adicionais por parte do Sr. Hamilton, que poderiam, com sorte, render mais £30.

Escrevi ao Sr. Frank Hawken, Secretário da *Marylebone Spiritualist Association*, pedindo a sua opinião sobre a única sessão realizada. Na resposta, ele afirmou:

"Todos os preparativos, como sabe, estavam nas mãos do British College, e eu apenas intervim no sentido de sugerir à Sra. de Crespigny que o Sr. Sproull, na qualidade de gestor dos Hamilton, fosse convidado a trocar de lugar, ou que se colocasse alguém entre ele e o gabinete, e só quando a Sra. de Crespigny entrou, trancou a porta e me pediu que ocupasse o lugar vazio em frente ao Sr. Sproull — lugar que ela ali colocara — percebi que me havia designado para guardar o gabinete.

Durante a sessão, o Sr. Sproull e a Sra. Murphey-Lydy, outra médium profissional e, segundo entendi, amiga dos Hamilton, tentaram por três vezes convencer-me a trocar de lugar com eles para ficarem mais perto do gabinete. Naturalmente recusei, pois tinha sido colocado naquele lugar pela Sra. de Crespigny, que estava encarregada da sessão de teste. Apesar da minha recusa, como sabe, para o fim da sessão, o Sr. Hamilton sugeriu que alguém se dirigisse à porta, e quando isso foi aceite, voltou a tentar fazer-me ceder o meu lugar, o que me levou a intervir e a explicar em voz alta as razões pelas quais ali permanecia."

"É, claro, completamente ilógico que se tenham recusado a realizar sessões com a Marylebone Society, considerando que as condições da sessão a que se opuseram foram estabelecidas pelo British College. Obviamente, se decidissem não colaborar com uma das duas instituições, deveria ter sido com o British College."

MÉDIUNS DO CAMP CHESTERFIELD

Rev. Nellie Gurky
Sra. Emma Carpenter
Um excelente exemplo das propriedades benéficas do Camp.
Concluiu o seu "desenvolvimento espiritual".

Rev. Mable Ripple
Rev. Nina Challen Richards
Pastora cujo trabalho é descrito como "invulgar". O folheto afirma:
"Desde a infância era considerada peculiar, mas ao atingir a idade adulta tornou-se evidente que era psíquica" — não peculiar.
Secretária do Camp Chesterfield, que transformou num espaço "dinâmico e moderno... com dois grandes hotéis e uma geladaria" — um notável serviço à causa dos psíquicos.

Esta carta muito interessante e direta constituía, claro, uma confirmação completa e inequívoca daquilo que eu já havia observado.

Durante a breve visita dos Hamilton a este país, estive em contacto com o Sr. Hamilton antes e depois da única sessão realizada. Estou absolutamente certo de que ele foi alertado a meu respeito por alguém, pois desde o início demonstrou estar com medo de mim.

Na observação preliminar que fiz dele, através da conversa que manteve comigo, revelou-se uma pessoa relativamente inteligente mas astuta. Teve um cuidado visível em impedir que eu tivesse oportunidade de conhecer a Sra. Hamilton. A sua atitude mais tarde, bem como a da esposa, foi a de um casal apavorado. Se tivessem conseguido "safar-se" com o embuste junto de algumas centenas de espiritualistas crédulos, em dois meses teriam conseguido arrecadar — como demonstrado pelos valores citados — boa parte de mil libras durante a sua agradável viagem além-mar, através do "Herring Pond".

Aguardarei com enorme interesse a prometida segunda visita ao nosso país em Outubro de 1931. Caso decidam aventurar-se novamente, será com muito prazer que lhes apresentarei um novo "participante" — o juiz.

CAPÍTULO IV
A ACTUAÇÃO FRAUDULENTA DA SRA. MURPHEY-LYDY

Convite da Srta. Phyllis Neilson-Terry — Precauções sugeridas — Uma amiga dos Hamilton — O certificado de idoneidade do "Camp Chesterfield" — Não sou reconhecido — Uma trombeta suspeita — Um traje curioso — Conheço o "Dr. Green" — Mudo de posição — E detecto a médium a falar — Um exemplo de "conversa" — "Haf-huf — Hen-hen — Mah-mah" — Os métodos dos médiuns fraudulentos — Uma tentativa mal conseguida — Nenhum indício de prova — Uma farsa repugnante — "Não toques na minha trombeta!" — A humidade no bocal — Como os crédulos são enganados — Um encontro no Queen's Hall — Disposição curiosa dos lugares — Um fiasco absoluto — Um ilusionista profissional teria feito melhor, e de forma mais divertida.

I
Sexta-feira, 5 de Junho de 1931

Nesse dia, participei numa sessão de "mediunidade de voz" com a Sra. Murphey-Lydy, no British College of Psychic Science, situado em 15 Queen's Gate, Londres, S.W.

A sessão foi organizada pela Srta. Phyllis Neilson-Terry, que levou o seu próprio grupo privado de participantes. Quando me convidou, a Srta. Neilson-Terry disse-me que planeava realizar a sessão no seu apartamento na Welbeck Street, mas na manhã de sexta-feira telefonou-me a informar que a médium preferia que a sessão decorresse na sala própria do British College, pois sentia-se mais confortável nesse espaço.

Alguns dias antes, a Srta. Neilson-Terry dissera-me por telefone que já havia assistido a duas sessões com a Sra. Murphey-Lydy, e que gostaria que eu observasse cuidadosamente os procedimentos. Pedi-lhe então que não informasse previamente a médium da minha presença, ao que ela me garantiu que assim faria, e que não revelaria à médium a identidade de nenhum dos outros participantes.

Só depois da sessão é que a Srta. Neilson-Terry me disse que, nas ocasiões em que havia estado anteriormente com esta médium no British College, os

círculos de participantes eram algo numerosos, compostos por muitas pessoas que ela não conhecia — membros do College, etc. — e que, na sua opinião, a primeira sessão não tinha sido impressionante, e a segunda foi francamente má.

É importante sublinhar que não fui informado disto antes da sessão, pelo que a minha opinião não foi influenciada. Sabia, contudo, que a Sra. Murphey-Lydy tinha viajado dos Estados Unidos com o Sr. e a Sra. Hamilton, a alegada médium de materializações, cujo comportamento descrevi no capítulo anterior.

No panfleto publicitário intitulado *Camp Chesterfield. 1929*, publicado pela *Indiana Association of Spiritualists*, ao qual já me referi, existe uma página com notas elogiosas sobre a carreira da Sra. Murphey-Lydy. Reproduzi uma fotografia sua (ver página 258) retirada desse mesmo panfleto, juntamente com fotografias de outros médiuns que trabalhavam no mesmo Camp, e junto aqui alguns excertos relevantes dessa publicação:

"Milhares de pessoas de costa a costa conhecem as belas manifestações da Sra. Murphey-Lydy, médium de materialização e trompete. No início do seu desenvolvimento mediúnico, foi associada a Maggie Vestol e W. C. Jessup, dois dos médiuns de trompete mais proeminentes e poderosos da época, que já passaram para a vida espiritual. A Sra. Lydy exerce como médium no Camp de Chesterfield há muitos anos, tendo também servido a Indiana Psychic Research Society em Indianápolis durante um ano.

A Sra. Lydy realizou várias digressões pelos Estados Unidos, difundindo o evangelho do espiritualismo através dos ensinamentos e instruções extraordinárias dados pelo Dr. Green, o seu principal Guia, e por 'Sunflower', o pequeno mensageiro.

Nos últimos seis anos, reside normalmente em Detroit. Praticamente todos os domingos à noite presta serviço em alguma igreja da cidade, com as suas demonstrações maravilhosas do 'trompete com luz'. As 'vozes espirituais' são tão distintas que se ouvem por toda a igreja. Isto está a convencer multidões.

A Sra. Lydy tem três filhos: um filho residente na Califórnia, e duas filhas. A filha mais velha, Gertrude, é esposa do Conde Richard Hamilton, de

Estocolmo, Suécia, que se encontra a dar palestras e a fazer curas em Inglaterra, e colabora com os principais espiritualistas da Europa.

A Sra. Lydy realiza um trabalho bom e importante em prol do espiritualismo, e acolhe sempre pessoas de todas as crenças.

O mundo precisa de mais médiuns com a mesma visão justa da vida, que desenvolvam as forças de forma mais plena e bela. É uma mulher muito simpática e uma ardente defensora das manifestações e ensinamentos do espiritualismo."

É assim que a Sra. Murphey-Lydy é descrita no Camp Chesterfield. Pode acrescentar-se que é uma mulher de cinquenta e nove anos.

A sessão naquela noite teve início pouco depois das 20h00.

Fomos recebidos na sala de sessões do British College pela médium e pelo seu genro, o Conde Hamilton, sueco.

Foi nesta mesma sala que teve lugar o fiasco da sessão de "materialização" dos Hamilton. Nessa ocasião, estavam presentes cerca de quarenta pessoas, entre as quais a Sra. Murphey-Lydy e o Conde Hamilton. Não fui apresentado à Sra. Murphey-Lydy, mas fui apresentado ao Conde Hamilton. A apresentação foi casual e rápida, e no meio do movimento da multidão é possível que o Conde Hamilton não tenha captado o meu nome nem soubesse quem eu era.

Sentámo-nos lado a lado no círculo, nessa noite, sob uma luz elétrica vermelha algo fraca, e trocámos, de tempos a tempos, algumas observações triviais. Estou bastante certo de que a Sra. Murphey-Lydy não me reconheceu, e creio que o Conde Hamilton não se lembrava do meu nome, pois depois de eu ter feito alguns comentários durante a sessão, ele perguntou à Srta. Neilson-Terry se eu era médico. Fiquei satisfeito por não ter sido reconhecido, pois é preciso lembrar que a Sra. Murphey-Lydy e a Sra. Hamilton, a alegada médium de materializações, são amigas profissionais, e portanto a Sra. Murphey-Lydy poderia ter sido informada pelos Hamilton da opinião que eu tinha expressado sobre o comportamento deles, o que a tornaria naturalmente muito desconfiada em relação a mim.

Nenhum dos participantes dessa noite foi apresentado à médium ou ao Conde Hamilton. A Srta. Phyllis Neilson-Terry determinou os lugares de

todos os presentes. Disse-me depois que me colocara deliberadamente ao lado da médium.

As posições no círculo, da direita para a esquerda, eram as seguintes: a médium, eu próprio, Mrs. Hay, Mr. Edward Huskinson (editor do *The Tatler*), Mrs. Mortimer Bryans, o Conde Hamilton, Miss Phyllis Neilson-Terry e Lord Howard de Walden, junto à médium e à sua esquerda. No centro do círculo foi colocada uma mesa com cerca de noventa centímetros quadrados, sobre a qual se estendia uma toalha. Sobre esta repousava uma corneta de alumínio. Esta corneta era composta por quatro secções dobráveis, que se estendiam até quase um metro e vinte de comprimento. Foi a maior corneta que alguma vez vi ser usada numa sessão de "vozes". Nunca estive com uma médium genuinamente desenvolvida em "voz direta" que utilizasse uma mesa coberta com uma toalha no centro, para aí pousar a corneta.

A corneta, colocada sobre esta mesa, estava, naturalmente, ao alcance mais fácil possível da médium.

A atmosfera da sala, da qual todo o ar fora excluído, estava extremamente quente, mas, apesar do calor, a médium usava aquilo que parecia ser uma capa bastante volumosa, feita de um tecido sedoso, que lhe descia vários centímetros abaixo da cintura. Esta capa permaneceu posta durante toda a sessão, até pouco antes do encerramento, altura em que a retirou e a deixou cair atrás da sua cadeira no círculo. Estando sentado ao seu lado, ouvi-a cair no chão.

O Conde Hamilton desligou a luz branca elétrica, deixando acesa uma luz vermelha elétrica durante cerca de um minuto. Depois desligou também esta, e ficámos mergulhados numa escuridão total e impenetrável.

A corneta não possuía qualquer luminosidade, pelo que nenhum movimento, de espécie alguma, podia ser visto.

A médium sugeriu que começássemos a cantar hinos, o que tentámos fazer. Pessoalmente, detesto o tipo de hinos estereotipados que se costumam cantar nas sessões. Phyllis Neilson-Terry cantou-os com muita doçura, mas a maioria de nós fê-lo bastante mal.

Em seguida, a médium pediu que recitássemos o Pai Nosso. Assim fizemos e, tendo em conta o que ocorreu depois, considerei a recitação dessa oração uma nauseante blasfémia.

O Conde Hamilton comentou que, quando as "vozes" se manifestassem, os participantes não deveriam estranhar se estas tivessem sotaque americano, pois tal devia-se ao facto de as forças ectoplásmicas necessárias à manifestação serem extraídas da médium. Tal afirmação merece forte crítica, pois em sessões autênticas de "voz direta", os sotaques das "entidades comunicantes" são individuais e completamente distintos da voz e sotaque da médium.

A primeira "manifestação" foi uma "voz" infantil, falando através da corneta não luminosa. Após isso, houve uma pausa de cerca de um minuto, e então Miss Phyllis Neilson-Terry cantou um pequeno solo trinado, com a sua voz única.

Depois disso, usando a corneta não luminosa, a "voz" infantil americana disse: "Gosto disso." Mais tarde, a "voz" disse chamar-se "Sunflower". Algumas frases foram dirigidas pelos presentes à "voz", e estas foram respondidas de forma afetada, como se por uma inteligência pouco desenvolvida. A voz infantil comentou que a voz de Miss Phyllis Neilson-Terry era "linda" — o que obviamente era verdade. Então, Miss Neilson-Terry voltou a trinar algumas notas e pediu à "voz" que tentasse cantar com ela, o que esta fez — de forma horrível.

Seguidamente fomos apresentados à "voz" do "Dr. Green", aparentemente também através da corneta não luminosa. "Dr. Green" manteve uma conversa relativamente longa com vários dos presentes. Foi uma experiência interessante dialogar com esta "voz", tendo em conta o que se dizia no folheto de "Camp Chesterfield", que o "Evangelho do Espiritismo tinha sido difundido através dos ensinamentos e instruções notáveis dados pelo 'Dr. Green'". Nesta ocasião, no entanto, "Dr. Green", em resposta a perguntas, limitou-se a banalidades óbvias, e notei que a sua voz, supostamente grave, deixava transparecer traços distintos de feminilidade.

A "voz" do "Dr. Green" parecia vir de cerca de um metro a um metro e vinte de onde a médium se encontrava. Na segunda vez que o eminente médico falou, escutando com atenção extrema, percebi um som vindo da médium

enquanto a "voz" falava. Discretamente mudei de posição para a extremidade esquerda da minha cadeira, e, apoiando-me sobre uma perna, inclinei-me de lado, sustendo a respiração, e mantive o ouvido a menos de quinze centímetros da boca da médium. Ela falava para dentro da corneta o tempo todo. Foi a fraude mais flagrante e deliberada que alguma vez experienciei.

Durante toda a noite, todas e cada uma das supostas "vozes espirituais" foram produzidas por Mrs. Murphey-Lydy desta forma. Para mim, foi uma noite extenuante, devido à posição forçada em que me mantive. Era, naturalmente, absolutamente necessário que me afastasse da médium ao inspirar e depois contivesse a respiração o máximo de tempo possível enquanto escutava a poucos centímetros do seu rosto. Uma cebola na minha salada teria denunciado a minha presença.

Até ao fim da noite, nenhuma destas alegadas "vozes espirituais" se dirigiu a mim; por isso, pude manter-me calado na maior parte do tempo. Em cerca de meia dúzia de ocasiões, o "Dr. Green" dialogou com vários dos presentes e, de tempos a tempos, aproveitei para lhe dirigir uma pergunta. Sempre que o fazia, afastava-me cerca de um metro da médium, e, terminado o comentário, voltava imediatamente a aproximar-me do seu rosto, onde a ouvia a responder pelo bocal. Falava de modo amável, como se estivesse impressionado com a "voz", e tive todo o cuidado em não fazer nada que pudesse interromper o espetáculo, pois desejava ver até onde Mrs. Lydy estaria disposta a ir.

Durante a sessão, cerca de sete supostas "vozes espirituais", alegando ser amigos de diferentes presentes, falaram através da corneta. Cada uma destas foi produzida por Mrs. Murphey-Lydy exatamente da mesma forma, enquanto eu ouvia atentamente a sua voz a falar para o bocal. Ao criar estas "vozes" pessoais, falava num sussurro rouco e indistinto. O método era o seguinte:

A corneta era erguida na direção de um dos presentes, e então ouvia-se, em sussurros abafados:

Mrs. Murphey-Lydy (pela corneta): Huf-huf.

Participante: Olá. Sim. Está a falar comigo?

Mrs. Murphey-Lydy (sussurrando): Sim.

Participante: Quem é? Diga quem é.

Corneta: Hen-hen.

Participante: O quê?

Corneta: Mah-hah.

Participante: Não percebi bem.

Corneta: Fah-hah.

Participante: Fale mais alto. Não oiço bem.

Corneta: Jan-jar.

E assim prosseguia a "voz" sussurrante, até que o participante, eventualmente, sugeria um nome, perguntando: "É o/a tal?" A corneta respondia imediatamente "Sim", e trocavam-se saudações. Os presentes naquela noite eram todos pessoas inteligentes e pouco revelaram. Sabiam que a evidência só tem valor quando é a "voz" a fornecê-la.

Com um círculo comum de espiritistas crédulos e extasiados, o método utilizado — que, sem dúvida, foi estudado e aperfeiçoado por uma escola de médiuns fraudulentos profissionais, e que aqui apenas descrevi de forma superficial — permite à chamada "médium" prosseguir com conversas banais, durante as quais o participante fornece todos os factos e nomes, e a "Corneta" apenas tem de responder com um único afirmativo: "Sim."

A ligeira indicação que dei dos sussurros relativamente incoerentes da "voz" serve para ilustrar como "Hen-hen" é frequentemente aceite como Henrique, Ana e outros nomes; "Mah-hah" como mãe, Marjorie e diversos outros; "Fah-hah" como pai, se este estiver morto, ou outra pessoa, se estiver vivo. "Jan-jar" é obviamente Avó, Avô, ou qualquer tentativa de nome próprio ou apelido que possa ser aceite por um ou outro dos participantes entusiastas — embora ignorantes.

Na noite que descrevo, a corneta, ao ser dirigida para Mrs. Hay, após tentar "Hen-hen", acabou por chegar a Eileen, mas, apesar das tentativas da médium, a participante não forneceu nenhuma informação, e assim o "espírito" desapareceu rapidamente.

A corneta, ao dirigir-se a Mr. Huskinson, emitiu uma variedade de sons até chegar a "Fah-hah"; acabou por identificar-se como "pai". Mr. Huskinson incentivou a "voz" de forma muito adequada, mas infelizmente "Fah-hah" não sabia quantos filhos tinha, nem quantos tinham falecido. Mr. Huskinson adiantou que eram muitos (2 Mr. Huskinson é de uma família de nove filhos), e então Mrs. Murphey-Lydy, falando pela corneta — com o meu ouvido junto ao seu rosto —, ao responder à pergunta direta, arriscou a resposta: "Dois deles estão deste lado." Infelizmente, a sua resposta estava errada. Pouco depois, a "voz" desapareceu.

Uma "voz" débil falou então com Miss Phyllis Neilson-Terry, e, após tentar "Jan-jar", acabou por chegar a "Avó". Miss Neilson-Terry incentivou a "voz" a continuar, e, desejando naturalmente provas de identidade, pediu-lhe repetidamente que dissesse o seu nome. Infelizmente, a "Avó" não se lembrava do seu nome.

A corneta foi então apontada a Lord Howard de Walden, e os sussurros abafados de Mrs. Murphey-Lydy conseguiram, com o tempo, estabelecer "pai". Procurou insistentemente o "pai do John", e, como "William" fora mencionado durante a conversa, passou a sondar "William".

Devo repetir mais uma vez que, durante todo o tempo em que estas "vozes" supostamente se manifestavam, eu estava a ouvir a médium a falar através da corneta.

A corneta foi depois dirigida a Mrs. Mortimer Bryans, e uma "voz" disse "Mah-hah". Mrs. Bryans, que é uma participante bastante sofisticada, pediu à "voz" que repetisse, e novamente se ouviu "Mah-hah". Mrs. Bryans não conseguiu aceitar isto, e então disse: "Disse 'mãe'? A minha mãe está viva." A "voz" respondeu então: "Mãe da mãe." "Mães das mães" e "avós" são geralmente apostas seguras. Mrs. Bryans pediu um pouco mais de informação, e, mais uma vez, a "voz" desapareceu discretamente.

Mais tarde, a corneta foi levantada, e outra "voz" falou com Mrs. Bryans em tons abafados, mas voltou a falhar em obter respostas reveladoras e desistiu rapidamente da tentativa de nos iluminar.

Escusado será dizer que não foi apresentada uma única evidência concreta; nem qualquer dos presentes pôde afirmar reconhecer alguma das alegadas "vozes".

As conversas duravam apenas por breves momentos e, sempre que era feita uma pergunta direta que exigisse uma resposta clara, a corneta mantinha-se em silêncio, e a "voz" optava pela discrição.

Estas alegadas "vozes espirituais" pessoais não ocuparam muito tempo e todos os intervalos foram preenchidos pela evasiva "Dr. Green" e pela voz infantil de "Sunflower".

Várias vezes ao longo da noite, a voz infantil de "Sunflower" foi produzida por Mrs. Murphey-Lydy. Tal "voz" era, naturalmente, muito fácil de imitar, como qualquer "imitador de criança" dos antigos salões de música sabe. De tempos a tempos, Mrs. Murphey-Lydy conversava com "Sunflower". Fazia uma ou duas perguntas e depois procedia a respondê-las ela própria através do bocal. Por vezes, virava-se para os presentes e comentava: "Ora vejam, ouviram isso — ouçam o que ela diz!" Por momentos, era impossível não pensar num ventríloquo e na sua boneca.

Perto do fim, produziu outra suposta "voz espiritual", anunciando tratar-se do seu tio. Prosseguiu então com uma longa conversa consigo mesma. Fê-lo colocando a corneta direita no ar, inclinando a cabeça para trás e falando para o tecto. Afastava a boca do bocal, fazia uma pergunta e respondia-a rapidamente através do mesmo. Eu estava tão próximo que ouvia cada inspiração sua enquanto falava como o alegado "espírito". A conversa dizia respeito a assuntos pessoais da própria médium. Para os restantes, o diálogo era extremamente aborrecido. Quando a conversa terminou, disse ao Conde Hamilton: "Então, o que acha disto? — ele não falava comigo há anos!"

Entre outras coisas, aconselhou-se a si mesma (via o tio) a ir à Irlanda, e acrescentou ao Conde Hamilton: "Veja só o que ele diz agora — não sei se vou conseguir ir à Irlanda nesta viagem!" Se Mrs. Murphey-Lydy for mesmo à Irlanda, estou absolutamente certo de que levará o tio com ela, e será interessante ouvir os planos da próxima digressão.

Pouco antes do final da sessão, após uma pausa, ouviu-se uma "voz" dizer: "A mãe do Herbert." O som desta "voz" vinha certamente de uma posição diferente das outras — ligeiramente mais alta, acima da minha cabeça no círculo — e tive de responder-lhe erguendo-me na cadeira; falava com sotaque feminino americano. A "médium" então perguntou-me: "O seu

nome é Herbert?" Respondi que era um dos meus nomes. Depois, num tom algo desafiante, perguntou: "Não pode responder-lhe?"

Disse que não reconhecia a voz, ao que o Conde Hamilton interveio, dizendo: "Nunca se consegue reconhecer a voz de um 'espírito'." Tal afirmação é absolutamente falsa. Em sessões genuínas de "voz direta", é frequentemente possível reconhecer todas as inflexões e características de uma "voz" individual.

Então pedi à "voz" que me dissesse quando nos tínhamos encontrado pela última vez, e quando me falara pela última vez. Não conseguiu responder, e eu não podia aceitar ou encorajar esta "voz" que, falando com um sotaque americano, não possuía qualquer conhecimento de factos óbvios que naturalmente permaneceriam na memória.

A "voz" desapareceu, e "Dr. Green", também conhecida por Mrs. Murphey-Lydy, disse algumas palavras, com o meu ouvido junto à sua boca, e a sessão terminou.

Esta sessão absurda durou duas horas, e, antes de terminar, eu estava exausto com o esforço constante de observação intensa, e sinceramente desejoso de que aquela farsa repugnante acabasse.

Perto do fim, penso que Mrs. Murphey-Lydy começou a suspeitar de mim, especialmente pela forma como respondi à "voz" que dizia ser a "mãe do Herbert".

No final da sessão, ouviu-se a corneta cair do outro lado, em frente a Mrs. Murphey-Lydy. Foi o primeiro som audível da corneta, pois durante toda a noite, depois de utilizada, era pousada com suavidade sobre a mesa coberta com a toalha, de forma a eliminar qualquer som.

Quando as luzes foram acesas, fui examinar a corneta — um procedimento absolutamente normal em qualquer investigação de fenómenos de "voz". Mal o fiz, Mrs. Murphey-Lydy disse, num tom particularmente desagradável e irado: "Não toque na minha corneta! Não permito que ninguém o faça!" Havia humidade na extremidade do bocal. O Conde Hamilton interveio e, de forma bastante agressiva, perguntou-me o que eu estava a fazer. Respondi que a examinava para detetar humidade. O Conde Hamilton declarou de imediato: "Deixe-me dizer-lhe que colocamos sempre água na corneta

antes" — um comentário particularmente tolo, pois, se a corneta tivesse sido molhada anteriormente, teria secado completamente em duas horas, numa atmosfera tão quente.

A "médium" rapidamente dobrou a corneta dobrável e guardou-a numa mala de couro.

Depois de termos deixado o British College, informei os outros presentes das minhas descobertas. Embora não estivessem tão bem posicionados como eu, e portanto sem as mesmas condições de observação, vários disseram ter a certeza, durante a sessão, de que "Dr. Green" era Mrs. Murphey-Lydy a falar, e, naturalmente, no que diz respeito às outras "vozes", não foi fornecida uma única evidência ao longo de toda a noite.

Para mim, todo o espetáculo foi grosseiro e amador. Contrastava vivamente com os fenómenos de "voz" que ocorrem em sessões genuínas, os quais são impossíveis de imitar.

Foi cobrada uma quantia de cinco guinéus pelos serviços de Mrs. Murphey-Lydy, os quais constituíram uma série absolutamente escandalosa e degradante de embustes. Posso afirmar que, nessa noite, ela foi fraudulenta do princípio ao fim, e é espantoso para mim que ainda não tenham sido apresentadas queixas sérias contra ela ao British College of Psychic Science.

Como ilustração dos métodos usados por médiuns fraudulentos de corneta, e da forma como conseguem — e efetivamente manipulam — a conversa com espiritistas crédulos e sem discernimento, considere-se o seguinte exemplo:

Corneta (sussurrando indistintamente): Hen-he.

Participante (entusiasmado por estar a ser contactado): O que disse? Acho que sei quem é. Diga de novo.

Corneta (a sondar): Hen-he.

Participante: Soou como Henry.

Corneta (sentindo o isco): Ssss.

Participante (confuso): Henry? Que estranho. O Henry está vivo. Quer deixar uma mensagem para ele?

Corneta: Ssss.

Participante: Diga-me quem está a falar.

Corneta (muito indistintamente): Harn-he.

Participante: Quem?

Corneta: Harn-he Hoo-je.

Participante (muito satisfeito por ter descoberto): Tia Julie?

Corneta: Ssss.

Participante: Oh, tia Julie, que bom conseguires comunicar! Como estás?

Corneta (mais distinta): Muito bem, querida.

Participante: Estás feliz?

Corneta: Muito feliz. Estamos todos felizes aqui.

Participante: Que bom, fico tão contente!

Corneta: Estás a ouvir-me, querida?

Participante: Sim, tia. Agora oiço-te muito bem!

Médium (intervindo na sua própria voz): Ela está a ficar mais forte. É difícil para eles ao início.

Participante: Tens alguma mensagem?

Corneta: O meu amor, querida.

Médium (na sua própria voz): Fala com ela. Mantém as vibrações activas.

Participante: O tio Leo está contigo?

Corneta: Sim, querida. Ele está aqui.

Participante: Ele pode falar?

Corneta: Diz que vai tentar, querida.

Participante: O avô está contigo?

Corneta: Sim, querida.

Participante: E a tia Elizabeth?

Corneta: Sim, querida. Estão todos aqui.

Participante: Como estão eles?

Corneta: Estão todos felizes.

Participante: Manda-lhes o meu amor.

Corneta: Mando, querida.

Participante: Lembras-te daquele terrível acidente de automóvel que o Frank Tidmarsh teve?

Corneta (com simpatia): Sim, querida. Foi terrível.

Participante: Ele morreu um mês depois, não foi?

Corneta: Sim, querida. Mas ele não está morto. Passou para o outro lado.

Participante: Ah, sim. Desculpa. Ele está bem agora?

Corneta: Sim, querida, está perfeitamente bem agora.

Participante: Ele gosta do outro lado?

Corneta: Sim, querida. Está muito feliz.

Participante: Tu partiste cerca de um ano antes do acidente dele, não foi?

Corneta: Sim, querida. Estava à espera dele.

Participante: Lembras-te de quando o tio Leo morreu — quero dizer, passou para o outro lado?

Corneta: Sim, querida.

Participante: Foi dois anos antes de ti, não foi?

Corneta: Sim, querida. Fiquei tão feliz quando percebi que ele estava à minha espera.

Participante: Podes dizer-me a data em que passaste para o outro lado, tia?

Corneta (de repente muito fraca): Já não consigo falar mais agora, querida. Adeus. Manda o meu amor a todos.

Participante: Adeus, querida tia. Muito obrigada por teres vindo. Adeus.

Médium (na sua própria voz): Ela conseguiu falar durante bastante tempo, não foi?

Participante: Acho que ela foi absolutamente maravilhosa!

E assim se passa uma noite agradável. Todos os espíritos estão muito felizes; todos os participantes estão muito felizes e, quando recebe a sua quantia de cinco guinéus, a médium também fica muito feliz.

Após uma sessão como esta, a participante descreve mais tarde aos amigos e familiares os fenómenos maravilhosos. Esquecendo-se dos inúmeros detalhes que ela própria forneceu, conta que a sua "tia Julie" se manifestou, dizendo o próprio nome e apresentando provas extraordinárias. Conta como a "tia Julie" lhe falou sobre o marido, o tio Leo, o avô, a tia Elizabeth e o Frank Tidmarsh, e como se lembrava do terrível acidente de automóvel, e disse que tinha passado para o outro lado um ano antes do acidente acontecer. Frequentemente, alguns outros floreados são acrescentados.

A ilustração que dei não é, de forma alguma, exagerada. É um acontecimento comum.

Deve insistir-se sempre que nada pode ser considerado como evidência a não ser que seja livremente oferecido pela "entidade comunicante", e provado para além de qualquer dúvida que se trata de informação fora do conhecimento da médium.

Na terça-feira seguinte, 9 de Junho, realizou-se uma sessão no Queen's Hall, em Londres, sob os auspícios da *Spiritualists' Community* e do *British College of Psychic Science*. Foi anunciado que Mr. Arthur Ford faria uma palestra sobre a mediunidade "Margery", com diapositivos, seguida de demonstração pública de clarividência. Também foi anunciado que Mrs. Murphey-Lydy faria uma demonstração de "espíritos" a falar através da corneta, em plena luz.

Um jornalista e espiritista bem conhecido presidiu à sessão.

Os preços de entrada variavam entre 5s., 3s., 2s. e 1s., e devem ter sido arrecadadas várias centenas de libras nessa noite. A minha secretária foi ao Queen's Hall quinze dias antes da sessão e foi então informada de que todos os lugares na plateia estavam esgotados, tendo tido sorte em conseguir quatro lugares de 5s. no círculo, também quase esgotado. Várias pessoas que conheço tentaram obter bilhetes, sem sucesso. Com tanta procura,

fiquei surpreendido, ao chegar ao Queen's Hall, ao verificar que, embora houvesse várias centenas de lugares na zona da orquestra ou plataforma — que em reuniões deste tipo são sempre ocupados — nenhum deles estava preenchido; também um grande bloco do Grand Circle de ambos os lados da plataforma estava vazio, sendo estes, naturalmente, os melhores lugares para ouvir — especialmente numa demonstração deste tipo.

À entrada, os membros do público receberam bilhetes numerados, que lhes dariam direito a ouvir através da corneta caso o seu número fosse sorteado. Cerca de meia dúzia teve esse privilégio.

A demonstração apresentada por Mrs. Murphey-Lydy nessa noite foi, a meu ver, um absoluto fiasco. A corneta utilizada era muito comprida, de alumínio, com cerca de 1,15 a 1,20 metros.

A médium não foi revistada antes, como sem dúvida deveria ter sido, para detetar qualquer objeto oculto no seu corpo. A forma como estava vestida era peculiar e digna de descrição.

Mrs. Murphey-Lydy envergava um vestido de tecido leve — possivelmente georgette — composto por uma sucessão de dobras, pregas, plissados e pendentes, descendo até cerca de sete centímetros do chão. Das mangas, entre o pulso e o cotovelo, pendia uma espécie de "asa" com cerca de trinta centímetros de profundidade, criando um efeito semelhante a um quimono. O design do vestido foi concebido de forma a disfarçar completamente a silhueta, quase sugerindo deformidades ocultas.

Por cima do vestido, usava um casaco comprido, cortado de tal modo que criava quase a aparência de uma corcunda.

A descrição de Mrs. Murphey-Lydy no folheto de *Camp Chesterfield* afirma:

"Com a sua maravilhosa demonstração de corneta à luz, as 'vozes espirituais' são tão nítidas que podem ser ouvidas por toda a Igreja."

Face a tal propaganda entusiástica, foi algo ridículo constatar que os que subiram ao palco para ouvir a corneta não conseguiam perceber o que se supunha estar a ser dito.

Antes de iniciar a demonstração, Mrs. Murphey-Lydy dirigiu algumas palavras ao público e pediu àqueles cujos números foram sorteados que

colocassem o ouvido junto da extremidade da corneta, pois ouviriam de imediato uma "voz" a responder. Tenho muitos anos de experiência intensiva com todos os tipos de mediunidade, mas nunca antes ouvi tal afirmação: "Ouvirá imediatamente uma 'voz' a responder." Toda a minha experiência mostrou que é impossível "abrir a torneira psíquica" à vontade; e isto é especialmente impossível em todos os casos de fenómenos genuínos. Se Mrs. Murphey-Lydy fosse uma médium autêntica, saberia isto sem qualquer dúvida. Como pode conciliar esta afirmação com as longas pausas que ocorrem durante as suas actuações na escuridão total, como a da qual participei na sexta-feira anterior?

Quando Mrs. Murphey-Lydy fez esta afirmação ridícula no Queen's Hall, percebi imediatamente o tipo de espetáculo que se seguiria.

Nenhum dos poucos ouvintes da corneta pareceu ouvir mais do que alguns sons dispersos. A "médium" segurava a extremidade larga da corneta enquanto o ouvinte mantinha o ouvido junto da extremidade estreita. Durante a demonstração, Mrs. Murphey-Lydy mudava constantemente de posição, por vezes inclinando-se ligeiramente, e noutras passando completamente da direita para a esquerda. Durante todo o tempo, falava muito mais do que os ouvintes; de facto, na maior parte do tempo, era ela que estava a falar, fosse com o público ou com o ouvinte. Por vezes, quando se supunha que se ouviam sons na corneta, ela estava geralmente voltada para a extremidade larga, a cerca de vinte centímetros desta. De vez em quando, ouvia-se o ouvinte perguntar: "O que é isso? Tia? Sim. Está certo," ou "Disseste mamã?"

Uma ou duas vezes, a "médium" fez um comentário em voz alta ao ouvinte, que, com os ouvidos colados à outra extremidade da corneta, pensava estar a escutar a "voz do espírito". A "médium" dizia então: "É a tua mãe?"

Após um ou dois destes episódios patéticos, o presidente retirou-se do palco, mas regressou pouco depois, acompanhado por um membro do público. Soube mais tarde que se tratava de Mr. Denis Dunn, representante do *Daily Express*, que desejava ouvir as "vozes", se possível, de perto. Certamente que nenhum dos presentes na audiência conseguiu ouvir coisa alguma. Havia um ouvinte no palco nesse momento. O presidente inclinou-se em direção à extremidade larga da corneta, mas nada ouviu.

Aparentemente, não estava a funcionar, e ele recuou, posicionando-se por detrás da "médium".

Quando um ouvinte pareceu ouvir um som, Mr. Dunn dirigiu-se à corneta do lado esquerdo da médium para ver se também conseguia escutar algo. Não ouviu nada. Os sons tinham sido "desligados". Quando a "médium" viu Mr. Dunn aproximar-se da corneta, empurrou-o suavemente para o lado, indicando que se sentasse. Estendeu então a mão ao presidente, que estava sentado atrás dela, pedindo-lhe que a segurasse, e indicando que este deveria, por sua vez, segurar a mão de Mr. Dunn, o que foi feito. Isto foi claramente uma manobra improvisada, pois colocou o presidente e Mr. Dunn bem afastados dela e da corneta.

O presidente, ao fim de algum tempo, cansou-se deste teatro de "dar as mãos" e mudou de posição, rompendo assim a corrente.

Outro ouvinte subiu ao palco e, mal ouviu alguns sons, tentou iniciar uma espécie de conversa — que, evidentemente, era ininteligível para a audiência. O presidente perguntou-lhe depois se tinha ouvido alguma coisa, e o ouvinte respondeu, num tom baixo, que "foi mau". O presidente anunciou de imediato ao público que o ouvinte dissera "foi mau".

Durante o tempo em que outro ouvinte esteve no palco e aparentemente se ouviu algum tipo de som, Mrs. Murphey-Lydy perguntou: "Conhece alguma 'Mary'?" O ouvinte respondeu que conhecia várias. Quando esse mesmo ouvinte pareceu ouvir outro som, comentou: "Não podias tossir e limpar a voz?" O público riu-se, e a "sessão" do ouvinte foi encerrada prontamente pela "médium". O presidente anunciou que lamentava que as "vozes" não tivessem tido sucesso, e a sessão foi dada por encerrada.

Durante a apresentação de Mrs. Murphey-Lydy, que durou mais de meia hora, vários membros do público abandonaram a sala.

Apesar do fraco espetáculo, um certo número de pessoas mais ingénuas entre o público pareceu ter ficado impressionado.

A inteligência da maioria de um público reunido em massa raramente se manifesta; é por isso que é sempre fácil para o palhaço provocar gargalhadas.

Não havia qualquer aparência de espiritualidade durante a atuação da médium. O efeito produzido foi apenas o aborrecimento de uma exibição materialista e enfadonha.

Mrs. Murphey-Lydy foi deliberadamente fraudulenta durante duas horas em tudo o que fez na sessão privada de 5 de Junho. Tanto a exposição tola de sexta-feira no *British College of Psychic Science* como a apresentação infantil no Queen's Hall, na terça-feira, 9 de Junho, poderiam ser facilmente superadas por qualquer ventríloquo ou ilusionista amador.

Já afirmei nos meus estudos sobre investigação psíquica que nenhum ilusionista profissional conseguiria reproduzir os extraordinários fenómenos mentais que ocorrem em sessões genuínas, mas, no que respeita às tentativas de Mrs. Murphey-Lydy naquela noite, afirmo que o mais medíocre dos ilusionistas de um salão de música de segunda categoria, vestido e disfarçado com roupas tão obviamente artificiais, poderia apresentar um espetáculo mil vezes melhor e dez mil vezes mais divertido. Em brinquedos mecânicos, conseguem-se produzir sons como "mamã", "papá", etc., e dezenas de outros como "Jan-jar", "Mah-hah", "Titia", "Tio", "Janie" e "Johnnie". Mas aquilo que tais manipuladores nunca conseguem produzir são respostas inteligentes a perguntas inteligentes, com a espontânea revelação de nomes, fora do conhecimento do manipulador.

Durante todo o tempo em que o ouvinte aparentemente escutava sons na corneta, Mrs. Murphey-Lydy, que trazia um lenço na mão, passava-o periodicamente de uma mão para a outra quando mudava de posição. Quando se supunha que se ouviam tais sons débeis, podia observar-se a médium a apertar a mão, tal como faz um ilusionista quando está a realizar os seus diversos truques.

CAPÍTULO V
AS IMPOSTURAS DE MISS HAZEL RIDLEY

Guinchos sem sentido — As bizarras palhaçadas da médium — Pura treta — A habitual pesca — Os métodos utilizados — "Murmúrio, murmúrio, murmúrio" — Uma atuação farsante — Banalidades lucrativas.

Segunda-feira, 15 de Junho de 1931.

Nesta data marquei uma sessão com Miss Hazel Ridley, uma médium americana de transe, na morada 5 Smith Square, Londres. Miss Ridley realiza as suas sessões com luz clara mas suavemente difusa.

Alega-se que, na sua forma de mediunidade, obtém as chamadas "vozes independentes" dos comunicantes, e que durante as suas sessões ouve-se uma "voz" a falar independentemente dela.

Os participantes eram: Miss Phyllis Neilson-Terry, Mrs. Austin Harrison, Mrs. Mortimer Bryans, Mrs. Hay, uma senhora francesa e eu próprio.

Estava sentado ao lado da médium, pelo que tive ampla oportunidade de a observar.

A "médium" anunciou que o seu "Guia" era um índio chamado "Grey Wolf". Entrou em transe muito repentinamente. Pessoalmente, não me pareceu estar em transe de todo.

"Grey Wolf" disse "Boa tarde" e depois dirigiu-nos algumas palavras na própria voz de Miss Ridley. Importa salientar que todas as comunicações foram ditas pela boca da "médium". Contudo, a intervalos frequentes, ouvia-se um estranho som sussurrante vindo da zona da boca da médium, ou muito próximo dela.

Durante toda a sessão, a "médium" mantinha as mãos juntas, torcendo-as constantemente. Tinha um lenço nas mãos, que apertava sempre que se ouviam sons estranhos. Outras vezes, quando produzia os assobios peculiares, colocava os dedos da mão direita por baixo da manga esquerda e beliscava algo. Depois, com a mão esquerda, pressionava com firmeza o braço direito.

Os diversos sons emitidos eram supostamente "vozes independentes". Estes "guinchos" eram ridículos e sem significado, mas desejo deixar bem claro que as alegadas "vozes espirituais" que mantinham conversas com os presentes eram produzidas abertamente pela boca da "médium".

As comunicações diziam-se provenientes do verdadeiro espírito comunicante, sussurrando no seu próprio tom; isto é, alegava-se que o espírito tomava controlo da médium. Todas as "vozes", no entanto, falavam com os mesmos tons e sotaques.

O tom utilizado pela médium para "Grey Wolf" era alto e grave.

A sessão, que durou uma hora e quarenta e cinco minutos, foi um disparate do princípio ao fim. Foi utilizado o truque habitual e descarado da "pesca" de nomes típico das médiuns profissionais.

Tomei quinze páginas de apontamentos, e vale apenas a pena apresentar uma breve ilustração dos métodos utilizados.

Embora ao fim de poucos minutos já me fosse evidente o que iria acontecer ao longo da sessão, tive o cuidado de me mostrar simpático e encorajador para com a médium.

Aqui vai uma descrição sumária, tirada dos meus apontamentos:

Médium: Gert — Gertie — Gertrude — quer a Mary.

Mrs. Austin Harrison (cujo nome é Marie, perguntou): Sou eu que queres?

Médium: Sim. (tateando) A mãe está aqui.

Mrs. Harrison (questionando — a sua mãe está viva).

Médium: A mãe da Mary.

Mrs. Harrison não conseguiu identificar a "mãe da Mary", por isso a "médium" tentou outra coisa.

Médium: Gertie.

Perguntámos então com quem é que Gertie queria falar.

Médium: Bastante jovem — quando passou para o outro lado.

Nenhum de nós conseguia associar uma Gertie jovem que tivesse morrido.

Médium: Vou abrir caminho para os outros.

Médium (um ou dois minutos depois) (sussurrando): Elizabeth.

Tentámos descobrir quem era Elizabeth, mas não conseguimos.

Médium (de novo): Elizabeth. Está Huf-huf aqui?

Vários dos presentes perguntaram: "Quem é que queres?"
Mas não conseguimos perceber.

Médium (tentando novamente): Hen-huf.

Participante: É o Henry?

Todos tentámos adivinhar.

H.D.B.: É a Hetty?

Médium (sussurrando): Estás a aproximar-te.

A "médium" continuou então, falando em voz alta como "Grey Wolf":

Médium: Fala — vá lá — fala com eles.

Foram feitas mais tentativas para identificar o nome. Tentou-se depois "Edie". Nenhum de nós conhecia qualquer "Edie".

Médium (como Grey Wolf): Estou a fazer o meu melhor para a ajudar a continuar. Elizabeth — teve cancro e está a ajudá-la.

Médium (mais tarde): O pai está aqui.

Participante: Que pai?

Médium: O pai da Mary.

Participante (senhora francesa): Qual é o nome dele?

Nada resultou. Vários sons foram emitidos e, por fim, a senhora francesa avançou com um nome:

Senhora Francesa: É o Maurice?

Médium (aceitando de imediato): Sim.

Senhora Francesa: Fala comigo em francês.

A "médium" fez algumas tentativas de falar um francês muito mau. A tentativa falhou completamente.

Médium (com o tom habitual de "Grey Wolf"): Sabes quem é este espírito?

Senhora Francesa: Não.

Médium: Conheces algum "Maurice"?

Senhora Francesa: Sim — mas está vivo.

A médium desistiu.

Médium (mais tarde, sussurrando): Anne — Annie.

Dei oportunidade aos outros presentes de reivindicarem a "Annie". Ninguém o fez, por isso continuei (a sessão fora marcada em meu nome):

Médium: Annie.

H.D.B.: Sim.

Médium: Herbert.

Sabendo que a médium devia saber de mim e dos meus familiares, continuei a conversa de forma muito simpática.

H.D.B.: Podes dizer-me, Annie, quando foi a última vez que falei contigo?

Médium: No teu próprio quarto.

H.D.B.: Quem estava lá?

Médium: O George. Em breve vais falar com o Bert novamente.

Tudo isto, naturalmente, é óbvio, tendo em conta as sessões com George Valiantine e "Bert Everett".

H.D.B.: Tens algo para me dizer sobre o George?

Médium: Ele está todo confuso.

H.D.B.: Agora, tens de saber disto. Quero particularmente perguntar-te o que podes dizer sobre as impressões.

Médium: Continua com as impressões.

Isto foi particularmente engraçado, como será visto nos capítulos seguintes deste livro, com incidentes ocorridos antes desta sessão.

H.D.B.: Por favor, tenta dar-me um pouco mais de informação. É bastante importante.

A médium não respondeu.

H.D.B.: Podes dizer-me o que querias dizer quando disseste: "Tem cuidado"?

Médium: Estava a referir-me às tuas próprias sessões.

Um palpite óbvio e completo disparate.

H.D.B.: Não. Isso não está certo. Não acho que te estivesses a referir a isso.

Médium: Estava a referir-me à carta.

H.D.B.: Não. Lamento, mas não creio.

Médium: Queres dizer o pergaminho?

H.D.B.: Lamento muito, mas não sei nada sobre nenhum pergaminho.

Médium: Anota — vais perceber mais tarde.

E assim terminou essa parte.

Médium (ainda sussurrando como "Annie"): Tenho de ir agora. Vou tentar passar outra pessoa.

A médium então baralhou-se com alguns sons e pareceu apanhar algo que soava a "Ellen".

Miss Neilson-Terry: É para mim?

Médium (atirando ao acaso): Não.

Ninguém mais reivindicou "Ellen" e a médium tentou outros nomes. Deve lembrar-se que, o tempo todo, estas vozes eram supostamente espíritos a controlar a médium e a falar através dos seus órgãos.

Como esta sessão foi marcada em meu nome, a "médium", naturalmente, não conhecia nenhum dos outros presentes. De facto, nem sequer os convidei antes do último momento.

A sessão continuava penosamente.

Médium: Quero saber se o Humph-humph está aqui.

Todos perguntaram "Quem?" cinco ou seis vezes, mas não conseguimos perceber o nome. Depois:

Vários Presentes: Quem é que queres?

Médium: Não me conseguem ouvir?

H.D.B. (em tom beatífico): Sim. Ouvimo-la claramente. Ouvimo-la dizer "Quero saber se o Humph-humph está aqui". Mas não conseguimos perceber quem é o "Humph-humph". Se consegue dizer "Quero saber" tão claramente, porque não consegue pronunciar o nome?

Eventualmente, chegámos a "Hunk-ble".

Isto provocou uma reação de um dos presentes:

Participante: É o tio Bill?

Médium: Sim. (E depois pronunciou claramente:)

Foi espantoso como o "Tio Bill" falava com tanta clareza depois de ser reconhecido.

Médium: Tio Bill. Como estás?

A participante que reivindicou o tio Bill não tinha grande intimidade com ele, e a conversa esmoreceu.

Médium (como "Tio Bill"): Há outros aqui.

A participante perguntou se o "Tio Bill" tinha alguma mensagem específica para dar, e ele respondeu: "Porque não desenvolves as tuas próprias ideias?"

Perguntou-se ao "Tio Bill" quando é que ele tinha morrido. Infelizmente, ele não se preocupava com essas minudências.

A pesca continuou.

A Mrs. Hay, fez-se referência a "Peter". Essas referências não eram pertinentes. A mensagem para ele era que estava sempre a continuar e continuar com o seu trabalho.

Médium (falando como um suposto espírito): Como vai o Hen-hap?

Todos perguntámos "Quem?" e alguns sugeriram nomes.

A "médium", depois de lhe terem sido dados vários nomes, disse com grande desenvoltura: "Não me digam nomes."

No entanto, uma das presentes deu o nome "Denny".

A cada nome sugerido por um participante, a "médium" soltava uma gargalhada: "Ha — ha — ha."

Disse-nos que o "espírito" não podia falar até que o nome fosse dado.

Médium (falando, naturalmente, como "Denny"): Agora sinto-me melhor.

Participante: Quando é que passaste para o outro lado?

"Denny" não sabia. Infelizmente, a morte é tão insignificante que o "passar para o outro lado" é esquecido pelos "espíritos" tão rapidamente como se engole um cocktail.

Médium: É tão difícil lembrar datas. Passei com complicações. Foi há muito tempo?

Participante: Não.

Médium: Parece que sim.

(Eu próprio, H.D.B., espero sinceramente vir a "passar com complicações". Parece uma transição tão fácil e indefinida.)

Outro alegado espírito, falando através da boca da médium, falou sobre um anel. Ninguém sabia de nada sobre um anel. Depois, o "espírito" falou sobre um brinco. Nenhum de nós sabia nada sobre brincos.

A médium tentou então falar com Mrs. Mortimer Bryans. Acabámos por chegar ao nome "George". Infelizmente, Mrs. Bryans não conseguiu identificar nenhum George.

Médium: Tio George.

Mrs. Bryans (que é uma participante muito experiente): É do lado da minha mãe ou do meu pai?

Médium: Huf-huf.

Mrs. Bryans: Podes dizer o nome completo?

Médium: George Huf-huf.

Mrs. Bryans: Não percebo bem. Talvez seja o meu tio-avô.

Médium (agarrando a deixa rapidamente): Vive algures no sudoeste.

Mrs. Bryans: Não o conheço muito bem.

Isto falhou.

Médium (com voz grave e sonora): Dr. Gaylord — sou um dos "Guias" da médium.

H.D.B. (muito cordialmente): És do século XVIII?

Médium: Passei para o outro lado há sessenta e sete anos.

Isto era perfeitamente seguro. Este "espírito" tinha uma memória magnífica para datas. Infelizmente, apesar de ser, de longe, o mais velho do grupo, nem eu me recordava de nenhum Gaylord da era vitoriana.

Durante todo o tempo em que estas "entidades" — ou talvez se deva dizer "não-entidades" — sussurravam, a "médium" estava constantemente a bater nos braços, apertar as mãos e a mexer no corpo.

A "médium" trouxe então um "John". Nada aconteceu. Depois, "Tio John". "Talvez do lado da mãe."

Mrs. Harrison disse que podia aceitar um "Tio John". A "médium" tentou a sua sorte e Mrs. Harrison acabou por dar o nome "Medore".

Médium: Diz à Medore que a quero. O papá está aqui. A tia Mary também está.

Nada resultou disto. Mrs. Bryans foi então novamente interpelada.

Todos perguntámos com quem é que a "voz" queria falar. Acabou por se chegar a algo como "Sarah".

Mrs. Bryans: É homem ou mulher?

Médium: Uma senhora.

Mrs. Bryans: O nome é Clara?

Médium: É esse o teu nome?

Mrs. Bryans: Não.

Médium: É a avó?

Mrs. Bryans: Pode ser a minha avó, mas se for, pode dizer o nome?

A médium não sabia.

Fez-se outra tentativa.

Médium: Nebby quer falar.

Todos os Presentes: Quem?

Médium: Nobby quer falar contigo.

H.D.B.: É o Nifty que quer falar connosco?

Médium (como "Grey Wolf"): Queremos descobrir. Estamos a tentar obter o nome.

Eventualmente chegámos a "Emmy".

Mrs. Bryans por acaso conhecia uma Emmie, de forma casual.

Mrs. Bryans: O que quer a Emmie dizer?

Médium: O que fizeste com o quadro?

Isto não significou nada para ninguém.

Depois disto, a "médium" começou a enfiar os dedos pela manga acima, e sempre que o fazia produzia sons cómicos, mas acabou por se conter quando deu umas palmadinhas carinhosas no braço direito.

Mrs. Austin Harrison tinha dado o nome "Medore", por isso, mais tarde, uma voz surgiu a sussurrar "Medore".

Julgo necessário aqui intercalar que o falecido Austin Harrison foi um dos meus melhores amigos. Um excelente escritor e fundador da *English Review*. Marie Harrison está agora genuinamente interessada no estudo psíquico. É uma mulher muito inteligente, e estudou o tema com sinceridade e cuidado. Não é de forma alguma céptica, uma vez que já recebeu certas provas claras e inequívocas. Naturalmente, deseja que a evidência seja voluntária. Com razão, evita sempre o erro fatal de dar pistas.

Uma das "vozes" sussurrantes, após várias tentativas, acabou por chegar a "Ren". Mrs. Harrison, sentada ao meu lado, comentou em voz audível: "Ren era irmão do Austin." A "médium" continuou a falar e disse, quando o nome "Medore" foi mencionado, que "Medore" estava presente. Isso não teve qualquer resposta, por isso disse:

Médium: Osten está aqui — Osten.

Mrs. Harrison saberia, claro, como obter boas provas vindas de Austin. Eu também. Mas infelizmente, depois de a "médium" ter anunciado "Osten está aqui", não fez mais qualquer comentário.

O nome "Austin" foi retirado da observação feita por Mrs. Harrison, "Ren era irmão do Austin".

"Osten" desapareceu. Foi bastante pouco considerado da parte de "Osten", pois a única pessoa com quem "Austin" mais gostaria de comunicar seria Marie.

Médium (sussurrando): Onnie.

Senhora Francesa: Sim.

Médium (tentando francês): Annie — Onri, Ondrey.

Senhora Francesa: André?

Este nome, dito rapidamente com sotaque francês, pode muito bem ter soado à "médium" como qualquer um dos três nomes sugeridos por ela.

Médium: Leon — Leon.

Senhora Francesa (com sotaque francês): Quer dizer Lyons?

Médium: Sim — a água.

Nada se tirou da referência à água.

Médium: Ela diz...

Senhora Francesa: Ela diz?

Médium: Mumble — mumble — mumble.

Senhora Francesa: O que é que ela diz?

Médium: Ela diz: "Mumble, mumble, mumble." Não ouves o que ela diz?

Senhora Francesa: Não, não ouço. André é um "ele".

H.D.B. (para a médium): Julguei ter ouvido dizer "ela".

Médium: Não — não.

"Grey Wolf", então, com muita determinação, disse "ele".

Ignorei o pequeno detalhe do sexo e a conversa prosseguiu.

Médium: Há um château.

Phyllis Neilson-Terry (a ajudar): Eles sentam-se lá?

Médium: André diz: "Está bem, continua."

Senhora Francesa: O que fazem em Lyon?

Médium: Dançam.

Senhora Francesa: Está certo. Podes dizer-me mais alguma coisa?

Médium: Sim. Diz "Odeon".

Senhora Francesa: Acho que sei. Queres dizer Grodian?

Médium: Sim — Grodian — o "espírito" diz "So hampy".

A senhora francesa disse que a coisa se aproximava do nome quando foi sugerido "Odeon", mas não sabia se quem falava era "Claudian" ou não.

Médium: Phyllis.

Phyllis Neilson-Terry: Sim.

A médium, depois de alguns sons que sugeriam "Ellen".

Phyllis Neilson-Terry: É a Ellen?

Isto pareceu ligeiramente promissor, por causa da sua relação com Ellen Terry. Com exceção de mim, os restantes presentes eram anónimos, e a médium pode não ter conhecido Miss Neilson-Terry.

Médium: Sim.

Phyllis Neilson-Terry: É um parente?

Médium: Não, não é parente. Ellen — Helen — Helen.

Phyllis Neilson-Terry: Helen?

Médium: Sim. Não é da família.

Phyllis Neilson-Terry: Pode dizer-me o apelido?

Médium: Helen (tentando adivinhar) Bradding — Brudding — Brooding.

H.D.B. (num esforço gentil para ajudar): É Helen Breeding?

Médium: Está mais perto disso.

Depois disso, o "espírito" disse "Adeus", e "Grey Wolf" declarou que a energia se estava a esgotar e a sessão foi encerrada.

A médium saiu do transe com notável rapidez. Perguntei-lhe quantas sessões era capaz de fazer num só dia, e ela disse-me, com ingenuidade, que

antes desta sessão, marcada para as três da tarde, já tinha realizado três outras, com participantes individuais, com cerca de 45 minutos cada.

Paguei quatro guinéus pelo meu entretenimento da tarde. As chamadas "comunicações" foram completamente ridículas.

Estas "médiuns" americanas, com a rapidez própria do seu povo, não perdem tempo. Nesta ocasião, paguei quatro guinéus, e os honorários cobrados por Miss Ridley pelas sessões anteriores nesse mesmo dia deviam, no mínimo, somar mais três guinéus. Assim, os ganhos semanais derivados destas banalidades pescadas dariam uma quantia bastante considerável.

Miss Hazel Ridley foi descrita, em certos periódicos psíquicos e por alguns participantes ignorantes, como uma "médium de voz direta". Não é nada disso. Em mediunidade de "voz direta" ou "voz independente", a voz emana completamente fora e afastada da médium, e nunca pelos seus órgãos vocais. Ao falsamente intitular-se "médium de voz direta" — uma forma de mediunidade relativamente rara — Miss Ridley consegue cobrar honorários mais elevados aos crédulos do que conseguiria se se apresentasse como médium clarividente.

Quanto aos ridículos "guinchos" e aos inúteis "ruídos" emitidos ocasionalmente da região do pescoço e peito, qualquer criança seria capaz de os reproduzir. O que pretendiam significar só Deus e Miss Ridley saberão. Um ruído espontâneo de estômago seria igualmente inteligente — e talvez mais divertido.

Os poucos relatos publicados das suas sessões que li são tão vagos e carentes de evidência que não conseguem impressionar minimamente uma mente científica. Se Miss Ridley possui qualquer traço de poder mediúnico, não sei, mas posso afirmar com certeza que, na tarde em que estive com ela, não se manifestou qualquer poder genuíno. A única "habilidade" que demonstrou foi uma agilidade em apanhar pistas, mas sempre que foram feitas perguntas com valor evidencial por qualquer um dos participantes do grupo que convidei, a "médium", ou o "guia", ou os supostos "espíritos" — como se quiser chamar — mentiram descaradamente nas respostas.

Pode ser que vivamos num mundo de tolos, mas seria aterrador contemplar uma existência eterna rodeado de tolos desencarnados.

LIVRO V
A ÚLTIMA VISITA DE VALIANTINE, 1931

CAPÍTULO I

Valiantine visita o Sr. X — O acordo prévio — A mentalidade de Valiantine — A sua origem — O seu carácter — Inícios — Pouco habituado ao luxo — Os seus acordos financeiros — Visitas anteriores — Fama crescente — Grandes ofertas — Um patrono generoso — Crescente vaidade — "Um milhão de libras" — Mrs. Valiantine — Honorários exorbitantes — Tratado como príncipe — Efeitos da bajulação e do luxo — Acordos com o Dr. Vivian — As cartas analfabetas de Valiantine — Comportamento altivo — Experiências com impressões digitais — Compra antecipada da passagem — Redução das sessões — Levantamento do cheque do Dr. Vivian — Sessões de 1925 para impressões digitais — Impressões obtidas — Valiantine no auge dos seus poderes mediúnicos.

I

George Valiantine fez a sua última — e provavelmente definitiva — visita a Inglaterra em 1931.

Chegou a Southampton a 19 de Janeiro e foi recebido por um cavalheiro a quem considero apropriado referir-me ao longo deste relato apenas como Sr. X.

Estava previamente combinado que Valiantine passaria um mês na casa de campo do Sr. X e que depois viria para junto de mim em Dorincourt por um curto período, durante o qual teria lugar uma série de sessões com um propósito específico, após o qual realizaria uma nova série de sessões com o Dr. Vivian.

Antes de abordar os acordos estabelecidos, é essencial que refira certos aspetos do desenvolvimento da mentalidade de Valiantine.

Nos meus registos, tenho por norma subestimar os fenómenos extraordinários ocorridos sob a sua mediunidade.

Com a experiência intensa de oito anos de estudo, os diversos fenómenos registados tendem a provar que ele é — ou foi — um dos maiores médiuns do mundo. Quando o conheci, era um homem simples e bondoso. Extremamente modesto e reservado no trato, conduzia um pequeno negócio de afiamento de navalhas numa cidade americana de província.

Mais tarde, os seus poderes mediúnicos trouxeram-lhe considerável fama e, embora não cobrasse oficialmente pelos seus serviços, recebia habitualmente generosos donativos, ao ponto de abandonar o seu negócio e passar a depender desses donativos para o seu sustento. Assim, acabou por se tornar um médium profissional.

Conhecendo Valiantine tão bem ao longo dos últimos oito anos, observei o seu carácter e mentalidade mudarem gradualmente. Nunca estivera habituado a lidar com grandes quantidades de dinheiro, nem aos luxos que este proporciona, e o homem simples e espontâneo foi-se tornando, aos poucos, vaidoso e arrogante. O dinheiro tende a corromper, e corrompe sobretudo aqueles que não estão habituados a ele muito mais do que os que nasceram com ele.

Nas visitas que fez a Inglaterra sob minha responsabilidade direta, cuidei sempre da parte financeira por ele.

Nunca pediu quantia específica. Sempre se contentou em deixar isso ao meu critério, sabendo que sempre o tratei com justiça.

A sua primeira visita a Londres foi organizada por mim, em colaboração com Mr. Joseph De Wyckoff. Foi em 1924, quando Valiantine era ainda um homem relativamente pobre. Ficou maravilhado com a sua primeira viagem num paquete atlântico e encantado com a recepção que teve neste país.

Mr. De Wyckoff e eu dividimos as suas despesas de viagem, que rondaram as £150, e foi meu hóspede durante toda a sua estadia de cinco semanas, de 1 de Fevereiro a 5 de Março de 1924. Durante esse período teve lugar uma série de sessões excecionalmente bem-sucedidas e, uma vez mais em conjunto com Mr. De Wyckoff, oferecemos-lhe £75 pelos seus serviços, valor que ele considerou, na altura, mais do que justo.

Nas visitas subsequentes, paguei as suas despesas ao vir para este país, enviando-lhe um cheque com o valor da viagem de regresso e outras despesas. Viajava sempre num dos melhores e mais luxuosos paquetes atlânticos e, além das despesas, como então já levava um estilo de vida mais extravagante, oferecíamos-lhe cerca de £200.

À medida que se tornava mais famoso, quando vinha a este país costumava ficar comigo em Dorincourt, embora recebesse muitas propostas tentadoras para actuar noutros locais. Um homem que conheço pessoalmente ofereceu-lhe £300 por seis sessões. Não permiti que Valiantine aceitasse tal proposta, pois abominava a ideia de colocar a mediunidade numa base comercial explícita.

Na última ocasião em que veio a este país, antes da visita de 1931, Valiantine trouxe consigo a sua esposa e parecia claramente mudado na sua visão da vida. Entretanto, tinha recebido grandes somas de dinheiro de patronos abastados.

Nesta ocasião, não lhe enviei um cheque para a viagem, pois ficaria comigo apenas por alguns dias. Não estava a organizar uma série de sessões em Dorincourt e sabia que seria tratado de forma excepcionalmente generosa por Mr. X, com quem tinha combinado passar cerca de um mês. As minhas despesas relacionadas com visitas anteriores tinham sido tão elevadas que não tinha qualquer intenção de contribuir financeiramente desta vez. No entanto, Valiantine parecia dar por garantido que o faria. A sua atitude pareceu-me mais endurecida e materialista. Falava de forma algo vaidosa, e tinha, claramente, ideias muito definidas quanto ao valor monetário dos seus serviços. Comentou-me casualmente que algumas pessoas pagariam um milhão de libras por tais privilégios. Aparentemente, ignorava o facto de que as traduções dos meus livros sobre fenómenos psíquicos, publicados em vários países europeus, foram largamente responsáveis pela sua fama internacional.

Era profundamente devotado à sua esposa — uma mulher alguns anos mais nova — e, quando visitaram juntos Inglaterra, dispensou-lhe todos os cuidados e atenções. Ela trouxe consigo muito mais roupa do que a maioria das mulheres costuma levar em viagem, muitas das quais nunca chegou a usar, e regressou com ainda mais. Calculava-se que tivesse um guarda-roupa digno de uma socialite. A devoção de Valiantine à sua esposa é digna de

apreço, e, nessa altura, tinha certamente meios para satisfazer os seus desejos.

Disse-me que, por quatro semanas de serviços mediúnicos na casa de Mr. X, recebera a quantia de £1.500, além das despesas de viagem de ida e volta — que somaram mais algumas centenas.

O recebimento de tais honorários, ultrapassando as £400 por semana, conferiu-lhe, creio, uma noção exagerada da sua própria importância.

Durante a estadia com Mr. X, era mimado e tratado como um Príncipe Real. Se se sentava numa cadeira, havia sempre um criado pronto a colocar-lhe um apoio para os pés e almofadas atrás da cabeça.

Não há dúvida de que a rápida acumulação de dinheiro não teve um efeito benéfico sobre o carácter de Valiantine. Penso que, como homem, isso o arruinou.

Nos últimos anos, por onde quer que passasse, era frequentemente alvo da atenção e bajulação normalmente reservadas a um grande artista ou génio.

II

Em Setembro de 1930, a Dra. Vivian, uma médica com bastante experiência em investigação psíquica, escreveu-me perguntando se Valiantine poderia ser persuadido a visitar Inglaterra. A Dra. Vivian afirmou desejar realizar uma curta série de cerca de doze sessões, com um círculo pequeno e restrito, composto principalmente por médicos interessados em estudar fenómenos psíquicos. Garantiu-me que o seu círculo seria agradável e harmonioso e que Valiantine seria tratado com todo o conforto durante a quinzena de estadia. Ofereceu-se para pagar a Valiantine a quantia de £200 pelos seus serviços.

Como eu próprio desejava realizar uma breve série de sessões com Valiantine, escrevi-lhe para a sua residência em Williamsport, EUA, e informei-o da proposta da Dra. Vivian. Não mencionei qualquer valor que eu próprio pudesse pagar-lhe pelos serviços, uma vez que nunca antes o tinha feito. Ele estava, no entanto, suficientemente familiarizado com a forma como sempre o tratei para saber que seria bem acolhido.

Valiantine respondeu-me numa carta datada de 21 de Setembro, dizendo:

"Se conseguir um acordo com 'Mr. X', terei todo o gosto em ir. Informe-me, por favor, da quantidade de tempo que deseja, e também a Dra. Vivian, para que eu possa dizer ao 'Mr. X' quanto tempo ele poderá ter. Se não conseguir fazer qualquer acordo com o 'Mr. X', não valerá a pena ir por £200 se tiver de pagar as minhas despesas. Janeiro ou Fevereiro estão bem. Irei sozinho, pois a Bess tem de ficar em casa — o pai está doente.

Com os meus cumprimentos a si e à família.

Muito sinceramente,

(Assinado) George."

Cito esta carta exatamente como foi escrita, porque ao longo dos últimos oito anos recebi inúmeras cartas de Valiantine, todas redigidas de forma bastante analfabeta. Contêm muitas palavras mal soletradas e frases gramaticalmente incorretas. Não menciono este facto contra Valiantine — ele é pouco instruído e relativamente analfabeto. Isso sei não apenas pelas cartas, mas pelo convívio pessoal e próximo ao longo de um período prolongado. Sublinho isto com cuidado — e é confirmado por todos os que o conheceram — porque durante as inúmeras sessões sob a sua mediunidade, foram dadas comunicações de elevado nível de conhecimento e cultura, em linguagem perfeitamente articulada.

Quando recebi a carta de Valiantine, dizendo que não valeria a pena vir por £200, sabendo ele, como sabia, que eu provavelmente pagaria as suas despesas, fiquei algo surpreendido. Deliberadamente, evitei fazer-lhe uma oferta monetária direta e, entre outras coisas, disse-lhe numa carta posterior:

"As passagens nos grandes paquetes são muito caras, mas muitos dos meus amigos pessoais têm viajado em excelentes navios, com bom nível de conforto, por £30. Assim, a tua viagem e despesas (já que estarás alojado comigo em Dorincourt e com a Dra. Vivian em Hampshire) não ultrapassariam as £80. Isso deixaria um lucro líquido de £120."

Acrescentei ainda:

"Penso que não deves considerar se vale a pena vir por £200, mas sim se, tendo em conta tudo o que foi feito por ti no passado, não deverias fazer este sacrifício do teu tempo."

Valiantine sabia que, se viesse a Inglaterra nesses termos, eu certamente o ajudaria, como fiz noutras ocasiões, e que regressaria à América com um lucro líquido de pelo menos £200 pela sua curta estadia.

Contudo, nessa altura, já tinha adquirido gostos e expectativas extravagantes, e para ele £200 representariam provavelmente uma quantia insignificante. Em termos objetivos, isso equivalia a cerca de £60 por semana pelos seus serviços, mas ele não considerava esse tipo de cálculo relevante.

Valiantine escreveu-me a 14 de Outubro de 1930, nos seguintes termos (cito novamente textualmente):

"Recebi resposta do Mr. X e ele quer que eu vá em Janeiro durante um mês, por isso dou-lhe o primeiro mês à chegada, que começará a 18 de Janeiro. Não posso sair daqui antes de 11 de Janeiro. Vou a Londres ver-te alguns dias depois de chegar... Depois de sair do 'Mr. X' vou ter contigo e falamos das coisas. Posso ir à 'Dra. Vivian' depois de estar contigo. Espero que isto esteja bem para ti."

Deve notar-se que Valiantine, tendo acordado visitar "Mr. X", sentia-se perfeitamente seguro quanto ao lado financeiro, sabendo que receberia, provavelmente, uma soma avultada. Se não tivesse conseguido esse acordo, certamente não consideraria sequer vir a Dorincourt ou visitar a Dra. Vivian.

Depois da carta de Outubro, não recebi mais nenhuma notícia de Valiantine até à sua chegada a Inglaterra, embora lhe tivesse escrito a 18 de Dezembro, esperando naturalmente que confirmasse as datas. A nota que então recebi foi curta e seca, dizendo:

"20 de Janeiro de 1931.
Só uma linha para te dizer que já cheguei.
O Mr. X e eu vamos a Londres no próximo sábado e ficamos lá até segunda.
Vejo-te então."

Apesar da brevidade abrupta da nota, respondi-lhe com uma carta extremamente simpática, dizendo:

"Se for compatível com os planos do Mr. X, venham ambos almoçar ou jantar a Dorincourt — no dia que vos for mais conveniente."

Recebi outra curta nota:

"Estarei em Londres no sábado e almoçarei contigo.
Não creio que o Mr. X vá, pois tem negócios importantes."

Na manhã de sábado, telefonou-me de Londres, dizendo que esperava almoçar comigo lá. Disse-lhe que tinha trabalho em Dorincourt de que não podia ausentar-me, e tive de enviar o meu carro a Londres para o ir buscar.

Quando chegou, perguntei-lhe quanto tempo poderia ficar comigo depois de sair da casa do Mr. X, e combinámos que permaneceria comigo pelo menos duas semanas.

Cerca de seis meses antes, tinha-lhe escrito uma carta dizendo que, na sua próxima visita a Dorincourt, queria experimentar ver se seria possível obter algumas impressões digitais, especialmente porque, sob a sua mediunidade, já havíamos anteriormente obtido impressões supernormais em duas sessões.

Também lhe disse que, durante o último ano, quatro homens famosos que conhecia tinham falecido, três dos quais eram amigos pessoais muito próximos. Mencionei que estávamos a preparar seis sessões noturnas especialmente dedicadas a estas experiências, e que achava aconselhável manter o círculo de participantes exatamente igual em todas. Acrescentei que as impressões digitais originais, da mão direita e esquerda, desses quatro homens estavam, felizmente, na posse de Mr. Noel Jaquin. Disse-lhe ainda que, se conseguíssemos obter novas impressões e estas correspondessem favoravelmente às originais, isso teria um valor científico incalculável.

Tendo em vista essas experiências, e mais uma ou duas sessões pessoais que desejava realizar, disse-lhe que o período mínimo necessário seria de, pelo menos, quinze dias. Ele concordou.

Embora Valiantine se mostrasse muito afável comigo, transmitia de algum modo a impressão de que estava tão confortável e satisfeito em casa de Mr. X que não sentia particular desejo de se deslocar a outro lugar. Notei que, se passasse duas semanas comigo, a série de sessões com a Dra. Vivian ocuparia mais três semanas. Foi então que proferiu uma observação que não me agradou: disse que lamentava ter concordado em fazer a série com a Dra. Vivian, insinuando que os £200 que ela lhe oferecera mal justificavam o esforço.

No entanto, quando se despediu de mim, ficou definitivamente combinado que viria para Dorincourt no dia 19 de Fevereiro, para ficar cerca de duas semanas, e que depois seguiria para casa da Dra. Vivian. Disse-me ainda que, após isso, voltaria a passar um ou dois dias com Mr. X antes de embarcar em Southampton.

Estava claramente definido que o tempo mínimo necessário para cumprir os compromissos com a Dra. Vivian e comigo seria de cinco semanas.

Duas semanas após o almoço comigo, Valiantine foi de carro até Hampshire para visitar a Dra. Vivian. Foi a primeira vez que a conheceu pessoalmente. Disse-lhe que viria ter comigo a 19 de Fevereiro para ficar duas semanas, e que tinha já reservado o seu regresso à América para 18 de Março.

A Dra. Vivian escreveu-me de imediato, bastante surpreendida com a decisão de Valiantine. Disse que ele lhe parecera muito displicente no trato e que estava claramente determinado a partir nessa data específica, alegando que queria regressar à esposa. Contou-me que isso era extremamente incómodo, pois já tinha organizado doze sessões com os colegas médicos, que agora não poderiam realizar-se por falta de tempo. A carta dela prosseguia:

"Quanto ao aspeto financeiro. Perguntei ao Sr. Valiantine quanto deveria pagar-lhe, pensando que, talvez, como só irá realizar seis ou sete sessões em vez de doze, ele dissesse que, nas circunstâncias, se contentaria com £150. Mas disse que deixava isso ao meu critério, e senti-me obrigada a cumprir a promessa, embora admita que fiquei desiludida. É uma quantia significativa para mim, e ansiava muito por estas sessões; vê-las repentinamente encurtadas é dececionante, sobretudo considerando que a única razão que o Sr. Valiantine apresenta é o desejo de não desiludir a sua esposa. Contudo, ainda espero que o senhor consiga convencê-lo a adiar o regresso por mais uma ou duas semanas."

A Dra. Vivian informou-me também que tinha entregue a Valiantine um cheque no valor de £200, o qual foi posteriormente levantado. Na altura, achei imprudente da parte dela pagar-lhe antecipadamente, sobretudo sabendo que ele parecia decidido a reduzir a duração das sessões.

Ao receber a carta da Dra. Vivian, escrevi de imediato a Valiantine, dizendo:

"Fiquei muito surpreendido ao receber esta manhã uma carta da Dra. Vivian a informar que foste visitá-la e lhe disseste que querias regressar a 18 de Março. Estava claramente combinado que lhe darias doze sessões, pelas quais ela te pagaria £200."

Expliquei-lhe que seria impossível cumprir esse compromisso com a Dra. Vivian e, ao mesmo tempo, conceder-me a quinzena necessária para as minhas experiências. Acrescentei na carta:

"Sabias, muito antes de viajares, exatamente quais os planos que tinha feito. Por isso, cabia-te a ti calcular quanto tempo passarias em Inglaterra connosco.

Quando me informaste da data a partir da qual estarias disponível, fiz os meus preparativos em conformidade, e é-me absolutamente impossível alterá-los. Deves compreender que, na melhor das hipóteses, só poderemos concluir tudo o que foi acordado por volta de 25 de Março."

Disse a Valiantine que a Dra. Vivian teria de ter as doze sessões, pois contava com isso há muito tempo e já lhe tinha pago £200. Ele respondeu:

"Terás a tua quinzena. A Dra. Vivian também terá as sessões que lhe cabem. Ela sabe quantas espera ter, por isso não te preocupes com essa parte."

Apesar dessa garantia, como viria a saber mais tarde, Valiantine reservou o bilhete de regresso para 18 de Março antes de vir para Dorincourt. Estava evidentemente determinado a voltar à América nessa data, e nada o faria mudar de ideias.

Trato aqui de todos estes preparativos iniciais porque, por mais banais que pareçam, têm um interesse psicológico considerável, à luz do que aconteceu posteriormente.

Valiantine chegou a Dorincourt na tarde de sexta-feira, 19 de Fevereiro. É necessário referir especificamente o objetivo da série de experiências que eu pretendia realizar com a sua colaboração mediúnica.

Quando Valiantine esteve em Inglaterra em 1925, ao discutir com Mr. Noel Jaquin os fenómenos das mãos materializadas — que ocasionalmente tocam os participantes durante sessões espíritas — sugeriu que, se essas mãos

tocassem os assistentes, poderiam ser colocadas sobre papel esfumaçado para obter uma impressão.

Mr. Jaquin preparou duas folhas de papel esfumaçado, pregou-as numa caixa, e perguntou-me se gostaria de experimentar colocá-la no círculo numa das sessões.

A primeira experiência teve lugar a 18 de Abril de 1925, com a presença apenas de Mrs. Bradley, Valiantine e eu. No final da sessão, quando se acenderam as luzes, descobriu-se que, numa das folhas, havia a impressão de uma mão com quatro dedos e parte do polegar. Na outra, a impressão das patas de um pássaro. Estas duas impressões (cuja reprodução aparece no meu livro *A Sabedoria dos Deuses*) nunca foram explicadas cientificamente. Foram analisadas por vários peritos, e até hoje ninguém conseguiu determinar como poderiam ter sido produzidas por meios normais.

No relatório de Mr. Noel Jaquin, lê-se:

"Na terça-feira, 21 de Abril de 1925, fui a Dorincourt examinar as impressões. Tirei então impressões das mãos do Sr. e da Sra. Bradley e de Valiantine, mas não havia qualquer semelhança entre estas e a mão espiritual. Nas duas impressões obtidas, houve um ponto desconcertante. A impressão da mão humana estava perfeitamente clara, mas desprovida de linhas — nem mesmo os sulcos da pele estavam marcados —, enquanto que nas patas do pássaro eram visíveis as marcas celulares da epiderme. Estas formações celulares, tanto em tamanho como em forma, correspondem às de um pássaro pequeno. Além disso, as marcas das garras estavam nitidamente definidas."

Mais tarde, nessa mesma noite, realizou-se uma curta sessão, com a presença de Mr. Jaquin, Mrs. Bradley, eu e Valiantine.

Foi a primeira vez que Mr. Jaquin participou numa sessão com Valiantine.

A "voz" do "Dr. Barnett" manifestou-se e discutiu longamente as impressões com Mr. Jaquin. Este afirma:

"Fiz então uma ou duas perguntas sobre as impressões, e o Dr. Barnett respondeu com grande clareza e precisão. Algumas das perguntas e respostas foram bastante complexas e científicas, e não creio que alguém

sem sólidos conhecimentos científicos pudesse ter respondido da forma como ele respondeu. Explicou que a primeira impressão, a da mão humana, era uma mão ectoplásmica, ou seja, uma mão revestida ou formada de ectoplasma, enquanto que as impressões das patas do pássaro foram feitas por um pássaro verdadeiramente materializado, mantido coeso por forças ectoplásmicas.

Em resposta a uma pergunta sobre as linhas na impressão da mão, explicou que, na base do polegar, aquelas não eram linhas nervosas, mas sim marcas naturais provocadas pela articulação do polegar ao dobrar o ectoplasma. Este era um pormenor que eu próprio observara ao examinar inicialmente as impressões, e sabia que a explicação estava correta."

Combinámos então fazer uma nova experiência na quinta-feira seguinte, 23 de Abril de 1925.

Nessa sessão, além de Mr. Jaquin, Mrs. Bradley, Valiantine e eu, estiveram também presentes Mr. e Mrs. Charles Sykes.

Durante essa sessão, além de manifestações vocais notáveis — nas quais surgiram comunicações voluntárias com valor indiciário — foram obtidas mais duas impressões: uma era a assinatura de O. B. Everett, que não tinha valor, e a outra era a delicada impressão de uma borboleta.

No que respeita à impressão da borboleta, ainda não foi apresentada qualquer explicação científica quanto à forma como poderia ter sido obtida por meios normais.

O Sr. Charles Sykes é um dos mais reputados escultores de Inglaterra, e também um excelente pintor. Muitas das suas obras foram expostas no Salão de Paris e também na Royal Academy. O Sr. Sykes, enquanto escultor e pintor, seria naturalmente a melhor pessoa para avaliar criticamente a produção desta borboleta. (Reproduções destas impressões encontram-se em *A Sabedoria dos Deuses*.)

Segue-se um excerto do relatório do Sr. Sykes:

"Quando a sala foi novamente iluminada, depararam-se-nos surpresas nas três folhas de papel colocadas no centro do nosso círculo. Numa estava inscrita uma assinatura de grandes dimensões, noutra via-se uma forma nebulosa, e na terceira, a impressão nítida de uma borboleta que

aparentemente fora pressionada com as costas voltadas para baixo, medindo quase dois polegadas de uma ponta à outra das asas abertas.

"A impressão desta borboleta denota uma certa malícia (não fraude; está demasiado bem definida para isso). É uma realização em dois extremos, visível por um lado na delicadeza com que a superfície esfumaçada do papel foi perturbada pela textura suavíssima das asas, e, por outro, pela força relativamente grande expressa em várias marcas vincadas nos cantos das asas, nos dois olhos e nas antenas, que se tornam claramente visíveis ao segurar o verso do papel firmemente e observá-lo contra a luz.

"Alguém perguntou se seria possível desenhá-la tão bem à mão. À luz do dia, talvez fosse possível copiá-la, laboriosamente, como numa litografia, mas inventá-la — bem, é demasiado precisa.

"Foi sugerido que um carimbo de borracha poderia produzir um efeito semelhante. Um carimbo de borracha não seria suficientemente delicado. Também foi sugerido que poderia ter sido feito com um modelo metálico de borboleta — mas onde ficaria a impressão aveludada da superfície das asas?

"Deve mencionar-se ainda que há um claro arrastamento, visível sobretudo nas extremidades serrilhadas das partes inferiores das asas, e um arrastamento muito ligeiro nos ombros e nas margens superiores das asas superiores, embora tudo permaneça estável na zona do corpo, dos olhos e das antenas.

"É difícil determinar se este arrastamento foi causado no momento de imprimir ou ao retirar, ou ainda por um ligeiro tremular das asas.

"A folha de papel onde apareceu a borboleta fora colocada sobre o tapete macio, sob um banco de couro com travessas cruzadas entre as quatro pernas. Essas travessas estavam a menos de uma largura de mão do chão, e junto à travessa mais próxima dos meus pés estava a impressão da borboleta, com o abdómen voltado para mim. Esta descrição da posição é feita para ilustrar quão difícil teria sido fazer a impressão com um dispositivo de carimbo, já que a travessa impediria o movimento natural da mão ao regressar ao corpo — justamente na direção do arrastamento.

Mesmo que tal fosse possível, o corpo sólido da pessoa teria de passar entre mim e os trompetes luminosos, e eu teria visto claramente a luz

interrompida pela forma sólida, pois, durante a sessão, era fácil distinguir a silhueta de um trompete quando cortava a luz do outro ao erguer-se do chão sempre que uma voz desejava utilizá-lo."

O Sr. Noel Jaquin, no seu relatório posteriormente publicado, declara:

"A impressão da borboleta é extremamente frágil e deve ter pousado de costas sobre o papel. Se tivesse sido usada uma borboleta real, eu teria detetado as escamas das asas, que se soltam ao mais leve toque. Um carimbo de borracha teria produzido um contorno rígido e removido grande parte das partículas de carbono. Perguntei ao Sr. Sykes se um artista, com o pincel mais delicado, conseguiria reproduzir uma impressão semelhante sobre papel esfumaçado. A sua resposta foi decididamente negativa. Depois, para além das impressões, há as vozes; nenhum homem seria capaz de encenar uma apresentação dramática tão convincente.

"Estou convencido de que estas são impressões supranormais. Como foram feitas, não podemos ter a certeza. No caso da borboleta, a opinião de um artista como o Sr. Sykes deve ter mais peso do que a minha."

Naturalmente, sendo especialista em mãos e impressões digitais, o Sr. Jaquin teve de deixar a crítica da impressão delicada da borboleta ao Sr. Sykes.

Quanto à impressão da mão ectoplásmica, obtida a 18 de Abril de 1925, o Sr. Jaquin volta a referi-la no seu relatório, afirmando:

"Estou convencido de que, se houvesse fraude, teria detetado nas impressões. A impressão da mão não está completa, e o polegar não estava totalmente materializado. O próprio Bert Everett sabia disso, pois disse-me na noite de terça-feira. Desde então tentei reproduzir, com luvas de cabedal e borracha, uma impressão semelhante à que surgiu no sábado, mas sem sucesso. Este polegar incompleto é importante. A segunda articulação do polegar humano é geralmente côncava, sendo muito difícil de imprimir, especialmente sem a falange superior."

Naquela época, na minha opinião, George Valiantine encontrava-se no auge dos seus poderes mediúnicos. Os diversos fenómenos de toda a espécie — com valor indiciário, mentais e físicos — obtidos através da sua mediunidade foram extraordinários.

As sessões diurnas notáveis realizadas nesse período foram brilhantes tanto no seu carácter supranormal como na qualidade das provas pessoais fornecidas pelas "vozes" comunicantes, enquanto o rosto de Valiantine era cuidadosamente observado.

Após estas "sessões de impressões", registadas e analisadas cientificamente por Mr. Sykes e Mr. Jaquin, ambos participaram em sessões à luz do dia com Valiantine, para experimentar se as "vozes" supranormais poderiam comentar mais sobre essas impressões. No dia seguinte à sessão em que foi obtida a impressão da borboleta, Mr. Sykes ficou tão impressionado com a experiência da noite anterior que manifestou grande desejo de ouvir as "vozes" à luz do dia. Por isso, viajou de carro desde Londres na manhã seguinte. Apresento agora o seu relato do que ocorreu.

"Na sexta-feira, manhã seguinte (24 de Abril de 1925), tive a minha primeira experiência numa sessão diurna.

"Era meio-dia e quarenta e cinco, horário de verão, com luz solar a entrar na sala. O Sr. Valiantine sentou-se confortavelmente numa poltrona estofada, apoiando o cotovelo num dos braços macios e segurando a extremidade larga do trompete com a mão esquerda. Convidou-me a colocar o ouvido na extremidade estreita e a sentar-me em frente dele num banco de couro.

"Contudo, podia girar no banco e ver-lhe a figura completa.

"Em poucos segundos começaram os toques dentro do trompete — em pares e isolados — seguidos por alguns ruídos divertidos. Fiz várias tentativas para descobrir quem estava a bater, e perguntei se poderiam falar. Obtive dois toques como resposta. Declarei que estava com paciência, e pouco depois fui chamado por um nome familiar. Perguntei quem falava, e responderam-me que era o meu pai."

Lembrando-me de que a sua voz me falara na noite anterior, dizendo: «Estamos a trabalhar na impressão agora, Charley», discuti a produção da impressão da borboleta. O meu pai era artista, e explicou que o efeito em relevo fora causado pela força vinda de baixo, que puxara a borboleta para o papel, e não pelo fixador húmido soprado sobre o papel pelo Sr. Jaquin. Fora um trabalho difícil. Ele tinha sido contratado, com outros, para essa produção, e estavam muito satisfeitos com o seu sucesso. Mostrava-se muito jovial e alegre no trato, e até me deu alguns conselhos ternos e paternais,

que eram bem merecidos, embora eu já não seja tão jovem como quando nos encontrámos pela última vez em sua casa.

«Ele também trouxe a voz da minha mãe para falar comigo. Troquei o ouvido na trombeta, girando no banco, e obtendo uma nova perspetiva do Sr. Valiantine, que a essa altura começava a parecer cansado e pálido.

«A voz e a maneira da minha mãe eram características: comedidas, mas profundamente afetuosas. Esperava que eu voltasse para falar com ela. Queria que eu falasse com ela em minha própria casa. Rejeitou a minha sugestão de que eu poderia ser pesado e grosseiro nesse caso, e implorou-me que tentasse. Contou-me o que tinha acontecido entre a sua irmã mais íntima e eu nos poucos dias anteriores.

«O Sr. Valiantine mostrou-me depois as partes fosforescentes da trombeta — como tinham ganho luminosidade durante a sessão, em contraste com a outra trombeta que não fora usada desde a noite anterior. Devo ter sido um pouco maçador — prolonguei demasiado a conversa.»

(É interessante interpolar aqui a comparação entre as notáveis sessões à luz do dia conduzidas por Valiantine e as performances ridículas que presenciei da alegada médium, Sra. Murphey-Lydy.)

O Sr. Noel Jaquin passou a noite em Dorincourt após a sessão em que se obteve a impressão da borboleta, e na manhã de 24 de Abril de 1925, por volta das 9 horas, pouco antes de o pequeno-almoço ser servido, teve também, por acaso, uma breve experiência à luz do dia com Valiantine.

Em relação a isso, transcrevo um pequeno excerto do seu relatório:

«Passei a noite em Dorincourt e, cedo na manhã seguinte, fui ao escritório com o Pat Bradley, de nove anos. Pedi-lhe que me deixasse ver a trombeta usada na noite anterior. Peguei nela com a mão direita e pedi ao Pat que encostasse o ouvido à extremidade mais estreita. Deve-se entender que a manhã era luminosa e clara. O sol inundava a sala, e em menos de dois segundos ouviram-se pancadas distintas vindas do interior do cone. Logo depois o Valiantine entrou na sala e pedi-lhe que segurasse a trombeta enquanto eu ouvia.

Assim fez, segurando-a com o braço esticado enquanto eu colocava o ouvido na extremidade estreita. Em três ou quatro segundos ouviu-se a

saudação sussurrada da voz do meu cunhado, George Gregory. Perguntei-lhe então porque não tinham feito a impressão de uma mão; a resposta foi indistinta. Após uma pausa, comentou: "Está a impressão do meu polegar sobre o papel na margem inferior." Devo referir que a marca do polegar em questão é, tal como a impressão da mão, uma impressão ectoplásmica.

«Depois fiz ao George Gregory algumas perguntas pessoais, que foram satisfatoriamente respondidas.

«Era certamente impossível que Valiantine tivesse respondido a essas perguntas mesmo que tivesse o conhecimento necessário, pois pude ver o seu rosto o tempo todo, e além disso, o som vinha do interior da trombeta.»

Tornou-se necessário deter-me longamente nos incidentes que rodearam a obtenção destas primeiras impressões supranormais. Pela narração destes factos, cuidadosamente coligidos, perceber-se-á que a série de sessões que organizei para realizar durante 1931 poderia revelar-se de valor científico considerável, tanto para provar como para refutar a supranormalidade de quaisquer impressões obtidas durante essas experiências.

Em todos os meus anteriores trabalhos e estudos psíquicos, tinha até então concentrado a atenção apenas no valor de uma acumulação de provas mentais. O ramo mental dos fenómenos sempre me pareceu de importância infinitamente superior ao físico.

A série de sessões de impressão foi dedicada a tentativas materialistas de obter fenómenos físicos.

Antes de registar com rigor científico os pormenores do que se passou, devo novamente salientar que é necessário ter em consideração os efeitos psicológicos da prosperidade material e a aparente mudança de mentalidade de Valiantine.

CAPÍTULO II

A PRIMEIRA SESSÃO

Tipos distintos de fenómenos — Uma forte combinação de forças — Um novo tipo de trombeta — Treze "vozes" manifestam-se — A voz

característica do meu pai — O aviso da minha irmã — "Tem cuidado — Richard Bethell."

Quinta-feira, 19 de Fevereiro de 1931.

Valiantine chegou a Dorincourt durante a tarde de quinta-feira, 19 de Fevereiro. A primeira sessão da série realizou-se após o jantar, por volta das 21 horas. Estavam presentes: Valiantine, a minha esposa e eu; deve notar-se que cada um dos participantes é médium de "voz". Nas muitas ocasiões em que este trio em particular se reuniu, sem a presença de mais ninguém, os resultados foram invariavelmente bem-sucedidos, e a fluência das "vozes" manifestadas foi notável.

Em certas ocasiões, fenómenos físicos e também fenómenos de "voz" de natureza distinta ocorreram nas sessões privadas realizadas sob a mediunidade da minha esposa e minha, mesmo quando Valiantine não estava presente, nem sequer no país. Esses fenómenos distintos ocorreram posteriormente de forma semelhante enquanto a Sra. Bradley e eu participávamos em sessões sob a mediunidade de Valiantine.

Numa ocasião, quando Valiantine estava de visita a Inglaterra, realizou-se uma sessão familiar especialmente para que Valiantine pudesse observar certos fenómenos que não tinham ocorrido sob a sua própria mediunidade.

A combinação dos três a sós parece ser particularmente forte, e estou convencido de que as forças psíquicas utilizadas provêm mais ou menos de forma igual de cada um dos participantes. Em momentos em que este trio está presente e há mais dois ou três participantes, as forças não parecem ser utilizadas da mesma forma, e a maior parte do poder mediúnico parece provir de Valiantine. Isto pode dever-se à suposição de que os poderes mediúnicos da minha esposa e meus são mais delicados e sensíveis, e menos desenvolvidos do que os de Valiantine, sendo por isso mais suscetíveis às vibrações dos diferentes participantes e podendo até ser, por vezes, neutralizados.

Nesta noite, foi usada uma nova trombeta, ou megafone. É o melhor instrumento do género que alguma vez vi, e é invenção de um abastado cavalheiro inglês, estudante de fenómenos psíquicos. A trombeta é feita numa só peça de celuloide vermelho, com cerca de sessenta e cinco centímetros de altura. A extremidade superior, onde se coloca a boca, mede

cerca de 1,5 cm de diâmetro, alargando até sete polegadas (cerca de 18 cm) na base circular, sobre a qual se apoia no chão. É muito leve. Desde a extremidade inferior partem sete tiras de fio luminoso, colocadas diagonalmente e subindo até cerca de 40 cm. Pontos luminosos foram também colocados à volta da extremidade do sino. Com qualquer movimento, a direção e o ângulo exatos podem, portanto, ser observados instantânea e precisamente. Outra grande vantagem desta trombeta é que a "voz" que dela emana é muito mais clara e distinta do que quando se utiliza uma trombeta de alumínio. Quando a "voz" é fraca, uma trombeta de alumínio tende sempre a dar um som "metálico" à "voz".

Durante esta primeira sessão, manifestaram-se treze diferentes e distintas "vozes" espirituais; cinco dos "Guias" de Valiantine, e oito "vozes" pessoais individuais.

Não se tocou música no gramofone, e em menos de um minuto a primeira "voz" saudou-nos. A partir daí, todas as diversas conversas decorreram fluentemente.

Os "Guias" de Valiantine, com exceção de "Pat O'Brien", disseram muito pouco, e a maior parte do tempo foi ocupada pelas comunicações das "entidades" pessoais.

A primeira "voz" a manifestar-se foi a de "Bert Everett". Depois de nos cumprimentar, proferiu algumas frases curtas.

Registei as diversas "vozes" na ordem exata em que se manifestaram. "Bert Everett" falou de forma independente — sem usar a trombeta — nos seus habituais tons agudos, vindos de um ponto elevado próximo do tecto.

A "voz" seguinte a dirigir-se a nós foi a do "Dr. Barnett", cujos tons, como de costume, pareciam vir do chão no centro do círculo, onde a trombeta estava colocada. Tive uma breve discussão com o "Dr. Barnett" acerca das experiências que pretendíamos realizar com o objetivo de obter impressões supranormais, e ele comentou: «Faremos o nosso melhor.»

Logo de seguida, a trombeta foi levantada e uma "voz" feminina distinta, aproximando-se de mim, disse: «Herbert, sou a Gert.» O nome foi espontaneamente dito na forma abreviada pela qual era habitualmente tratada na família. A minha irmã, Gertrude, faleceu em 1928. Embora algo

ténue no tom, a "voz" era perfeitamente distinguível. A conversa que se seguiu foi de carácter puramente familiar, e as respostas às perguntas feitas foram dadas sem hesitação. Durante o tempo em que a minha irmã me falava, a trombeta oscilava rapidamente entre mim e a minha esposa, a quem também foram dirigidas muitas observações.

Usando a trombeta luminosa, uma "voz" forte dirigiu-se a mim, identificando-se como "Dan — Dan Bradley — o teu pai." Estas são as palavras exatas da sua frase de abertura. Foram proferidas de forma direta, espontânea e com o seu timbre característico. Seguiu-se uma longa conversa, rápida e fluente, cada resposta sobrepondo-se à pergunta, dando provas abundantes do seu conhecimento dos vários acontecimentos da sua vida, bem como dos acontecimentos ocorridos desde a sua morte. Falou longamente comigo, com a Sra. Bradley e com Valiantine; respondendo às perguntas deles com a mesma prontidão com que respondia às minhas. Durante o tempo em que falava connosco os três, a trombeta deslizava com rapidez fulgurante de um para o outro, e a cada um dirigia-se com aquele modo espontâneo e vibrante, tão característico da sua personalidade. Quando falava com Valiantine, a última palavra de cada frase sobrepunha-se às respostas deste. Eu estava sentado à esquerda de Valiantine — a minha esposa à sua direita. Enquanto a "voz" do meu pai falava comigo, a extremidade bucal da trombeta luminosa podia ser vista diretamente em frente e afastada de Valiantine. Para além disso, e ainda mais importante, é o facto de que, durante toda a conversa, cada frase foi proferida com o exato tom do seu cativante sotaque irlandês. Cada entoação era idêntica à sua entoação em vida, tal como aquela sua peculiar e inconfundível "voz" que se reconheceria entre um milhão.

A voz do meu pai foi sempre muito potente. Morreu em 1925, com oitenta e sete anos, e até ao fim foi um homem forte e vigoroso, com uma constituição de ferro. As únicas maleitas de que alguma vez sofreu foram asma e febre-dos-fenos, das quais teve ataques ocasionais nos últimos cinquenta anos de vida. A voz do meu pai apenas era afetada por breves períodos durante esses ataques.

Assim que recuperava, a sua voz voltava a ser tão potente como sempre, e recordo-me, já com mais de oitenta anos, de o ouvir discursar num banquete público, onde a sua voz era, de longe, a mais forte entre os oradores. Aos

oitenta e sete anos — até ao dia da sua morte — era um homem vigoroso, capaz de caminhar com facilidade mais de dez milhas por dia. Quando estava hospedado comigo em Dorincourt, jantava, jogava cartas, e depois esforçava-se por me manter acordado a conversar até às duas ou três da manhã. Eu era normalmente o primeiro a cansar-me, e ele aparecia ao pequeno-almoço na manhã seguinte com um ar mais fresco do que o meu.

No verão de 1926, o meu pai teve um ataque de bronquite. Não foi particularmente grave, e o seu coração ainda era muito forte. Dois dias antes de morrer, disse-me, com toda a tranquilidade: «Acho que já chega. Tive uma vida muito boa, e está na hora de partir. Quando eu morrer, não quero confusões; nada de flores, nada de roupas pretas, nem disparates desses.» Faleceu pacificamente, durante o sono.

Foi católico romano durante toda a sua vida, mas era o homem de espírito mais aberto que alguma vez conheci. Apesar da grande diferença de idades entre nós — nasci já tarde na sua vida — sempre conversámos como dois amigos com entendimento mútuo, mais do que como pai e filho. Nos dois últimos anos da sua vida, ganhou uma compreensão da comunicação espiritual ao ler os meus livros, e discutia frequentemente o assunto comigo.

Enquanto falava comigo nesta sessão com Valiantine, mencionou, entre outras coisas, os nomes de vários dos seus amigos que reencontrara do outro lado. Disse-me que ainda estava a desfrutar da vida no seu estado atual, acrescentando, a rir: «Sabes, aqui não há Purgatório.» Aqui, creio que se referia à ideia tradicional de Purgatório. Na minha opinião, a teoria do purgatório é lógica, no sentido em que representa uma certa condição mental da qual se evolui eventualmente.

Imediatamente após o fim da nossa conversa, "Pat O'Brien" falou, usando a trombeta luminosa. Disse que tinha vindo com o meu pai e que estavam frequentemente juntos. Falou connosco durante algum tempo, com o seu rico sotaque irlandês, sendo interessante notar que este sotaque era totalmente distinto do sotaque irlandês — com um tom de Galway — do meu pai.

Houve uma breve pausa após a saída de Pat O'Brien, e a trombeta foi novamente levantada. Nesse momento, ocorreu um incidente muito peculiar e possivelmente significativo. É necessário aqui sublinhar que a minha irmã,

Annie, já nos havia falado — à minha esposa e a mim — com a sua "voz" em numerosas ocasiões, tanto sob a mediunidade de Valiantine como nas nossas sessões privadas. No entanto, a conversa desta noite foi a mais breve que alguma vez tive com ela. Dirigiu-se a mim com um tom imediatamente reconhecível. Estava extremamente agitada, como se tentasse transmitir um aviso urgente o mais depressa possível. A breve conversa foi a seguinte:

Annie: Herbert — sou a Annie. Tem cuidado! Tem cuidado!

Na altura, não compreendi o que queria dizer, e pensei que talvez se referisse à minha saúde, pois, devido à visita de Valiantine, eu havia adiado uma operação dentária muito necessária. Por isso respondi:

H.D.B.: O que se passa, Annie? O que queres dizer com isso?

Annie: Não posso dizer mais nada. Apenas que tens de ter cuidado.

A trombeta caiu então, e não disse mais nada. Atendendo ao que aconteceu nas sessões seguintes durante a semana com Valiantine, é essencial notar que Annie nunca mais se manifestou ou falou. Só mais tarde percebi que uma interpretação muito mais significativa podia ser dada ao seu aviso, e que nada tinha a ver com a minha saúde. O aviso foi, na minha opinião, relativo ao que poderia — e de facto veio a — acontecer durante a semana que se seguiu!

Após este incidente, ouvimos algumas palavras de dois dos "Guias" de Valiantine — "Hawk Chief", falando com a "voz" independente vinda de um ponto elevado da sala, e "Black Foot", na sua maneira habitual, a partir do chão.

Seguiu-se a "voz" de Warren Clarke, falando através da trombeta luminosa com um timbre inequivocamente reconhecível. Permaneceu por pouco tempo e enviou mensagens às suas filhas, Phyllis e Betty.

Depois da sua saída, a trombeta foi levantada como que com alguma dificuldade, e então a voz suave da minha mãe falou comigo. Conversou comigo e com a minha esposa durante algum tempo sobre assuntos familiares, mencionando espontaneamente muitos nomes. O seu modo de falar era absolutamente característico.

Depois manifestou-se a "voz" do pai da minha esposa, George Hunt. Falou connosco durante dois ou três minutos, referindo-se à sua esposa, que na altura se encontrava na Alemanha, hospedada em casa da filha. Demonstrou conhecimento de certos acontecimentos que tinham tido lugar em Chemnitz. Falou das suas pinturas e revelou conhecimento fatual sobre o estado de saúde da sua esposa.

O irmão da minha esposa — Stanley Hunt — que morreu há alguns anos de meningite, falou com ela e, durante a conversa, deu provas da sua identidade.

Depois, uma "voz" usando a trombeta luminosa, identificando-se como "Richard Bethell", falou comigo. Disse que queria falar com a esposa e que desejava que eu lhe transmitisse que não se suicidara. Contou-me que, de repente, se sentira mal e que precisava de ar, por isso subiu para uma cadeira junto à janela, ficou tonto e caiu.

Imediatamente após esta "voz" ter falado, a trombeta caiu e houve uma pausa. Comentei então com a minha esposa que não percebia o que ele queria dizer com "cair da janela", pois, embora tivesse lido relatos da sua morte súbita nos jornais, não me lembrava de ter sido mencionado que ele caíra de uma janela. Imediatamente após o meu comentário, a trombeta foi levantada e a "voz de Bethell" disse-me: «Estava nos jornais.»

Conhecia bem o Honorável Richard Bethell. Almoçávamos e jantávamos frequentemente juntos em Londres, e ele e a Sra. Bethell visitavam-nos muitas vezes em Dorincourt. Como é sabido, Richard Bethell fez parte da equipa de escavação da tumba de Tutankhamon. A sua morte foi súbita e misteriosa. Estava hospedado no Bath Club quando ocorreu a tragédia, e eu estava convencido de que fora encontrado morto na cama. Contudo, na manhã seguinte à sessão que descrevo, confirmei que a sua morte resultara de uma queda da janela, informação que, de facto, aparecera nos jornais.

Ao tentar descobrir onde se encontrava a Sra. Bethell, liguei acidentalmente para um número errado — fui atendido por Lord Bethell, de Chelmsford, que, creio, não tem qualquer relação com a família de Richard Bethell. O mordomo atendeu o telefone, e perguntei-lhe: «Pode dar-me o endereço da Sra. Richard Bethell?» Respondeu que receava não saber, e, curiosamente, acrescentou: «Refere-se à esposa do Richard Bethell, que caiu da janela no

Bath Club, não é?» Perguntei-lhe como sabia disso, e disse-me que o lera nos jornais.

Não entrei em contacto com a Sra. Richard Bethell para transmitir a mensagem recebida do marido, pois fiquei subitamente demasiado absorvido com os acontecimentos dramáticos das sessões seguintes.

Após a "voz de Bethell", ouvimos os tons femininos e infantis de "Honey" (outro dos "Guias" de Valiantine), que conversou connosco e cantou uma canção com uma "voz" infantilizada.

Pouco depois, o "Dr. Barnett" encerrou a sessão.

A sessão foi notável, sobretudo no que diz respeito às várias entidades que falaram comigo e com a minha esposa. Deram uma abundância de provas das suas personalidades sobreviventes, algo que seria impossível de fabricar por qualquer pessoa no mundo. Mas, apesar do valor dessas comunicações evidenciais, a comunicação mais dramática e marcante de todas — aquela que permaneceu gravada na minha memória — foi o aviso da minha irmã Annie, em tons staccato: «Tem cuidado! Tem cuidado!»

CAPÍTULO III
UMA EXPERIÊNCIA COM IMPRESSÃO DIGITAL

Uma tentativa de obter impressões supranormais — Os preparativos — Precauções — Uma questão de prova — Valiantine sabia? — "Doyle" fala — Outras "vozes" — Impressão no papel fumado — Impressões digitais de "Doyle".

Sexta-feira, 20 de Fevereiro de 1931.
Nessa noite realizou-se a primeira sessão da série destinada especificamente a experiências com o intuito de obter impressões supranormais.

Os participantes, dispostos em círculo da direita para a esquerda, eram: George Valiantine, Mrs. Sykes, Mr. Noel Jaquin, Mrs. Bradley, Mr. Charles Sykes e H. Dennis Bradley. Entre mim e Valiantine encontrava-se o gramofone, ao qual estive atento durante toda a sessão. Estava colocado sobre uma pequena mesa.

Todos os presentes haviam participado na sessão de 23 de Abril de 1925, quando, sobre papel fumado, se obteve uma extraordinária impressão de uma borboleta.

O círculo foi cuidadosamente escolhido, dado que cada um dos presentes era experiente e podia confiar-se na sua observação minuciosa, bem como no seu conhecimento especializado de impressões.

Jantámos todos juntos e, imediatamente antes da sessão, que começou às 20h50, o Sr. Jaquin fumou cuidadosamente duas folhas de papel almaço em branco. Uma dessas folhas foi colocada sobre um pequeno, mas pesado, banco de caixão antigo em carvalho; a outra foi colocada no tapete por baixo do banco. A folha sobre o banco foi colocada sobre uma base de mata-borrão, medindo 36,8 cm por 24,1 cm. O banco possuía quatro travessas com 5 cm de espessura, situadas na base entre as quatro pernas, e elevadas 3,8 cm acima do chão. As quatro pernas tinham uma espessura quadrada de cerca de 6,4 cm. A folha de papel fumado no chão foi colocada por baixo de duas das pernas do banco.

Para garantir todas as precauções possíveis, desenvolvi um método de procedimento que provaria de forma definitiva que as folhas não tinham qualquer marca antes do início da sessão e também impossibilitaria qualquer tentativa de substituição.

Pedi a todos os presentes na sala que assinassem com lápis as margens de cada uma das folhas de papel fumado — método que adotei em todas as sessões subsequentes. Pedi ainda ao Sr. Jaquin que — como medida de controlo — tomasse notas de tudo o que acontecesse.

A sessão decorreu, naturalmente, na escuridão, com exceção da luminosidade visível dos pontos colocados nos fios diagonais da trombeta de celuloide.

Depois disso, como é habitual em todas as sessões de Valiantine, o médium recitou o Pai-Nosso.

Pouco depois, ouviu-se a voz do "Dr. Barnett", proveniente do centro do círculo, junto ao chão. Saudou-nos como de costume, e informámo-lo de que pretendíamos, se possível, obter impressões supranormais. O "Dr. Barnett" respondeu: «Faremos o nosso melhor.»

Falou apenas algumas frases curtas, e o seu tom e maneira pareceram um pouco bruscos.

Seguiu-se uma pausa considerável, após a qual, em tons agudos e penetrantes, a voz de "Bert Everett" exclamou de repente: «Esquisito!»

Pouco depois, a trombeta luminosa foi levantada e uma "voz" infantil e feminina dirigiu-se a mim em tons agitados e trémulos: «Sr. Bradley, sou a Hilda.» E continuou: «Estou tão preocupada com a minha médium; vim só dizer-lhe — ela está terrivelmente doente.» Perguntei qual era o problema, e respondeu: «O corpo dela está num estado terrível.»

Devo referir que "Hilda" é uma das "Guias" da Sra. Barkell. A Sra. Barkell, além de realizar sessões de transe clarividente e clariaudiente, tem conduzido, no último ano, sessões de "voz direta". Um ou dois meses antes, tinha assistido a uma dessas sessões em casa da Sra. Barkell e, entre as várias "vozes" que se manifestaram, estava a "Hilda", com quem mantive curtas conversas por duas ou três vezes. É interessante notar que o modo de falar, o sotaque e a entoação da "voz" de "Hilda" que me falou nessa noite eram idênticos aos da "voz" de "Hilda" que se manifestou em casa da Sra. Barkell, numa altura em que Valiantine não estava presente, nem sequer no país.

Perguntei então a "Hilda": «A Sra. Barkell está acamada?» E "Hilda" respondeu: «Sim.» Disse-lhe que telefonaria de manhã a perguntar por ela.

Após a sessão e antes de me deitar, telefonei para casa da Sra. Barkell. Atendeu o Sr. Barkell. Fiz uma pergunta muito banal sobre outro assunto relacionado com a Sra. Barkell, ao que ele respondeu de imediato: «Lamento dizer que a minha esposa está muito doente e não poderá sair da cama durante seis semanas.» Disse-me que sofria de angina. Perguntei quando adoecera, e informou-me de que fora acometida subitamente na noite de quarta-feira anterior.

Deve salientar-se que nenhum dos presentes tinha conhecimento algum da doença da Sra. Barkell. Perguntei a Valiantine se tinha ouvido falar da doença antes da sessão, e respondeu-me que não. Ora, se se provasse que as comunicações de "Hilda" sobre a grave doença da Sra. Barkell eram totalmente alheias ao conhecimento de Valiantine ou de qualquer dos participantes, isso constituiria uma prova de valor extremo. Contudo, há que registar que Valiantine conhecia o Sr. e a Sra. Barkell, e que, semanas antes,

participara numa sessão na casa desta, sob a sua mediunidade de "voz direta".

Mais tarde, por precaução, telefonei aos Barkell para perguntar se, por acaso, tinham telefonado ou escrito a Valiantine entre a noite de quarta-feira, 18 de Fevereiro, e sexta-feira, 20 de Fevereiro, informando-o da doença. Garantiram-me que só se tinham encontrado com Valiantine em poucas ocasiões e que não tinham uma relação de proximidade que justificasse tal comunicação. Acrescentaram que, estando a Sra. Barkell gravemente doente, seria altamente improvável que sequer pensassem em fazê-lo.

A Sra. Barkell, contudo, informou-me prontamente de que estava prevista uma sessão de "voz" em sua casa para quinta-feira, 19 de Fevereiro, e que uma das participantes seria a secretária particular do Sr. X. Durante a tarde, essa senhora, que chamaremos Miss W, telefonou e foi informada de que a sessão não poderia realizar-se devido à doença da médium. A Sra. Barkell disse-me também que, na quinta ou sexta-feira, foi enviada uma carta ao Sr. X informando-o da situação.

Ciente da importância de garantir que a informação não estava ao alcance de Valiantine, a Sra. Barkell mostrou-se extremamente franca e prestável na tentativa de descobrir qualquer possível via por onde a notícia pudesse ter-lhe chegado.

Ora, como Valiantine estivera hospedado com o Sr. X durante o mês inteiro antes da sua chegada a Dorincourt, e como costumava telefonar-lhe quase diariamente, estou convencido de que é bastante provável que Valiantine soubesse da doença da Sra. Barkell antes da sessão de sexta-feira à noite — o que invalidaria o valor extremo da prova. Ainda assim, é justo repetir que a "voz" de "Hilda" era a mesma "voz" característica que se manifestara na casa da Sra. Barkell sob a sua própria mediunidade.

Até esse ponto da sessão, as "vozes" e comunicações tinham sido muito breves. A impressão geral era de que se estava a dedicar tempo sobretudo à obtenção das impressões.

Depois da "voz" de "Honey", houve uma longa pausa, durante a qual se tocaram discos no gramofone e os participantes conversaram entre si.

Valiantine comentou então que se sentia terrivelmente quente e que o suor lhe escorria. Pediu-me que lhe tocasse na testa, o que fiz. Estava realmente encharcado em suor.

Pouco depois, a trombeta luminosa foi levantada e, aproximando-se de mim, uma "voz" num sussurro leve e algo rouco disse: «Bradley — Doyle... Arthur Doyle...» Após as primeiras frases, a nitidez da "voz" melhorou e, embora não possa afirmar com certeza que reconheci a voz de Doyle, havia, no entanto, uma certa semelhança. Seguiu-se uma curta conversa durante a qual lhe dirigi algumas perguntas comuns e não evidenciais, às quais respondeu. Perguntei-lhe, entre outras coisas, se sabia qual era o objetivo específico da nossa sessão, e respondeu: «Sei. Estou a tentar deixar uma impressão.»

A trombeta luminosa percorreu então o círculo, saudando a minha esposa e depois o Sr. Jaquin.

Uma ou duas outras "vozes" falaram com o Sr. e a Sra. Sykes, e depois uma "voz", usando a trombeta luminosa, dirigiu-se a Valiantine. A trombeta estava num ângulo recto em relação ao médium, com a extremidade do sino a cerca de quarenta e cinco centímetros do seu rosto e virada na sua direção. Foram pronunciadas algumas frases curtas. A "voz" de Doyle falou com Valiantine, dizendo: «Boa noite, Valiantine», ao que Valiantine respondeu imediatamente: «Boa noite, Sir Arthur.»

Observando com atenção, a "voz" de Doyle pareceu-me vir de, pelo menos, noventa centímetros de distância do rosto de Valiantine, e sem dúvida provinha da extremidade bucal da trombeta luminosa, que estava voltada para Valiantine. Como que a dar especial ênfase à observação, e para sublinhar o momento, após a curta conversa com Valiantine, a "voz" de Doyle afirmou: «É a primeira vez que falo desta forma.» Estas palavras, reproduzidas com exatidão, têm grande importância, tendo em conta o que se passou mais tarde, bem como o que se alegaria ter ocorrido anteriormente.

Continuei então a conversa:

H.D.B.: Doyle, sabe o valor da prova; tentará dar-me, se possível, alguma prova da sua identidade que seja desconhecida por qualquer dos presentes neste círculo?

"Voz" de Doyle: Preferia dar essa prova à minha família.

H.D.B.: Muito bem. Convidá-los-ei a vir até aqui para que lhes possa dar essa prova.

"Voz" de Doyle: Obrigado, Bradley. Quero falar com Jean, Dennis e Mary. Gostaria de falar com a Mary sobre a livraria.

H.D.B.: Trarei cá todos eles na próxima semana.

Depois disto, a trombeta caiu no chão. Um novo disco foi tocado no gramofone, após o qual se ouviu uma palavra da "voz" de Bert Everett, vinda de cima, do teto: «Esquisito!»

Mais um disco foi tocado, e então a trombeta luminosa foi novamente levantada e, dirigindo-se a mim, disse: «Bradley... Arthur Doyle... Conseguirei falar com mais força mais tarde.» Continuei a conversa:

H.D.B.: Penso que a sua "voz" é perfeitamente distinta. É fácil ouvir cada palavra que diz.

"Voz" de Doyle: Quero falar com a Jean.

H.D.B.: Trazer-ta-ei cá para a semana.

Pouco depois, a trombeta luminosa foi levantada e uma "voz", identificando-se como "seu pai", dirigiu-se ao Sr. Sykes. Esta "voz" saudou também a Sra. Sykes, tendo ocorrido uma breve conversa não evidencial.

Após outra pausa, usando a trombeta luminosa, uma "voz" claramente feminina dirigiu-se ao Sr. Sykes e identificou-se como "Tia Hannah". Esta "voz" também saudou a Sra. Sykes e, enquanto falava com o Sr. Sykes, afirmou que era "a sua mãe". Há aqui um pequeno ponto de interesse evidencial a notar: a "voz", ao identificar-se pela primeira vez, disse ser "Tia Hannah". A mãe do Sr. Sykes, em vida, era conhecida pela família precisamente como "Tia Hannah". Durante o tempo em que esta "voz" falava com o Sr. Sykes, ouviu-se a voz grave de um dos "Guias" de Valiantine, chamado "Black Foot", dizendo a partir do chão: «Senta-te direito, assim ouvirás melhor.»

Após uma pausa, a trombeta luminosa foi levantada e uma "voz", identificando-se como "George Gregory", falou com o Sr. Jaquin. Seguiu-se uma conversa muito breve, durante a qual "George Gregory" disse ao Sr.

Jaquin que se esforçaria por ajudar na obtenção de uma impressão supranormal.

Aqui cabe mencionar que George Gregory foi um antigo amigo de escola e cunhado do Sr. Jaquin. Na ocasião da primeira experiência do Sr. Noel Jaquin com a "voz direta", numa sessão realizada em Dorincourt, a 30 de Setembro de 1925, onde estavam presentes, além do próprio Sr. Jaquin, o Sr. e a Sra. Caradoc Evans, a Sra. Bradley, o meu filho Dennis Anthony e eu, uma "voz" falou com o Sr. Jaquin e revelou espontaneamente o nome "George Gregory". No seu relatório sobre essa sessão, publicado na página 40 de *The Wisdom of the Gods*, o Sr. Jaquin declarou estar convencido de que era a "voz" do seu cunhado que lhe falava, que nenhum dos presentes sabia que ele tinha um cunhado com esse nome, e que ninguém poderia ter imitado os traços pessoais de precisão e simpatia. É importante salientar que essa sessão foi conduzida sob a mediunidade da minha esposa e da minha pessoa, e que Valiantine não estava presente. Foi apenas no ano seguinte que o Sr. Jaquin conheceu Valiantine.

Nos intervalos entre as curtas conversas com as diversas "vozes", foram tocados discos no gramofone, e após um deles ouviu-se novamente a voz aguda de "Bert Everett" gritar: «Exquisito!»

Seguidamente, usando a trombeta luminosa, a "voz" do meu pai, Dan Bradley, falou comigo e com cada um dos presentes, incluindo Valiantine. A sua "voz" era característica e reconhecível. Tinha conhecido todos os presentes em vida, com exceção do Sr. Jaquin. A minha esposa e eu falámos com ele sobre assuntos relacionados com o nosso filho, Dennis Anthony, que nesse mesmo dia partira de barco para Buenos Aires.

Depois surgiu a "voz" de "Pat O'Brien", que falou connosco em tons altos e claros e, ao dirigir-se ao Sr. Sykes, referiu-se às pinturas do seu pai. (O pai do Sr. Sykes também era artista.) Quando falou comigo, disse: «Sabe, Sr. Bradley, Doyle tem estado a tentar obter a sua impressão.»

Pouco depois, o "Dr. Barnett" encerrou a sessão.

Quando se acenderam as luzes, verificou-se que fora feita uma impressão em cada uma das duas folhas de papel fumado. (*Exemplares nº 1, página*

316, e nº 2, página 318.) Pedi expressamente aos participantes que não tocassem nas folhas até que fossem fixadas pelo Sr. Jaquin. Após a secagem do fixador, examinámo-las todos, mas, para além do facto de parecerem impressões de pele, a sua natureza exata não pôde ser determinada até serem submetidas a análise. Entreguei ambas as folhas ao Sr. Jaquin, pedindo-lhe que as levasse consigo nessa noite para compará-las com a impressão original da mão de Sir Arthur Conan Doyle, que tinha em sua posse.

CAPÍTULO IV
MAIS IMPRESSÕES OBTIDAS

Segunda tentativa — Opinião do Sr. Jaquin — Mais precauções — A caixa de cera de modelagem — Poucas "vozes" — St. John Adcock — A "voz" de Doyle — O amuleto da corrente do relógio — Lady Doyle — A guinea com sombra — Valiantine sabia dela — Mais impressões sobre papel fumado.

Sábado, 21 de Fevereiro de 1931.

Por volta das 9 da manhã do dia 21 de Fevereiro, o Sr. Jaquin telefonou-me. Disse que estudara as impressões e, tanto quanto conseguia ver, estas correspondiam às de Doyle.

Antes de me encontrar com Valiantine ao pequeno-almoço, a minha esposa contou-lhe a mensagem do Sr. Jaquin. Notei que, ao discutir o assunto com ele, não pareceu particularmente entusiasmado ou impressionado.

Às 20h45 daquela noite teve lugar uma segunda sessão para obtenção de impressões. O círculo foi o mesmo da noite anterior, e os participantes estavam dispostos exatamente nas mesmas posições, com as duas folhas de papel fumado assinadas colocadas sobre e debaixo do banco. Além disso, nessa ocasião, o Sr. Sykes trouxe consigo uma pequena caixa de lata cheia de cera de modelagem, que foi colocada em cima do banco, ao lado da folha de papel fumado.

Durante a sessão, as "vozes dos Guias" apenas proferiram algumas frases muito curtas. A "voz" do "Dr. Barnett" deu a saudação habitual e, em

resposta a perguntas sobre as impressões, disse que na noite anterior fora utilizada muita força, mas que fariam o possível.

Em certo momento, a "voz" de "Bert Everett" interveio com a palavra «Esquisito!», mas disse pouco mais.

"Pat O'Brien" falou durante mais tempo do que qualquer dos outros "Guias". Em resposta a uma pergunta sobre se estavam a conseguir obter mais impressões, respondeu que Doyle estava a tentar fazê-lo.

A "voz" de "Pat O'Brien" dirigiu-se a todos os participantes, sendo ouvida em vários pontos do círculo, movendo-se rapidamente de um para outro ao falar com cada um. Por esse motivo, perguntei-lhe até que ponto estava materializado enquanto falava, e respondeu que estava "materializado em cerca de três quartos".

A trombeta luminosa foi então levantada, e uma "voz" muito ténue dirigiu-se a mim. Ao início, só consegui ouvir "John". A "voz" disse depois "Adcock" e, em seguida, "St. John Adcock", tornando-se gradualmente mais forte. Tivemos então uma breve conversa. Ele disse: «Dê cumprimentos meus à Mrs. Dawson Scott e a Hermon Ould.» Estes dois nomes foram oferecidos espontaneamente, e é lógico registar o incidente como evidencial.

Trocámos algumas palavras sobre os nossos encontros no Comité do P.E.N. St. John Adcock, que falecera cerca de um ano antes, era um escritor e ensaísta notável; foi editor do *The Bookman*. Não o conhecia muito intimamente, mas encontrámo-nos várias vezes nos últimos anos, principalmente nas reuniões do Comité do P.E.N. — a Associação Internacional de Escritores. O Comité Inglês era composto por doze pessoas — seis homens e seis mulheres — sob a presidência de John Galsworthy, e na curta conversa que mantive com St. John Adcock sobre essas reuniões, as suas respostas foram inteligentes e sem hesitação.

Um escritor bem conhecido em Inglaterra não é necessariamente conhecido na América, e é muito improvável que Valiantine alguma vez tivesse ouvido falar de St. John Adcock ou da sua morte; certamente não sabia nada sobre as reuniões do Comité do P.E.N. Inglês. Embora a "voz" de St. John Adcock fosse algo ténue, foi claramente ouvida por todos os presentes, e o volume era equivalente ao de várias outras "vozes" desconhecidas que se haviam

manifestado em sessões conduzidas pela minha esposa e por mim, quando Valiantine não estava presente.

Quando a "voz" de St. John Adcock terminou, tocou-se um disco no gramofone e, depois, a trombeta luminosa foi novamente erguida e, dirigindo-se a mim, uma "voz" disse: «Bradley, Arthur Doyle.» A "voz" era um pouco mais rouca do que na noite anterior. Fiz alguns comentários naturais e casuais a "Doyle", e a trombeta luminosa passou então pelo círculo, saudando outros presentes. O Sr. Jaquin perguntou: «Sir Arthur, poderia tentar deixar uma impressão do seu dedo indicador em vez do polegar?» "Doyle" respondeu: «Tentarei fazê-lo.»

Continuei a conversa:

H.D.B.: Conhece tão bem este tema, Doyle, que percebe a importância de me dar alguma informação evidencial que seja desconhecida por todos os presentes neste círculo. Pode tentar?

"Voz" de Doyle: Telefone à Jean (sua esposa) amanhã e pergunte-lhe sobre o amuleto da minha corrente de relógio. Iniciais — Malcolm.

A trombeta luminosa foi então largada e comentei com os presentes: «O que quer ele dizer com "iniciais — Malcolm"? Malcolm não é uma inicial.»

Pouco depois, a trombeta luminosa voltou a ser erguida, e a "voz" de Doyle dirigiu-se a mim, dizendo: «Bradley, a Jean saberá as iniciais.»

Após um breve intervalo, a trombeta foi novamente levantada, e uma "voz" feminina infantil falou. Reconhecendo certos tons característicos que já se haviam manifestado noutras sessões com Valiantine, perguntei: «És tu, Honey?» A "voz" de Honey respondeu: «Sim, é a Honey. Fui visitar a Sra. Barkell.» Perguntei: «Consegues dizer-me como está agora a Sra. Barkell?» E a "voz" respondeu: «Está igual; está muito doente.» Depois, acrescentou espontaneamente: «Pousei a minha mão no papel.» Este ponto foi interessante, pois mais tarde teríamos oportunidade de verificar que tipo de impressão fora deixada.

Um pouco mais tarde, surgiu a "voz" do "Guia" Black Foot. Disse uma ou duas frases e, depois, usando a trombeta luminosa, uma "voz" que afirmava ser o pai da Sra. Sykes dirigiu-se a ela e ao Sr. Sykes, com alguns comentários.

Após uma pausa, a voz aguda de "Bert Everett" gritou novamente: «Exquisito!» e, depois de nova pausa prolongada, a "voz" do "Dr. Barnett" declarou que devíamos encerrar a sessão.

A sessão durou cerca de uma hora e meia. Os diversos "Guias", com exceção de "Pat O'Brien", falaram apenas durante alguns segundos de cada vez.

A "voz" de St. John Adcock, embora ténue, foi impressionante. Se os nomes mencionados em associação com ele eram desconhecidos de Valiantine, então as comunicações foram evidenciais. Em relação à mensagem da "voz" de Doyle, telefonei para Crowborough na manhã seguinte e transmiti à Lady Doyle a mensagem tal como fora proferida: «Telefone à Jean amanhã. Pergunte-lhe sobre o amuleto da minha corrente de relógio. Iniciais — Malcolm.» Disse-lhe também que tinha levantado a questão das "iniciais", que não compreendia, e que a "voz" de Doyle respondera: «A Jean saberá as iniciais.»

Lady Doyle disse-me, ao telefone, que Sir Arthur usava sempre na corrente do relógio uma guinea do naipe de espadas (*spade guinea*), que recebera quando, jovem, iniciara a sua prática como médico. Essa guinea de espadas fora dada ao seu irmão Malcolm, que falecera muitos anos antes. Após a morte do irmão, a guinea regressou à posse de Sir Arthur, e desde então ele usou-a sempre.

Quanto à palavra "iniciais", Lady Doyle disse não saber se a moeda tinha ou não alguma inicial, mas que procuraria a guinea e me informaria.

Cerca de uma semana depois, Lady Doyle escreveu-me e, entre outras coisas, disse: «Olhei para a moeda, mas não tem qualquer inicial; pergunto-me se ele poderia estar a referir-se a um pequeno medalhão que usava na corrente e que tinha iniciais nas costas.»

Quando Lady Doyle mencionou uma *spade guinea*, tive a vaga impressão de que já tinha conhecimento disso, relacionado com uma correspondência antiga entre mim e Doyle, acerca da Sra. Baylis (a alegada médium de "voz" com quem tive uma sessão que considerei fraudulenta, e que foi reportada na imprensa). Esforcei-me por consultar o meu arquivo de recortes de imprensa, mas não encontrei qualquer referência à guinea nas minhas publicações. A questão era que, se Valiantine não soubesse absolutamente nada acerca desta guinea da corrente de Doyle, então as palavras proferidas

pela "voz" de Doyle teriam valor evidencial. No entanto, umas semanas mais tarde, quando a minha secretária procurava nos meus arquivos uma correspondência entre o Rev. Herbert Thurston e eu, arquivada na secção de índice T-U-V-Z, caiu de uma pasta — por um acaso curioso — uma cópia de uma carta que escrevi a Valiantine em 2 de Dezembro de 1927, na qual lhe dizia que tivera uma sessão com a Sra. Baylis, que considerei fraudulenta, e que Sir Arthur Conan Doyle me escrevera relatando duas sessões que tivera com essa médium, citando certos incidentes. Na minha carta a Valiantine, escrevi: «Coisas tão triviais como tocar num anel e numa guinea de espadas pendurada na corrente de relógio pareceram convencer Doyle de que ela era genuína.»

Vê-se, portanto, que Valiantine tinha conhecimento da existência dessa *spade guinea* na corrente de Doyle, a qual poderia muito bem ser descrita como um "amuleto". No entanto, não foi feita qualquer referência, por mim, às "iniciais" nem ao nome Malcolm.

É evidente, pois, que o essencial da mensagem transmitida pela "voz" de Doyle não estava fora do conhecimento do médium, podendo assim ser descartado como prova.

Ao acender as luzes, descobrimos que tinham sido feitas impressões sobre o papel fumado colocado em cima do banco (Exemplar nº 3, p. 324), bem como sobre o papel fumado colocado no tapete sob o banco. Neste último, encontravam-se apenas uns rabiscos sem significado. (Exemplar nº 4, p. 326.)

O Sr. Jaquin fixou essas duas folhas e levou-as consigo nessa noite para análise.

Não foram descobertas impressões discerníveis na cera de modelagem.

Foi tirada uma fotografia da folha de papel fumado encontrada após o transe de sábado, 21 de Fevereiro de 1931. Esta folha foi colocada em cima do banco, e novamente foi alegado que Sir Arthur Conan Doyle estaria a tentar deixar uma impressão. O contorno peculiar à direita foi atribuído à mão espiritual de "Honey".

CAPÍTULO V
UM INTERLÚDIO

Valiantine adoentado — Uma sessão fluente — Comunicação fora do conhecimento do médium ou dos participantes — A "voz" de Dewar refere-se ao seu dedo indicador — Três "vozes" ouvidas a falar simultaneamente e sobrepondo-se.

Domingo, 22 de Fevereiro de 1931

Quando encontrei Valiantine ao pequeno-almoço, disse-me que antes de se deitar na noite anterior, apesar de não ter constipação, começara a tossir violentamente e deitara fora uma pequena quantidade de sangue. Parecia genuinamente preocupado com o seu estado. Perguntei-lhe como dormira e como se sentia nessa manhã, ao que respondeu que dormira profundamente e que se sentia perfeitamente bem.

Como já tínhamos realizado sessões nas três noites anteriores, não tencionávamos realizar nenhuma nesse domingo. No entanto, Valiantine disse que gostaria de fazer uma sessão curta com a Sra. Bradley e comigo, para poder perguntar ao "Dr. Barnett" qual a causa da hemorragia.

Pareceu estar perfeitamente bem durante todo o dia, mas referiu o sangue duas ou três vezes e parecia não só intrigado com o sucedido, mas ligeiramente alarmado. Tratei o assunto com naturalidade, pois não me pareceu sensato aumentar a sua ansiedade aparente. Também não tinha grande vontade de realizar uma sessão nessa noite, considerando a semana intensa que tinha pela frente e as noites mal dormidas da semana anterior — desejava deitar-me cedo. Contudo, depois do jantar, por volta das 21h, Valiantine voltou a falar do sangue, e concordámos em realizar uma sessão muito curta, apenas durante alguns minutos, para que pudesse consultar a opinião do "Dr. Barnett".

Valiantine, a minha esposa e eu dirigimo-nos ao meu escritório por volta das 21h. A trombeta luminosa foi colocada no centro da sala. O gramofone não foi usado.

Em poucos segundos após apagar a luz, ouviu-se a primeira "voz" — a de "Bert Everett" — e, embora tivéssemos combinado uma sessão breve, a partir desse momento, durante uma hora e vinte e cinco minutos, manifestaram-se catorze diferentes "vozes", praticamente sem interrupção.

Nunca houve uma pausa entre uma "voz" e outra superior a trinta segundos, e a sessão constituiu aquilo que considero — após a experiência de várias centenas de sessões, durante um estudo intensivo de muitos anos — uma das sessões de "vozes" mais fluentes e notáveis que alguma vez presenciei.

A primeira saudação foi de "Bert Everett", que falou com facilidade e rapidez, e depois manifestou-se o "Dr. Barnett". Quando a sua "voz" nos falou, imaginámos que se seguiria uma breve conversa durante a qual Valiantine poderia fazer perguntas sobre o seu estado de saúde, e que depois a sessão se encerraria. As perguntas foram feitas, mas a sessão continuou por muito tempo. Entre outras coisas, o "Dr. Barnett" disse que, relativamente às impressões que estavam a tentar obter, a cera de moldagem preparada pelo Sr. Sykes deveria estar um pouco mais mole.

O "Dr. Barnett" falou com cada um de nós. A conversa com Valiantine foi rápida e natural, com perguntas e respostas a sobreporem-se. Quando Valiantine se dirigia à "voz", falava num tom claramente respeitoso e algo submisso, como por exemplo: "Doutor, pode dizer-me por que motivo tal e tal coisa..." e a "voz" sobreposta do "Dr. Barnett" respondia-lhe.

A sobreposição destas duas vozes era notável e dramática. A única analogia que consigo oferecer para descrever o efeito é a de certas produções da Theatre Guild de Nova Iorque, em que o encenador, com ensaios cuidadosos, treina os atores a falarem uns por cima dos outros; ou seja, para ser mais claro, ensaiam-nos de forma que a rapidez do diálogo permite que as últimas três palavras de uma frase dita por uma personagem sejam antecipadamente respondidas pelas primeiras três palavras da frase da segunda personagem; portanto, pelo menos três palavras de ambas as vozes sobrepõem-se e são pronunciadas simultaneamente.

O "Dr. Barnett" teve uma longa conversa com Valiantine. Este mostrava-se visivelmente nervoso com o sangue que tinha expelido após a sessão da noite anterior, e perguntou ao "Dr. Barnett" qual seria a causa. O "Dr. Barnett" disse-lhe que não havia motivo de preocupação, pois nos esforços de materialização eram obrigados a utilizar não apenas as suas forças ectoplasmáticas, mas também o seu sangue.

Explicou que uma certa quantidade de sangue de Valiantine tinha sido retirada durante a tentativa de materialização das impressões, mas que,

antes do final da sessão, tinha sido devolvida ao seu corpo. Após a utilização dessas forças, o sangue não se tinha assimilado corretamente antes de Valiantine se deitar, o que causou o súbito ataque de tosse e a hemorragia. Assegurou a Valiantine que podia ficar tranquilo, pois o processo era inofensivo e não teria quaisquer efeitos nocivos.

Valiantine perguntou então ao "Dr. Barnett" porque razão, nas duas noites anteriores, tinha transpirado abundantemente, e o "doutor" respondeu que, ao utilizarem as suas forças mediúnicas na tentativa de obter impressões da pele, era necessário recorrer às suas glândulas sudoríparas. A conversa que se seguiu entre Valiantine e o "Dr. Barnett" foi bastante fluente, natural, inteligente e lógica. De um lado, Valiantine procurava informação de forma aparentemente genuína e, do outro, o "Dr. Barnett" sobrepunha-se às perguntas transmitindo informação.

Quando esta conversa terminou, esperávamos que a sessão se encerrasse, mas, um após outro, sem pausa, manifestaram-se mais doze "vozes".

Cinco membros da minha família falaram de forma fácil e fluente; duas entidades exteriores à minha família, e cinco dos "Guias" de Valiantine.

Das "vozes dos Guias", "Pat O'Brien" falou connosco com fluência e no seu estilo habitual; "Black Foot", com a sua voz grave, falou duas ou três vezes a partir do centro do círculo; "Kokum", com a sua voz poderosa, falou de forma independente a partir de uma zona algures perto do teto; "Cristo d'Angelo" falou-nos em italiano e, a pedido, cantou nesse idioma com voz vibrante, a sua voz vindo de um ponto alto na sala, a cerca de três metros e meio de onde Valiantine estava sentado. A incomum "voz" chinesa de outro Guia — "Chang Wei" — falou-nos em inglês rudimentar (pidgin), e depois cantou uma canção peculiar na sua própria língua.

Das "vozes" pessoais, registei como peculiar que "Warren Clarke", usando a trombeta luminosa, se manifestou mas falou apenas algumas palavras. Saudou apenas a Sra. Bradley e a mim, e, em vez de manter uma conversa longa como em tantas outras ocasiões, fez apenas alguns comentários educados e algo reservados, e desapareceu. É necessário notar aqui que esta foi a última vez que "Warren Clarke" falou nas sessões com Valiantine. Nunca mais apareceu durante a semana seguinte, e importa também referir que

não tentou falar nas ocasiões anteriores em que realizámos sessões com o objetivo específico de obter impressões.

Mais tarde, usando a trombeta luminosa, o meu sobrinho Georgie (filho da minha irmã Annie, falecido aos dezassete anos) falou comigo e com a Sra. Bradley.

Seguiu-se a "voz" do "Tio Michael" (um velho tio meu), falando com o seu típico sotaque irlandês. Depois surgiu a "voz" da minha irmã Gertrude, que falou connosco durante algum tempo, referindo-se ao marido e a vários assuntos familiares, mencionando nomes com facilidade e naturalidade.

Depois, o meu pai — Dan Bradley — falou connosco durante algum tempo, por diversas vezes dirigindo-se a Valiantine. Perguntámos-lhe se tinha visto o meu filho, Dennis Anthony, que na altura estava a caminho de Buenos Aires. Ele respondeu que o tinha visto no navio, e perguntámos: "Podes dizer-nos como ele está?" Imediatamente veio a resposta: "Ele está bem agora, mas esteve doente ontem" (sábado). Isto pode ser considerado um ponto de valor indiciário, um facto voluntariamente comunicado e que estava fora do conhecimento do médium ou de qualquer dos presentes. Foi apenas uma semana mais tarde que recebemos uma carta do meu filho, enviada de Lisboa, na qual dizia estar perfeitamente bem e a divertir-se, mas que no sábado (21 de Fevereiro) tinha estado doente o dia inteiro e passado a maior parte do tempo na cabine.

Depois surgiu uma "voz" que se identificou como "Marshall Hall". Esta "voz" era relativamente forte e característica, apresentando claras semelhanças com o estilo oratório de Marshall Hall. Perguntei-lhe se tinha estado presente na sessão que assisti com a Sra. Garrett — a médium clarividente — e respondeu que sim, e que tentara comunicar comigo, mas achara o método muito difícil. (Isto refere-se ao Capítulo IV, Livro I.) Discuti com ele certos episódios do caso de homicídio Rouse, e as suas respostas foram excecionalmente claras e concisas sobre determinados pontos legais.

Já perto do fim da sessão, após duas ou três tentativas de levantar a trombeta luminosa — como se houvesse grande dificuldade em fazê-lo — esta foi levantada um ou dois centímetros do chão, e uma "voz" rouca e sussurrante identificou-se como "Dewar". Conseguimos eventualmente manter uma breve conversa, mas a "voz" apenas conseguia sussurrar, e o

tom não transmitia nenhuma das características peculiares da voz de Dewar que eu conhecia tão bem. Durante essa curta conversa, nada de valor indiciário foi dito. Referiu-se aos cavalos de Dewar e a discursos públicos em ocasiões em que ambos tínhamos discursado. Disse que achava muito difícil falar desta forma. No fim, fez uma declaração que deve ser cuidadosamente registada. Disse-me que tinha tentado colocar o seu dedo indicador sobre a cera. Deve referir-se que, na noite anterior, não tínhamos conseguido identificar qualquer impressão discernível na cera de moldagem.

Pouco depois, o "Dr. Barnett" deu por encerrada a sessão.

Com uma exceção — a "voz de Lord Dewar", que foi fraca e indistinta — a fluência das "vozes", que falaram praticamente sem interrupção durante noventa minutos, foi fenomenal. A certa altura, ouviram-se três "vozes" a falar em simultâneo, umas por cima das outras, duas vindas de zonas altas da sala, e uma do centro do chão: "Kokum", "Bert Everett" e "Black Foot" — todos sobrepondo-se, com "Kokum" a gritar em tom estrondoso, e a voz aguda de "Bert Everett" a fazer comentários jocosos sobre os outros dois.

É indiscutível que, nesta noite, ocorreram muitos fenómenos genuínos.

CAPÍTULO VI
PRECAUÇÕES E UMA SEMELHANÇA

A terceira tentativa de obter uma impressão — A voz cariosa de "Lord Dewar" — Duas impressões distintas — A sugestão de que se tirassem impressões dos dedos grandes dos pés de Valiantine e dos assistentes — Precauções — Comparação da impressão de Valiantine com as impressões "espirituais" — Uma semelhança marcante — Valiantine agitado.

Segunda-feira, 23 de Fevereiro de 1931.
Nesta noite teve lugar a terceira sessão para obtenção de impressões, sendo os assistentes e as condições exatamente os mesmos do sábado anterior.

Uma folha de papel fumado foi colocada sobre uma base absorvente no topo do banco, e outra folha foi colocada por baixo. Uma lata de cera de moldagem, que desta vez o Sr. Sykes tinha tornado mais mole, foi colocada ao lado da folha superior.

Durante a sessão, que durou cerca de uma hora e um quarto, as manifestações de "vozes" foram muito poucas. Apenas três das "vozes dos Guias" se manifestaram. "Bert Everett", a certa altura, exclamou "Exquisite". No início da sessão, o "Dr. Barnett" respondeu a algumas perguntas que lhe foram feitas sobre as impressões, e disse que tentaria obter novas impressões.

Perto do final da sessão, uma "voz" fraca e abafada que falava através da trombeta — que foi apenas ligeiramente levantada do chão — identificou-se como "Dewar", mas a "voz" não se parecia em nada com a do falecido Lord Dewar.

Na verdade, ao dizer o nome, foi mal pronunciado como "Do-er", e não "Dew-er". Isto, a meu ver, foi um ponto muito peculiar e pode indicar uma tentativa de personificação. Esta "voz" apenas proferiu uma ou duas frases e, em resposta a uma pergunta, disse: "Tentei deixar uma impressão."

Depois disto, "Pat O'Brien", usando a trombeta luminosa, falou durante algum tempo com vários dos assistentes, sendo esta a única "voz" que proferiu mais do que duas ou três frases.

A trombeta luminosa foi levantada e uma "voz" rouca anunciou "Conprave." Pedi mais pormenores, mas não houve resposta e a trombeta caiu.

Pouco depois, o "Dr. Barnett" encerrou a sessão.

Quando se acenderam as luzes, verificou-se que tinham sido feitas duas impressões distintas — uma na folha colocada sobre o banco (Prova n.º 5, p. 332) e outra na folha sob o banco (Prova n.º 6, p. 334). Também tinha sido obtida uma muito boa impressão na cera de moldagem (Prova n.º 7, p. 342).

O Sr. Jaquin fixou imediatamente as folhas fumadas. Quando Valiantine e os restantes assistentes deixaram a sala da sessão, o Sr. Jaquin e eu conversámos, e combinámos que ele deveria recolher as impressões dos dedos grandes dos pés de Valiantine e de todos os presentes no círculo.

Ele preparou de imediato folhas de papel fumado frescas. Juntámo-nos então aos outros e eu disse-lhes que era absolutamente necessário tomar todas as precauções possíveis, e que gostaria que todos concordassem em deixar que fossem recolhidas as impressões dos seus dedos dos pés.

Quando fiz a sugestão, embora evitasse olhar diretamente para Valiantine, notei que, pelo seu comportamento, não parecia minimamente perturbado.

Depois de recolhidas as impressões, pedi a cada um dos presentes que assinasse o seu nome no papel fumado sob as impressões.

Os quatro homens regressaram à sala da sessão, e o Sr. Jaquin tirou primeiro a impressão dos seus próprios dedos — direito e esquerdo. Valiantine então descalçou rapidamente os sapatos e as meias e, pegando numa folha de papel fumado, preparava-se para tirar a impressão por si próprio, quando o Sr. Jaquin o interceptou. O Sr. Jaquin pegou nos dedos dos pés direito e esquerdo de Valiantine e tirou ele mesmo as impressões, como desejava. Estas impressões foram feitas na mesma folha de papel fumado utilizada pelo próprio Sr. Jaquin. Pedi então de imediato a Valiantine que assinasse o seu nome sob as impressões. O papel fumado foi imediatamente fixado. (Prova n.º 8, p. 336.)

De seguida, foram tiradas as impressões dos dedos dos outros assistentes, o Sr. Charles Sykes e eu próprio, e depois as da Sra. Sykes e da Sra. Bradley.

Depois de concluídas estas impressões e fixado o papel, comparámos as impressões dos dedos de Valiantine com as alegadas impressões espirituais obtidas durante a sessão. O Sr. Jaquin observou imediatamente a semelhança. Eu tinha comprado nesse dia duas lupas potentes para fins de exame e, ao comparar, também observei a semelhança.

Após a recolha das impressões dos dedos, Valiantine e os restantes assistentes tinham voltado à sala de estar. Fui ter com eles e pedi a Valiantine, de forma bastante cordial, que viesse dar uma vista de olhos às impressões. Ele juntou-se então a mim e ao Sr. Jaquin na sala da sessão. O Sr. Jaquin entregou-lhe as duas folhas fumadas, uma com a impressão obtida durante a sessão e a outra com a impressão do dedo do pé esquerdo de Valiantine. O Sr. Jaquin comentou, de forma casual: "Vê lá isto, George — parecem-se bastante com o teu dedo do pé esquerdo."

Deve entender-se que tanto o Sr. Jaquin como eu próprio mantivemos, durante todo este episódio, uma atitude propositadamente descontraída e amigável com Valiantine. Quando o Sr. Jaquin lhe entregou as duas folhas para comparação, observei atentamente Valiantine. Ao pegar nas folhas, as mãos dele tremeram ligeiramente. Este foi o primeiro sinal de agitação que

demonstrou. Mal tinha olhado para as impressões por mais de dois segundos, disse: "Não vejo nenhuma semelhança. Não são nada iguais."

Não queríamos, naquele momento, perturbar mais Valiantine, por isso procurámos acalmá-lo com uma risada, dizendo-lhe como, por vezes, ocorrem semelhanças curiosas nas impressões da pele.

O Sr. Jaquin levou consigo, nessa noite, as impressões da sessão e também as impressões dos dedos dos pés, e pedi-lhe que mandasse tirar fotografias destas o mais depressa possível no dia seguinte.

Quando os meus convidados partiram naquela noite, tive uma curta conversa com Valiantine, na qual me abstive propositadamente de qualquer alusão às impressões. Conversei com ele sobre outros assuntos e fiz um esforço especial para manter uma atitude descontraída.

CAPÍTULO VII
A NERVOSISMO DE VALIANTINE

Ampliações das impressões — Uma situação embaraçosa — A depressão de Valiantine — Uma sessão mista — Os "Guias" de Valiantine mantêm-se em silêncio — Primeira experiência do Dr. Vivian com Valiantine — Um possível ponto de evidência — Uma "voz" alterna a conversa com o Dr. Vivian e com a Duquesa de Hamilton.

Terça-feira, 24 de Fevereiro de 1931.
Nessa manhã, ao pequeno-almoço, Valiantine parecia muito preocupado e deprimido. Esforcei-me por ser alegre com ele, pois não queria que pensasse que eu via a descoberta da noite anterior como algo grave. Também transmiti à Sra. Bradley a necessidade de adotar a mesma postura.

Parti de Dorincourt para Londres logo após o pequeno-almoço, e encontrei-me com o Sr. Jaquin no meu escritório. Ele trouxe consigo todas as impressões que tínhamos obtido nas sessões anteriores, bem como as impressões dos dedos dos pés, que foram novamente comparadas com muito cuidado. Pedi então ao Sr. Jaquin que fizesse uma ampliação das alegadas impressões de Dewar, obtidas na noite anterior, 23 de Fevereiro

(Prova n.º 9, p. 338. Esta deve ser comparada com a Prova n.º 10, p. 338, uma ampliação do dedo grande do pé esquerdo de Valiantine). Pedi também ampliações das alegadas impressões digitais de Doyle, obtidas na primeira sessão de 20 de Fevereiro (Prova n.º 11, p. 340), e da impressão curiosa obtida na segunda folha de papel fumado dessa mesma sessão (Prova n.º 12, p. 344). Solicitei ainda uma ampliação da alegada impressão sobrenatural obtida na sessão de sábado, 21 de Fevereiro (Prova n.º 13, p. 346).

Mais tarde, obtive do Sr. Sykes a lata de cera de moldagem que ele tinha levado para casa e também mandei fazer uma ampliação dessa impressão. (Prova n.º 7, p. 342.)

Estava previamente estabelecido que se realizaria uma série de pelo menos seis sessões para impressões, e como era necessário organizar tudo com antecedência, as datas foram fixadas para sexta-feira, sábado e segunda-feira, 20, 21 e 23 de Fevereiro, e sexta-feira, sábado e segunda-feira, 27, 28 de Fevereiro e 2 de Março. Os dias do meio da semana foram reservados para outros assistentes.

Portanto, a próxima sessão marcada para obtenção de impressões seria na sexta-feira, 27 de Fevereiro.

Disse ao Sr. Jaquin que Valiantine estava em baixo naquele pequeno-almoço, e que considerava necessário fazermos o possível para restaurar a sua confiança, pois seria muito valioso se conseguíssemos obter mais provas diretas e, quem sabe, ainda mais completas de fraude. Discutimos o facto de Valiantine ter sido informado pelo Sr. Jaquin da semelhança entre a impressão de sexta-feira e a impressão digital genuína de Doyle, bem como da semelhança entre o seu dedo do pé e a alegada impressão de Dewar. Para mim era óbvio que Valiantine estaria, com toda a certeza, a matutar nestes dois episódios.

Aqui há um ponto de interesse psicológico que acrescento: embora, quando lhe foi apontada a semelhança entre a sua impressão do dedo do pé e a do suposto Dewar, Valiantine não tenha reagido, é curioso que durante os seis dias seguintes em que permaneceu comigo em Dorincourt, nunca tenha argumentado o óbvio: "E a impressão de Doyle — o Jaquin disse que era semelhante à do próprio Doyle?"

Disse ao Sr. Jaquin que, embora não previsse que fosse fácil, acreditava que entre terça-feira e a sexta-feira seguinte conseguiria restaurar a confiança de Valiantine e que, nesse intervalo, devíamos preparar-nos para obter mais provas diretas e irrefutáveis, sem lhe deixar margem de manobra caso voltasse a tentar qualquer acto deliberadamente fraudulento.

Estava previamente combinado que, nesse dia, almoçaríamos em casa de um conhecido clérigo do West End. Valiantine, acompanhado pela minha esposa, veio buscar-me pouco antes da 1 da tarde. Pela sua postura, continuava manifestamente abatido. Apesar de eu lhe falar de forma leve e bem-humorada, isso teve muito pouco efeito. Parecia absorto nos seus pensamentos.

Estávamos apenas cinco presentes no almoço, e embora apreciasse a companhia do meu anfitrião — um homem encantador e inteligente — a conversa, que se centrou sobretudo no lado filosófico dos fenómenos psíquicos, não foi, dadas as circunstâncias, particularmente fácil de conduzir.

Durante o almoço e também depois, Valiantine manteve-se calado e reservado, respondendo de forma visivelmente constrangida e artificial sempre que se abordavam assuntos relacionados com o espiritismo.

Como tinha outros compromissos durante a tarde, a minha esposa e Valiantine regressaram a Dorincourt, e eu só voltei a vê-lo à hora de jantar.

A minha posição naquela noite era especialmente delicada. Uma semana antes, tinha convidado a Duquesa de Hamilton, a Dr.ª Margaret Vivian, o Sr. David Gow (antigo editor da *Light*) e a Srta. Delius, que veio acompanhada da Duquesa, para jantarem comigo e realizarmos uma sessão após o jantar.

Como as minhas investigações sobre as fraudes suspeitas ainda não estavam concluídas, era naturalmente impossível dar aos meus convidados qualquer indicação sobre o que se tinha passado.

Dada a condição nervosa de Valiantine, havia uma forte probabilidade de que a sessão fosse um fracasso, e eu não teria ficado surpreendido se o resultado tivesse sido completamente nulo.

Ao chegar a Dorincourt, não vi Valiantine, e fui diretamente para o meu quarto trocar de roupa.

Quando entrei na sala de estar, a Dr.ª Vivian, o Sr. Gow e Valiantine estavam sentados lado a lado. Curiosamente, a Dr.ª Vivian, uma investigadora psíquica inteligente, discutia com o Sr. Gow e Valiantine um caso de fraude mediúnica. A coincidência apelou ao meu sentido de ironia. A conversa continuou por mais algum tempo e, embora Valiantine não participasse, exceto com pequenas intervenções aqui e ali, reparei que, de tempos a tempos, os músculos das suas mãos contraíam-se nervosamente. Assim que pude, conduzi a conversa para outros assuntos.

Durante a longa série de experiências que conduzi nos anos anteriores, e que registei nos meus livros, fiz sempre questão de não apresentar os assistentes ao médium, nem de o informar sobre quem estaria presente. Assim, não só não saberia os nomes deles, como também veria os seus rostos pela primeira vez ao entrarem na sala da sessão, imediatamente antes de as luzes serem apagadas. Sempre fui muito rigoroso neste ponto, porque este método aumenta claramente o valor das comunicações evidenciais que possam ser dadas espontaneamente.

Desta vez, contudo, tratava-se de um jantar, e Valiantine sabia os nomes dos convidados esperados. A Dr.ª Vivian só o tinha encontrado uma vez, e nenhum dos outros tinha tido antes qualquer experiência com ele.

Antecipando as dificuldades da sua posição, tinha discutido a situação com a Sra. Bradley mais cedo nesse dia. Como já tínhamos, em várias ocasiões anteriores, obtido fenómenos de "vozes" enquanto Valiantine não estava presente, existia, naturalmente, a possibilidade de que certas "vozes" pessoais pudessem manifestar-se apenas com a combinação da nossa mediunidade, independentemente de Valiantine.

A sessão teve lugar depois do jantar, por volta das 21 horas.

Os assistentes foram: a Duquesa de Hamilton, a Srta. Delius, a Dr.ª Margaret Vivian, o Sr. David Gow, a Sra. Bradley, eu próprio e Valiantine.

Depois de dois discos terem sido tocados no gramofone, ouviu-se a "voz de Bert Everett" a dizer: "Boa noite, Almas."

Seguiu-se uma pausa, a trombeta luminosa foi levantada e, dirigindo-se a mim, uma "voz" anunciou "Henderson" e depois — "Almirante Henderson." Tinha-me encontrado com o Almirante Henderson em algumas ocasiões

durante a sua vida; ele participara comigo numa sessão em Dorincourt, e também noutra, numa sessão de "vozes" em casa do Sr. Lionel Corbett, em Hampshire, sob a mediunidade de Evan Powell. Pouco antes de falecer, tivemos um ligeiro desentendimento sobre o caso Baylis. A "voz" abordou esse desacordo comigo de forma bastante inteligente.

Um pouco mais tarde, a trombeta luminosa foi novamente levantada, e uma "voz" muito abafada e indistinta tentou dirigir-se à Dr.ª Vivian. Contudo, foi impossível perceber o que a "voz" dizia. Após duas ou três tentativas, durante as quais a trombeta caiu, a "voz" conseguiu dizer o nome "Claude", e seguiram-se algumas frases curtas trocadas entre a Dr.ª Vivian e a "voz." A Dr.ª Vivian contou-nos depois que, numa sessão anterior, desconhecida de todos os presentes, tinha combinado que esse nome — "Claude" — fosse transmitido, se possível, numa sessão com Valiantine.

Houve mais uma pausa, depois a trombeta luminosa foi levantada e uma "voz" dirigiu-se à Duquesa de Hamilton, dizendo ser "a sua mãe." Após proferir algumas palavras, a trombeta moveu-se diretamente para a Dr.ª Vivian e saudou-a. A "voz" manteve então uma breve conversa com a Duquesa e também com a Dr.ª Vivian. A conversa alternava entre as duas assistentes.

Há aqui um ponto que pode ser considerado como evidência.

A Dr.ª Vivian, creio, nunca tinha conhecido a Duquesa de Hamilton até essa noite, mas conhecia muito bem a sua mãe. A "voz" falou com a Dr.ª Vivian de forma familiar e respondeu com inteligência às diversas perguntas que esta lhe colocou.

Seguiu-se nova pausa e, depois, usando a trombeta, uma "voz" dirigiu-se à Srta. Delius, proferindo algumas palavras e referindo algo sobre "Snoozey." Mais tarde, outra "voz" falou com a Srta. Delius, identificando-se como "o seu pai" e fazendo referências ao seu trabalho.

Tocaram-se mais discos no gramofone e, depois, usando a trombeta luminosa, a "voz" do meu pai — Dan Bradley — disse algumas palavras apressadas à Sra. Bradley e a mim, e acrescentou: "Herbert, esta noite está muito difícil." As palavras foram ditas no inconfundível sotaque do meu pai.

Houve nova pausa prolongada e, depois, uma "voz" que se identificou como "Russell Wallace" dirigiu-se a mim e ao Sr. Gow. Seguiu-se uma breve conversa sobre livros e trabalhos, mas a conversa foi impessoal e sem valor evidencial.

Depois disto, enquanto um disco tocava no gramofone e pouco antes de terminar, uma "voz" falou de forma independente, proferindo sons ininteligíveis, mas nenhum dos assistentes conseguiu perceber as duas ou três palavras ditas. Tocaram-se mais dois discos e, como já estávamos sentados há hora e meia, informei os assistentes que era bastante provável que aquelas palavras fossem uma instrução para encerrar a sessão.

Recolhemos à sala de estar, onde completei imediatamente as minhas notas.

Embora os meus convidados tenham parecido impressionados com os fenómenos, disse-lhes que considerava a sessão comparativamente negativa, ao que o Sr. Gow respondeu: "Isso é só porque está habituado a resultados excecionais."

Foi uma noite muito peculiar. Eu tinha antecipado a possibilidade de não obtermos absolutamente nada. No entanto, houve oito "vozes" pessoais que tentaram manifestar-se. Foram fracas e sem fluência contínua. Apenas alguns pontos poderão ser considerados como tendo valor evidencial, mas, durante as conversas, as várias "vozes" falaram de forma direta e inteligente.

É significativo notar que, durante toda a sessão, com exceção de três palavras da "voz de Bert Everett," nenhum dos "Guias" de Valiantine tentou falar.

A sessão foi, na verdade, muito semelhante a muitas das sessões de "vozes" que tenho realizado sob a mediunidade da minha esposa e de mim próprio, sem a presença de Valiantine. Quero com isto dizer que foi semelhante a algumas das sessões mais fracas que tivemos, em que as "vozes" tinham consideráveis dificuldades em manter o esforço para falar.

Valiantine, durante todo o dia e também à noite, encontrava-se num estado nervoso.

Os seus "Guias" não se manifestaram, e nenhum dos fenómenos habituais das sessões sob a sua mediunidade ocorreu. É perfeitamente possível que, durante a sessão que registei, Valiantine tenha sido apenas um assistente

passivo, e que as forças utilizadas para as poucas manifestações não estivessem de todo relacionadas com ele, mas tenham sido extraídas da mediunidade combinada da Sra. Bradley e minha.

CAPÍTULO VIII
A SESSÃO COM OS DOYLES

Lady Doyle e Adrian Conan Doyle — Valiantine muda de sapatos — A voz de Arthur Doyle — Questões de evidência — Três impressões distintas — Fenómenos genuínos.

Quarta-feira, 25 de Fevereiro de 1931.
Na manhã seguinte, Valiantine parecia um pouco mais animado e mostrava-se encorajado pelos resultados da noite anterior.

Alguns dias antes desta data, eu tinha convidado Lady Doyle para jantar comigo em Dorincourt, podendo trazer consigo quaisquer membros da família que desejasse.

Após a sessão da noite anterior, discuti com a Sra. Bradley as várias manifestações que ocorreram e que apresentavam semelhanças com as obtidas durante as nossas sessões privadas. Dado isto, concordámos que existia uma possibilidade real de ocorrerem fenómenos genuínos durante a presença de Lady Doyle.

Os Doyles eram esperados por volta das 19 horas. Tinha passado o dia em Londres e cheguei a casa por volta das 18h30, com tempo suficiente apenas para me trocar antes da chegada deles.

Recebeu-se uma mensagem telefónica de Lady Doyle dizendo que estavam a viajar diretamente de Crowborough, e que, por isso, seria mais conveniente não se vestirem formalmente para o jantar. Menciono este detalhe porque, em vez de me trocar, aproveitei essa meia hora para conversar com Valiantine. Ele estava gradualmente a mostrar-se mais descontraído, e eu evitei, de forma propositada, dar-lhe a entender que desconfiava dele.

Foi necessário referir-me às impressões, pois tinha intenção de, nessa sessão, preparar uma folha de papel fumado e colocá-la no círculo para ver o que acontecia. Disse-lhe que era extremamente difícil comparar impressões com

exatidão e que, como o Sr. Jaquin dissera haver alguma semelhança entre as impressões obtidas na sexta-feira e as impressões digitais de Doyle, a presença de Lady Doyle e do seu filho poderia tornar o experimento ainda mais interessante, caso se conseguisse obter uma impressão melhor.

Valiantine concordou sem hesitar, e mudei então de assunto.

Valiantine tinha passado uma tarde tranquila em Dorincourt e não tinha saído. Vestia um fato informal, com sapatos pretos de atacadores, perfeitamente limpos. Pouco antes das 19h, depois de tomar um cocktail comigo, levantou-se e disse: "Bem, acho que vou mudar de sapatos." Nestas circunstâncias, foi uma observação peculiar e, como os acontecimentos viriam a demonstrar, algo inexplicável. Seria de esperar que dissesse, no seu estilo americano: "Bem, acho que vou lavar-me." Deixou-me por alguns minutos e voltou à sala de estar calçando sapatos de verniz. Já os tinha usado ocasionalmente noutras noites.

Lady Doyle chegou pouco depois, acompanhada pelo seu filho, Adrian. Lady Doyle já tinha conhecido Valiantine anteriormente e participara com ele numa sessão na minha casa, anos antes, mas esta era a primeira vez que Adrian Doyle o via.

Após o jantar, preparei uma folha de papel fumado e coloquei-a sobre a almofada absorvente no topo do banco-cofre, colocado no centro do círculo, como das outras vezes.

A trombeta luminosa foi colocada ao lado do banco.

Era um círculo pequeno, com apenas cinco participantes, dispostos da esquerda para a direita da seguinte forma: Valiantine, eu próprio, Lady Doyle, Adrian Doyle e Sra. Bradley.

Pedi a cada um dos assistentes que assinasse a folha de papel fumado, que foi depois numerada de acordo com as suas posições sentadas, da esquerda para a direita.

As luzes foram apagadas e, depois de dois discos tocados no gramofone, ouviu-se a voz aguda de "Bert Everett" vinda de perto do teto, dizendo: "Boa noite, Almas." Perguntei então se as condições estavam boas, e "Bert Everett" respondeu: "Exquisito."

Logo depois, ouviu-se claramente a "voz" do "Dr. Barnett", aparentemente vinda do chão, ao centro do círculo. O "Dr. Barnett" falou com facilidade a cada membro do círculo. Disse que Sir Arthur Conan Doyle estava presente e que falaria connosco.

Um pouco mais tarde, a trombeta foi levantada e a "voz" dirigiu-se a Lady Doyle como "Jean" e a Adrian Doyle como "Adrian." Falou com eles inicialmente de forma algo excitada. As saudações e a conversa que se seguiu foram emocionais. A emoção da "voz" ao falar com eles foi impressionante. Lady Doyle e Adrian Doyle afirmaram, logo após as primeiras frases, reconhecer a "voz" como sendo a de Sir Arthur.

A primeira conversa foi natural e rápida, com respostas dadas sem qualquer hesitação. Não durou muito, e no final a trombeta caiu, como se a energia da "voz" se tivesse esgotado.

Durante a sessão, nove outras "vozes" individuais falaram em diferentes momentos. A "voz de Doyle" manifestou-se repetidamente em sete ocasiões ao longo da noite. Cada vez que esta "voz" surgia, praticamente toda a conversa era dirigida a Lady Doyle e a Adrian Doyle. A "voz" dirigiu algumas palavras de saudação à Sra. Bradley, a mim e a Valiantine. Quando falou comigo, acrescentou: "Bradley, obrigado por me dares esta oportunidade."

A sessão durou mais de hora e meia, e a "voz de Doyle" dominou a noite e ocupou a maior parte do tempo. Esta "voz" continuava a conversa com Lady Doyle e Adrian Doyle de forma fluente e, de tempos a tempos, interrompia para me dirigir algum comentário. Depois, quando parecia que a energia diminuía, a trombeta luminosa caía ao chão. Grande parte da conversa enquanto a "voz de Doyle" falava versava sobre assuntos pessoais e domésticos da família Doyle, e era conduzida da mesma forma que se ele estivesse vivo e presente na sala.

Numa ocasião, quando Doyle falava, a "voz" disse espontaneamente a Adrian Doyle a seguinte frase: "Estou pronto para ir no 'chitty' contigo quando quiseres", e passou a discutir os carros de corrida do filho. Havia uma profundidade na entoação da "voz" característica do sotaque de Doyle, e o modo decidido de falar era distintivo. Mais à frente tratarei da impressão de Lady Doyle e das impressões de Adrian Doyle. Aqui registo apenas as minhas próprias impressões, obtidas de forma totalmente independente das deles.

Já referi que a "voz de Doyle" ocupou a maior parte da noite, mas entre essas manifestações surgiram outras "vozes" de carácter completamente diferente.

Após a primeira manifestação da "voz de Doyle", "Pat O'Brien" falou de forma afável e loquaz com todos os participantes do círculo.

Cristo D'Angelo saudou em italiano — "Buona sera" — e, a pedido, cantou uma canção na sua língua, com uma "voz" muito forte e melodiosa.

"Bert Everett" manifestou-se novamente e manteve uma breve conversa com todos nós. Depois disso, a trombeta luminosa foi levantada e uma "voz", inicialmente pouco nítida, tentou pronunciar algumas palavras que não conseguimos perceber ou traduzir. Na segunda tentativa, esta "voz", dirigindo-se a Adrian Doyle, identificou-se como "Fatty." O nome foi dado espontaneamente e reconhecido por Adrian Doyle como sendo de um amigo seu chamado Duncan, que tinha morrido num acidente de automóvel cerca de um ano antes. Seguiu-se uma breve conversa entre eles, durante a qual Fatty falou de automóveis e corridas.

Mais tarde, uma "voz" apareceu identificando-se como "Phineas." Contudo, a "voz" era tão fraca que não foi possível manter uma conversa.

Em seguida, a trombeta luminosa foi levantada e uma "voz" que se apresentou como "Avô Doyle" falou com Lady Doyle e Adrian Doyle, e manteve-se uma conversa sobre pintura.

Depois surgiu outra "voz" que se identificou como "a mãe de Lady Doyle" e manteve uma conversa com ela e com Adrian Doyle.

Após uma pequena pausa, usando a trombeta luminosa, outra "voz" falou, apresentando-se como "Tio Stewart" de Adrian Doyle. Uma conversa foi mantida entre este espírito e Lady Doyle e Adrian Doyle.

Já no final da noite, durante uma das conversas, perguntei a "Doyle" sobre a mensagem que me pedira para transmitir a Lady Doyle, na qual mencionava o "berloque na corrente do relógio." Perguntei-lhe o que queria dizer ao acrescentar a palavra "iniciais", e "Doyle" respondeu: "A Jean descobrirá as iniciais." Mais tarde perguntei a Lady Doyle se já tinha descoberto o significado de "iniciais", e ela disse que ainda não tinha tido oportunidade de

procurar o berloque para ver se tinha alguma inscrição, mas que o faria mais tarde.

Como referi num capítulo anterior, Lady Doyle, ao encontrar a moeda, verificou que não havia quaisquer iniciais nela, e sugeriu que talvez ele se referisse a um pequeno medalhão que usava sempre preso à corrente do relógio, no qual havia iniciais gravadas no verso. Acrescentou então que o medalhão tinha as suas próprias iniciais — A.C.D. — mas que isso não revelava nada de relevante.

Pouco antes do fim da sessão, a trombeta luminosa foi levantada e uma "voz" falou comigo. Essa "voz" era muito fraca, mas disse distintamente: "Bradley, é Doyle a falar. Tentei deixar a minha impressão no papel." A "voz" desapareceu de imediato. Embora as palavras tenham sido claramente ouvidas por todos os presentes no círculo, a "voz" era tão ténue que seria impossível afirmar que apresentava os tons característicos marcantes da "voz de Doyle" que falou longamente durante a noite, em várias ocasiões distintas.

Pouco depois, o "Dr. Barnett" encerrou a sessão. Quando se acenderam as luzes, verificou-se que havia três impressões distintas no papel fumado. (Prova n.º 14, p. 350.) Fixei-as de imediato com a solução apropriada.

Notei que a "voz" fraca, perto do fim da sessão, tinha dito: "Tentei deixar uma impressão." A voz não afirmou que tinha conseguido, e desapareceu antes que eu pudesse interrogá-la.

Observei que nenhuma das impressões parecia corresponder a marcas de dedos dos pés, pelo que o comentário de Valiantine antes da sessão — "Acho que vou mudar de sapatos" — pode ter sido deliberadamente feito para justificar o uso de sapatos de verniz nas ocasiões em que as suas impressões digitais dos pés haviam sido descobertas.

Na manhã seguinte, entreguei as folhas fumadas ao Sr. Jaquin e pedi-lhe que mandasse tirar fotografias o mais rapidamente possível.

Desde o início da sessão, durante uma hora e quarenta minutos, as conversas com as "vozes" decorreram praticamente de forma contínua. A maioria das conversas era de natureza pessoal, mas eram conduzidas de forma fluente e sem hesitações.

Todas as perguntas feitas a "Doyle" foram respondidas de forma imediata e inteligente, e a "voz de Doyle" falou durante toda a sessão com Lady Doyle e Adrian Doyle de modo comovente e afeiçoado.

Quanto à minha própria impressão, devo afirmar que, durante toda a sessão, observei que a "voz de Doyle" possuía uma personalidade distinta. Nas sete ocasiões em que falou, a "voz" foi ganhando volume gradualmente e as suas características tornaram-se mais evidentes. Ser-me-ia impossível compará-la com exatidão à alegada "voz de Doyle" que falou apenas breves frases na sexta-feira, 20 de Fevereiro, e no sábado, 21.

Quando saímos da sala da sessão, tanto Lady Doyle como Adrian Doyle disseram-me que estavam impressionados e encantados com o que tinha acontecido. Era, naturalmente, impossível naquele momento revelar-lhes o que tinha sido descoberto na segunda-feira anterior.

Enquanto conversava com Lady Doyle sobre os fenómenos ocorridos, refletia interiormente sobre a natureza algo extraordinária da sessão que tínhamos acabado de experienciar, tendo em conta as circunstâncias particulares.

A fluidez das "vozes" contrastava de forma muito marcada com as frases curtas e entrecortadas proferidas pelos vários "Guias" e outras entidades nas sessões especificamente dedicadas às impressões, nas quais estiveram presentes o Sr. Jaquin e o Sr. Sykes.

Alguns dias depois, Lady Doyle escreveu-me uma carta encantadora, na qual dizia, entre outras coisas:

"Quero agradecer-lhe a sua enorme gentileza por ter dedicado toda a noite para que pudéssemos ter a felicidade de uma sessão verdadeiramente maravilhosa, e pela sua hospitalidade tão amável."

Mais tarde, em resposta a uma carta minha na qual lhe pedia que me dissesse se considerava alguma das comunicações como evidenciais e características do seu marido, ela respondeu:

"No que diz respeito ao aspeto evidencial da sessão, tanto o Adrian como eu ficámos impressionados com o timbre da voz que se manifestou. A riqueza e profundidade da voz, e aquele 'algo' que a voz individual possui, pareciam estar presentes. Quanto ao conteúdo, foi exatamente o que se esperaria ao entrar em contacto com um ente querido do outro lado do Véu da Morte,

mas suponho que isso não seria considerado evidência do ponto de vista do 'homem comum'. O que ele disse ao Adrian — 'estou pronto para ir no chitty contigo quando quiseres' — foi evidencial, porque ele adorava andar nos carros de corrida novos dos rapazes e usou essas mesmas palavras duas ou três vezes com o Adrian."

Nesta carta, Lady Doyle exprime de forma sensata e lógica exatamente o que sinto em relação a esta sessão em particular. Coube a ela e a Adrian Doyle determinar quanta evidência de personalidade obtiveram da "voz".

Lady Doyle é uma mulher muito inteligente, e Adrian Doyle é um jovem saudável e extremamente lúcido. Nenhum deles possui o mais leve traço daquela neurose que existe entre muitos espiritualistas e investigadores psíquicos. Ambos são críticos e lógicos na sua postura e análise de valores.

Eu, de forma fria e crítica, observei a personalidade que descreveram. Esta sessão foi dedicada especialmente a eles. As conversas com a "voz de Doyle", que duraram bastante tempo, foram descontraídas, familiares e domésticas. Não foram oferecidas muitas provas exteriores, mas as conversas foram conduzidas pela "voz de Doyle" de forma natural, como se ele estivesse presente na sala.

A sessão desta noite apresenta um problema complexo. Em circunstâncias normais, este círculo de cinco participantes poderia ser considerado ideal para a manifestação de fenómenos supranormais. Deve lembrar-se que Lady Doyle tem faculdades mediúnicas; Adrian Doyle estudou o assunto extensivamente, e é necessário reiterar que a Sra. Bradley e eu temos obtido fenómenos de "vozes" excepcionais e fluentes quando Valiantine não está presente.

Estou certo de que fenómenos genuínos ocorreram nesta sessão. Se a maior parte dos poderes mediúnicos veio da Sra. Bradley, de mim, ou de Valiantine, é impossível afirmar.

Do ponto de vista psicológico, dadas as circunstâncias, foi uma das noites mais interessantes que alguma vez passei.

Importa também assinalar que não foi possível provar que as cristas papilares mostradas na impressão (Prova n.º 14, p. 350) obtida nesta sessão foram produzidas por meios fraudulentos.

CAPÍTULO IX
O COLAPSO DE VALIANTINE

A última sessão — A exposição — Uma impressão de articulação do cotovelo — Precauções adicionais — O corante — A plasticina com verde de metileno — A cera de modelar do escultor — O plano de ação — Uma sessão curta num ambiente satírico — Várias impressões — Impressão tirada do pé de Valiantine — Valiantine confrontado com o aumento da impressão "espiritual" comparado com o seu dedo do pé — A ação precipitada do Sr. Jaquin — Impressões tiradas do dedo mínimo de Valiantine — O médium é revistado — A mancha encontrada no seu cotovelo — Não consegue explicar — Interrogatório — Valiantine colapsa.

Sexta-feira, 27 de Fevereiro de 1931.
Na manhã de quinta-feira, 26 de Fevereiro, o Sr. Jaquin foi ao meu escritório em Bond Street, e juntos examinámos cuidadosamente as impressões obtidas no papel fumado na noite de quarta-feira.

Uma das três impressões parecia indicar as marcas de uma articulação de cotovelo. Pedi ao Sr. Jaquin que mandasse tirar fotografias e que fossem feitas ampliações dessa marca do cotovelo. As outras duas impressões de pele não foi possível identificar.

O Sr. Jaquin e eu discutimos com grande cuidado o método de atuação para a sessão de impressões que se realizaria na noite de sexta-feira. Considerámos necessário obter provas irrefutáveis adicionais de qualquer ação fraudulenta consciente por parte de Valiantine, caso esta viesse a ocorrer. O Sr. Jaquin sugeriu que preparasse previamente as suas folhas de papel fumado e as tratasse com anilina, e que também preparasse uma lata de cera de moldagem com verde de metileno, para o Sr. Sykes trazer consigo.

Ficou combinado que o Sr. Jaquin e eu nos encontraríamos no estúdio do Sr. Sykes às 17h da sexta-feira, para que os três pudéssemos consultar-nos, testar o papel fumado e a cera de modelagem preparados, e acordar antecipadamente o plano de ação a seguir.

Estava previamente decidido que não se realizaria nenhuma sessão na noite de quinta-feira, pois seria necessário, de qualquer forma, dar descanso a Valiantine após várias sessões consecutivas.

Importa compreender que, mesmo após a sessão com os Doyle, ele ainda se mostrava confuso e preocupado no seu comportamento.

Na noite de quinta-feira, levei-o, juntamente com a minha esposa, a jantar num restaurante do West End, e depois o Sr. Sykes convidou-nos a passar pelo seu apartamento no regresso. Durante o jantar, disse a Valiantine que as impressões obtidas na noite de quarta-feira eram extraordinariamente interessantes, e que o Sr. Jaquin afirmara serem totalmente diferentes de quaisquer outras já obtidas. Contudo, é significativo observar que ele não perguntou uma única vez: "Parecem-se com as do Doyle?" Para o tranquilizar, uma vez que provavelmente ainda estaria a pensar nas impressões dos dedos dos pés, disse-lhe, de forma casual: "Claro que se podem obter inúmeras impressões diferentes das mesmas impressões digitais — tudo depende do ângulo em que se coloca o dedo."

Durante o jantar e, depois, quando visitámos o Sr. Sykes, Valiantine foi gradualmente mostrando-se mais bem-disposto e jovial, e todos nós fizemos o possível para encorajar esse estado de espírito.

Na tarde do dia seguinte, antes de irmos ao encontro do Sr. Sykes, o Sr. Jaquin passou pelo meu escritório e disse-me que achava que usar papel fumado preparado com corante de anilina seria muito difícil, pois o mais leve toque deixaria uma marca em qualquer dos assistentes. Seria necessário manuseá-lo com tanto cuidado antes da sessão que facilmente poderia despertar as suspeitas de Valiantine. Além disso, teria uma aparência ligeiramente diferente do papel fumado comum.

Não gostei da ideia de desistir do plano, que podia fornecer uma prova sob a forma de mancha temporária e indelével caso Valiantine tocasse no material. Assim, a caminho do apartamento do Sr. Sykes, comprámos alguns corantes de anilina, e o Sr. Sykes, o Sr. Jaquin e eu experimentámo-los. Acabámos por decidir que seria demasiado arriscado usar o corante no papel fumado, especialmente porque cada um dos assistentes teria de assinar as folhas imediatamente antes da sessão começar. Valiantine também poderia notar que os papéis tinham sido trazidos previamente. Por

isso, decidimos usar o papel comum, fumado na presença de Valiantine como habitualmente, e confiar na cera de modelar que o Sr. Jaquin preparara dentro de uma lata de cigarros. Esta cera tinha uma base de plasticina, sobre a qual o Sr. Jaquin espalhara uma camada espessa de tinta para impressões digitais, polvilhada depois com verde de metileno. Esta preparação, no seu estado inicial, tinha um aspeto mosqueado invulgar, mas o Sr. Sykes conseguiu tratá-la de forma a que ficássemos convencidos de que não despertaria suspeitas.

Era essencial agir com o máximo cuidado. Valiantine tinha sido informado da semelhança entre a sua impressão do dedo do pé e as impressões obtidas na sessão de segunda-feira, e, por isso, eu tinha enfrentado dias difíceis a tentar reconstruir e restaurar a sua confiança. Como esta seria, provavelmente, a última sessão com ele, não queria que nada corresse mal — e muito menos que fosse uma sessão "em branco", sem qualquer manifestação, da qual nada pudesse ser provado — e havia uma clara possibilidade de que assim fosse. Disse ao Sr. Sykes e ao Sr. Jaquin que, na minha opinião, era altamente improvável que Valiantine tentasse novamente usar as impressões dos seus dedos dos pés, e que, caso voltasse a cometer fraude, estaríamos preparados para a possibilidade de usar qualquer outra parte do corpo.

Combinámos que, se se descobrisse, no final da sessão, que a cera preparada na lata tinha sido tocada, então seria necessário, por meio de pretexto ou insistência, que Valiantine se despisse, para verificar se existiam marcas de verde de metileno em alguma parte do corpo.

Após a nossa discussão, quando estávamos prestes a partir de carro para Dorincourt, o Sr. Sykes, num impulso de última hora, voltou ao seu estúdio e trouxe consigo um pedaço da sua própria cera de modelar de escultor. As razões para isso serão explicadas mais adiante.

Chegámos a Dorincourt por volta das 19h, e cada um de nós fez um esforço para manter um ambiente leve e alegre. Não discutimos espiritualismo durante a meia hora anterior ao jantar, e Valiantine estava bem-disposto e a rir-se, a desfrutar plenamente os seus cocktails. Ao jantar, foi servido champanhe. Valiantine, quando está hospedado em minha casa, ou quando janta fora comigo, costuma beber um pouco de vinho. Inicialmente, quando o mordomo se aproximou para o servir, disse: "Acho que não vou beber."

Mas, pouco depois, acrescentou: "Acho que vou tomar um pouco de champanhe."

O jantar decorreu agradavelmente e Valiantine estava no seu melhor, rindo-se estrondosamente com algumas das suas próprias piadas simples. Com isto não pretendo sugerir, nem por um momento, que Valiantine estivesse embriagado; até onde sei, nunca esteve. É um homem moderadamente abstémio e, nessa noite, não bebeu mais do que o habitual noutras ocasiões. É essencial deixar isto claro, porque, embora tivessem sido feitos certos preparativos, não foi usada qualquer influência indevida, e qualquer fraude que ele pudesse estar inclinado a cometer seria consciente e deliberada.

O papel fumado foi preparado pelo Sr. Jaquin diante de Valiantine, sobre uma vela na sala de estar. O Sr. Sykes, com o seu modo gentil e afável, disse casualmente a Valiantine, mostrando-lhe a lata com a cera preparada com verde de metileno: "George, preparei uma cera de modelar ligeiramente mais macia, sente-a" — e entregou-lhe, não a lata, mas o pedaço de cera de escultor que tinha, à última hora, colocado no bolso antes de vir para minha casa. Este gesto subtil, engenhoso e, nas circunstâncias, plenamente justificado, desviou a atenção de Valiantine da lata preparada, e ele ficou por um momento absorvido no seu interesse pela flexibilidade da cera do Sr. Sykes.

O comportamento de Valiantine, antes do início da sessão, era confiante e seguro.

A sessão começou pouco depois das 21h. O Sr. Jaquin colocou uma folha de papel fumado sobre a almofada absorvente em cima do banco-cofre, e outra folha por baixo do banco. O Sr. Sykes colocou a lata de plasticina preparada ao lado da almofada sobre o banco.

As luzes foram apagadas e, depois de um disco ter sido tocado no gramofone, Valiantine recitou o Pai Nosso. Face ao que viria a acontecer, esse gesto pareceu, ironicamente, algo deslocado.

A sessão durou pouco mais de uma hora. As poucas "vozes" que se manifestaram disseram apenas algumas palavras. O conteúdo do que disseram foi praticamente irrelevante. Durante toda a sessão pairou uma atmosfera algo satírica. Já participei em centenas de sessões, durante as quais a sensibilidade psíquica se desenvolve até um grau muito elevado.

Nessa noite, porém, a sala estava "morta". Houve longas pausas. Apenas cinco "vozes" tentaram manifestar-se. Três dessas eram de "Guias" e duas outras de alegadas personalidades. Nenhuma delas proferiu mais de uma dúzia de palavras. Durante a hora em que estivemos sentados, as frases entrecortadas das "vozes" não ocuparam, no total, mais de três minutos. Primeiro, "Bert Everett" disse uma ou duas palavras, depois houve uma saudação breve do "Dr. Barnett". Mais tarde, essas duas "vozes" alternaram ocasionalmente, dizendo frases vagas.

A "voz" de "Pat O'Brien", usando a trombeta luminosa, dirigiu uma ou duas palavras a cada um dos presentes. O Sr. Jaquin interveio com a pergunta: "Pat, os espíritos conseguem ver no escuro?" A trombeta luminosa dirigiu-se imediatamente ao Sr. Jaquin e respondeu: "Claro que sim, ou como poderiam ver para deixar impressões?"

Gostaria de salientar aqui que a "voz de Pat O'Brien" que fez esta afirmação era a voz característica de "Pat O'Brien" que se tinha manifestado tantas vezes ao longo dos anos, e as palavras foram proferidas de forma natural, com uma nota de genuinidade.

Já perto do final da sessão, a "voz de Bert Everett" falou num tom agudo, aparentemente vindo de um ponto alto na sala, dizendo: "Segrave está aqui." Seguiu-se nova pausa prolongada, e depois a "voz de Bert Everett" exclamou agudamente: "Exquisito!" A entoação e as sílabas dessa palavra, nesta noite em particular, pareceram-me peculiares. O tom em que a palavra foi dita soou-me, não apenas satírico, mas mesmo desdenhoso. Perguntei de imediato:

H.D.B.: O que é que é "exquisito"? Queres dizer que obtivemos uma impressão?

"Bert Everett": Sim.

H.D.B.: De quem?

"Bert Everett": Do Segrave.

Pouco depois, a "voz de Bert Everett" disse algumas palavras, dirigindo-se à Sra. Sykes como "Blondy".

Seguiu-se uma nova pausa, durante a qual foi tocado um disco. Em seguida, a trombeta luminosa foi levantada, e uma "voz" rouca identificou-se como "Segrave." O Sr. Jaquin interveio de imediato, dizendo: "Boa noite, Sir Henry; fico contente por tê-lo aqui." A trombeta luminosa flutuou em direção ao Sr. Jaquin e a "voz" respondeu à saudação. O Sr. Jaquin então perguntou: "Lembra-se, Sir Henry, de me ter dado uma impressão da sua mão no apartamento de S. W.?" (O nome foi mencionado por completo.) A "voz" respondeu, em tom fraco: "Sim."

O Sr. Jaquin então perguntou: "Lembra-se de ter prometido que, caso passasse para o outro lado, tentaria dar-me uma impressão do seu polegar?" A "voz" respondeu "Sim", e disse que "estava a tentar." É curioso que a "voz" tenha dito que "estava a tentar", já que anteriormente a "voz de Bert Everett" dissera, em resposta a uma pergunta minha, que uma impressão tinha sido obtida, e que era de Segrave, mais cedo naquela noite.

A "voz de Segrave" apenas proferiu meia dúzia de palavras, e a maioria foram simples respostas afirmativas, como "Sim."

Houve uma nova pausa e, depois, usando a trombeta luminosa e anunciando-se como "Abraham Wallace", uma "voz" dirigiu-se a mim. Disse-me algumas palavras sobre livros de espiritismo. O Sr. Jaquin então perguntou à "voz": "Lembra-se do Dr. Munro?" A resposta foi "Sim." O Sr. Jaquin perguntou se havia alguma mensagem que gostaria de transmitir ao Dr. Munro, e a "voz" respondeu: "Sim, diga-lhe para tomar conta dos meus livros." Esta "voz de Abraham Wallace" durou apenas cerca de trinta segundos. Quando a trombeta luminosa caiu, Valiantine perguntou: "Qual era o nome?" Esta pergunta foi algo absurda, pois a "voz" tinha-se anunciado clara e distintamente como "Abraham Wallace" e, naturalmente, Valiantine conhecera o falecido Dr. Abraham Wallace e tivera duas ou três sessões com ele cerca de um ano antes da sua morte.

Houve uma pausa, durante a qual foi tocado um disco no gramofone, e então o "Dr. Barnett" encerrou a sessão.

A sessão durou cerca de uma hora e um quarto. Quando as luzes foram acesas, foi descoberto que, na folha de papel fumado colocada sobre o banco, havia várias impressões, uma das quais aparentava ser de um dedo. (Ver Prova Nº 15, p. 358.) Alertei todos os presentes, que se inclinavam

naturalmente para examinar a folha, que, em circunstância alguma, o papel deveria ser tocado, e pedi ao Sr. Jaquin que o fixasse imediatamente, dizendo que haveria tempo para o examinar depois.

O Sr. Jaquin fixou o papel fumado com uma solução na própria sala da sessão, e este foi depois posto de parte para secar. Na cera preparada na lata, havia marcas distintas de pressão. (Ver Prova Nº 16, p. 360.) Era impossível, a olho nu, determinar o que eram essas impressões. O Sr. Sykes fechou a tampa e colocou a lata em cima de uma estante. O papel fumado secou em poucos minutos e foi então examinado por todos os presentes.

A Sra. Sykes e a Sra. Bradley retiraram-se.

O Sr. Sykes, o Sr. Jaquin, Valiantine e eu examinámos então, um a um, as impressões com lupa. Comentei casualmente, mas com intenção, que eram certamente bastante diferentes das obtidas nas sessões anteriores de "impressões" e acrescentei, também com um propósito: "Se for possível provar que estas impressões não foram feitas por ninguém presente nesta sala esta noite, então será possível assumir que são supranormais." Afirmei que teríamos de tomar todas as precauções para assegurar uma prova absoluta. Isto deu ao Sr. Jaquin a oportunidade de sugerir que se colhesse a impressão do pé inteiro de Valiantine.

A isso Valiantine anuiu prontamente, e o Sr. Jaquin recolheu então as impressões de ambos os seus pés, incluindo os calcanhares. O objetivo era verificar se existiam vestígios da mancha de Verde de Metileno. Não antecipei que os houvesse. Supondo uma astúcia mínima por parte de Valiantine, não me parecia lógico que, tendo em conta o que ocorrera anteriormente, ele repetisse o mesmo tipo de fraude. Contudo, era útil ao Sr. Jaquin obter novas impressões dos pés de Valiantine para comparação com as anteriormente obtidas.

Enquanto as impressões dos pés eram colhidas, Valiantine mostrou ligeira má vontade e disse que, se as suas tinham de ser tiradas, então as de todos os outros assistentes também deveriam ser. Enquanto discutíamos isso, e Valiantine voltava a calçar os sapatos e a pôr as meias, o Sr. Jaquin saiu da sala por um momento. Voltou trazendo os aumentos fotográficos das impressões da sessão de segunda-feira, 22 de Fevereiro, bem como o

aumento fotográfico do dedo grande do pé esquerdo de Valiantine. Confrontou Valiantine com as imagens, dizendo: "Como explicas isto?"

Tendo em conta os acontecimentos da sessão que acabava de terminar nessa noite (sexta-feira, 27 de Fevereiro), considero que o Sr. Jaquin foi demasiado precipitado na sua ação. Não interferi de modo algum, pois, apesar de o Sr. Jaquin e Valiantine estarem ligeiramente exaltados, mantive-me com a postura e mentalidade de um observador calmo. Era essencial para mim registar todos os factos. Por vezes, as trivialidades podem irritar-me, mas, quando chega o momento de considerar o essencial, a minha tendência é sempre para adotar uma perspetiva distanciada, que me permita uma visão mais clara e penetrante.

Como Valiantine desconhecia que a identidade da sua impressão do dedo do pé com a impressão da sessão tinha sido definitivamente comprovada, talvez fosse natural que o Sr. Jaquin se concentrasse exclusivamente nesse ponto, ignorando as impressões extremamente interessantes sobre a minha secretária, obtidas na sessão recém-terminada. Além disso, a lata com a cera de modelar continuava aparentemente esquecida na estante.

Intervim e pus fim ao pequeno debate entre o Sr. Jaquin e Valiantine. Disse que era necessário considerarmos as impressões acabadas de obter.

Voltámos a examiná-las e, considerando que o Sr. Jaquin acreditava que uma das impressões da sessão era de um dedo mindinho, sugerimos que fossem tiradas as impressões dos dedos mindinhos de Valiantine. Este anuiu prontamente, e o Sr. Jaquin procedeu à recolha e fixação das impressões. (Ver Prova Nº 17, p. 362.)

As impressões dos dedos de Valiantine, tal como colhidas, eram certamente mais curtas do que a da sessão. No entanto, isso poderia ser explicado pelo alongamento das articulações. O Sr. Jaquin perguntou então a Valiantine se conseguia explicar a semelhança. Valiantine respondeu com confiança e firmeza, mas com genuína veemência: "Esse não é o meu dedo mindinho." Jaquin comentou que era "suspeitosamente parecido", ao que Valiantine respondeu irritado:

"Aposto duzentas libras que não é o meu dedo mindinho." O Sr. Jaquin ficou ligeiramente embaraçado com isto e não insistiu. Valiantine foi particularmente enfático ao dizer isto; tanto que parecia genuinamente

convicto de que não era o seu dedo, e de que isso não poderia ser provado. Observei que havia uma diferença considerável entre o comprimento da impressão do dedo na sessão atribuída a "Segrave" (ver Prova Nº 15, p. 358) e a dos dedos mindinhos de George Valiantine, recolhidas pelo Sr. Jaquin e apresentadas na Prova Nº 17 (p. 362).

O Sr. Jaquin acrescentou então: "Se não é o teu dedo, então provavelmente tens um dedo postiço no bolso." Valiantine indignou-se com esta insinuação e disse: "Podem revistar-me." Isso deu-me a oportunidade de sugerir a Valiantine que, para seu próprio bem, o melhor seria despir-se e submeter-se a uma revista. Valiantine concordou de imediato, dizendo: "Podem despir-me — não me importo de ser revistado, desde que todos os outros também o sejam depois."

Todos concordámos. Valiantine retirou então o casaco, o colete e as calças, e pedi ao Sr. Jaquin que revistasse os bolsos. Estes continham apenas os objetos comuns que um homem carrega. Recordei-me, no entanto, que o Sr. Jaquin se esquecera de examinar o lenço do bolso de Valiantine, que poderia conter vestígios de ter limpo marcas de papel fumado. Essa omissão foi lamentável, pois uma busca completa era especialmente essencial, tendo em conta o desafio veemente de Valiantine de que a impressão do papel fumado não era sua.

Prosseguindo com a revista, o Sr. Jaquin arregaçou a manga da camisa do braço direito de Valiantine. Nada foi encontrado. Ao arregaçar a manga do braço esquerdo, foi descoberta uma grande mancha da preparação com tinta de impressão digital e Verde de Metileno no cotovelo. A mancha foi-lhe mostrada, e pediram-lhe uma explicação. Olhou para ela, pareceu perturbado e disse: "Não consigo explicar. Não sei o que é, nem como foi ali parar." Disse-lhe então que a lata com cera de modelar tinha sido especialmente preparada com Verde de Metileno, e que aquela mancha era prova de que usara o cotovelo para fazer a impressão na sessão.

Pedi-lhe que voltasse a vestir-se, e que depois discutiríamos a situação. Por turnos, perguntámos-lhe se tinha alguma explicação para a impressão no papel fumado e para a mancha. À maioria das perguntas, limitou-se a insistir que nunca usara os dedos dos pés, e que a única explicação possível para a mancha no cotovelo era que o seu ectoplasma teria absorvido o Verde de

Metileno e, ao regressar ao corpo, teria deixado a mancha. A quase todas as perguntas, Valiantine respondia invariavelmente: "Não consigo explicar."

Questionámo-lo por um longo tempo e, então, ele deu sinais de colapso. Levantou-se da cadeira e disse com voz entrecortada: "Já não aguento mais. Não aguento — deixem-me ir." Disse-lhe com suavidade, mas firmeza, que não deveria deitar-se até nos dar uma explicação. Ainda parecia confiar em mim e depender do meu apoio. Sentou-se novamente, mas, após mais algumas perguntas, colapsou por completo e desatou num violento acesso de soluços. O seu corpo inteiro tremia convulsivamente e, quando os soluços cessaram, perdeu a consciência. Os olhos fecharam-se e o corpo estremeceu com violentos tremores; respirava com dificuldade. Era, aparentemente, um ataque de histeria nervosa. O Sr. Sykes sugeriu de imediato que se aplicassem compressas de água fria na cabeça. Assim foi feito: o Sr. Sykes aplicou as compressas enquanto o Sr. Jaquin as reembebia em água fria a cada poucos minutos. Valiantine permaneceu nesse estado durante quase duas horas. Durante esse tempo, os batimentos cardíacos eram extremamente rápidos e, pelos sinais de congestão no rosto, a pressão arterial devia estar elevada. O pulso era rápido e intermitente. A certa altura, pouco antes de recuperar a consciência, o Sr. Jaquin disse que, pelo estado em que se encontrava, estava certamente em risco de sofrer um AVC. Eram cerca das duas da manhã quando recuperou, e levei-o então para o quarto. Estava em estado lastimável, mas ainda conseguiu subir as escadas com a minha ajuda, apoiando-se em mim com o braço à volta do meu pescoço. Agradeceu-me por ajudá-lo, falando com voz quebrada, quase como uma criança.

Ele estava sentado, inerte, na cama, com os olhos perdidos no vazio e, não como se estivesse a dirigir-se a mim, disse, em tom entrecortado: "Porque é que me fizeram isto? Porque é que me fizeram isto?" Estas palavras foram ditas de uma forma difícil de descrever. Por estranho que pareça, não creio que ao dizer "eles" estivesse a referir-se ao Sr. Jaquin, ao Sr. Sykes, a mim, ou a qualquer um de nós. Valiantine encontrava-se num estado de tamanha perturbação, visivelmente tão fraco e doente, que o único ato de misericórdia da minha parte era oferecer-lhe algumas palavras de consolo. Disse-lhe para tentar acalmar a mente e descansar um pouco. Ele lançou os braços à minha volta e abraçou-me.

Depois de deixar Valiantine, voltei para junto dos outros. A Sra. Bradley e a Sra. Sykes tinham permanecido na sala de estar desde o final da sessão, por volta das 22h30, e, naturalmente, não tiveram qualquer participação nos acontecimentos posteriores.

Mais tarde, o Sr. e a Sra. Sykes regressaram de carro à cidade, e o Sr. Jaquin, conforme combinado, passou a noite em Porin Court.

CAPÍTULO X
NEGAÇÕES INÚTEIS

No dia seguinte — As provas da fotografia* — Discuto o futuro com Valiantine — Ele volta a colapsar.

Sábado, 28 de fevereiro de 1931.

Na manhã seguinte, Valiantine levantou-se para o pequeno-almoço e, embora parecesse exausto e ansioso, tinha claramente recuperado do ataque de histeria nervosa. Estava calmo e reservado no trato, e falava pouco.

O Sr. Jaquin partiu imediatamente após o pequeno-almoço, levando consigo a folha fumada da sessão e a lata de cera preparada, assim como as impressões digitais e plantares de Valiantine. Estas foram fotografadas e ampliadas durante os dias seguintes, e recebi-as depois de Valiantine se ter ido embora. As ampliações mostram que a maioria das marcas na folha fumada são de cotovelos. (Ver Prova n.º 18, página 366, e também Prova n.º 19, página 368.) Para comparação com a alegada impressão digital supranormal obtida na mesma folha, ver Prova n.º 21, página 388, que contém duas ampliações fotográficas do dedo médio da mão direita de Valiantine e da alegada impressão supranormal. Deve referir-se aqui que foi apenas após um exame muito cuidadoso, realizado mais tarde, a meu pedido, pelo ex-Chefe Inspetor W. T. Bell, que foi descoberta uma semelhança entre a impressão da sessão e o lado direito do dedo médio da mão direita de Valiantine.

Tinha um compromisso nesse sábado às 12h00 em Londres para uma operação dentária maior sob anestesia, que tinha adiado por causa da visita de Valiantine. Não me sentia particularmente bem, e recusei-me a discutir os

acontecimentos da noite anterior com Valiantine. No entanto, era necessário discutir brevemente os seus planos futuros. Ele tinha marcado, para a terça-feira seguinte, o início de uma série de doze sessões com o Dr. Vivian em Hampshire. Disse-lhe que não permitiria que fosse. O Dr. Vivian já lhe havia pago os £200 da sessão, e este cheque já tinha sido descontado. Disse-lhe que o dinheiro teria de ser devolvido imediatamente, e que o melhor seria entregá-lo a mim para que eu lhe pudesse enviar um cheque. Assim fez, entregando-me o dinheiro em notas inglesas e americanas.

Valiantine tinha um compromisso para almoçar na cidade, e disse-lhe que falaríamos de tudo com calma às 17h00 dessa tarde. O almoço era com o Sr. X no seu clube em Londres.

Dado que o Sr. X era o principal patrono de Valiantine — e também o mais abastado —, com quem ele se preparava para realizar mais algumas sessões antes de regressar à América, era de suma importância para Valiantine saber que atitude eu tomaria relativamente às descobertas feitas. Disse-lhe naquela manhã que, até termos discutido tudo entre nós, seria melhor não fazer qualquer referência ao sucedido durante o almoço com o Sr. X, e que mais tarde decidiria qual seria a conduta mais apropriada.

O meu objetivo era, em primeiro lugar, apresentar pessoalmente ao Sr. X todos os factos, com as fotografias; e, em segundo lugar, ainda acreditava haver a possibilidade de obter uma explicação completa por parte de Valiantine. Ele concordou de imediato; mostrava-se submisso nessa manhã; estava extremamente dócil e humilde. Disse: "Herbert, deixo tudo nas tuas mãos. Farei o que quiseres."

Às 11h30, a Sra. Bradley, eu e Valiantine fomos para Londres, e deixámos Valiantine no hotel onde o Sr. X estava hospedado. Segui então para a minha cirurgia dentária e tive sonhos bem mais agradáveis do que os que tivera nos últimos tempos. Curiosamente, diz-se que ninguém consegue lembrar-se dos sonhos sob o efeito do éter. Já apostei com anestesistas sobre isso e perdi sempre, pois ao recobrar a consciência o sonho desaparecia. Contudo, desta vez, retive a memória consciente de boa parte da parte final do sonho, incluindo as palavras proferidas, que relatei ao meu dentista e ao médico durante os intervalos em que cuspi sangue.

Dormi cerca de uma hora durante a tarde e, ao acordar, soube que Valiantine tinha regressado cedo do seu compromisso de almoço. Depois do chá, levei-o ao meu escritório e tentei, mais uma vez, obter uma explicação. Compreendo razoavelmente bem a natureza humana, e esta não foi a primeira vez que tive de lidar com ações fraudulentas por parte de pessoas que ajudei. Tenho uma certa compreensão dessas fraquezas, e a minha experiência de vida, mesmo fora do mundo psíquico, talvez tenha infundido em mim um humor satírico um tanto amargo. Isso pouco importa, desde que o humor ultrapasse a amargura.

Enquanto tomávamos o chá com a Sra. Bradley, Valiantine mostrou-se atencioso e humilde; perguntava se o maxilar me incomodava — o que não era o caso. Quando ficámos a sós, disse-lhe que só poderia ajudá-lo se me contasse tudo. Afirmei saber distinguir fenómenos genuínos de provas de fraude. Disse-lhe também que, pela minha longa experiência, sabia que nas sessões os fenómenos autênticos muitas vezes se misturavam com fraudes conscientes ou inconscientes. Referi-me a sessões em que fenómenos genuínos haviam ocorrido e, ao mesmo tempo, os fenómenos da "voz" tinham sido produzidos por entidades impostoras.

Falei-lhe de experiências em que influências malignas tinham afetado os resultados. Fiz tudo isto na tentativa de obter uma confissão franca sobre o que motivara as suas ações fraudulentas. Conversámos durante uma hora, mas ele manteve-se intransigente. Apresentei-lhe as provas inequívocas que possuíamos, mas a resposta dele não variava: "Não consigo explicar." Disse-lhe que estava provado, sem margem para dúvida, que cometera fraude consciente e deliberada, mas ele recusou-se obstinadamente a admitir. Informei-o então de que considerava meu dever informar o Sr. X do sucedido e entregar-lhe todos os detalhes, o que faria na segunda-feira de manhã, já que o Sr. X passaria o fim de semana em Londres.

Percebendo a minha determinação, Valiantine encerrou a discussão dizendo: "Quando queres que eu vá embora?" Esta pergunta, feita de forma súbita, como se já a tivesse ponderado, surpreendeu-me um pouco, e perguntei: "Para onde podes ir?" Ele respondeu: "Posso ir para Southampton e ficar num hotel."

Importa referir que Southampton fica a cerca de uma hora de carro da propriedade rural do Sr. X. Quando Valiantine me perguntou quando

esperava que ele partisse, parecia pensar que lhe seria exigido abandonar a minha casa de imediato. Não era essa a minha intenção.

Os planos previamente estabelecidos eram de que deixaria Dorincourt na segunda-feira, passaria a noite na casa de campo do Sr. X, e depois iria de carro cumprir os compromissos com a Dr.ª Vivian, regressando então à casa do Sr. X por dois dias antes de embarcar em Southampton a 18 de março. Disse-lhe que podia ficar comigo em Dorincourt, como combinado, até segunda-feira, altura em que poderia encontrar-se com o Sr. X e ir com ele para sua casa, e que eu o acompanharia até à cidade para esse encontro.

Valiantine, creio, até então pensava que eu não contaria nada ao Sr. X. Deve recordar-se que, na sua visita anterior a Inglaterra, ao realizar sessões durante um mês na casa do Sr. X, recebera um honorário de £1.600, além de despesas de viagem luxuosas que ascenderam a várias centenas de libras.

Perguntei-lhe se o Sr. X já lhe tinha pago algum valor pelas cinco semanas de serviços prestados recentemente. Ele respondeu que não, pois era costume o Sr. X dar-lhe um cheque no dia do embarque.

A situação de Valiantine era claramente grave e teria repercussões financeiras consideráveis para ele.

Não lhe deixei qualquer ilusão quanto à minha intenção de informar o Sr. X. Disse-lhe claramente que, quando o visse na manhã de segunda-feira, lhe mostraria as fotografias e impressões que tinha em minha posse e relatar-lhe-ia tudo o que acontecera. Disse-lhe também que o melhor que poderia fazer seria regressar à América no primeiro navio disponível. Ele respondeu que não podia, pois a sua reserva na Cunard era para 18 de março e não havia outro navio. Sabia que isso era absurdo, e telefonei de imediato à Cunard, que me informou que havia um navio a sair no dia 4, e que ficariam perfeitamente disponíveis para trocar o bilhete de Valiantine por um camarote nesse navio.

Telefonei então à Dra. Vivian e disse-lhe que Valiantine não poderia cumprir o seu compromisso, pois era obrigado a regressar à América na quarta-feira seguinte. Não podia, naturalmente, dar-lhe mais pormenores por telefone. Valiantine estava perfeitamente satisfeito por deixar todos os arranjos nas minhas mãos. Continuava extremamente perturbado e receoso.

Domingo, 1 de Março de 1931

Na manhã de domingo seguinte, enquanto eu estava a passear, Valiantine telefonou ao Sr. X, e tenho a impressão de que, de alguma forma, preparou o Sr. X para a entrevista comigo e, com toda a probabilidade, engendrou uma versão própria dos acontecimentos com o intuito de prevenir a exposição. Possivelmente, na tentativa de me desacreditar junto do Sr. X.

Durante todo o dia, Valiantine continuou a afirmar que era inocente. Durante a tarde, pediu para ver as fotografias que tinham sido tiradas às várias impressões. Disse-lhe que preferia, primeiro, mostrá-las ao Sr. X, mas acabei por consentir e levei-lhas numa pilha. Havia duas cópias de cada. Retirei as ampliações das impressões da sessão e também as ampliações das impressões dos seus próprios dedos dos pés. Ele pegou em duas delas e examinou-as por um momento com uma lupa. Depois disse, com determinação: "Estas não são iguais." Infelizmente, as duas fotografias que tinha escolhido eram cópias duplicadas do seu próprio dedo do pé esquerdo. Este foi o primeiro momento humorístico dos últimos dias. As cópias estavam, evidentemente, marcadas, e apontei-lhe isso. Após isso, desistiu de continuar o exame.

A certa altura, durante esse domingo, sabendo que tencionava informar o Sr. X e, conhecendo bem o meu carácter, sabendo que provavelmente mais tarde publicaria todos os factos, Valiantine disse-me, num tom algo patético: "Que hei de fazer?" Respondi, algo cansado: "Sai para trabalhar, como eu e tantas outras pessoas temos de fazer."

Depois do jantar, voltei a discutir com Valiantine a questão da fraude. Dei-lhe uma brecha, sugerindo a hipótese de uma obsessão parcial ou a desculpa de uma fraude inconsciente, mas tudo foi em vão. Manteve firmemente: "Não fiz nada e não consigo explicar." Disse-lhe que, se ele não conseguia explicar, então os seus "Guias" deveriam ser capazes de o fazer, e ofereci-lhe a oportunidade de realizar uma sessão. Queria ver se, por acaso, surgiria algo novo. Ele consentiu, embora de forma algo apática. Sentámo-nos por um breve período, mas, como seria de esperar, nada aconteceu. Nas circunstâncias, isso não era de surpreender.

Depois, pela última vez, insisti com Valiantine para que desse alguma explicação. Apresentei-lhe o argumento de que, se, como ele dizia, não tinha

cometido fraude consciente, e visto que mais ninguém na sala era responsável, então, segundo as suas próprias palavras, as impressões fraudulentas deviam ter sido perpetradas por espíritos malignos, já que alguns dos seus "Guias" tinham feito afirmações que provámos serem falsas. Este argumento perturbou visivelmente Valiantine. Recusou aceitá-lo e disse, com um tom estranhamente genuíno: "Nunca direi uma palavra contra eles."

Argumentei com ele que, perante os factos provados e as deduções lógicas, havia apenas duas hipóteses: ou ele era genuíno e os seus "Guias" eram por vezes fraudulentos, ou os seus "Guias" eram genuínos e ele era por vezes fraudulento. Apresentei-lhe assim a questão para o tentar levar a abrir-se, mas sem sucesso. Dei-lhe a escolha entre confessar a sua culpa e defender os fenómenos espirituais, ou manter a sua inocência e condenar tais fenómenos como maliciosos e maléficos. Mas esta lógica não teve qualquer efeito. Nunca vacilou na sua negação de culpa pessoal. Por fim, já tarde nessa noite, desfez-se novamente em soluços, pelo que o mandei para a cama.

CAPÍTULO XI
PROVAS DE FRAUDE

Valiantine, a Sra. Bradley e eu entrevistamos o Sr. X — Sem surpresa — Inclinado a defender Valiantine — Valiantine torna-se insolente — Mente — Decide-se solicitar outro parecer pericial — A impressão de Stinson — Valiantine mente sobre a "voz de Doyle" — Dra. Vivian — Sr. Jaquin — Consulto Scotland Yard — O Sr. Bell, ex-Chefe Inspector do Gabinete de Impressões Digitais — O seu relatório é conclusivo — Verifica-se que a impressão de "Stinson" é fraudulenta — Sessões com a Dra. Vivian.

Segunda-feira, 2 de Março de 1931

Depois do pequeno-almoço, a bagagem de Valiantine foi colocada no meu carro, e ele, a Sra. Bradley e eu seguimos de carro até Londres para nos encontrarmos com o Sr. X no seu clube. Durante o curto trajecto de dez milhas, Valiantine manteve-se calado e reservado, evidentemente a ponderar o efeito da minha exposição dos factos perturbadores ao Sr. X.

Quando os quatro nos encontrámos no clube do Sr. X, descrevi, o mais sucintamente possível, tudo o que se passara. Mostrei ao Sr. X as fotografias que tinha levado comigo. Disse-lhe que, dado que patrocinava Valiantine, considerava meu dever imediato fornecer-lhe todos os pormenores. Recebeu tudo o que lhe disse com alguma frieza. Não demonstrou qualquer surpresa, e inclino-me a pensar que não ficou surpreendido com o que ouviu. Mostrei-lhe várias fotografias, e ele disse de imediato que estas não provavam necessariamente fraude por parte de Valiantine; quanto à mancha no cotovelo, sugeriu que esta poderia ter sido causada pelo regresso do ectoplasma ao corpo do médium.

O Sr. X contou-me então um caso em que, numa experiência sua, foram obtidas impressões semelhantes numa sessão e, mais tarde, ao examinarem o médium, descobriram as marcas do papel fumado no estômago. Não discuti este ponto com ele. Limitei-me a dizer que era inquestionável que as impressões digitais de Valiantine coincidiam com algumas das obtidas na sessão, e que deixar uma mancha de Verde de Metileno — preparado expressamente para detetar fraude — no cotovelo de um médium parecia-me uma forma muito estranha de manifestação espiritual.

Assim que Valiantine percebeu que o Sr. X estava inclinado a defendê-lo, toda a sua postura mudou. Ficou visivelmente aliviado e ganhou imediatamente confiança. Disse que as condições em que as sessões de "impressões" tinham decorrido em Dorincourt eram más. Atacou particularmente o Sr. Jaquin, dizendo que, como participante, exercia uma influência negativa. Alegou que isso explicava os resultados mistos. Ao ver que eu estava determinado a contar tudo ao Sr. X, Valiantine tornou-se agressivo comigo; um contraste marcante com a timidez nervosa que tinha demonstrado durante o fim de semana. Negou categoricamente muitos dos factos provados. Mentiu deliberadamente e com desespero, e por esta altura quase cheguei a pensar que o Sr. X acreditava mais em Valiantine do que em mim. Pareceu-me inútil continuar a discussão.

Disse ao Sr. X que considerava meu dever informá-lo dos factos e que, tendo-o feito, deixava Valiantine nas suas mãos, podendo ele agir como considerasse adequado. Ofereci-me para lhe deixar as cópias das fotografias, para que as pudesse levar consigo e estudá-las com calma, e como Valiantine regressava com ele, também teria oportunidade de as analisar

com o Sr. X. Inicialmente, tal era a sua confiança em Valiantine, o Sr. X não estava inclinado a aceitar as fotografias. Mais tarde, contudo, concordou. O Sr. X afirmou que, em qualquer caso, não aceitaria a opinião do Sr. Jaquin sobre elas, mas que exigiria um parecer pericial. Disse-lhe que ficaria muito satisfeito se o fizesse, e que, de qualquer modo, também tencionava obter uma análise especializada adicional, pois considerava isso necessário para confirmação. Ao mesmo tempo, acrescentei, tinha poucas dúvidas quanto ao resultado.

O Sr. X informou-me que, durante o mês em que Valiantine esteve hospedado com ele, tinha sido utilizado papel fumado numa ou duas sessões, e que se obtivera uma impressão alegadamente pertencente a Walter Stinson. Convém referir que Walter Stinson é o principal "controlo" da famosa médium "Margery" (Sra. Crandon), esposa do Dr. Crandon de Boston. Nas sessões de "Margery" realizadas em Boston foram obtidas várias impressões atribuídas a Walter Stinson (irmão falecido da médium).

Algumas dessas impressões dizem ter boa correspondência com a única impressão existente de Walter Stinson, supostamente obtida após a sua morte, a partir de uma lâmina de barbear que utilizara em vida. Uma impressão obtida desta forma, após a morte de uma pessoa, a partir de um objeto de uso diário, que pode ter sido manuseado por muitos outros, não pode, no meu entender, reclamar qualquer autenticidade como sendo uma impressão digital de Walter Stinson, já que nunca foram tiradas impressões das suas mãos ou dedos em vida.

O Sr. X disse-me que tinha enviado por correio as fotografias da alegada "impressão de Walter Stinson", obtida sob a mediunidade de Valiantine, ao Dr. Crandon para comparação, mas que, até à data, ainda não tinha recebido resposta. Disse-lhe que teria muito interesse em ver essa impressão, e ele respondeu que, como viria a Londres na sexta-feira seguinte, 13 de Março, traria consigo uma cópia, devolvendo-me ao mesmo tempo o meu lote de fotografias. Disse-lhe que, se desejasse, eu poderia organizar a presença do Sr. Jaquin, para que também este pudesse ver as impressões digitais. Acrescentei que o Sr. X poderia então colocar-lhe todas as questões que entendesse sobre as impressões obtidas na sessão de Dorincourt.

Voltando à situação de Valiantine, disse ao Sr. X que me sentira obrigado a cancelar a visita deste à Dra. Vivian, e que já lhe tinha telefonado nesse

sentido. Disse também que tinha dito a Valiantine que considerava desejável o seu regresso à América na quarta-feira seguinte. O Sr. X discordou e afirmou que não considerava que eu tivesse o direito de cancelar a série de sessões com a Dra. Vivian, e que tal decisão deveria caber-lhe a ela.

Disse-lhe que não podia consentir que Valiantine fosse até lá e aceitasse um honorário de £200 sem que ela estivesse previamente informada de todos os factos, o que só poderia ser feito pessoalmente. O Sr. X então sugeriu que a Sra. Bradley fosse naquela tarde para a sua casa de campo, passasse lá a noite, e no dia seguinte seguisse de carro para visitar a Dra. Vivian e dar-lhe todos os pormenores. A Sra. Bradley aceitou fazê-lo.

Pouco antes de terminar a minha entrevista com o Sr. X, por acaso ele mencionou que "Doyle" tinha-se manifestado por "voz" durante as sessões de Valiantine realizadas na sua casa, e que Doyle dissera que ia tentar fazer com que as suas impressões digitais fossem transmitidas em Dorincourt. De imediato observei que a "voz de Doyle" em Dorincourt tinha declarado, de forma inequívoca: "É a primeira vez que consigo passar desta maneira." Valiantine negou de imediato, dizendo: "Ele não disse isso." Quando proferiu esta mentira deliberada, penso que o olhar que lhe lancei poderá ter-lhe queimado a alma.

Esta foi a última vez que vi Valiantine, e é pouco provável que o volte a ver.

A Sra. Bradley encontrou-se com a Dra. Vivian na terça-feira, 3 de Março, e contou-lhe tudo o que tinha acontecido. A Dra. Vivian é uma mulher muito encantadora e extremamente inteligente. Tem uma mente excecionalmente equilibrada e, como já referi, um conhecimento vastíssimo do campo psíquico e das diversas formas de mediunidade. Ela considerava que muitos médiuns genuínos tinham sido apanhados, ao longo do tempo, em fases esporádicas de fraude.

Disse que já tinha tudo preparado com alguns outros médicos e um ou dois assistentes exteriores para uma série de sessões com Valiantine e que, apesar das descobertas já feitas, ainda preferia que ele cumprisse o seu compromisso. Tinha lido os registos do trabalho de Valiantine e considerava bastante possível obter algum grau de fenómeno genuíno. Em qualquer dos casos, fosse qual fosse o resultado, as observações seriam úteis para ela e para os seus colegas médicos.

A Sra. Bradley telefonou ao Sr. X para o informar da decisão da Dra. Vivian, e depois regressou a Londres.

Quanto a mim, sentia que tinha feito tudo o que de mim se podia esperar. Assim, não me considerava de modo algum responsável, doravante, pela conduta de Valiantine.

Depois de deixar o Sr. X e Valiantine na segunda-feira, 2 de Março, encontrei-me com o Sr. Jaquin e contei-lhe como tinha decorrido a entrevista. Disse-lhe que, naturalmente, deveríamos obter outro parecer especializado sobre as impressões, e acordámos que o Sr. Jaquin se dirigiria a Scotland Yard para submeter as impressões das sessões e as impressões dos dedos dos pés de Valiantine para análise e comparação.

Assim fez, e a opinião, dada pessoalmente, foi que as impressões eram semelhantes, mas a Scotland Yard afirmou que não podia emitir uma opinião oficial a menos que fosse apresentada uma acusação de fraude criminal contra Valiantine. Naturalmente, não estava disposto a fazê-lo, porque, além de saber que Valiantine tinha sido genuíno no passado, não queria submetê-lo ao sofrimento de um processo criminal. Mesmo que tivesse tomado essa decisão severa, o caso teria sido particularmente complicado, pois os factos ocorreram enquanto Valiantine era meu hóspede, e eu, nessa ocasião, não lhe pagara absolutamente nada pelos serviços mediúnicos.

Ao ser informado disto, a Scotland Yard recomendou-me como um dos melhores peritos do país o Sr. W. T. Bell, ex-Chefe Inspetor do Gabinete de Impressões Digitais da New Scotland Yard. Mais tarde entrei em contacto com o Sr. Bell, submeti-lhe as impressões e obtive o seu relatório e análise, os quais estão registados no Capítulo XIII deste livro, juntamente com as suas marcações das impressões da sessão e da impressão digital do dedo do pé de Valiantine (Prova n.º 20, pág. 386). O relatório do Sr. Bell é tão competente e minucioso que não deverá deixar qualquer sombra de dúvida na mente do leitor leigo. Submeti-lhe as vinte e uma Provas. Confiei nele para uma análise pericial. O Sr. Bell não emite suposições — lida apenas com factos científicos.

Na quinta-feira, 13 de Março, o Sr. X visitou-me no meu escritório em Bond Street e devolveu-me as fotografias. Mostrou-me então a impressão do

"dedo de Walter Stinson", que tinha sido obtida durante uma sessão realizada na sua própria casa.

O Sr. X foi muito cordial no trato e parecia ter estudado com bastante rigor as fotografias que lhe tinha submetido. Sem dúvida, já não estava tão confiante em Valiantine como na última vez que o vi. A sua dificuldade era que, tendo tido tantas evidências mentais pessoais da veracidade da mediunidade de Valiantine, não conseguia conciliar essas experiências com o acto de fraude física deliberada que Valiantine, sem dúvida, cometera.

Depois juntou-se a nós o Sr. Jaquin, e o Sr. X interrogou-o sobre todos os pontos relativos às impressões cutâneas. Discutiu-os de tal modo que era evidente que lhes dedicara um estudo intensivo. Penso que, no fim, ficou plenamente satisfeito com as respostas conhecedoras e francas que o Sr. Jaquin lhe deu a cada questão. Entregou então ao Sr. Jaquin a "impressão digital de Walter Stinson" e disse que a deixava com ele para que a examinasse e desse uma opinião.

O Sr. Jaquin assim fez mais tarde, comparando-a com as impressões das mãos de Valiantine que tinha tirado sete anos antes. Verificou que a "impressão do dedo de Walter Stinson" podia ser identificada com o dedo médio da mão esquerda de Valiantine. O Sr. Jaquin mandou tirar uma fotografia da "impressão de Stinson" e, a meu pedido, o Sr. W. T. Bell examinou-a e comparou-a com o dedo médio de Valiantine. Confirmou a identificação.

Cerca de uma semana depois, o Sr. X, o Sr. Jaquin e eu voltámos a reunir-nos no meu escritório, conforme combinado, e o Sr. X foi informado da origem da impressão de Walter Stinson. O Sr. X estipulou que a fotografia dessa impressão, da qual era proprietário, não deveria ser publicada nem utilizada. Disse que se recusava a ter qualquer envolvimento numa denúncia pública de Valiantine. Compreendi os seus sentimentos e, naturalmente, aceitei. Essa é a única razão pela qual a ilustração da alegada "impressão de Walter Stinson", em comparação com a impressão do dedo médio de Valiantine, não é publicada neste livro.

IV

Valiantine foi visitar a Dra. Vivian na manhã de terça-feira, 3 de Março, e permaneceu lá até segunda-feira, 16 de Março, tendo realizado no total doze sessões.

A Dra. Vivian enviou-me mais tarde os seus relatórios. Escreveu-me a 9 de Março, dizendo que, embora a primeira sessão com Valiantine não tivesse sido muito boa, nas sessões seguintes várias "vozes" se manifestaram, e descreveu a sessão de sábado (7 de Março) como excelente — dezasseis "vozes" tinham-se manifestado. A Dra. Vivian declarou que "enquanto duas 'vozes' falavam simultaneamente, ouviu-se a voz de Valiantine a chamar a atenção dos outros participantes para as duas vozes".

Aparentemente, nas sessões mais tardias os resultados não foram tão bem-sucedidos e a inteligência das "vozes" comunicantes estava bastante confusa.

A última sessão da série realizou-se a 13 de Março, e foi completamente infrutífera.

Valiantine regressou então à casa do Sr. X durante dois dias e embarcou para a América a 18 de Março.

Quando vi o Sr. X na sexta-feira, 13 de Março, disse-me que ele próprio tinha fabricado várias fitas elásticas luminosas, e que instruíra Valiantine a usá-las nos tornozelos e pulsos, à direita e à esquerda. Posso referir que Valiantine, em certas ocasiões, usou fitas luminosas semelhantes em sessões às quais assisti. O objetivo, naturalmente, era que cada movimento do médium pudesse ser vigiado. Perguntei à Dra. Vivian se Valiantine tinha usado fitas luminosas, e ela disse-me que ele as tinha apresentado numa ocasião, mas que, depois, dissera não querer usá-las, por poderem interferir com os fenómenos.

Após a partida de Valiantine, a Dra. Vivian convidou-me para jantar com ela em Londres, juntamente com o Almirante-Cirurgião Nimmo e o Dr. Reid, que estiveram presentes ao longo da série de sessões com Valiantine. Ambos, homens extremamente inteligentes, adotaram uma postura crítica e imparcial perante os acontecimentos que presenciaram. Embora considerassem as duas últimas sessões duvidosas e negativas, o Almirante Nimmo disse-me que, durante a visita de Valiantine, tinha tido duas sessões com ele em plena luz do dia.

A "voz" comunicante, que ouviu distintamente a partir do interior da corneta, transmitiu mensagens inteligentes e com valor evidencial. Ficou muito impressionado com isso e, na segunda sessão à luz do dia, providenciou para que estivesse presente um segundo médico. Estes dois médicos e Valiantine sentaram-se em triângulo, e novamente se ouviram "vozes" a falar de forma clara e inteligente a partir do interior da corneta. Durante todo o tempo em que estas "vozes" se manifestaram, ambos os médicos observaram atentamente o rosto de Valiantine, no qual não detetaram qualquer movimento.

CAPÍTULO XII
RELATÓRIO DA SR.ª NOEL JAQUIN SOBRE AS IMPRESSÕES

Sexta-feira, 20 de Fevereiro de 1931

Antes desta sessão, fumei cuidadosamente duas folhas de papel formato ofício sobre a chama de uma vela. Estas foram assinadas por todas as pessoas presentes, que confirmaram que não apresentavam qualquer marca, à exceção das assinaturas. Este procedimento foi seguido em todas as sessões. Uma folha foi colocada no chão, debaixo de um banco, e a outra foi colocada sobre papel mata-borrão em cima do banco. Uma pequena corneta de celuloide, marcada com tinta luminosa, foi colocada no centro do círculo.

Quando as luzes foram acesas no final da sessão, tinham sido produzidas duas impressões — uma em cada folha de papel fumado. Fixei-as imediatamente. A impressão na folha em cima do banco chamou-me a atenção. Se aquilo era uma impressão de polegar, por que razão a segunda articulação — como a impressão difusa deixava perceber — era mais volumosa e carnuda do que a articulação superior? (Prova n.º 1, pág. 316.)

A outra impressão, na segunda folha, era um polegar com uma curiosa concavidade no seu vértice. (Prova n.º 2, pág. 318.)

Sábado, 21 de Fevereiro de 1931

Na manhã seguinte, examinei cuidadosamente as impressões originais das mãos do falecido Sir Arthur Conan Doyle, que eu própria tirei em 1925. Não consegui encontrar qualquer ponto de semelhança com as impressões da sessão, cuja origem considerei extremamente duvidosa. Nessa noite, jantei

novamente em Dorincourt, e por volta da mesma hora realizou-se a segunda sessão. As mesmas formalidades foram respeitadas.

No final da sessão, numa das folhas fumadas foi encontrada uma impressão cutânea nítida e também uma impressão esboçada, que se poderia presumir pertencer à mão materializada de uma criança. (Prova n.º 3, pág. 324.) Esta segunda impressão de "polegar" confirmou a minha suspeita da possibilidade de fraude; nenhum polegar mostraria com tanta nitidez a sua segunda articulação; nenhuma mão de criança mostraria as suas linhas brancas — seriam pretas. No dia seguinte, examinei minuciosamente estas impressões com uma lupa e cheguei à conclusão de que não eram, de todo, impressões de polegar.

Segunda-feira, 23 de Fevereiro de 1931

Durante a manhã, fumei algumas folhas de papel branco e pedi à minha secretária que fizesse uma impressão com o seu dedo grande do pé direito, inclinado num ângulo de aproximadamente 45 graus. O resultado foi uma reprodução semelhante às impressões obtidas nas duas sessões de Valiantine.

Infelizmente, as impressões obtidas nessas duas sessões não eram suficientemente nítidas para fornecer uma prova definitiva de fraude.

A terceira sessão realizada em Dorincourt teve início às 20h50. O Sr. Charles Sykes trouxera consigo uma pequena lata contendo "cera para moldagem", que colocou no topo do banco, ao lado de uma das folhas fumadas.

No final da sessão, quando as luzes foram acesas, havia, na folha superior, duas impressões claras (Prova n.º 5, pág. 332). Também fora produzida uma impressão nítida na "cera" (Prova n.º 7, pág. 342), e uma quarta impressão na folha colocada por baixo do banco (Prova n.º 6, pág. 334). Fixei imediatamente os papéis e examinei de perto as impressões; confirmavam as minhas suspeitas — não eram impressões de polegar.

Esperei até que os outros participantes e o médium tivessem regressado à sala de estar, ficando assim a sós com o Sr. Bradley. Combinámos então que ele lhes dissesse que, para evitar qualquer possível crítica negativa, caso estas impressões se revelassem supranormais, seria prudente que todos déssemos as nossas impressões dos dedos dos pés. Assim o fez, e preparei

então algumas folhas de papel fumado adicionais. Comecei por tirar as impressões dos meus próprios dedos dos pés.

George Valiantine mostrou-se totalmente disponível para fornecer as impressões dos seus dedos; na verdade, pegou ele mesmo numa folha fumada e preparava-se para colocar nela o dedo do pé, quando o interrompi — reparei que ia fazer uma impressão completamente plana. Observei: "Espera um momento, George, deixa-me posicionar o teu dedo, quero-o assim", e inclinei ligeiramente o dedo para o lado. Notei que os dedos grandes dos pés de Valiantine podiam ser movidos de forma independente, como um polegar. Fixei então essas impressões.

Depois de uma breve análise das impressões do dedo do pé esquerdo de Valiantine, comentei que havia alguma semelhança entre estas e as impressões "espirituais". Este comentário provocou em Valiantine sinais de alarme; pegou nas impressões, e, mal olhando para elas, disse:

"Não vejo qualquer semelhança. Não são nada parecidas."

Valiantine sabia, agora sem dúvida, que o suspeitávamos, pois apresentava sinais evidentes de nervosismo.

Embora já fosse madrugada quando cheguei ao meu apartamento, examinei novamente com extremo cuidado as impressões "supranormais" e comparei-as com as dos dedos dos pés de George Valiantine. As impressões alegadamente supranormais de Lord Dewar revelaram-se impressões normais do dedo do pé esquerdo de Valiantine.

Na manhã seguinte, encontrei-me com o Sr. Bradley no seu escritório em Londres, levando comigo todas as impressões que tínhamos obtido. Era essencial que Valiantine não se tornasse desconfiado.

Quarta-feira, 25 de Fevereiro

Lady Conan Doyle e o seu filho, Adrian, participaram numa sessão com Valiantine em Dorincourt. O Sr. Bradley fumou uma folha de papel e colocou-a no centro do círculo. Mais tarde, nessa noite, telefonou-me a dizer que tinham sido dadas mais impressões, mas aparentemente diferentes. Fui ao seu escritório na manhã seguinte e recolhi essa folha fixada (Prova n.º 14,

pág. 350). Não foram dadas impressões de "dedos dos pés", mas foi identificada uma que mais tarde se revelou ser a marca de uma articulação do cotovelo. O Sr. Bradley e eu debatemos longamente o nosso plano de ação e concordámos que, na sessão seguinte, deveria ser obtida, se possível, mais prova.

Para concluir a recolha de provas de fraude, sugeri que me fosse permitido usar um produto químico. O Sr. Bradley deu-me total liberdade nesse sentido. Assim, na tarde de sexta-feira, preparei uma lata de "cera para moldagem" numa lata de cigarros "Craven A". Nela pressionei meio quilo de plasticina, estendida de forma completamente lisa e uniforme; depois, apliquei uma fina camada de tinta para impressões digitais no topo; sobre esta, polvilhei um pouco de Verde de Metileno, um corante anilina de forte poder penetrante. Por cima, espalhei pó de talco francês, alisando com os dedos para criar uma superfície seca e lisa. Ao menor toque, a camada de talco quebrava-se e manchava o que quer que a tocasse. Entreguei esta lata de "cera" ao Sr. Charles Sykes.

Sexta-feira, 27 de Fevereiro de 1931

Depois de as folhas terem sido fumadas, uma foi colocada sobre o banco e outra por baixo. O Sr. Sykes trouxe a lata de "cera" e colocou-a sobre o banco. As luzes foram apagadas e a sessão começou.

A sessão durou pouco mais de uma hora. Quando as luzes se acenderam, George Valiantine e os presentes inclinaram-se para examinar os papéis fumados; o Sr. Bradley advertiu que não deviam ser tocados até estarem fixados. Fixei imediatamente as impressões obtidas, uma das quais parecia ser a borda exterior de um dedo mindinho. Três marcas estavam registadas na "cera".

Depois de termos examinado e discutido estas impressões, sugeri que me fosse permitido tirar uma impressão completa do pé de Valiantine. Ele concordou prontamente, e tirei duas impressões dos seus pés, incluindo os calcanhares. Não havia sinais de Verde de Metileno nos seus pés. Saí então da sala e voltei com as ampliações das impressões dos dedos dos pés de Valiantine e das impressões da sessão de segunda-feira. Valiantine começou a discutir, e pedi-lhe então que me deixasse tirar uma impressão do seu dedo mindinho.

Depois de obter essas impressões, analisámo-las e disse a Valiantine:

"Consegues explicar por que razão este dedo 'espiritual' se parece tanto com o teu?"

Valiantine: Esse não é o meu dedo mindinho.
N. J.: Parece-me muito suspeito.
Valiantine (com raiva): Aposto duzentas libras que esse não é o meu dedo mindinho.
N. J.: Então talvez tenhas um dedo postiço no bolso?
Valiantine (ainda mais irritado): Olha, podes revistar-me.

O Sr. Bradley então disse que achava justo que Valiantine consentisse em ser revistado.

Revirei os bolsos de Valiantine e não encontrei nada de interesse; ele então tirou o casaco e o colete. Examinei o braço esquerdo e, no cotovelo, havia uma grande mancha ("splodge") de tinta para impressões digitais misturada com Verde de Metileno, tingindo-lhe a pele.

Pedimos a Valiantine uma explicação; ele recusou dizer qualquer coisa. Tentou justificar a marca no cotovelo dizendo que o ectoplasma absorvera o Verde de Metileno e, ao regressar ao corpo, deixara um depósito do corante no cotovelo. Examinei a manga do casaco para verificar se havia manchas do corante na sua superfície externa — o que, se a hipótese dele estivesse correta, deveria acontecer; mas não havia qualquer sinal de mancha no tecido exterior do casaco.

Deduções e Conclusões

O uso do sistema de impressões digitais na criminalidade e sua deteção, bem como o sistema de classificação, foi aperfeiçoado por Sir Edward Henry. Está comprovado que a probabilidade de duas impressões digitais serem idênticas é de uma em sessenta e quatro mil milhões. Pode, portanto, afirmar-se com segurança que o sistema de impressões digitais é um meio perfeito de identificação.

Para estabelecer a sobrevivência como um facto científico definitivo, é perfeitamente razoável que aqueles interessados na investigação psíquica tentem obter impressões supranormais.

O método de identificação por impressões digitais é simples. As cristas são contadas a partir de um ponto de referência definido até uma bifurcação ou ilha; o processo é repetido tantas vezes quantas possível, até se obterem uma dúzia ou mais de pontos de semelhança. Nenhuma impressão digital é exatamente igual a outra; os dedos são almofadados e o ângulo de contacto varia consideravelmente. A isto juntam-se diversos movimentos cutâneos e condições secundárias, como a secura ou humidade da pele, o objeto tocado e os meios utilizados.

Neste experimento, os meios utilizados foram folhas de papel branco vulgares fumadas sobre a chama de uma vela comum, de modo a obter um depósito leve de partículas de carbono. A pressão de um dedo sobre esta superfície carbonizada resulta numa impressão fotográfica clara, mas, devido às cristas da pele — onde se situam os poros das glândulas sudoríparas — serem os pontos mais elevados, essas cristas aparecerão brancas e os sulcos a preto.

Para facilitar aos leitores o reconhecimento da semelhança entre as impressões, algumas destas foram fotograficamente invertidas, de forma a que as cristas sejam agora pretas e os sulcos apareçam a branco. É até possível detetar os poros das glândulas sudoríparas nas linhas pretas, que representam as cristas.

As impressões dos dedos dos pés foram recolhidas na sexta-feira, sábado e segunda-feira, e em todas essas sessões observou-se que George Valiantine usava sapatos de dança e meias de seda pretas comuns. Após as impressões dos seus dedos dos pés terem sido colhidas na segunda-feira, na sexta-feira seguinte, dia 27 de Fevereiro, usava sapatos normais com atacadores, e não tentou fornecer mais impressões dos dedos dos pés.

Na sexta-feira, dia 20, a primeira impressão revelou-se mais tarde ser de um dedo do pé direito. Dado que a impressão normal estava desfocada, não foi possível obter dados suficientes para estabelecer fraude. Na segunda impressão obtida na mesma sessão, aparece uma estranha concavidade no lado esquerdo, que destrói o que deveria ser o vértice da impressão, tornando a identificação bastante difícil. Esta concavidade, no meu entender, pode ter sido causada pela pressão da unha do dedo indicador sobre o vértice do polegar. É possível que tal tenha sido feito deliberadamente para obliterar o vértice.

No sábado à noite, foi obtida uma impressão (Prova n.º 3, pág. 324), que parece novamente ser do dedo grande do pé direito. Devido ao movimento, a impressão está desfocada. Esta é reproduzida juntamente com uma impressão do dedo do pé direito normal, tirada na segunda-feira à noite. (Prova n.º 13, pág. 346.)

Na mesma folha que contém a "impressão do dedo do pé" (Prova n.º 3, pág. 324), aparece uma impressão alegadamente da mão espiritual de "Honey". Um exame minucioso revela que se trata apenas do contorno de uma mão. Não há indicação de cristas cutâneas, embora linhas — presumivelmente as principais linhas da mão — sejam claramente visíveis. Esta impressão poderia ter sido feita com um pedaço de cartão ou substância semelhante, recortada em forma de mão, com linhas traçadas com uma faca afiada; isto explicaria as marcas e também o desfoque nas bordas. Nenhuma mão humana nem impressão ectoplásmica apresentaria um contorno tão nitidamente definido.

Na segunda-feira, 23 de Fevereiro, foram obtidas quatro impressões que condenam Valiantine por fraude. Três estavam em papel fumado e a quarta foi feita na "cera para moldagem" colocada no círculo pelo Sr. Charles Sykes. (Provas n.ºs 5, 6, 7, págs. 332, 334, 342.) Na quarta-feira, 25 de Fevereiro, os participantes foram Lady Conan Doyle, o Sr. H. Dennis Bradley, o Sr. Adrian Conan Doyle, a Sra. Bradley e George Valiantine. Foi reproduzida uma fotografia da folha completa, tal como me foi entregue na manhã de quinta-feira pelo Sr. Dennis Bradley. (Prova n.º 14, pág. 350.) Uma das impressões é claramente de uma articulação do cotovelo; esta é reproduzida como microfotografia. (Prova n.º 19, pág. 368.)

Na sexta-feira, 27 de Fevereiro, foram obtidas provas finais e definitivas de fraude. Diversas impressões foram feitas no papel fumado, e outras impressões não identificáveis foram deixadas na plasticina impregnada com Verde de Metileno. Após a sessão, foram encontradas manchas correspondentes no cotovelo esquerdo de George Valiantine. Impressões de cotovelo também ficaram marcadas no papel fumado. Uma microfotografia de uma delas foi reproduzida, juntamente com uma impressão normal feita no papel fumado. (Prova n.º 19, pág. 368.)

Não é possível identificar uma impressão de cotovelo da mesma forma que se identifica uma impressão digital, mas a semelhança das configurações da pele é observável. Outra impressão obtida foi a de um dedo mindinho. Na

impressão "supranormal" há sinais de ligeiro movimento. O dedo foi esticado ao máximo e a articulação superior cuidadosamente colocada sobre o papel; isso resultou num ligeiro movimento ao baixar o rebordo da mão.[1]

Imediatamente após estas descobertas, o Sr. Bradley tomou medidas para alertar outros investigadores com quem Valiantine se iria reunir. Um deles, o Sr. X, veio a Londres, e mostrámos-lhe as microfotografias, juntamente com as impressões originais, mas ele não se convenceu da fraude. A sua hipótese era que a nossa atitude mental desconfiada resultara na produção inconsciente de fraude. Produziu então uma alegada impressão "supranormal" que tinha recebido em papel fumado numa sessão anterior realizada na sua casa com George Valiantine. Emprestou-ma, e examinei cuidadosamente as impressões das mãos de George Valiantine tiradas por mim há sete anos; e descobri que essa impressão podia ser identificada com a do dedo médio da mão esquerda de Valiantine.

[1] Nota de H. D. B. — Foi posteriormente provado que esta impressão não era do dedo mindinho de Valiantine. Apenas após um estudo muito cuidadoso, feito a meu pedido pelo ex-Chefe Inspector W. T. Bell, foi descoberta certa semelhança com um dos dedos médios de Valiantine. No entanto, o Sr. Bell afirma que os dados não são suficientes para determinar de forma definitiva a identidade das duas impressões.

CAPÍTULO XIII
RELATÓRIO DO EX-CHEFE INSPECTOR W. T. BELL SOBRE AS IMPRESSÕES

Recebi do Sr. H. Dennis Bradley cópias fotográficas de impressões cutâneas (reproduzidas aqui, ver Prova n.º 20, pág. 386), com o pedido de que emitisse uma opinião quanto à sua identidade.

Tendo em conta o carácter geral dessas impressões e o contorno das linhas das cristas da pele, há pouca dúvida de que se tratam das articulações terminais de um dígito, pressionadas até, e incluindo, a flexura da articulação.

Estas impressões não mostram toda a superfície do dígito, mas em cada caso é revelada uma parte substancial da mesma zona, o que fornece dados suficientes para permitir determinar identidade ou não identidade.

As características das cristas diferem em tipo. Podem surgir como bifurcação de crista para cima ou para baixo, cristas que terminam abruptamente no seu percurso, ou revelações de forma de lago, etc.

Ambas as impressões que me foram submetidas são, sem dúvida, do mesmo tipo de padrão, e revelam características das cristas que coincidem, não só no tipo, mas também na sequência com que aparecem. Em resumo, as particularidades presentes numa impressão encontram-se reproduzidas na outra. Dezoito destas características claramente definidas, e que estão em concordância, foram assinaladas em cada imagem com linhas desenhadas e numeradas.

Uma breve descrição dos pontos enumerados é a seguinte:

Começando pelo ponto assinalado como n.º 1, observa-se que a crista indicada bifurca-se numa direção descendente nesse ponto.

O ponto n.º 2 mostra uma crista que termina numa direção ascendente e, contando numa linha direta, é a oitava crista a partir do ponto n.º 1.

O ponto n.º 3 será visto como uma crista que termina numa direção descendente, havendo apenas uma crista entre este ponto e o ponto n.º 2.

A fotografia da esquerda é uma ampliação da impressão supranormal alegadamente pertencente ao Lord Dewar, obtida a 23 de Fevereiro de 1931, numa sessão realizada em Dorincourt, sob a mediunidade de George Valiantine.

A fotografia da direita é uma ampliação de uma das impressões normais do dedo do pé esquerdo de Valiantine.

Estas fotografias foram invertidas para que as cristas se evidenciem melhor como linhas pretas espessas. Os dezoito pontos de semelhança entre as duas impressões foram assinalados pelo Sr. W. T. Bell, ex-Chefe Inspetor do Gabinete de Impressões Digitais da New Scotland Yard, que afirma que estas impressões são idênticas, e pertencem, portanto, ao mesmo dígito da mesma pessoa.

O ponto n.º 4 é uma crista que termina abruptamente numa direção ascendente, sendo a terceira crista a partir do ponto n.º 3.

O ponto n.º 6 é uma crista que se bifurca para cima. Forma junção com a mesma crista novamente no ponto n.º 1. Entre estes dois pontos forma-se uma longa estrutura de "lago".

Ponto n.º 6 é uma crista que termina numa direção descendente e, se a crista seguinte à direita for traçada numa direção ascendente, verifica-se que termina abruptamente no Ponto n.º 2.

Ponto n.º 7 é uma crista que se bifurca para cima, sendo a terceira crista a contar do Ponto n.º 6.

Ponto n.º 8 é uma bifurcação para cima e é a quarta crista a partir do Ponto n.º 7.

Ponto n.º 9 é uma crista que termina para baixo, sendo a segunda crista a contar do Ponto n.º 8.

Ponto n.º 10 é uma crista que se bifurca para cima, cujos ramos passam à direita e à esquerda da crista do Ponto n.º 9.

Ponto n.º 11 é uma crista que termina numa direção ascendente e é a segunda a partir do Ponto n.º 10. Seguindo a crista imediatamente abaixo do Ponto n.º 11 para a esquerda, vê-se que ela se bifurca em direção ao centro das impressões, no Ponto n.º 12.

Ponto n.º 13 é uma crista que termina à esquerda, sendo a sexta crista a partir do Ponto n.º 12.

Ponto n.º 14 é uma bifurcação para a esquerda, com uma crista entre este ponto e o Ponto n.º 12.

Ponto n.º 15 é uma crista que termina à direita, sendo a segunda crista após o Ponto n.º 14.

Ponto n.º 16 é uma crista que se bifurca para a esquerda, e é a quarta crista a partir do Ponto n.º 15.

Ponto n.º 17 mostra uma crista que termina para a esquerda, sendo a segunda crista abaixo do Ponto n.º 16.

Ponto n.º 18 é uma crista que termina em direção descendente, sendo a terceira crista a partir do Ponto n.º 16. Uma formação triangular notável pode ser observada no Ponto n.º 16 se for traçada a partir deste ponto em direção à esquerda.

As características das cristas reveladas por estas duas impressões — se verificadas e cruzadas — estarão em total concordância.

Depois de ter trabalhado durante muitos anos de forma contínua e exclusiva com impressões digitais, posso apenas afirmar que nunca encontrei nem conheci uma sequência de características de crista coincidentes em duas impressões digitais, a não ser que estas fossem do mesmo dedo. Por conseguinte, não hesito em declarar que estas impressões são idênticas e pertencem ao mesmo dígito da mesma pessoa.

Relativamente a este assunto, desejo que fique claro que a minha posição é exclusivamente a de perito em impressões digitais.

A impressão apresentada à esquerda da prova (ver Prova n.º 21 na página oposta) está parcialmente desfocada e, a julgar pelo contorno das linhas das cristas, é de um dedo impresso pelo lado direito, visto de costas.

Esta impressão revela apenas uma área limitada e, por conseguinte, estão disponíveis poucas características das cristas cutâneas para fins de comparação ou contraste com qualquer impressão digital.

No entanto, assinalei as características de cristas claramente definidas nesta impressão, juntamente com a sequência exata de características semelhantes mostradas no lado direito da impressão completa reproduzida à direita da prova.

Tais dados escassos, naturalmente, não determinam de forma definitiva a identidade de duas impressões.

Contudo, não havendo qualquer elemento dissonante na área comparável, permanece em mim uma suspeita de que estas impressões pertencem ao mesmo dedo.

Essa suspeita torna-se muito mais forte ao saber-se que apenas poucas pessoas estavam presentes quando a impressão foi obtida.

(Assinado) W. T. Bell
Ex-Chefe Inspetor Responsável
Gabinete de Impressões Digitais
New Scotland Yard

1. Ampliação da articulação final da impressão digital alegadamente pertencente ao falecido Sir Henry Segrave, obtida em papel fumado na sessão realizada em Dorincourt, na sexta-feira, 27 de Fevereiro de 1931.

2. Ampliação da articulação final do dedo médio direito de George Valiantine.
   Os pontos de semelhança foram assinalados pelo ex-Chefe Inspetor W. T. Bell.

CAPÍTULO XIV
O ÚLTIMO CAPÍTULO

A ascensão e queda de Valiantine — Materialismo e decadência — Lisonja e dinheiro — Alturas e abismos — Espiritismo e os seus problemas — O estudo do psiquismo — O rebanho — As chamadas "Sociedades" — Os "meio-a-meio" — Propagandistas e demagogos — O espiritismo como religião — Uma farsa — Provas de sobrevivência — A futilidade das Sociedades — As Igrejas Espiritualistas — Banalidades e lugares-comuns — Um problema profundo — O meu conselho — Os perigos do estudo — A comunicação espiritual não é uma religião — As Igrejas instituídas — A sua atitude — Os males da mediunidade — O desgaste mental — A Igreja Católica e a sua postura — A Igreja Anglicana — A fé judaica — Fenómenos esporádicos não são adoração a Deus — Investigação psíquica: uma ciência para poucos — Matizes do bem e do mal — Conclusões — A palavra mais difícil de escrever para o ser humano.

A ascensão e queda de Valiantine constitui um estudo psicológico fascinante.

Os registos da sua mediunidade fenomenal comprovam que, na altura em que atingiu o auge dos seus poderes, podia ser considerado o mais notável médium físico da história. Mais tarde, quando a sua mentalidade desenvolveu uma visão materialista, começou a decadência. A razão que o levou a tentar estas fraudes com impressões permanecerá incompreensível. Não recebia de mim qualquer pagamento, e imaginar que, na presença de peritos em impressões, poderia cometer uma fraude tão evidente e escapar impune era sinal de pura demência. Com as impressões autênticas de homens famosos em nossa posse, só um louco ofereceria o seu dedo do pé para comparação. Contudo, Valiantine, apesar da sua iliteracia, está longe de ser um homem estúpido.

Médiuns físicos poderosos, como Valiantine, possuem frequentemente um traço de anormalidade. Pela minha observação, desde o primeiro momento da sua última — e derradeira — visita, era claramente visível que desenvolvera uma forma de megalomania. A lisonja, a adulação e as ofertas de grandes somas de dinheiro levaram-no a imaginar-se um homem de importância superior. Desde que se profissionalizou como médium, Valiantine tornou-se, sem dúvida, o médium vivo mais bem pago. Em tempos difíceis, são poucos os homens que conseguem auferir quatro a cinco centenas de libras por semana pelos seus serviços. Considerando a extraordinária acumulação de fenómenos subjetivos — ou seja, provas mentais incontestáveis transmitidas pela "voz direta" sobre assuntos completamente fora do seu conhecimento — é um verdadeiro enigma que tenha tentado uma fraude objectiva tão tosca e estúpida. Nenhum homem no seu perfeito juízo destruiria uma reputação brilhante com atos tão imbecis e sem sentido, com a possibilidade — ou mesmo probabilidade — de uma descoberta arrasadora.

O facto de Valiantine ter produzido fraudulentamente uma impressão do dedo do pé não invalida nem explica que, sob a mediunidade deste americano de educação deficiente e semi-analfabeto, se tenha ouvido, em diversas ocasiões, Chinês Arcaico pela "voz" de "K'ung-fu-T'zu", discutindo

problemas complexos da literatura chinesa. Eis mais um exemplo dos píncaros e dos abismos.

No meu estudo intensivo da investigação psíquica e na observação do culto espírita, descobri que existem problemas mais profundos a considerar do que aqueles que são superficialmente visíveis.

Procurei sempre registar meticulosamente os factos das minhas experiências, independentemente de apontarem para o bem ou para o mal. O problema mais profundo é aquele que tenho ponderado e avaliado ao longo dos últimos anos. Considerada cientificamente, a investigação psíquica representa um campo de estudo fascinante. No estado em que se encontra atualmente, é uma disciplina que deve ser estudada apenas por quem possui um conhecimento sólido das suas diversas complexidades. Que fenómenos supranormais realmente ocorrem, e que comunicação genuína com "entidades espirituais" é, em certos casos, possível e praticável, está, na minha opinião, definitivamente e cientificamente provado.

Como resultado dessas provas, uma vasta multidão, contando milhões em todo o mundo, identificou-se como "espiritualista" e, por instinto gregário, muitas secções tentaram fundar uma nova religião. Existem também, praticamente em todos os países, certos grupos que se autodenominam "investigadores psíquicos". Estes consideram-se superiores em inteligência aos espiritualistas; e os espiritualistas, muitas vezes com base apenas numa suposta comunicação de "Águia Negra" ou "Penas Cor-de-Rosa", julgam-se infinitamente mais etéreos do que os meros investigadores de espírito mundano.

Enquanto estudioso imparcial, tive amplas oportunidades de observar ambos os grupos. Quanto às chamadas Sociedades para a Investigação Psíquica, verifiquei que não realizam qualquer investigação de facto, e que as suas atividades se limitam, em grande parte, a ataques amargos e preconceituosos contra todas as formas de fenómenos supranormais que se revelem inexplicáveis para elas.

No que respeita à S.P.R. inglesa, pareceria lógico e digno que deixasse de fingir que ainda funciona, já que os seus atuais responsáveis negam toda e qualquer existência de fenómenos supranormais. Pelas suas próprias publicações, é evidente que perdeu a sua razão de ser. A atitude azeda

demonstrada em relação ao trabalho cuidadosamente compilado por cientistas pode ser vista como maliciosa, não fosse atenuada pelo fanatismo. Curiosamente, muitos destes tipos antagónicos são tão peculiamente construídos que se agarram ao tema como um amante ciumento a uma amante, apenas pelo prazer perverso de a atormentar. Mantêm-se agarrados, ferreamente, na esperança de encontrar uma oportunidade para ferir ou destruir.

Qualquer oportunidade de causar dano proporciona-lhes uma emoção mental sádica.

Existe também uma fração bastante significativa de "meio-termos". Esta fração forma novas Sociedades e tenta obter o respeito do público adotando títulos grandiosos, como "Laboratório Internacional de Fulano de Tal" ou "Instituto do Império Britânico de Isto e Aquilo". Tais sociedades, enquanto se fazem passar por científicas, flertam com as secções espiritualistas, conseguindo assim atrair mais membros para as suas associações. E, ao observar-se os rostos dos membros comuns destas chamadas Sociedades de Investigação Psíquica, notam-se os sinais pouco atraentes da sua obsessão. As expressões preocupadas que ostentam são, por vezes, ainda mais perturbadoras do que a estupidez vazia dos espiritualistas crédulos, entusiastas e simplórios.

Sociedades espiritualistas têm surgido por toda a Inglaterra, e por todo o mundo, ao longo da última década. Estão a formar-se Uniões Internacionais promovidas por propagandistas, e demagogos vulgares, que, aproveitando a ocasião, avançam para liderar as massas.

A minha experiência ao longo dos últimos oito anos de estudo das várias formas de mediunidade, em centenas de sessões, para além do desenvolvimento da minha própria mediunidade de "voz direta", qualifica-me para julgar e expressar uma opinião ponderada sobre valores e tendências.

O espiritismo está agora a ser imposto ao público como uma nova religião. Declaro deliberadamente que, como religião, é uma farsa. Igrejas minúsculas e ridículas estão a ser erguidas por todo o país; oradores espiritualistas irresponsáveis realizam os seus "cultos" sob o disfarce blasfemo da espiritualidade. Entoam-se hinos enfadonhos e mal-escritos; rezam-se

orações hipócritas por médiuns vulgares e ardilosos; e o nome de Deus é arrastado pela lama mais abjeta.

Entusiastas deslumbrados proclamam que, porque "Penas Brancas", falando pela boca de um alegado médium — com sotaque de Lancashire e um inglês macarrónico — anunciou ao mundo que a reencarnação é um facto, todos devemos, de imediato, preparar-nos para renascer. A obsessão torna-se de tal forma enraizada que cada palavra proferida por um suposto comunicador espiritual é aceite como verdade fundamental e omnipotente. "Penas Brancas", que viveu como índio nas pradarias, está, naturalmente, qualificado para saber — mesmo que, sendo uma alma particularmente "feliz", ainda não tenha decidido quando fará a sua segunda aparição em carne na Terra.

A reencarnação, diz "Penas Brancas", é necessária ao desenvolvimento do homem. "Cada vez, de todas as maneiras, o homem melhora mais e mais."

Seria fastidioso repetir as solenes declarações de "Penas Brancas" ou de "Tomahawk Negro", mas a "reencarnação" é aceite como crença por sectores consideráveis da população crédula. Não possui qualquer fundamento científico ou lógico. Existem algumas provas da sobrevivência do homem como "entidade espiritual" numa outra esfera, sendo a retenção da memória o seu principal testemunho. Mas nunca foi apresentada qualquer prova de que alguém viva na Terra e seja capaz de demonstrar lembrar-se da sua existência anterior. O argumento de que o homem atinge a perfeição através de inumeráveis reencarnações na Terra é, hoje, particularmente inadequado. Observa-se o horizonte em vão à procura de sinais desses super-homens.

Já afirmei anteriormente neste livro que renunciei à minha filiação nas diversas Sociedades de Investigação e de Espiritismo a que pertencia. A razão da minha renúncia foi que tais Sociedades suprimem a verdade. Pessoalmente, não vejo qualquer necessidade da sua existência. Existem apenas para sustentar alguns dirigentes ou como instituições às quais solteironas abastadas possam deixar legados. A maioria das Igrejas Espiritualistas por toda a Inglaterra está constantemente a pedir dinheiro. Recebo centenas de cartas a solicitar donativos. Verifiquei o mesmo nas Sociedades de Londres — a eterna súplica por fundos. Quando afirmo que, de nenhuma Sociedade de Investigação Psíquica nem de qualquer Sociedade Espiritualista, recebi uma única sugestão de valor para os meus estudos, pode-se perceber a extensão da sua futilidade.

Quanto às Igrejas Espiritualistas, os seus cultos podem ter algum apelo junto de mentes iletradas, mas como forma de adoração considero-os deploráveis e subversivos. O seu ritual é rudimentar, desinspirado e ignorante. As banalidades plenas de lugares-comuns dos seus pregadores, frequentemente tingidas de pseudo-misticismo, são repulsivas para qualquer inteligência desenvolvida.

A teoria da sobrevivência do homem foi aceite muito antes de o facto ser demonstrado. A sobrevivência constitui a base fundamental de todas as religiões superiormente desenvolvidas que existem há séculos. Uma aceitação intuitiva pela fé é mais nobre do que um reconhecimento tardio baseado em factos. Aqueles que tentam formar uma nova religião chamada "Espiritismo" deveriam compreender que os factos nus — despidos de uma filosofia sólida — podem ser extremamente vulgares.

Afirmo que, no estudo da "comunicação espiritual", reside um problema profundo. Pelas milhares de cartas que recebi, estou plenamente ciente do imenso desejo existente na mente da maioria dos seres humanos de comunicar novamente com aqueles que perderam. Com paciência e perseverança, essa comunicação pode, em alguns casos, ser alcançada.

Quando tal prova tiver sido estabelecida de forma satisfatória para o homem ou mulher comum, aconselho-os então a afastarem-se completamente de qualquer experiência com médiuns profissionais; se desejarem prosseguir os seus estudos psíquicos, devem fazê-lo de forma privada, no santuário dos seus próprios lares. Na minha própria investigação, tive a sorte de alcançar o propósito que me propus. Provei, com considerável esforço, para minha plena satisfação, que o homem sobrevive à morte do corpo. E acredito que qualquer cientista, disposto a sacrificar o seu tempo e suportar os rigores do trabalho necessário, poderá igualmente demonstrar esse facto.

Quanto ao estudo indiscriminado deste vasto tema, e à questão importante de saber se é aconselhável que a maioria das pessoas que vivem e sustentam a sua vida na Terra se dedique a ele, a minha resposta deve ser cautelosa. Depende inteiramente do indivíduo. Na comunicação por "voz direta", quando se está em contacto com entidades inteligentes e pessoalmente conhecidas, podem ocorrer conversas de grande beleza e inspiração; mas deve compreender-se que, uma vez abertos os canais de comunicação, entidades inferiores e menos inteligentes também podem, por vezes,

encontrar ocasião para se manifestar. É por causa deste perigo que, se me perguntassem: "A tendência do 'espiritismo', na sua forma pública atual, é mais para o bem ou para o mal?", eu responderia que é tão frequentemente mal utilizado e abusado, que a tendência geral é para o mal.

A "comunicação espiritual" não é uma religião; é uma descoberta científica ainda nos seus primeiros passos.

O investigador em busca de conhecimento inevitavelmente enfrentará contratempos, acidentes e dificuldades. As ações fraudulentas de certos médiuns profissionais não afetam mais o valor da ciência em si do que as ações fraudulentas de um banqueiro afetam a prática da banca. Mas a fraude e a impostura, quando praticadas sob o disfarce da religião, tornam-se blasfémia.

As religiões estabelecidas foram fundadas e construídas sobre uma filosofia nobre e culta. No que diz respeito a este país, a Igreja de Inglaterra e a Igreja Católica Romana assentam sobre uma base sólida, e os seus serviços religiosos são conduzidos com dignidade e reverência. Ao longo dos muitos anos em que me dediquei aos estudos psíquicos, a minha atitude perante as Igrejas Espiritualistas manteve-se inalterada. As conclusões expressas nos meus livros anteriores sobre a vertente religiosa permanecem as mesmas. Fui educado como católico romano e continuo católico romano.

A atitude da Igreja Católica Romana para com o espiritismo é de antagonismo. Foi suficientemente sábia para não negar que a comunicação com os espíritos é possível, mas desvalorizou e desencorajou tal prática ao afirmar que apenas espíritos malignos comunicam com os seres humanos. Embora esta afirmação generalizada seja incorreta, como demonstrei através da comunicação pessoal com numerosos espíritos individuais, é, ao mesmo tempo, inegável que, nos graus inferiores da mediunidade, existem inúmeras entidades malévolas, mentirosas e usurpadoras, que procuram canais de comunicação, com o resultado de que muitas sessões acabam por assumir um carácter degradante, sendo, nesses casos, uma prática doentia e mórbida.

Deve ainda considerar-se que, mesmo quando ocorrem fenómenos notáveis, estes provocam um grande desgaste mental, e um domínio obsessivo do pensamento, que só pode ser suportado pelas mentes mais fortes.

Durante quase dois mil anos, apesar da sua rígida autocracia, a Igreja Católica Romana promoveu uma cultura artística que ainda perdura. A sua própria sensualidade é criadora, e exerce um apelo maravilhoso. Beethoven, Weber, Haydn, Mozart, Gounod e outros grandes compositores ofereceram à Igreja a inspiração divina da sua música, tal como muitos dos maiores pintores e escultores do mundo lhe prestaram tributo com a sua arte. Paramentos sumptuosos e relicários incrustados de pedras preciosas são criados para adornar os interiores de magníficas catedrais e capelas majestosas. Pretender substituir tamanha arte e beleza por serviços banais conduzidos por médiuns e pregadores ignorantes e iletrados, com ideias confusas e um verniz de conhecimento, é um absurdo.

Tenho relações próximas com várias figuras de relevo da Igreja Católica e da Igreja de Inglaterra. Discutiram comigo os meus estudos psíquicos com grande profundidade. Uma instituição internacional como a Igreja Católica Romana move-se com prudência e pondera cuidadosamente as formas de liderança pelas quais se pode conduzir a massa não instruída.

Atualmente, existem muito poucos médiuns de valor em Inglaterra, mas há inúmeros médiuns não desenvolvidos, de baixa ordem, através dos quais entidades espirituais de igual nível procuram comunicar. O semelhante atrai o semelhante. Entre essas entidades há enganos e vulgaridades, tal como entre os muitos seres humanos com quem nos cruzamos em vida. É apenas lógico assumir que o bem e o mal relativos existem em todas as muitas esferas de existência para além do planeta em que vivemos. Assim, estou de acordo com a prudência da Igreja Católica Romana em não encorajar experiências psíquicas indiscriminadas, até que os meios de comunicação estejam mais desenvolvidos e o valor e integridade das comunicações possam ser analisados com maior rigor.

Não sou insular nem fanático. Tal como respeito a dignidade da fé católica, respeito igualmente a da Igreja de Inglaterra e a da fé judaica, cujas fundações sólidas resistiram à prova do tempo. Mas não nutro qualquer respeito pelas chamadas Igrejas espiritualistas, erigidas sobre fundações efémeras de fenómenos esporádicos. Esses fenómenos, sejam eles verdadeiros ou falsos, não são adoração a Deus, nem substituem qualquer religião séria ou credo histórico.

A investigação psíquica é uma ciência, cujo estudo, no estado atual, deve ser realizado apenas por alguns. É uma ciência onde existem muitas armadilhas e, por vezes, perigos consideráveis. Existem perigos, tanto físicos como mentais, que ainda são pouco compreendidos.

O espiritismo, enquanto crença moderna, captou a imaginação de milhões de pessoas de todas as nacionalidades. Tornou-se um "culto". Que fenómenos supranormais existem, é algo inquestionável. Que o culto do espiritismo está amplamente contaminado por fraude, também o é. O investigador científico deve avaliar imparcialmente o valor de tudo o que é genuíno, e rejeitar de forma rigorosa tudo o que é falso. Deve ser friamente impessoal, ciente de que a falsidade pulsa com a verdade. Deve ser físico e psicólogo. Deve compreender que, embora a falsidade possa, por vezes, conduzir à descoberta da verdade, também a verdade será o meio pelo qual a falsidade é desmascarada.

No campo psíquico, a grande massa desprovida de mentalidade científica, que realizou algumas experiências triviais e indiscriminadas, expõe-se aos perigos da obsessão. Isso gera uma perspetiva estreita e pode ter um efeito nefasto sobre uma vida saudável e equilibrada.

O estado atual do mundo, política, económica, social e moralmente, não revela sinais encorajadores do progresso do homem. A nossa chamada civilização continua bárbara. Apenas aqui e ali se observa um vislumbre de inteligência, e a maioria dos que habitam este ponto minúsculo do universo ainda tem de aprender o alfabeto da Criação. As nossas conceções são limitadas, e os processos de evolução são lentos.

O psicólogo procura descobrir o propósito da vida e a possibilidade de uma vida após a morte.

A minha fé na sobrevivência do homem é agora inabalável.

Essa fé foi confirmada pelo conhecimento.

No decurso da aquisição desse conhecimento, tornei-me familiar com as tonalidades contrastantes — e por vezes entrelaçadas — do bem e do mal.

Toda a criação pulsa e alterna entre os sobressaltos do bem e do mal.

Tudo quanto tentei nestas páginas foi apresentar, com justiça, sinceridade e verdade, um resumo dos meus estudos psíquicos.

Resta aos que leem tirar as suas próprias conclusões.

Poderão então descobrir que a palavra mais difícil de escrever para o homem é:

FIM